
O Resto de Mim
ASHLEY MUNOZ

O Resto de Mim

ASHLEY MUNOZ

Dedicatória

Para você, pai.
Eu sinto sua falta todos os dias.
Cinquenta e cinco anos de idade foi muito pouco e não houve tempo suficiente para que você terminasse todas as suas piadas nem para que ensinasse a sua receita de milkshake de malte.
Como não posso lutar contra o vidro e asfalto que tiraram você de mim, lutarei contra o destino — criarei um final diferente e darei um "felizes para sempre" às pessoas que ficaram.

01



Dizem que o diabo está nos detalhes.

Talvez seja por isso que eu tenha decidido fazer um acordo com ele.

Nada pavoroso nem terrível o suficiente para me afastar dos portões perolados do paraíso... pelo menos, eu não achava que fosse. Apenas pedi para ignorar todos os detalhes da minha vida nesse ano que passou. Ele poderia guardar todos os pormenores mais interessantes para si que eu não perguntaria nada.

Eu não queria saber, não queria encarar nem lidar com nenhum dos fatos.

Eu não conseguiria encará-los, não na época.

Mas agora…

Agora, o meu tempo acabou.

O som incessante de um alarme me acordou, me tirando de uma noite de sono agitado. Rapidamente atirei o braço para a frente, procurando o amado botão de soneca, esperando e rezando para que meus filhos não acordassem. Pisquei um olho embaçado e foquei a vista nos números vermelhos que brilhavam da minha mesa de cabeceira, mas eu estava cega demais para vê-los.

— Vamos lá — grunhi, enquanto rolava até a beira do colchão. Movi a mão pela mesa até encontrar os meus óculos e colocá-los.

Eram seis e quinze da manhã de uma terça-feira. Olhei em volta do meu quarto, ignorando o quanto as paredes ainda estavam vazias, mesmo depois de estar morando aqui há seis meses, e me perguntei quem teria ativado o alarme. Eu com certeza não fui.

Depois de verificar mais uma vez se o meu despertador estava desligado, joguei os óculos de volta ao canto da mesa e voltei a me afundar nos travesseiros. Eles me aninhariam e, com sorte, prolongariam um pouco o

momento enquanto eu evitava o que precisava enfrentar.

Eu estava quase dormindo de novo quando o canto de um galo me acordou. Não um galo de verdade de uma fazenda próxima – não, essa era uma ave demoníaca e computadorizada, bem ali no meu quarto. Eu me sentei rapidamente, pegando meus malditos óculos outra vez e, derrubando o despertador e um copo d'água pela metade no carpete.

— Droga — sussurrei, procurando o meu celular pelo quarto.

O galo do mal estava acordando cada um dos meus filhos; disso eu tinha certeza. Eu fui tateando até sair da cama e me agachar no chão, onde o telefone havia caído, mas ainda estava ligado ao carregador. Passei o polegar furiosamente na opção de soneca e me perguntei novamente quem diabos havia ativado os meus alarmes.

— Muito engraçado, Travis — murmurei e me levantei, desistindo da ideia de dormir.

Prometi a mim mesma que hoje seria o dia em que eu enfrentaria as coisas que vinha evitando desde o ano passado. Seria o dia em que eu começaria a viver novamente. Decidi que seria meio como andar de bicicleta: fazer movimentos comedidos e lentos até que se tornassem constantes e familiares.

Afastei-me da cama e, por hábito, levantei a gola da camiseta, pressionando o tecido surrado no nariz e inspirando profundamente. Fiz uma pausa, esperando que minhas lembranças despertassem e me dissessem que eu havia desencadeado algo... mas nada aconteceu.

Meu estômago revirou quando permaneci parada e descalça no piso do meu banheiro. Com os dedos pressionados firmemente no tecido preto em cima do nariz, respirei de modo superficial e inalei novamente. Silenciosamente, implorei ao objeto inanimado que não fizesse isso comigo. *Hoje, não*.

Com os olhos fechados e os dedos tremendo, deixei que a camiseta caísse lentamente de volta ao meu pescoço. Lágrimas quentes começaram a romper a represa que eu construía de modo aleatório há doze meses. Hoje, eu não deveria chorar. Esse era o plano. Mas *aquilo* também não deveria ter

acontecido... não tão cedo.

Limpei furiosamente o rosto, descartei a camiseta como se ela estivesse pegando fogo e fui até o guarda-roupa. Prendi o cabelo, vesti uma legging e uma regata e depois coloquei o meu tênis de corrida. Meus dedos tremiam quando amarrei os cadarços e, por mais que eu quisesse ignorar, minha respiração estava caótica. Era por isso que evitava essa merda, por isso que evitava os detalhes, porque a verdade doía. Ela cortava mais que qualquer faca e batia com mais força do que qualquer punho.

Levantei e me olhei no espelho de corpo inteiro. Meu cabelo loiro comprido estava preso em um rabo de cavalo alto, meu rosto com sardas estava pálido e manchas escuras decoravam o espaço debaixo dos meus olhos. Eu parecia ter voltado de uma estadia no inferno, o que era bastante apropriado para enfrentar o diabo que se escondia em todos os detalhes que ignorei por um ano inteiro. Olhei para a camiseta preta descartada no chão e senti um zumbido na cabeça.

Hoje, não. Ainda não.

Saí do meu quarto e corri escada abaixo, sem me importar mais se alguém me ouviria. Fechei a porta ao sair e olhei para a minha extensa entrada de cascalho. Eu não corria há muito tempo. *Talvez eu devesse me alongar?*

Minhas pernas se moviam como se estivessem no piloto automático. Eu não tinha destino, nem ideia de para onde poderia ir. Só precisava tirar da minha mente e do meu coração partido, o fato de que as camisetas de Travis não tinham mais o cheiro dele. Eu dormia com as suas camisetas desde o ano passado, fazendo um rodízio com elas, sentindo o seu cheiro, preservando-o comigo. Parecia cruel que o seu cheiro me fosse roubado no dia em que eu mais precisava.

A grama amarela no pasto à minha direita balançava com a brisa da manhã, que batia agradavelmente na minha pele. Um suor escorregadio já havia começado a se formar em minhas têmporas, fornecendo mais um detalhe desconfortável que eu precisava confrontar.

Eu tinha ignorado a minha saúde nesse último ano. Troquei as minhas corridas por doses enormes de café, acampamento no sofá e maratonas de Netflix. Essas foram as minhas ferramentas de sobrevivência. Além disso, correr exigia uma energia que no ano passado eu não possuía.

Forcei mais as passadas quando uma fazenda vizinha apareceu na estrada de cascalho. Eu não fazia ideia de quem possuía aquela propriedade nem de quem morava ali. Então, quando uma mulher de chapéu enorme acenou para mim, eu me encolhi, diante de mais um detalhe que veio à tona.

Eu não conhecia ninguém nessa nova cidade desde que me mudei para o estado de Wyoming, há seis meses.

A respiração pesada sacudia o meu peito enquanto eu seguia pela estrada, sem qualquer direção. Imagens passavam pela minha cabeça, forçando e exigindo que eu parasse e prestasse a minha homenagem a um fantasma que ainda segurava o meu coração em seus dedos frios. Mas eu me recusei, porque eu estava fugindo dele e do dia de hoje. Eu estava fugindo do que este dia significava para mim e para o meu coração em luto.

Em outras palavras, era hora de seguir em frente.

Meu relógio dizia que eu tinha corrido um pouco mais de um quilômetro e meio antes de finalmente desabar em cima de uma faixa de mato na beira da estrada. Minha mente serviu, em uma bela bandeja, toda a merda da qual eu vinha me esquivando. Se eu pudesse ver o diabo agora, tinha certeza de que ele estaria esfregando as mãos em expectativa ou comendo pipoca enquanto me assistia pagar a minha dívida.

Fiquei deitada de costas, com ervas daninhas e capim pinicando a minha regata enquanto observava o sol brilhar no céu azul. Lágrimas se misturaram com suor e frustração quando baixei a guarda e deixei a mente vagar.

De volta ao momento em que as nossas vidas acabaram.

De volta à sala abafada e abarrotada de ternos pretos, vestidos e flores vermelhas em excesso.

De volta ao caixão prateado que abrigava o corpo do meu marido.

Imagens da vida de Travis apareciam em uma tela contra a parede branca, fazendo-o parecer uma lembrança já distante. Toda vez que a foto mudava, o meu filho pequeno de quatro anos balançava os ombros minúsculos e chorava com o rosto encostado em mim. Seus soluços ecoavam pela sala apertada e eu observava o carro fúnebre estacionado do lado de fora e, de alguma forma, naquele momento eu morri um pouco mais do que quando recebi a notícia do seu acidente.

O pastor falava sem parar sobre salvação e arrependimento, sem acrescentar nada sobre o homem incrível que foi o meu marido, nem que ele havia ficado fora tarde da noite por causa da reunião do conselho municipal, que demorou mais tempo devido às reclamações de Margie sobre os seus novos vizinhos usuários de maconha. Ninguém falou que foi um maldito poste telefônico que tirou a vida dele. Acho que isso também não estava totalmente correto, mas esse era um detalhe que eu não estava pronta para encarar.

Eu pisquei, voltando ao trecho de terra em que estava deitada e fechei os olhos firmemente, forçando as lágrimas a pararem, forçando minha mente a se reajustar à sensação entorpecente que surgia quando eu escolhia esquecer e ignorar.

O aniversário de um ano da morte do meu marido...

Eu me levantei e comecei a corrida de volta para casa, sentindo orgulho de ter me permitido pensar em seu funeral pelo tempo que pensei. Normalmente, eu interrompia o pensamento depois de uns trinta segundos.

A corrida de volta foi mais fácil. O sol estava mais alto e o calor de agosto me envolvia como um abraço indesejado. Suor cobria a minha pele enquanto eu prosseguia em direção à minha entrada e respirações instáveis e irregulares se espremiam no meu peito quando diminuí o ritmo e comecei a andar. Meus flancos e canelas doíam e os meus pulmões queimavam, mas eu me sentia bem. Eu costumava correr o tempo todo quando meu marido estava vivo, quando éramos uma família de comercial de margarina, vivendo numa casa dos sonhos de dois andares, nos arredores de Portland, Oregon.

Nós queríamos um distrito escolar mais seguro para os nossos filhos, então nos estabelecemos em uma cidade pequena, tão pequena que todos sentiam a necessidade de conversar comigo sempre que eu saía de casa.

— Travis era um pai tão bom — diziam.

— Que tragédia esse acidente — outros soltavam, enquanto eu comprava sorvete, pizza e palitos de peixe.

Nossa cidade minúscula tinha um lugar na primeira fila para me assistir a evitar a vivência do luto da maneira apropriada. Meus filhos não comiam uma refeição caseira a menos que minha irmã ou minha mãe aparecessem na minha casa para prepará-la. Eu simplesmente não aguentei. Estava cansada da cidade falando sobre a minha triste perda como se aquilo não tivesse realmente acontecido comigo. Estava cansada da vontade constante que eles sentiam de relembrar o que eu queria esquecer.

Minha irmã sugeriu que eu me mudasse para mais perto dela, no Wyoming, e quando recebi uma dica a respeito de um rancho à venda por um preço decente, foi o que fizemos. Nós nos mudamos para outra cidade pequena chamada Douglas. Não éramos exatamente felizes... apenas existíamos, mas, pelo menos, ninguém aqui falaria comigo sobre o poste telefônico nem sobre a outra coisa que eu não estava pronta para enfrentar.

Minha mãe não aprovou a minha mudança, ela teria preferido que eu ficasse mais perto dela, mas eu também não conseguiria. Não queria encarar as coisas que ela sentia a necessidade de me enfiar goela abaixo nem o “seguir em frente” que ela dizia que eu precisava iniciar.

Não, muito obrigada.

Bati a porta de casa ao fechá-la quando fui até a cozinha em busca de água. Jovi estava acordada, bebendo um copo de leite com a geladeira ainda aberta. Seu cabelo loiro rebelde estava espetado para cima e cheio de estática, seus olhos castanhos passeando até pousarem em mim. Suas sobrancelhas claras se ergueram de surpresa quando eu enchi um copo grande de água e bebi de uma vez.

— Você foi correr?

Sua voz baixinha se prendeu às cordas esfarrapadas do meu coração, aquelas que eu ignorava. Minhas palavras ficaram presas na garganta enquanto eu regulava os meus batimentos, e então assenti para não ter que falar.

— Isso é bom — sussurrou.

Em algum lugar dentro de mim estava a mãe que eu já fui, a mãe feliz, aquela que acordava cedo para fazer panquecas ou rabanadas para os meus quatro filhos. Aquela versão minha não dava as caras há muito tempo, mas eu sentia falta dela e tinha certeza de que meus filhos também. Queria saber se eles sentiam que haviam perdido dois pais naquele dia e não apenas um.

Hoje, com a verdade nua e crua que eu encarava e sabia que precisava continuar encarando, decidi que começaria tentando encontrar a mãe que os meus filhos mereciam. Eu começaria a viver novamente.

— Quer me ajudar a fazer algumas panquecas? — perguntei, com hesitação, à minha filha. Virei-me para os armários e tirei uma tigela de vidro.

— Sério? — perguntou Jovi, com uma animação colorindo a voz, traindo o quanto estava ansiosa.

Detalhes.

— Sim, vamos lá. Pegue ovos e leite para mim. — Eu encontrei a farinha e os outros ingredientes que precisaríamos.

Ela ficou ao meu lado, o seu eu de nove anos chegando só até um pouco acima da minha cintura, mas que conseguia alcançar o balcão com muita eficiência. Ela quebrou os ovos e depois misturou a manteiga e a baunilha, enquanto eu adicionava os ingredientes secos. Eu vi um sorriso tímido aparecer em seu rosto e, quer o diabo estivesse nos detalhes ou não, aquele pequeno sorriso em seus lábios parecia ser do próprio Jesus.



— Você tem certeza? — Minha irmã Michelle perguntou de seu lugar ao lado de Thor, o cavalo do meu filho.

Ela estava dando tapinhas no seu pescoço e alimentando-o com algum tipo de petisco. Algo parecido com uma leve inveja despertou em mim enquanto eu a observava com ele. Thor e eu tínhamos um relacionamento tenso, ele não me dava ouvidos e eu não gostava dele.

Nós nos tolerávamos, mas, fora isso, realmente não estávamos nem aí um para o outro.

— Eu preciso, Shell... É por esse motivo que comprei esse lugar e os cavalos — expliquei, irritada com a minha situação.

Comprei cinco acres de terras cultiváveis e enchi o estábulo com três cavalos caros. Ninguém deveria ter concordado com o meu pedido de compra de um cavalo, muito menos de três. Eu não tinha ideia do que estava fazendo. Michelle era veterinária e ajudava quando podia, mas ela morava a uma hora de distância e, na maior parte do tempo, eu estava por conta própria.

— Eu sei, mas *eles* estão prontos? — perguntou Michelle, brincando com a crina de Thor.

Olhei para o chão do estábulo em frustração. Eu não fazia ideia se meus filhos estavam prontos para as aulas, só sabia que alguns dos detalhes que eu estava evitando giravam em torno de fazer com que eles superassem o luto.

Eu li um artigo sobre uma fazenda no Oregon que resgatava cavalos e os colocavam com crianças problemáticas ou crianças que tinham passado por traumas. Havia depoimentos de crianças que cresceram em orfanatos ou que sofreram acidentes e elas falavam sobre como a terapia com cavalos as tinha transformado e curado. Então, eu comprei cavalos para que meus filhos se curassem, mas eles não montavam. Já fazia seis meses. Eles cuidavam deles, mas se recusavam a sentar em uma sela.

— Eu acho que eles estão prontos, só preciso encontrar um instrutor — menti, pegando um balde cheio de aveia.

Minha irmã torceu o nariz, o que fez com que seus óculos de armação

grossa e preta descessem. Ela os empurrou de volta ao lugar com o dedo.

— Só espero que você não esteja apressando demais. Eu sei que hoje é o seu grande dia. Você se deu um ano para ficar triste, um ano para ignorar tudo, mas eu não acho que funciona assim com o luto, maninha.

Michelle saiu da baia de Thor e fechou a porta.

A frustração ardeu em meu peito ao considerar suas palavras e, embora eu devesse ter domado a língua, não foi o que fiz. Deixei minhas palavras voarem como flechas, esperando que atingissem o alvo, porque eu estava ferida e, por um segundo, queria que alguém estivesse ferido junto comigo.

— O que você sabe sobre seguir a vida muito rápido ou muito devagar depois de um luto?

Apaguei o quadro-negro onde fazíamos anotações sobre os cavalos e esperei sua resposta.

Minha irmã me amava e eu a adorava. Ela foi o único apoio verdadeiro que tivemos quando tudo desmoronou, mas essa dor dentro de mim tinha fome de companhia.

— Você está certa — sussurrou ela, abaixando a cabeça. Seu cabelo castanho claro caiu para a frente, cobrindo seu rosto. Ela era três anos mais nova que eu e vê-la assim me fez passar mal. Eu fiz isso. Eu a magoei sem motivo.

— Não, me desculpe. Eu não deveria ter dito isso — murmurei, desejando poder voltar atrás no que disse.

Ela balançou a cabeça.

— Eu só quero que vocês fiquem bem.

Eu fui para o seu lado e, antes que pudesse pensar muito, dei-lhe um abraço apertado.

— Eu também.

Saímos do estábulo e fomos em direção à varanda dos fundos. O tom amarelo da casa de fazenda de dois andares brilhava ao sol da tarde quando Michelle abriu a cerca que levava ao quintal menor, onde as crianças

brincavam. Havia caminhões de lixo e de bombeiros de plástico espalhados pela grama, além de uma pequena piscina inflável cheia de grama e terra das crianças brincarem o dia todo. Percorremos o caminho para a varanda fechada e entramos pela porta de tela traseira.

As crianças estavam todas na sala, jogando videogame e lendo – evitando emoções, assim como eu. Esse dia iria ser difícil para todos nós e era por isso que minha irmã tinha vindo. Ela sabia que eu estava me escondendo atrás da marca de um ano, sabia que eu tinha dificuldade demais em processar a morte dele, igual aos meus filhos, o que me fez pensar...

Apoiando-me no balcão, ergui uma sobrancelha para minha irmã.

— Ei, você por acaso ativou os meus alarmes para hoje?

Ela estava com um biscoito enfiado pela metade na boca quando olhou para mim. Seus olhos castanhos eram de um tom mais claro que os meus e sempre se abriam um pouco mais quando ela era surpreendida fazendo algo errado. Eu sabia que tinha sido ela, o que de alguma forma fez com que eu me sentisse melhor sobre toda a minha teoria dos fantasmas e tudo mais.

— Eu me declaro culpada, desculpe. — Murmurou, com a boca cheia. — Eu sabia que você se sentiria melhor se começasse o dia cedo em vez de dormir até tarde e sentir que perdeu tempo.

Soltei uma pequena risada.

— Sentiu a necessidade de ativar dois alarmes?

— Sabia que você desligaria um. — Ela deu de ombros.

— Não fui eu, idiota! — Steven, meu filho de onze anos, gritou com seu irmão mais velho.

Ele estava de pé, com o controle do videogame na mão e um olhar sombrio no rosto. Eu sabia o que viria em seguida e precisava me antecipar antes que o meu filho mais velho ficasse irritado.

— Você é o idiota! — Michael explodiu assim que eu falei:

— Crianças, venham aqui, por favor.

Eu me virei para limpar algumas migalhas da bancada da cozinha com a

mão e para ajudar a clarear a mente. Eu precisava fazer isso, por nós, por ele, por mim.

O jogo foi pausado, com alguns comentários abafados lançados aqui e ali. Todos eles se acomodaram nos bancos em frente à bancada de mármore.

Analisei cada um dos meus filhos e fiquei atenta a qualquer emoção que aparecesse em seus rostos, mas todos pareciam escondê-las.

Michael, meu filho de quatorze anos e o mais velho, tinha o cabelo escuro bagunçado. Algumas espinhas vermelhas tinham aparecido em sua mandíbula e sua camiseta escura estava amassada e provavelmente suja. Steven, meu segundo mais velho, estava sentado olhando para um buraco na bancada; Jovi, a minha única menina, estava circulando a borda do seu copo d'água com o dedo; e Henley, o meu caçula de cinco anos, mastigava a gola da camisa.

— Vocês sabem que dia é hoje. — Eu não perguntei, porque sabia que eles sabiam. Pequenos acenos de cabeça em volta da bancada confirmaram isso, olhos abatidos me encorajando a continuar. — Todos vocês sabem que eu tenho evitado algumas coisas, como falar sobre o pai de vocês ou deixar que falem muito sobre ele.

Jovi olhou para mim e assentiu; ela provavelmente sofria mais com isso. Foi ela quem colocou todas as fotos do pai pela casa assim que ele morreu. Era ela que nos ajudava a lembrar dele.

— Eu quero mudar algumas coisas para nós. — Minha voz ficou presa na garganta.

Tossi para afastar as lágrimas e me recusei a olhar para a minha irmã, que estava ao meu lado.

— Precisamos melhorar. Chega de nos escondermos em nossos quartos e de comer jantares ruins. Chega de brigarmos e odiarmos uns aos outros... Chega de ser o que temos sido desde o ano passado.

Eu me inclinei para a frente, colocando as mãos na bancada.

— Que coisas vocês querem fazer que possam ajudar a começar a se

sentirem melhor ou a superar essa dor? — Arrisquei perguntar quando, na verdade, estava apavorada em ouvir o que poderiam dizer. E se eles quisessem voltar para o Oregon? E se quisessem morar com a minha irmã em vez de comigo? Deus sabe que eles já moravam com ela metade do tempo.

As crianças ficaram caladas enquanto contemplavam minha pergunta. Finalmente, Steven falou, seus olhos azuis brilhando de emoção.

— Sinto saudade do milkshake de chocolate delicioso que ele fazia — sussurrou.

Todo mundo congelou por um segundo até Jovi rir e corrigir:

— Milkshake de malte, não de chocolate.

Michael se inclinou para trás um pouco no banco.

— Isso. De malte.

— É diferente — Steven e Michael brincaram em uníssono.

Não fazíamos um milkshake de malte desde que o perdemos e ouvir a mais tímida risada na voz de Michael me deixou desesperada. Ele não ria há tanto tempo. Vivia mal-humorado, com raiva e fazia comentários maldosos o tempo todo.

Minha voz soou estranha quando ofereci:

— Devíamos fazer.

— É? — perguntou Jovi, endireitando-se no banco. — Tem certeza, mãe? Você disse que fazer as coisas que o papai fazia te deixava triste.

Pisquei os olhos para que secassem e empurrei as lágrimas não derramadas que eu me recusava a liberar.

— Tenho certeza, querida. Eu quero fazer o que nos deixa felizes. Acho que é isso que o papai iria querer.

— Se estamos sendo sinceros aqui... ver as fotos dele por todo lado me deixa triste — acrescentou Michael, com calma, matando a onda de esperança que só tínhamos começado a surfar.

Examinei o rosto de todos. Steven balançou a cabeça lentamente, concordando, e Henley continuou mastigando a camisa, sentando-se sobre os

pés para parecer mais alto. Minha filha encontrou o meu olhar com olhos cheios d'água e meu coração quase desistiu completamente. Internamente, implorei que ela protestasse, que dissesse não. *Me dê um motivo para deixar as fotos dele pela casa, para mantê-lo aqui conosco.*

— Acho que o Mike tem razão... Eu sinto muita falta dele, mas ver ele todos os dias é difícil demais. É como se a gente não pudesse seguir em frente, ou se seguisse, então... — parou.

— Estaríamos fazendo algo de errado ou de alguma forma não estaríamos honrando a sua memória. — Michael terminou por ela.

Engoli a dor que cortava minha garganta e balancei a cabeça. Isso era por eles. A marca de um ano tinha que ser diferente. Nós tínhamos que ser diferentes.

Antes que eu pudesse responder, seus olhos da cor de safiras, que combinavam com os do irmão e do pai, foram para os meus quando ele acrescentou:

— É hora de seguirmos em frente, mãe. Temos que começar a viver as nossas vidas outra vez... todos nós.

Eu senti como se ele tivesse me dado um soco na garganta. Eu queria tossir, desobstruir o bloqueio que subitamente se instalou lá, mas não podia mostrar que aquilo estava acabando comigo. Ouvir que eles estavam prontos para seguir em frente foi pior do que ouvir que estavam prontos para que as fotos fossem guardadas.

Eu tinha uma última tábua de salvação. Olhei para Henley novamente e me inclinei para a frente.

— Henley, amor... o que acha disso? Você quer que as fotos do papai sejam guardadas?

Ele afastou parte da massa de cabelo castanho do rosto enquanto fungava. Havia manchas de sujeira em seu nariz e camisa.

— Eu fico feliz, às vezes, mas aí vejo a foto do papai e fico triste de novo. Eu quero rir quando Steven peida, mas quando vejo a foto dele penso em

quando ele fingia peidar mais alto, e isso me faz querer chorar. Acho que a gente devia colocar as fotos num esconderijo. — Ele ajeitou as perninhas no banco.

— Ok... vou guardá-las amanhã — prometi, sentindo minhas entranhas afundarem.

— Eu ajudo — ofereceu Michelle ao meu lado. — Vamos começar com esses maltes.

Ela foi buscar o liquidificador e o sorvete, animando as crianças como costumava fazer. Senti um zumbido no ouvido, fazendo com que tudo perdesse o foco. Minha respiração parecia alta demais, então usei a desculpa de ir ao banheiro.

Memórias me inundaram e assombravam, lembrando que essa dor não podia ser remediada com detalhes. Ela não se resolveria magicamente como as peças que faltavam em um quebra-cabeça só porque eu finalmente decidi ser a mãe que os meus filhos mereciam ter.

Eu precisava fazer mais do que apenas encarar o que vinha ignorando, e algo me dizia que esses detalhes minúsculos seriam a minha destruição.

02

Layla

— Mãe, pra onde você está indo? — perguntou Steven, com a boca cheia de cereal. Passei os dedos pelo seu cabelo castanho escuro e caminhei em direção ao telefone fixo. — Vocês têm o meu número, vou até a cidade um pouco.

— Cidade? — perguntou Jovi com uma pequena sobrancelha arqueada. Ela se parecia com a minha mãe, com sua cabeça petulante inclinada e a mão no quadril.

— Sim, cidade. Michael vai tomar conta de vocês, então obedeçam e não saiam de casa. — Deslizei os pés nos meus chinelos pretos e peguei minha bolsa.

— Por que ela tá indo pra cidade pequena de mentes pequenas? — gritou Henley, tentando sussurrar para Jovi. Ele torceu o nariz pequenino, quase me fazendo abandonar a ida até a cidade para apertá-lo.

— Eu nunca disse que eles tinham mentes pequenas — soltei um suspiro pesado.

— Disse isso uma vez. — Henley inclinou a cabeça como um cachorro.

— É, lembra quando a gente quis ir ao grande piquenique do quatro de julho? E você disse…

— Ok, tudo bem, eu disse isso, mas estava errada.

Acenei para eles, tentando ignorar a grande decepção com as minhas habilidades como mãe.

— Estou indo, se comportem — disse, novamente, quando abri e fechei a porta, antes que alguém pudesse dizer alguma coisa.

Tinha que fazer isso antes de desistir. Já estava farta de me esconder do povo de Douglas e estava pronta para começar a me olhar no espelho novamente, o que significava que precisava mudar algumas coisas.

Abri a porta de vidro do salão de beleza *Ride and Dye* e tentei formar um sorriso. Ouvia-se música country alta acima do som de secadores de cabelo e de mulheres conversando. O lugar estava cheio e eu tentei engolir minha ansiedade por estar perto de tantas pessoas.

Fazia uma semana desde o aniversário de um ano, uma semana desde que as crianças tinham falado sobre as fotos e sobre seguirem em frente, uma semana comigo tentando ser uma versão melhor do meu novo eu e tentando não chorar a cada cinco segundos. Isso era um começo.

— Olá, você tem hora marcada? — perguntou uma mulher alta, com um sorriso brilhante detrás do balcão.

Seus cachos vermelhos caíam em suas costas e seus olhos azuis estavam adornados com delineador escuro e sombra cintilante. Ela estava tão bem produzida, que era como olhar para uma foto de revista. Eu queria fazer anotações sobre a roupa, maquiagem e tudo o que ela usava.

Limpei a garganta.

— Sim, está em nome de Layla Carter.

Cheguei mais perto do balcão e tentei espiar uma agenda ou qualquer coisa onde meu nome estivesse listado, mas agora tudo era digitalizado e a mulher estava olhando para uma tela que eu não conseguia ver.

— Sim, está bem aqui. — Ela sorriu e acenou para que eu a seguisse.

Eu fui segurando a bolsa e tentando ignorar todas as cabeças viradas que agora me olhavam enquanto eu caminhava até a única cadeira vazia do local.

— Pode pendurar sua bolsa ali. — A cabeleireira apontou um dedo com uma unha bem-feita em direção a um gancho prata posicionado ao lado do grande espelho para o qual eu estava olhando. Ela abriu uma capa de corte e a colocou sobre mim, encaixando-a na base do meu pescoço. — Então, o que podemos fazer por você hoje? — perguntou ela, enquanto examinava meu cabelo.

Afastei os olhos do crachá que dizia “Star” e dei um leve sorriso para ela.

— Hum, só uma aparada, nada drástico. Talvez algumas camadas?

Deus, eu odiava isso. Por que eu estava tão nervosa? As conversas ao meu redor pareciam ter parado ou apenas baixado de volume e o único secador funcionando estava desligado agora, então eu só ouvia a música country vindo das caixas de som do teto.

Star mascava um chiclete e brincava com as pontas dos meus cabelos.

— Quando foi a última vez que você cortou?

Ela estourou uma bolha que formou com o chiclete e eu tentei não fazer careta, mas odiava pessoas que estouravam bolhas de chiclete e odiava falar sobre o meu último corte de cabelo – dois dias antes do acidente.

Detalhes.

— Há mais ou menos um ano. — Eu levantei um ombro, parecendo indiferente.

Ela não respondeu, e isso fez meu estômago revirar de ansiedade. Algumas pessoas esperavam mais de um ano para cortar o cabelo, certo? Eu não era uma mulher das cavernas nem o Tom Hanks no filme Náufrago, uma espécie de renegada social. Estive apenas ocupada e cansada, e geralmente não dando a mínima para a minha aparência.

— Hummm. — Star continuou pegando nas pontas do meu cabelo e deixando-as cair. — Vamos lavar e então começaremos o corte.

Eu balancei a cabeça em aceitação e a segui em direção às pias, passando bem pelo meio da sala. Cabeças se voltaram novamente e, de repente, eu odiei não ter tirado um tempo para conhecer ao menos uma pessoa nessa cidade em tantos meses.

Eu me inclinei para trás e me encolhi quando uma rajada de água quente atingiu o meu couro cabeludo. E aí, deslizei para frente no assento, que ficou confortavelmente quente, e os dedos de Star começaram a se mover.

— Então, você é a mãe solteira que se mudou para a casa velha da Sara, certo?

Eu mal abri o olho esquerdo quando a vi olhando para mim, ainda

esfregando violentamente o meu couro cabeludo.

— Hã... Eu não sei quem é Sara, mas sim, eu me mudei para um rancho alguns meses atrás. Eu tenho quatro filhos — respondi vagamente, me sentindo sem jeito. Eu odiava isso.

— Fiquei chocada dela ter vendido, mas acho que já que o irmão não volta há séculos, meio que faz sentido. Todos nós achamos que ela simplesmente se casaria com aquele cara por quem era tão apaixonada e que ficaria por lá. — Star enxaguou o shampoo e começou com o condicionador.

Eu não sabia o que dizer porque não conhecia Sara nem o irmão, e nem o cara por quem ela era apaixonada, então fiquei em silêncio.

— Bem, espero que vocês estejam se adaptando bem — disse ela, passando a enxaguar o condicionador.

Eu assenti.

— Sim, obrigada. Nós estamos.

Ela colocou uma toalha de rosto no meu pescoço para que não molhasse e fez um sinal para eu voltar para a cadeira.

— Temos alguns eventos para solteiros que fazemos por aqui no verão e mais perto do outono. Você deveria vir. Pode ser divertido sair e ver a cidade — ofereceu Star, enquanto pegava um pente de dentes largos para pentear meu cabelo.

Eu não queria ser rude nem dizer que a ideia de ir a um evento para solteiros me deixava tão empolgada quanto agendar o meu próximo exame de Papanicolau. Também estava atrasada nisso porque procrastinei antes mesmo que Travis partisse. Eu geralmente gostava de adiar as coisas e agora tudo estava acumulado. As consultas com o dentista das crianças, exames anuais, vacinações, matrícula da escola, dos esportes... Tudo agora era por minha conta e eu tinha que lidar com tudo sozinha.

— Vou pensar. — Sorri para Star pelo espelho e, felizmente, ela mudou de assunto e começou a fofocar com a cabeleireira ao lado durante a hora seguinte, deixando-me livre para relaxar e apreciar a conversa fútil de outras

pessoas.

Aprendi muito sobre a cidade sentada lá. Descobri que Douglas tinha várias cafeterias, mas o principal local para frequentar era o *Wake Up & Roast,* um pequeno bistrô que servia produtos de padaria juntamente com o melhor café daqui até a cidade de Casper. Isso me animou um pouco. Eu amava café e, antes de Travis morrer, eu adorava ir a uma cafeteria aconchegante para trabalhar, perdendo-me no burburinho do ambiente. Comecei a me imaginar lá, sentada, com fones de ouvido, dedos batendo no teclado. Alegria encheu meu peito com a perspectiva de recuperar uma parte que era só minha, algo que não pertencia às crianças nem à dor... nem a Travis.

— Meina acabou de comprar, então sabe lá se o café continuará sendo o melhor. — Star zombou para a vizinha e balançou a cabeça. As mulheres riram e algumas outras estalaram as línguas. — Aquela garota é mais louca por garotos do que uma pré-adolescente.

— Bem, você ouviu falar de quem está voltando para a cidade, não é? — disse uma senhora idosa com os olhos estreitados e rolinhos cor de rosa presos firmemente ao cabelo.

Star manteve as mãos no meu cabelo, mas torceu o pescoço para olhar melhor para a mulher.

— Quem?

— Ouvi dizer que Landon acabou de contratar Reid Harrison.

A velha mulher levou a mão ao queixo de uma maneira onisciente, do tipo “Eu tenho minhas fontes”.

A cabeça de todas viraram na direção dela, Star abandonou as minhas madeixas molhadas e alguém ofegou em algum lugar perto da estação de secagem de cabelos.

— Reid está voltando!? — exclamou Star, levando as mãos ao quadril, com a boca aberta e aquele chiclete rosa parado ali dentro, inerte. Ela deve conhecer essa pessoa, ou o cara era algum tipo de celebridade.

— Ouvi dizer que ele começa na próxima semana, ensinando crianças a

andar a cavalo e a cuidar deles ou algo assim.

A idosa acenou com a mão e voltou os olhos para o espelho, olhando para seu reflexo, provavelmente muito satisfeita por ter acabado de superar todas as fofocas do dia. Se eu fosse um cachorro, minhas orelhas estariam em pé. *Aulas de equitação*.

— Bem, quem diria. Eu não fazia ideia de que aquele garoto voltaria. E pensar que a sua irmã acabou de ir embora.

Star riu e depois estreitou o olhar para mim. Lentamente, o resto do salão também. Era a irmã dele a que foi embora? A dona da casa antes de mim?

Eu era tímida demais para perguntar, então fiquei ali sentada com minhas enormes suposições e olhares sem jeito. Quem quer que ele fosse, eu esperava que ficasse na dele. Eu não precisava de um parente intrometido bisbilhotando a propriedade sobre a qual achava ter algum direto. Minhas entranhas se reviraram em pânico. Ele tentaria me fazer vender a propriedade da irmã? Tentaria encontrar alguma brecha na minha papelada e me expulsaria de lá?

Eu não poderia desraigar as crianças, não outra vez.

— Então, acha que ele vai voltar pra casa dele? — perguntou Star, voltando a cortar as minhas pontas secas.

A idosa que sabia de tudo acenou com a cabeça de seu lugar do outro lado da sala.

— Ah, sim, Janette criou aqueles meninos muito bem depois que o pai deles morreu. Até onde eu sei, a casa dele ainda está sem inquilino e pronta pra que ele volte.

Isso era bom. Queria dizer que ele não iria querer minha casa, certo? Uma paz se instalou no meu estômago, permitindo que minha mente se desviasse para a ideia daquelas lições de equitação que foram mencionadas. Eu tinha planos de investigar quem poderia estar disponível na área assim que chegasse em casa, mas agora sabia que havia um homem chamado Landon que oferecia as aulas e um homem chamado Reid que as ministraria. Eu

definitivamente voltaria ao salão mais vezes, especialmente quando precisasse de alguma informação.



Henley entrou no meu quarto arrastando um longo cobertor dos Transformers atrás de si, o cabelo castanho acinzentado espetado em todas as direções. Ele veio até onde eu estava, sentada no chão, e se aninhou ao meu lado.

— Mamãe, eu não quero mais te ver chorar.

Ele me pegou falando com Travis em voz alta, segurando minha aliança entre os dedos. Eu estava debatendo se deveria colocá-la na cômoda. O egoísmo enraizado profundamente em mim argumentou contra, mas o acordo que fiz com meus filhos para começarmos a seguir em frente e a viver tinha me feito ceder.

Respirei e enxuguei minhas lágrimas.

— Eu sei, amiguinho. Eu sinto muito. A mamãe não vai mais chorar tanto assim, eu prometo. — Tentei tranquilizar o meu pequeno de cinco anos, enquanto massageava suas costas e afastava o cabelo de sua testa.

— A gente pode ir montar o Thor de tardezinha? — perguntou, enquanto puxava o cobertor mais para cima, e eu sorri. Isso era algo que Henley e eu tínhamos começado a fazer recentemente e eu gostava que ele curtisse fazer comigo.

— Sim, amor. Vamos fazer isso.

Thor era um imbecil e eu o odiava, e ele provavelmente também sabia disso, mas eu não me importava. Nós dois fingíamos tolerância, pelas crianças, e hoje não foi exceção. Depois de colocar a sela e deixá-la completamente segura, coloquei Henley na frente e lhe disse que segurasse o pito da sela com força. Ele estava tão fofo com o cabelo bagunçado e espetado debaixo do pequeno capacete preto. Peguei as rédeas e conduzi Thor para fora do estábulo, passando pelo curral até o segundo portão do

pasto.

Subi na sela gentilmente e me sentei atrás de Henley, então andamos pela propriedade. Eu amava esses momentos com meu filho mais novo, porque éramos apenas nós dois. Eu também meio que amava colocar um chapéu de caubói e montar o Thor, mas nunca admitiria isso em voz alta.

Chegamos mais perto da linha da cerca do que normalmente chegávamos, e eu percebi que estávamos andando bem detrás da propriedade do vizinho, o que me fez pensar no que eu ouvi sobre Reid Harrison no salão de beleza.

De repente, eu estava muito ciente do fato de que os meus cinco acres de fazenda se chocavam desajeitadamente contra a terra dele. Nós compartilhávamos uma entrada de automóveis e as nossas caixas de correio ficavam lado a lado. Eu não tinha pensado muito nisso antes, porque a casa vizinha esteve vazia desde que nos mudamos para cá.

Agora, havia uma picape prateada estacionada na entrada da garagem e um homem sem camisa operando uma churrasqueira na varanda dos fundos. Eu não conseguia ver o rosto dele, mas sua presença acelerou o meu pulso porque o meu pequeno paraíso estava sendo invadido de repente.

Reid Harrison tinha voltado.

As mulheres no salão deram a impressão de que ele era um cara legal, alguém que tinha crescido aqui, mas ele *poderia* ser uma pessoa ruim, alguém que poderia machucar os meus filhos. Tentei engolir o medo que subiu pela minha garganta, e ignorar a agonia de ter que lidar com o fato de ser uma mãe solo agora e passei mais rápido pela cerca.

Henley, é claro, começou a fazer perguntas.

— Mamãe, quem é esse homem?

Continuei guiando e fiquei quieta, sem querer que o estranho me ouvisse, mas não fui rápida o bastante para deixá-lo completamente fora de alcance. Notei que ele levantou a cabeça enquanto nos observava ir embora. Eu sabia que tinha planos de procurar as aulas de equitação para as crianças, mas, até atravessar essa ponte, eu seria como o troll horrendo que guardava o caminho

entre os nossos dois mundos. Sem atravessar, sem conversar, sem nada. Eu não queria ter nada a ver com ele nem com as incógnitas que ele havia acabado de trazer para minha vida.

Continuei cavalgando de volta para o estábulo e me senti mal por interromper a nossa sessão de cavalgada. Voltei até o pasto mais próximo e nos guiei pelo perímetro da cerca. Quando o sol estava prestes a se pôr, levamos Thor para o estábulo e, juntos, o colocamos na baia. Henley estava em cima de um banquinho enquanto me ajudava a escovar o pelo de Thor, quando Jovi apareceu para ajudar.

Ela ainda não tinha montado o seu cavalo, mas sempre vinha escová-los conosco. Michelle tinha começado a me ensinar tudo relacionado a cavalos nos fins de semana que vinha nos visitar. Sugar Cube e Samson, nossos dois outros cavalos, também estavam prontos para serem escovados, então pedi que Jovi chamasse os irmãos. Eu gostava quando estávamos todos juntos no estábulo, porque era algo novo para nós, algo que não tinha relação com o pai deles.

Havia um denso silêncio entre nós, um que poderia ter sido cortado ao meio se alguém aparecesse com uma faca metafórica. Os ombros de Michael estavam tensos enquanto ele escovava Sugar Cube, e ele não falava com a égua da maneira que Michelle disse que deveríamos falar. Ele apenas passava a escova com raiva e dava tapinhas brutos na pele dela. Ela balançou a cabeça e se afastou como resultado.

— Michael, o que sua tia disse sobre como agir perto deles? Eles podem sentir a sua frustração. — Eu o persuadi, com calma, esperando conseguir um bufo de raiva ou um suspiro irritado, só não um grito – qualquer coisa, menos uma explosão.

Um estrondo alto ecoou pelo estábulo quando Michael atirou a escova com força no balde de aço inoxidável. Eu fechei os olhos e me preparei para a tempestade.

— Eu não pedi isso! — Ele abriu os braços, gritando comigo. — Eu não

pedi nada disso. Eu não deveria ter que escovar essa égua idiota todos os dias. Não faço ideia de como montar nela e nem de como cuidar dela. O que é que estamos fazendo aqui, mãe? — Ele balançou a cabeça em decepção e saiu correndo do estábulo.

Henley o observou e depois olhou para mim, incerteza tremulando em seus pequenos olhos.

Steven fungou e Jovi soltou um suspiro frustrado.

Esta era a minha nova realidade e eu a odiava.

03



A coisa estranha sobre voltar à casa em que você deveria morar é o sentimento deslocado de lar. Ela não parecia o meu lar. Ainda assim, empurrei o estranhamento da casa de lado e arrastei mais o meu sofá, para ver se ficaria melhor.

Não ficou.

Tudo parecia errado. A tv de tela plana tinha que ser colocada na parede, mas eu precisava de mãos extras para me ajudar a centralizá-la devidamente. Eu ainda tinha que montar as minhas estantes de livros e as caixas com todas as minhas outras coisas estavam espalhadas por todo o lugar.

Não era a casa que eu imaginava que um dia teria. Embora, mesmo quando tinha vinte e cinco anos e ficara nesta casa, eu não havia imaginado muito porque vivia na estrada. Eu só queria um lugar para poder tirar as botas, pendurar o meu chapéu e tomar uma cerveja com os amigos. Eu gostei do que minha irmã tinha feito com a sua casa, mas ela tinha um olho bom para design e sabia o que diabos queria.

Eu não tinha a mínima ideia.

Soltando um suspiro pesado, eu me afastei do maldito sofá, peguei um refrigerante na geladeira e bebi com vontade, tentando aproveitar a sensação gelada dele cobrindo minha língua e garganta. Eu odiava o quanto a minha casa estava quieta e solitária. Precisava de um colega de quarto ou algo assim, talvez de um cachorro, apenas algo que ajudasse com o silêncio.

Fui em direção a uma das janelas e a abri, sem me importar que o ar-condicionado estivesse ligado e todo o ar frio fosse escapar.

Sons de risadas e gritos passaram pela janela aberta, vindos da casa ao lado. Eu olhei para o chão, ouvindo, gostando e odiando o fato de a minha irmã ter cedido sua casa para um bando de crianças. Agora eu estava preso aqui,

lidando com os sons de uma família feliz vivendo ao meu lado.

Mas, pelo menos, era algum barulho contra esse silêncio caótico. Fechei os olhos e tentei imaginar os meus vizinhos se divertindo. Eu tinha visto algumas crianças, e também a mãe e o filho andando a cavalo outro dia e, pelo jeito deles, eu sabia que eram uma dessas famílias felizes de um jeito repugnante.

Felicidade era algo que eu não tinha há muito tempo, mais tempo do que queria lembrar, então deslizei para o chão com as costas contra a parede e fiquei escutando os sons de alegria que me cercavam, engoliam e afogavam.



O sol de Wyoming criou uma brusca onda de calor no pasto externo que eu estava encarando. Meu pé estava apoiado na segunda barra da cerca quando ouvi:

— Fico feliz que você tenha voltado — e senti um tapa forte no ombro. Eu me virei para ver Landon sorrindo para mim, parecendo genuinamente feliz em me ver.

Retornei o sorriso da mesma maneira falsa que vinha usando desde o mês anterior.

— É bom estar de volta. — Isso era parcialmente verdade.

Sentia falta de lidar com cavalos e, sinceramente, até sentia falta do meu antigo chefe. Landon foi o primeiro cara a me dar um emprego quando eu era um adolescente ávido, ansioso para ter dinheiro e poder entrar no maior número possível de rodeios. Ele me ensinou muito naqueles anos, mas voltar para cá era como esfregar meu nariz na terra.

Você não é digno. Não tem integridade. Não está preparado. Não está perdoado.

— Então, quando começamos as aulas?

Eu percorri o papel preso à prancheta que estava segurando e esperei que Landon me informasse. O acordo era que ele começaria a espalhar a notícia

de que eu estava voltando para casa e daria algumas aulas para iniciantes. Então, quando eu chegasse, já teria clientes esperando.

— Você tem cerca de seis estudantes inscritos e três deles são irmãos. Eles vão precisar de uma avaliação para saber como você vai querer trabalhar com os horários deles e se quer que façam no mesmo horário ou não.

Landon franziu as sobrancelhas brancas e enfiou as mãos nos bolsos. O homem estava chegando a uma idade avançada e isso me fez pensar no meu pai. Eu me perguntava como ele estaria se ainda estivesse vivo.

Bati levemente na prancheta e assenti com a cabeça.

— Parece ótimo. Quando é a primeira avaliação?

Eu passei por Landon e fui ver o seu último cavalo reprodutor. Ele tinha os mesmos quarenta acres que possuía quando estive aqui dez anos antes. Pastagens amarelas iam até onde os olhos conseguiam ver, além dos seus pastos verdejantes e pastoreio.

Landon Clayton era um homem rico que continuava construindo o seu império com criação, hospedagem, treinamento e exibição de cavalos. Ele era o nome em todas as línguas no Wyoming e na maior parte do estado de Montana quando o assunto era onde comprar um bom cavalo ou onde treiná-lo. Seus cavalos ganhavam títulos e eram campeões de raça ou, pelo menos, foram no passado. Eu não acompanhei nem ele nem o seu lendário império equestre depois de trocar as minhas botas de caubói por um par de sapatos apropriados para fazer negócios.

— Hoje, se estiver livre — disse Landon, cuspindo saliva escura.

Mascar tabaco era tão comum quanto limpar a garganta nessa parte do Wyoming, mas eu ainda odiava o hábito, principalmente porque meu pai havia morrido de doença pulmonar. Ele fumou desde criança, começando no circuito de rodeios e, quando não podia mais fumar, ele mascava. O único momento em que não tinha algum tipo de tabaco na boca era quando dormia à noite.

— Eu estou livre. A única coisa que tenho na agenda é tentar me instalar

em casa — disse, pegando o boné e espantando algumas moscas do rosto.

Eu deixei de fora a parte em que eu tinha pouco tempo para fazer muito mais que não fosse apenas tentar esquecer minha vida anterior e *ela*.

— Ótimo. Parece que você tem um compromisso em mais ou menos uma hora. — Landon bateu no meu ombro novamente e foi embora. Eu o observei ir e inclinei a cabeça para o sol.

Isso não estava nos planos.

Não era assim que deveria ter sido.

04



Evasão era um jogo difícil no qual eu não era muito bom. De qualquer modo, eu o praticava com frequência e diligência, especialmente quando se tratava da minha vizinha, a que eu tinha visto andando pela cerca dos fundos da minha propriedade na semana anterior. Não foi a primeira vez que tive que me impedir de pensar nela, o que me fez sentir dez mil vezes mais patético do que já me sentia.

A mulher em cima daquele cavalo preto era deslumbrante. Ela tinha cabelos loiros e lustrosos que caíam pelo peito e que balançavam em suas costas a cada passo do cavalo. O chapéu de caubói marrom em sua cabeça havia sombreado seu rosto, mas eu ainda consegui ver que ela era linda e o que eu não consegui, me deixou curioso para olhar mais de perto.

Era exatamente por isso que evitei olhar pela janela ou sair de casa a não ser para ir trabalhar essa semana. Eu não precisava me encantar por uma mulher casada. Ela tinha filhos, mais de um, e era do tipo de mulher que um homem não deixaria de propósito. Então, eu tinha certeza de que alguém já a havia fisgado.

Meneei a cabeça com a minha estupidez. Mesmo se ela fosse solteira, eu não faria nada, porque eu estava um caos total e precisava endireitar a minha vida.

Amarrei o tênis, coloquei um boné de beisebol, peguei uma sacola para as compras, amarrei a camiseta na calça e saí. Se ia andar os quase vinte quilômetros até a cidade no calor de agosto, eu iria sem camisa.

Eu tinha o dia de folga e precisava fazer isso antes da chegada dos clientes do dia seguinte. Ontem eu conheci um aluno e as coisas correram bem. Eu estava um pouco enferrujado perto de cavalos e totalmente fora de prática com crianças, então precisava aprender a ter paciência e um pouco de boa

vontade.

Deixei a porta de tela da minha casa se fechar atrás de mim quando saí para debaixo do sol da manhã. Eu podia ouvir os galos cantando, deixando o mundo saber que era hora de se levantar, e vacas mugindo com fome e coisas assim. Eu amava o rancho e todos os seus sons, sempre tinha amado. Havia cinco ou seis fazendas próximas e eu trabalhei em todas elas em algum ponto da minha vida.

Ouvi o barulho de cascalho sob meus tênis enquanto caminhava em direção à estrada e olhei para a casa da minha nova vizinha. O veículo utilitário preto ainda estava lá, mas nenhum outro carro. Nos fins de semana, eu ocasionalmente via uma picape vermelha e uma mulher de cabelos mais escuros e óculos de sol saindo dele. Eu me perguntava onde estava o marido da minha vizinha.

Enquanto olhava para a casa, vi um movimento na varanda da frente e, antes que soubesse o que estava acontecendo, um menininho de cabelos castanhos estava correndo em minha direção, o mesmo que estava no cavalo no outro dia. Ele era um garoto bonito, com olhos azuis e uma grande quantidade de cabelo castanho acinzentado. Ainda tinha dentes de leite e, quando se aproximou, eu notei que havia um sapo no seu bolso. Parei de andar para que fôssemos vistos de sua casa.

— Ei, senhor vizinho, pra onde você vai hoje sem camisa? — perguntou ele, apertando os olhos por causa do sol.

Eu ri e olhei de novo para a casa dele.

— Estou indo para a cidade.

O menino sorriu e colocou as mãos sobre os olhos, para ajudar a bloquear o sol.

— Você vai andando o caminho todo? — perguntou, claramente surpreso. Eu quis muito olhar para a minha picape, mas fiquei concentrado nele.

— Sim — respondi, sorrindo para ele.

— Por quê? — Ele tirou o sapo do bolso e eu olhei para sua casa

novamente, certo de que sua mãe ou pai sairiam a qualquer segundo e começariam a gritar comigo.

Eu também não queria contar a essa criança sobre os meus problemas com a direção, nem sobre o motivo de eu não conseguir segurar um par de chaves na mão sem ter um colapso e precisar de uma consulta com um terapeuta.

— O dia está bonito. — Dei de ombros, olhando por cima de sua cabeça.

— Legal. Qual é o seu nome, mesmo? — perguntou o garoto, ainda segurando o sapo firmemente na mão.

— Meu nome é Reid.

Estendi a mão para o menininho apertar, e ele a apertou enquanto dizia:

— Eu sou Henley.

Como não queria que ele se metesse em problemas, disse-lhe:

— Melhor voltar para casa antes que sua mãe ou seu pai fiquem chateados.

Henley olhou para sua casa e franziu o cenho.

— Eu só tenho mãe. Meu pai tá no céu.

Isso me paralisou. Eu queria dizer ao rapazinho que sentia muito, mas não tinha ideia se era algo muito recente, então achei que seria melhor não dizer nada.

— Bem, melhor não preocupar sua mãe, então.

Ele sorriu para mim e acenou.

— Tchau, senhor Reid. Tenha um bom dia e não morra do sol na caminhada.

Eu acenei de volta, voltei-me para a estrada e continuei andando, fazendo um esforço para não pensar na nova informação que recebi a respeito da mãe dele.



Douglas estava exatamente igual ao que era dez anos atrás, tirando algumas pinturas novas nas fachadas de uns prédios e restaurantes menores que apareceram aqui e ali. Alguns dos parquinhos finalmente tinham sido

atualizados, tornando os brinquedos feitos com lascas de madeira que antes adornavam os espaços agora, de fato, apropriados para as crianças brincarem.

Eu sempre amei essa cidade. Lojas pequenas, prédios de tijolos antigos, alguns ainda tinham postes para amarrar cavalos do lado de fora. Esse era o diferencial das cidades pequenas de Wyoming, todo mundo nascia na roça. Mesmo os que migravam para cá, acostumavam-se rápido. Não havia homem ou mulher que usasse calças *skinny* por aqui. As pessoas usavam roupas que as deixariam seguras para lidar com cavalos ou com o rebanho. Eu cresci com cheiro de couro enchendo a minha casa, de cintos e botas a selas. Meu pai foi um peão de rodeio profissional até que uma lesão o fez se aposentar, aos quarenta. Minha mãe ficou agradecida e disse que a lesão provavelmente salvou o casamento deles, já que a ausência frequente dele na vida da minha irmã e na minha era uma discussão constante entre os dois.

Eu não me metia muito nos problemas conjugais deles. Meu pai tinha sido bom para mim e Sarah e, aqui em Douglas, ele praticamente pertencia à realeza. Se minha mãe tivesse se importado em manter o rancho ou ficado por aqui, ainda seria, mas o tempo passou e a memória de todo mundo sobre Greg Harrison se apagou. Engraçado, era de mim que eu queria que eles tivessem se esquecido.

— Reid? — Ouvi alguém chamar meu nome, fazendo-me virar no meio da calçada. Eu estava prestes a ir ao barbeiro fazer um corte rápido.

Apertei os olhos e vi uma figura vagamente familiar correndo até mim.

— Reid Harrison, é você? — perguntou o cara soprando ar. Era Kip Burwell, um dos meus amigos mais antigos.

Inclinei-me para a frente sem pensar e o puxei para um abraço forte.

— Quanto tempo, cara.

Ele se afastou com um grande sorriso no rosto.

— Tempo demais, caramba. Como é que você tá?

Péssimo estava na ponta da minha língua, mas eu sorri e respondi:

— Muito bem, acabei de me instalar.

— Eu voltei só tem dois anos, então entendo. — Kip sorriu e começou a andar comigo em direção à barbearia. — Você tem um lugar por aqui? — perguntou, seu sorriso maior que tudo ocupando todo seu rosto.

Ele ainda parecia o meu melhor amigo do ensino médio, ainda tinha o mesmo cabelo loiro claríssimo, olhos azuis e sobrancelhas grossas. Suas feições só pareciam mais adultas agora.

— Sim, ao lado da antiga casa de Sara. — Assenti de volta.

Eu soube que minha irmã tinha se mudado para a Europa por uma mensagem de texto do meu primo, Jed. Essa mesma mensagem dizia que eu tinha novos vizinhos e que eu me divertisse. Ele tinha cuidado das nossas casas enquanto eu e Sara estivemos ausentes.

Kip enfiou as mãos nos bolsos e ficou olhando para o chão.

— Bem, merda, eu odeio ficar pescando um convite, mas gostaria de ir te visitar, cara. — Ele riu.

Merda.

— Ah, claro. Passe lá quando quiser. Na verdade, eu preciso de ajuda para fixar a minha tv na parede, se você tiver tempo.

— Sim, eu posso ir essa sexta. — Ele bateu no meu ombro e começou a andar para trás. — Tenho que correr. Até mais, cara.

Sorri para ele e me virei para a barbearia, que ficava ao lado do salão de beleza *Ride and Dye*. A grande janela de vidro exibia o salão inteiro cheio de olhos grudados em mim, e absolutamente ninguém trabalhando. Eu avistei Star Shelling e a olhei de esguelha enquanto passava pela janela, na direção do lado esquerdo do edifício. Ela me deu um aceno fraco e voltou para sua estação.

Merda de cidade pequena.



A caminhada de ida e volta da cidade não foi fácil. Eu estava cansado, muito cansado. O sol tinha me castigado e, embora eu tivesse ensopado a

camisa com água antes de vesti-la na minha viagem de volta, estava com calor. O peso adicional das compras e do gelo nas minhas costas também não ajudou. Voltei para casa ao entardecer e estava cansado demais para fazer o jantar então guardei a comida e cochilei.

Não soube por quanto tempo dormi, mas acordei em uma casa escura e ao som de trovões. Eles estavam altos e as árvores se moviam lá fora, balançando como se pudessem cair a qualquer instante. O som de portas batendo e cavalos relinchando me fez sentar e olhar para o escuro à minha volta. Ouvi os sons novamente e percebi que cavalos não deveriam estar do lado de fora em uma tempestade como essa, e os mais próximos a mim eram os da minha nova vizinha.

Levantei-me e olhei em volta, sem saber o que fazer. Eu tinha certeza de que ela estava com a situação sob controle, mas outro trovão soou e os cavalos pareceram mais frenéticos. Fui até a janela e, na penumbra do estábulo, do outro lado do campo, pude ver o cavalo preto lutando contra as rédeas enquanto a mãe de Henley puxava para que entrasse no estábulo. O cavalo continuou resistindo. Mais trovões explodiram no céu e um raio atingiu algum lugar no campo. *Merda*.

Calcei minhas botas de trabalho e corri pela porta da frente o mais rápido que pude em direção à casa dela. Eu não ligava se ela era uma estranha e eu devesse ficar na minha, ela precisava de ajuda ou ela e o cavalo poderiam acabar mortos. Passei pelo pequeno quintal e fui até o estábulo. Ela ainda estava do lado de fora, puxando e implorando para que o cavalo a seguisse. Seu cabelo estava selvagem com o vento atirando-o para todos os lados, como um maremoto loiro. Ela vestia um short de pijama, uma camiseta enorme e usava chinelos.

Mas que porra ela está fazendo?

Pulei a cerca e fui com cuidado em direção ao cavalo. Eu nem olhei para ela quando puxei delicadamente as rédeas de suas mãos, mantendo o olhar no grande cavalo árabe. Falei baixinho com ele e tentei acalmá-lo, esperando

que outro trovão não o assustasse novamente. Acariciei seu pescoço devagar e tentei tranquilizá-lo ao mesmo tempo em que começava a conduzi-lo com firmeza, para que ele soubesse que eu estava no comando.

A mãe de Henley recuou para o estábulo e abriu a porta da baia para mim. O cavalo começou a me seguir. Ele ainda estava nervoso e tinha aquela expressão lunática no olhar, mas estava me seguindo.

— Isso aí, amigo. Venha aqui, vamos te proteger dessa tempestade — murmurei.

O cavalo deu mais alguns passos até estar dentro do estábulo. Eu o puxei, cuidadosamente, para a única baia aberta e o prendi lá. Verifiquei rapidamente as baias dos outros dois cavalos e então me virei para a minha vizinha.

Ela estava com os braços cruzados sobre o peito, o rosto molhado da chuva e os cabelos presos às bochechas. Limpei as mãos na minha calça jeans, nervoso de repente ao dar um passo para mais perto dela. Os trovões ecoaram novamente, a chuva batia no telhado do estábulo e um calafrio percorreu o espaço entre nós.

— Obrigada — sussurrou ela.

Eu esperei, contendo os pensamentos que passavam pela minha cabeça sobre o que diabos ela estava fazendo com esses cavalos.

— Eu sou Layla. — Sua voz suave atravessou o meu devaneio.

— Reid — respondi enquanto a olhava, ainda sem saber o que dizer, porque ela era muito mais bonita de perto e eu me odiava por perceber isso.

— Você deve ser o irmão de Sara, certo? — Ela sorriu e meus olhos se depararam com seus dentes brancos e eu percebi como o sorriso iluminava seu rosto.

— Desculpe, já nos conhecemos? Estou fora há um tempo...

Ela balançou a cabeça de um lado para outro, interrompendo-me.

— Não, eu só ouvi as pessoas da cidade falarem um pouco de você — murmurou baixinho, mordendo o lábio e olhando para o chão. Ela abraçou o

ventre com força e olhou para o cavalo preto que quase tinha escapado dela. — Ele não me obedece em um dia bom, então eu devia saber que não adiantaria em uma tempestade. Antes de você aparecer, eu estava prestes a soltá-lo — admitiu, debilmente, mudando de assunto.

Joguei o polegar para trás, na direção da fera negra dentro da baia.

— Esse cara?

Ela assentiu.

— Sim, Thor. Ele é o cavalo do meu filho e não gosta muito de mim.

Coloquei as mãos nos bolsos e deixei meus olhos vagarem. Eles escolheram escanear as pernas nuas de Layla e, finalmente, pararam nos chinelos roxos em seus pés.

— Ele sabe que você não sabe o que está fazendo — disse, apontando para os pés dela.

Seu rosto ficou vermelho quando ela seguiu a direção que minha mão indicava.

Merda. Eu provavelmente não deveria ter dito isso.

— Quer dizer, se você soubesse, não teria deixado ele do lado de fora nesta tempestade, e os seus pés... — gesticulei para eles novamente. *Por que eu continuo apontando para os pés dela?*

Ela limpou a garganta.

— Bem, obrigada pela ajuda... Eu tenho que voltar para casa. — Seus lábios afinaram e seus olhos se estreitaram em mim quando ela indicou a casa com o polegar por cima do ombro.

— Eu não estou tentando ser um imbecil, é só que... você sabe mesmo o que está fazendo? — perguntei, ainda esfregando o pescoço.

Eu sinceramente estava curioso. Seus cavalos eram de raças caras, seu estábulo parecia imaculado. Tudo parecia se encaixar, mas ela aparentava estar apenas desempenhando um papel.

— Está tarde e alguém tirou as minhas botas do lugar... — Ela parou de falar, seu olhar abatido.

Sua natureza defensiva me fez sentir ódio de mim mesmo e a lembrança de que seu marido havia morrido me atingiu em cheio. Porra, eu não devia ter sido tão cruel.

— Olha, descul...

— Pode só ir embora? — perguntou, a inflexão de sua voz ficando afiada e seus olhos inflamados.

Quem era eu para estar ali discutindo com uma mãe solo no meio de uma tempestade de raios? A porra de um ninguém.

— Sim, desculpe — murmurei e me virei.

Eu quase esperava que ela me interrompesse e talvez continuasse a demonstrar a gratidão que tinha demonstrado antes que eu a interrompesse tão bruscamente, mas ela não fez isso. Ela ficou me olhando ir embora com uma lágrima solitária escorrendo pela bochecha e um olhar que deveria ter me matado ali mesmo.

05



A tempestade durou a noite toda. Sacudiu a casa, derrubou árvores e assustou as crianças, todas elas. Então, pela manhã, eu estava em uma cama cheia de membros e pés saindo de todas as direções. Estava acordada, feliz por ver o sol espreitando por trás das cortinas. Eu precisava comprar persianas com blackout. Um dia desses, eu me lembraria disso.

Jovi estava com o rosto no meu pescoço e os pés de Henley empurravam minhas costelas. Steven estava por cima dos meus pés, perto do pé da cama, e Michael estava abraçado a Jovi. Soltei o mais baixo dos suspiros e rezei para que minha bexiga aguentasse.

Minha mente se desviou para a noite anterior, para a gentileza do meu vizinho. Ontem foi um dia dos ruins. Eu havia tirado uma soneca no sofá porque estava exausta. Passei o dia pintando o quarto de Henley e minhas emoções ainda estavam bastante abaladas com a minha grande decisão de seguir em frente pelo bem das crianças. Eu planejava acordar e preparar o jantar, guardar os cavalos e fazer todo o resto, mas ninguém me acordou. Eu suspeitava que Michael tinha colocado nuggets de frango e burritos congelados no micro-ondas para as crianças e todos tinham ido se deitar por conta própria.

Quando ouvi o primeiro grande trovão, dei um pulo do sofá, olhei para o relógio e vi que já eram dez e dez da noite. Eu estava prestes a subir as escadas quando ouvi um cavalo relinchando lá fora. Para meu horror, Thor não foi guardado e estava correndo pelo curral. Eu não tinha ideia de quem havia guardado Samson ou Sugar Cube e quem tinha deixado Thor ali, em vez de no pasto, mas acreditava que Michael e Steven com certeza não deixariam o cavalo do irmão de cinco anos do lado de fora só porque o caçula não podia tomar conta dele. Só que foi exatamente isso que fizeram. Apenas

mais um lembrete do quanto estávamos mal.

Coloquei um moletom e procurei com raiva pelas minhas botas, lembrando, tarde demais, que Jovi as levara para regar o quintal mais cedo. Em pânico e sem opções, peguei meus chinelos e corri para fora. Claro, Thor não cooperou. Ele estava assustado e me odiava mais do que qualquer pessoa. Eu estava aterrorizada e tinha certeza de que nós seríamos atingidos por um raio. Foi então que o vi, meu vizinho, correndo até onde eu estava e eu nem tive tempo de sentir nada que não fosse alívio.

Meus braços estavam trêmulos quando ele tomou as rédeas e eu me afastei de bom grado. Eu teria que fazer um treinamento para saber como lidar com raios e trovões com Michelle na próxima vez que ela viesse, porque Reid estava certo, eu não sabia o que estava fazendo. Claro, doía ouvir isso, mas era a verdade e não podia culpar alguém que claramente sabia cuidar de cavalos por apontar isso. Ainda assim, ele não precisava dizer exatamente tudo o que lhe vinha à cabeça.

Enquanto estávamos ali, sob as luzes do celeiro, notei que os olhos de Reid eram verdes e ficavam debaixo de sobrancelhas castanhas, emoldurados por um rosto firme e uma mandíbula forte. Eu não estava tão enterrada assim em meu luto a ponto de não perceber que ele era bonito. Lembrei-me dele sem camisa naquela noite em sua varanda e, embora a camisa que usasse ontem fosse folgada, eu ainda consegui ver as veias saltadas em seus antebraços.

Fechei os olhos quando o sentimento de culpa me invadiu por ter notado o quanto Reid era atraente. Senti como se estivesse traindo Travis de alguma forma. Lágrimas começaram a se formar nos cantos dos meus olhos. Travis se foi e eu precisava aceitar e lidar com isso. Eu poderia apreciar homens bonitos, mesmo se o homem bonito em questão fosse idiota e não merecesse minha admiração. Era um pequeno passo, mas um que eu podia dar. Odiava que fosse Reid me ajudando a superar esse pequeno obstáculo quando eu teria preferido simplesmente descontar nele toda a minha frustração. Acho que tinha que ser alguém.

De algum lugar do meu quarto, ouvi o som de uma notificação de mensagem. Eu pisquei e virei levemente a cabeça para a esquerda. O som tocou novamente. Uma das crianças se mexeu perto dos meus pés, mas depois ficou quieta. Provavelmente era a minha irmã, mas o meu telefone estava perdido no desastre que foi a noite de ontem. Eu não o coloquei para carregar e nem sabia onde estava.

Fechei os olhos, desesperada por só um pouco mais de sono, mas o aparelho tocou novamente.

E de novo.

Mais três vezes seguidas, o que me fez abrir caminho furiosamente pela pilha de membros na qual eu estava enterrada.

Pelo amor de Deus.

Pequenos gemidos e um grunhido baixo emanaram da pilha quando eu empurrei a perna de alguém para me levantar e puxei os cabelos de Jovi. Finalmente livre, fiquei em pé e olhei em volta do quarto enquanto mais alertas soavam.

Quem diabos está me mandando mensagem!?

Olhei para a pilha de roupas em cima da enorme poltrona que ficava perto da janela e corri até ela quando mais notificações tocaram. Alguém ia morrer.

Empurrei dois moletons para o lado e finalmente peguei o telefone. Pressionando o botão lateral, dei vida à tela e descobri que eu tinha uma dúzia de notificações. Passei o polegar por elas e estreitei os olhos enquanto olhava para o número de origem.

Não era um número que eu tinha no meu telefone e nunca tinha enviado mensagem nem telefonado para ele antes. Sentei-me na poltrona e comecei a rolar a tela para ver cada mensagem.

Oi! Aqui é Star do salão

Você lembra de mim, né?

Eu cortei seu cabelo

Enfim, é claro que você lembra de mim

Eu queria avisar que estou me oferecendo para cortar o cabelo de crianças de graça antes que as aulas comecem.

Bem, o salão todo está cortando, mas como eu cortei seu cabelo e agora sou a sua stlylist, quis te fazer o convite.

Então, me manda uma mensagem dizendo quando vai querer marcar para os seus filhos

Fui muito insistente?

Vivem me dizendo que eu sou muito insistente

Bem, é isso que meu ex diz, mas ele não vale muita coisa

Enfim... desculpa, tá? Me responde avisando

Ou liga no telefone do salão

Suas mensagens me fizeram sorrir. Eu tinha esquecido completamente que as crianças precisariam de cortes de cabelo e de roupas novas para a escola antes do final de agosto. Eu tinha planejado voltar a Casper quando me lembrasse dessas coisas e tivesse me planejado direito. Meu plano era fazer todas essas coisas com Michelle, mas cortes de cabelo gratuitos me economizariam cerca de quarenta dólares mais gorjeta, então, com certeza aceitaria a oferta.

Eu sorri ao digitar minha resposta.

Oi, obrigada por entrar em contato. Podemos ir logo amanhã, se estiver tudo bem?

Ela respondeu instantaneamente.

Sim, perfeito, basta trazer todos eles que a gente faz o corte de todos.

Eu sorri, agradecida por ela ter se lembrado e grata por finalmente, ou talvez possivelmente, ter feito uma amiga? Eu não tinha certeza se ela era uma amiga. Aos 34 anos, era mais difícil avaliar outras mulheres e amizades do que no ensino médio.

De qualquer forma, eu me senti feliz, como se estivéssemos dando passos na direção certa.



— Vamos sair daqui a alguns minutos.

Eu arrumava alguns papéis na minha frente enquanto conversava com Michael. Ele estava sendo um pouco idiota desde o café da manhã e, por causa do que havia planejado para ele, eu estava no meu limite.

— Ok, divirta-se. — Ele me fez uma saudação com dois dedos e caminhou em direção ao sofá.

Eu me virei para ele e plantei a mão no quadril.

— Não tão rápido.

Ele vacilou no meio de um passo, girou nos calcanhares e me deu um olhar interrogativo.

Dei um passo à frente.

— Você tem trabalho a fazer enquanto estivermos fora.

Aqueles olhos sérios se estreitaram.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que eu disse. Thor poderia ter ficado gravemente ferido ontem à noite. — Eu levantei o queixo na forma mais séria de autoridade que consegui encarnar e me aproximei. — Eu estava dormindo, o que quer dizer que você estava no comando. Eu não acredito que você não o guardou ontem.

— Não é o meu cavalo estúpido e nem o meu trabalho! — gritou ele, abrindo os braços.

Me ajude, Senhor.

— É o seu trabalho! — gritei de volta.

Uma mágoa cintilou em seu olhar endurecido quando ele viu minha postura e voz elevada. Eu não gritava nem educava meus filhos como uma mãe deveria educar fazia um ano, então isso era novo para nós dois.

— Você estava no comando, Michael. Eu contei com você. Enquanto estivermos fora, você precisa dar um banho em Thor, trocar a aveia dele e deixar que vá para o pasto grande. — Fiz uma pausa, enquanto Michael registrava tudo.

— Só isso? — ironizou com grosseria.

— Não, não é só isso, depois você pode lavar a baia dele.

— Você só pode tá brincando comigo. Eu fiz todo o resto do que tinha pra ser feito ontem! — gritou com o rosto ficando rosa.

— E eu agradeço por isso, só que Jovi disse que foi ela quem preparou os nuggets para ela e Henley ontem. Então não, você não fez tudo que devia ter feito. Faça tudo o que eu mandei até voltarmos.

Eu me afastei do meu filho zangado e saí de casa. Odiava brigar com ele e odiava essa sua nova existência, onde ele me odiava e odiava a própria vida. Eu não sabia como remediar a situação e isso me aterrorizava.

06

Layla

Parte de ser adulta consistia em engolir o seu orgulho e fazer coisas que você não queria fazer. Pelo menos era o que eu dizia a mim mesma, várias e várias vezes, ao pegar a estrada de pedra que levava ao rancho de Landon. Jovi, Henley e Steven estavam todos colados em uma janela, olhando, observando, esperando o que estava por vir.

Nenhum deles sabia que eu havia conhecido o professor deles na noite anterior, e nenhum sabia que, no momento, eu sentia ódio dele. Tudo o que sabiam era que eu havia planejado algumas aulas de equitação para eles. Hoje era a nossa primeira avaliação, onde saberíamos se Reid queria trabalhar com todas as crianças de uma vez ou se ia preferir trabalhar com elas individualmente.

Liguei a seta e entrei em uma grande entrada asfaltada. Cercas de aço marcavam as laterais do caminho, contendo os belos cavalos que pastavam nos vastos campos que antecediam a propriedade onde ficava localizada a fazenda de Landon. *Jesus, amado*. Ele era podre de rico, isso estava claro.

A casa, se quiser chamar assim, parecia uma cabana rústica estilo mansão. Com telhado de metal verde escuro e uma varanda de uma ponta a outra, parecia ter uns cinquenta quartos, mais ou menos. Havia uma fonte enorme em frente à entrada arredondada e, ao lado da casa, várias estruturas bem projetadas que lembravam celeiros. Todas tinham o mesmo estilo da casa, a diferença só estava nos materiais.

Era tudo lindo e inclinei para a frente, tentando absorver o máximo possível.

— É aqui que vão ser as aulas? — perguntou Henley do banco de trás.

Eu não conseguia tirar os olhos do belíssimo paisagismo da entrada e do caminho que rodeava cada grande celeiro e arena.

— Sim, amor, é aqui — sussurrei, ao virar para a área exibida no mapa que Reid tinha me enviado por e-mail uns dias atrás.

Eu deveria saber que o local seria mais do que lindo. Qualquer um que precisasse de um mapa da própria propriedade com certeza seria uma pessoa importante. A área em que as crianças praticariam ficava em um pequeno redondel e já havia um cavalo marrom lá dentro. Eu não vi Reid, mas sabia que estava no lugar certo, então estacionei o carro.

Eu me recostei no banco e olhei para o meu menino de onze anos, que estava com os lábios apertados e uma expressão mal-humorada no rosto pequeno. Ele vai começar o ensino fundamental, mas ainda parecia tão jovem, tão inocente. Virei o pescoço e tentei avaliar como Jovi estava. Ela encarava as próprias unhas, recusando-se a se envolver com esse novo plano.

Uma batida na janela me fez virar o rosto rápido e olhar para o único homem que eu esperava evitar. Em algum universo alternativo estranho, eu achava que poderia deixar os meus filhos no local onde faria a matrícula, como numa creche, e evitar essa interação embaraçosa. Soltei o ar devagar e abri a porta para sair.

Reid estava com uma calça jeans suja da marca *Wrangler* que se moldava às suas coxas como algo deliciosamente pecaminoso, uma coisa que homens não deveriam usar. Engulam essa, homens dos Estados Unidos que usam calça *skinny*, os caras do interior ganham de vocês de lavada.

— Layla, você me ouviu? — A voz de Reid chamou meu olhar de volta ao dele. Eu fiquei encarando as coxas dele?

Meu rosto esquentou e eu limpei a garganta.

— Hã, desculpe. Oi. Não. O que foi? — murmurei que nem uma idiota e coloquei um cabelo que estava solto atrás da orelha, me fazendo parecer incoerente ao tagarelar.

O que está acontecendo?

Reid soltou uma risada inocente e passou a mão grande pelo queixo, raspando os pelos que já despontavam da barba que tinha sido feita no

mesmo dia.

— Eu só queria dizer oi e perguntar se seus filhos vão sair ou não do carro?

Ele olhou detrás de mim, para dentro do carro, onde meus filhos ainda estavam presos pelos cintos de segurança. Eu dei a Steven um olhar que dizia *Saia logo daí*, mas ele apenas negou com a cabeça e apertou as travas automáticas.

Merda.

— Hã, eles só precisam de uns segundos.

Eu tentei me recuperar, mas Reid já estava rindo, balançando a cabeça.

— Eles não querem as aulas?

— Não exatamente... — Olhei de volta para os traidores dos meus filhos.

— Olha, Layla... eu quero ajudar, mas se as crianças não estão interessadas, isso não vai funcionar. Talvez se você desse mais um ano ou tentasse aulas em casa com os cavalos que vocês têm? — Ele agarrou o pescoço e o massageou.

Meu coração afundou e comecei a me agarrar a uma corda fina e quebradiça, totalmente desesperada e infinitamente confusa.

— Eles querem estar aqui, confie em mim.

Eu cheguei mais perto do carro, tentando abri-lo. Felizmente, eu tinha as chaves e pressionei o botão para destravar as portas, agarrando a maçaneta no momento exato em que Steven as travou novamente.

Droga.

Meus olhos ficaram enormes quando olhei furiosamente para o meu filho, que estava me dando um sorrisinho maligno, digno de protagonista de filme de terror. Reid riu de novo e eu explodi, pelo peso acumulado desde a semana passada de ser sociável no salão e enfrentar todas aquelas pessoas novas, de parecer uma idiota e ser humilhada na frente desse homem outra vez em menos de vinte e quatro horas. Eu explodi devido a tudo isso.

— Olha. — Eu dei um passo à frente, forçando Reid a dar um para trás. — Meus filhos precisam disso. Eles precisam dos cavalos como terapia, mas não

convivem há tempo suficiente com eles para que queiram mesmo andar neles. Eles não vão conseguir usufruir da terapia nem vão se curar da perda do pai se não subirem nos cavalos e, como você muito gentilmente observou ontem, eu não sei que porra estou fazendo!

Minha voz estava fina depois de gritar tudo isso na cara dele. Ele estava olhando para os lados, ficando vermelho. Alguns trabalhadores tinham saído do celeiro em direção ao local onde estávamos, e as crianças de repente saíram do veículo.

Meus olhos estavam lacrimejando e minhas mãos tremiam. Estava com tanta raiva que literalmente não conseguia enxergar direito. Por que todos estavam tão prontos para desistir de nós? Por que era tão fácil para o resto do mundo dar as costas para a minha família? Eu pensei no juiz que havia falhado conosco. Pensei em como tive que arranjar o dinheiro para o funeral, porque a seguradora não liberou os fundos. Eu odiava o quanto isso fazia me sentir patética.

Sentia como se estivesse me desenterrando de uma cova funda, tentando fazer as pessoas me ouvirem.

— Oh-oh... mamãe usou a voz de briga — sussurrou Henley de perto do carro.

Reid levantou as mãos como se estivesse tentando convencer alguém a não pular de uma ponte. Esse alguém seria eu, a mãe descontrolada que tinha acabado de gritar com um observador inocente. A vergonha me inundou, robusta e potente.

Eu pisquei e me virei para os meus filhos.

— Vamos, de volta para o carro. Isso não foi uma boa ideia e precisamos ir embora.

As crianças obedeceram, entrando no carro enquanto Reid se aproximava de nós.

— Só um segundo. Por favor. Só... — tentou falar, mas eu o impedi.

— Não, tudo bem. Você tem razão. Nós vamos tentar outra coisa. — Fechei

a porta de trás e subi no banco do motorista, mas antes que eu pudesse fechar a porta, a mão de Reid a segurou.

— Olha, me desculpe. Por favor... Podemos começar de novo? Depois de ontem, de hoje... de tudo isso?

Um verde do tipo de quando o sol bate em uma sempre-viva se refletiu em seus olhos desesperados. Seu cabelo castanho escuro era sedoso, cheio e caía por sua testa, o comprimento indo até as sobrancelhas. Ele era lindo e isso deixou o fogo que corria pelas minhas veias ainda mais ardente e furioso.

Puxei a porta o mais forte que pude e a mão de Reid se soltou bem a tempo de não ser esmagada, mas seus olhos se arregalaram mesmo assim. Eu saí da propriedade impecável e voltei para casa em pedaços, magoada e sozinha.

Da mesma forma que passei o último ano.



— Droga, merda, porra — praguejei, quando a escadinha em que eu estava tombou, quase torcendo o meu tornozelo.

Eu me deitei no carpete, tentando não chorar. Eu consigo fazer isso. Consigo medir a janela para poder comprar persianas com blackout sem pedir ajuda e sem chorar.

Eu precisava tanto delas. O sol entrava no meu quarto todas as manhãs interrompendo o meu sono precioso e, ultimamente, eu não conseguia dormir mais. Então, às seis horas da manhã, estava acordada e desesperada para conseguir dormir de novo.

— Mãe, você está bem? — Michael entrou no meu quarto, observando minha posição no chão com uma expressão intrigada.

— Sim, estou bem. — Eu gemi quando me sentei e massageei a bunda. — Em que posso ajudar, filho?

— Em nada, é só que o nosso vizinho está no telefone. Ele quer falar com você. — Michael segurou o telefone sem fio na minha direção sem cobrir o alto-falante.

Eu acenei violentamente com as mãos, tentando transmitir que ele deveria dizer que eu não estava disponível e que não queria conversar. Todo mundo conhecia esse gesto. Todo mundo que já usou um telefone fixo sem fio sabe que, se seus pais acenam para você desse jeito, é melhor você ficar quieto e se afastar de onde eles estavam.

Todo mundo, exceto o meu filho, aparentemente.

Ele inclinou a cabeça para o lado e perguntou em voz alta:

— O quê?

Eu fiz uma expressão facial de desconforto, colocando o dedo na boca para que ele ficasse calado. Então deslizei o dedo pela garganta e o apontei para ele, ameaçando sua vida se dissesse mais alguma coisa.

— Mãe, o que é isso que você tá fazendo? — perguntou ele, novamente, de alguma forma mais alto que da última vez.

Merda de crianças que não sabem usar um telefone fixo! Eu decidi que pegaria o celular dele e o forçaria a aprender como é que se faz.

Ou talvez meu filho ainda estivesse se rebelando por ter que passar o dia trabalhando e próximo a Thor. Isso de se fazer de idiota era algum tipo de vingança.

Por fim, desisti, tirei o telefone dele e acenei para que saísse.

Eu não tinha orgulho do que estava prestes a fazer, mas não era madura o bastante para lidar com Reid. Então, coloquei o telefone no ouvido, fechei os olhos com força, limpei a garganta, garanti que minha voz tivesse o mesmo tom da do meu filho e disse:

— Ela não está em casa. — Depois desliguei.

Era infantil, mas ele agiu do mesmo jeito comigo. Ele foi estúpido e eu tinha mais o que fazer. Olhei para as minhas janelas altas e depois para a escada. *Eu consigo*.

07



— Você já fez isso antes? — perguntou Kip, quando levantamos a tela de sessenta e cinco polegadas juntos.

Eu ri e respondi com um pouco de escárnio:

— Claro que já.

Na verdade, eu nunca instalei uma televisão na parede. Na faculdade, não tínhamos uma e, quando eu morava sozinho, simplesmente usava o meu laptop para tudo porque não tinha muito tempo para relaxar nem assistir ao que fosse. Ou então, eu ia até a casa de um amigo. Quando fui morar com ela, nós pagamos a uma pessoa para fazer a instalação para nós.

Kip inclinou a televisão em direção à parede e espiou por detrás dela para garantir que a alinhássemos corretamente.

— Não sei não, parece errado.

Merda.

Ele provavelmente estava certo, mas eu estava determinado a pendurar aquela coisa. Eu até a pregaria na parede com fita adesiva, se fosse necessário. Precisava de uma distração, depois de tudo que havia acontecido com Layla na noite de ontem e no início da tarde de hoje.

O som de metal deslizando contra metal preencheu o espaço pequeno e apertado atrás da televisão, e eu pude sentir o alívio me inundar.

— Está vendo? — Recuei e sorri para o meu amigo. — Está perfeito. — Fui em direção à cozinha, dando batidas em suas costas ao passar por ele. Abri a porta da geladeira e peguei duas garrafas de refrigerante. — Obrigado por ter vindo me ajudar, cara. — Entreguei uma para ele e me virei para o sofá.

Kip me seguiu e despencou na cadeira ao lado do sofá. Eu o vi olhando para a garrafa com a sobrancelha um pouco arqueada, mas ele não disse nada

sobre não ser de cerveja.

— Sem problemas. Fico feliz que a gente se encontrou naquele dia, cara. — Ele inclinou a cabeça para trás, dando um gole.

A necessidade de fazer algum tipo de tentativa em cultivar a amizade me fez perguntar:

— Então, o que você anda fazendo desde o colegial?

Kip baixou a garrafa dos lábios. — Bem, tenho feito uma porção de construções. Fiz alguns cursos online de administração, fui aprendiz de soldagem e coisa parecida. Acho que fiz um pouco de tudo.

Eu sorri e joguei o saquinho de parafusos que não tínhamos usado para o lado. — Sem esposa, filhos... cachorro?

Kip riu, passando a mão pelo queixo.

— Que nada. Acho que nunca deu certo com ninguém, mas não sou contra tentar. Só ainda não encontrei a pessoa certa. E você? Você aparece aqui, dez anos depois, parecendo um filhote de cachorro abandonado. Qual é a sua história?

Eu sorri, tentando fazer pouco da pergunta, mas ela me atingiu em cheio.

— Você sabe como é. Eu tentei me aventurar pelos negócios, tentei um relacionamento sério e tudo foi pelos ares, então pensei em voltar e tentar olhar tudo sob uma nova perspectiva — admiti, francamente. Eu posso ter deixado alguns detalhes fora da minha explicação, mas fiquei surpreso com a minha honestidade.

— Sinto muito, cara. Isso é péssimo. — Kip fez uma careta, bebendo da garrafa novamente.

O silêncio se estendeu por alguns segundos até ele se ajeitar na cadeira e voltar a falar. — Então, você ia me contar qual era o lance com aquele telefonema?

Ele sorriu para mim por cima do gargalo da garrafa. Ele estava se referindo à ligação que eu fiz para Layla, tentando me desculpar. Kip tinha dado altas risadas quando lhe contei que ela tinha fingido ser o filho, apenas para

desligar na minha cara.

— Ela é minha vizinha. Eu a encontrei pela primeira vez ontem e tivemos um início bem ruim.

Soltei um suspiro pesado e depois bebi mais refrigerante. Olhei para a minha parede, tentando ignorar o sorriso largo no rosto do meu amigo.

— E? — Ele se inclinou para a frente, a garrafa descansando na mão.

Ele estava com um jeans gasto e uma camisa surrada, algo que havia mudado desde a época do ensino médio. No tempo de escola, quase todos os dias, ele usava um jeans Wrangler apertado, uma camisa de colarinho por dentro da calça e, na cabeça, um grande chapéu de caubói. Mesmo entre as aulas, ele andava com o chapéu e o usava nos intervalos. Éramos todos caubóis, essencialmente, inclusive os idiotas dos jogadores de futebol americano, até certo ponto, mas se você demonstrasse demais que era um, eles não deixavam barato e te faziam pagar usando um de seus métodos movidos a testosterona.

— *E* nada. Era para os filhos dela começarem as aulas hoje lá no Landon, mas eu também enfiei os pés pelas mãos nisso e agora ela está fula comigo e me odeia... Sei lá. — Dei de ombros, tentando deixar para lá.

Kip sorriu e pude ver o quanto ele havia mudado. Quase uma vida inteira se passou desde a época que fui embora. Eu saí dali para fazer faculdade, voltando de vez em quando enquanto meus pais ainda viviam aqui, mas, quando papai morreu, tudo mudou. Eu não colocava os pés nessa cidade desde os meus 25 anos. Isso fazia dez anos, mesmo com minha irmã ainda morando aqui. Eu me encontrava com ela na casa da nossa mãe, em Crescent, ou ela ia me visitar, mas não consegui voltar para cá depois que meu pai faleceu. Doía demais.

— Bem, por que te incomoda tanto se você acabou de conhecer a moça? — perguntou Kip, com uma inclinação na cabeça e um sorriso estúpido no rosto.

Eu gostava do fato de podermos voltar a ter uma amizade depois de todo esse tempo. Não mantive contato com ninguém depois que deixei a cidade.

Eu usava algumas redes sociais, usava a coisa do *marketplace* de vez em quando, mas era basicamente *ela* que tinha cuidado de todas as nossas redes, então eu nunca procurei velhos amigos nem mesmo familiares.

— Não sei... só me incomoda, eu acho. Ela é mãe solteira, perdeu o marido e tem um monte de filhos. Não gosto de ser um imbecil com alguém que já está tendo dificuldades com as coisas.

Eu olhei para a frente e torci o nariz enquanto pensava no que se passou comigo e com Layla nos últimos dias.

— Então você devia tentar novamente, mas talvez numa situação em que ela não tenha a chance de desligar na sua cara — ofereceu Kip, movendo-se para ficar de pé. Ele caminhou para a minha sala de jantar e examinou a bagunça. — Vamos montar essas estantes enquanto estou aqui, para que não pareça um invasor caso tenha visita.

Eu dei uma risada e me levantei.

— Eu não planejo receber visita tão cedo.

— Você provavelmente disse a mesma coisa antes de me chamar aqui. — Kip riu, largou a garrafa e foi até a caixa que continha as minhas estantes desmontadas.

Suspirei e fui até a mesa onde estavam as minhas ferramentas. Ele tinha razão, eu não planejava deixar ninguém entrar na minha casa, nem na minha vida, mas, aqui estava ele, e eu já estava bolando ideias de como poderia fazer para que minha vizinha fizesse parte dela também.



Mexi na gola da camisa seis vezes antes de mudar de ideia e simplesmente tirá-la, para colocar uma camiseta folgada. Eu não precisava exibir uma aparência chique nem requintada, não havia necessidade de me arrumar. Às seis, atravessei o meu quintal com o sol do fim da tarde tocando tudo ao meu redor, e fui na direção da casa da minha irmã. Só que não era mais a casa dela e eu precisava me acostumar com isso.

Pensei em minha irmã e me perguntei por que ainda não tive notícias. O fato de ela não ter entrado em contato incomodava, mas, depois da briga que tivemos, acho que não estava surpreso. Só achei que, depois de tudo, ela ligaria.

A grande varanda que ia de um lado a outro da casa estava cheia de brinquedos e bolos de areia. Eu sorri ante a evidência da vida que habitava ali. Sarah teria adorado. Respirei fundo para tomar coragem e bati na porta branca, rezando para que Layla atendesse e não a batesse na minha cara. Eu lhe devia um pedido de desculpas. Devia um pedido de desculpas a todos eles.

A comédia de sua voz fingida e do desligamento ainda pairava em minha garganta, com uma risada que morria de vontade de sair. Agora em sua porta, engoli o riso e fiquei sério ao perceber que ela poderia batê-la na minha cara assim que me visse. Eu realmente não queria que me rejeitasse. Meu estômago revirou desconfortavelmente quando pensei no que havia me trazido de volta ao Wyoming, do que eu estava fugindo e do motivo pelo qual nem deveria chegar perto de alguém com crianças. Essa era uma péssima ideia.

A porta se abriu e, de pé, vestindo apenas um short e um boné de beisebol com a aba virada para trás, estava Henley. Eu sorri e estendi a mão.

— Ei, amigão.

Ele sorriu e abriu mais a porta, revelando o vestíbulo. Em vez das pinturas de cavalos e dos equipamentos pendurados no suporte da parede que minha irmã costumava manter ali, havia jaquetas, cerca de mil pares de sapatos e alguns chapéus. Estava levemente organizado, mas havia marcas de sapatos sujos de terra por toda parte.

— Oi, Sr. Reid. Quer entrar e conversar com a minha mãe? — Henley inclinou a cabeça para trás e olhou para mim.

— Sim, ela está?

Ele assentiu, o cabelo solto indo para frente e para trás.

— Ela está aqui, tentando assar hambúrguer sem usar o negócio de gás.

Ele abriu mais a porta para que eu entrasse, mas me sentia desconfortável em simplesmente invadir a casa dela.

— Tudo bem, mamãe diz que pode deixar pessoas que a gente confia entrar e você vai ser o nosso professor de cavalos, o que quer dizer que podemos confiar em você, certo? — argumentou Henley, erguendo o pequeno ombro e falando como se tudo fosse muito lógico.

Eu ri e o segui pela casa, mas ainda assim insisti com ele.

— Amigão, isso só vale se sua mãe estiver em casa. Se ela não estiver, não importa quem esteja na porta, não pode deixar que entre na sua casa.

A sala de estar era exatamente como eu lembrava, só que que agora havia madeira de lei por todo lugar e uma grande ilha de cozinha separando os ambientes. Havia um sofá enorme de cor clara que fazia uma curva nas pontas, com várias almofadas ordenadamente organizadas em cada um dos lugares. Uma tv de tela grande e cadeiras menores emolduravam o resto da sala. O lugar estava muito bem decorado e parecia preenchido, aconchegante e feliz. Eu vi mais algumas crianças circulando, mas, assim que me viram, todas pararam de se mover.

Havia um garoto um pouco mais velho que Henley, que tinha cabelo castanho escuro e usava uma camisa do Batman. Foi ele que ficou apertando o botão de trava do carro ontem. Outro garoto, muito mais alto, estava na cozinha e não parecia muito feliz em me ver, enquanto mastigava um pedaço de queijo. Uma menininha, alguns anos mais velha que Henley, saiu da lavanderia, e ela era igualzinha a mãe.

— Vamos, seu desgraçado! Como diabos vou assar esses hambúrgueres sem propano?

Layla jogou algo na varanda e eu a ouvi gritando do outro lado da porta telada. Ela não sabia que eu estava ali, então me demorei um segundo ao observá-la pela porta aberta.

Seu cabelo claro estava preso em uma trança solta e ela usava uma camiseta

folgada cinza com um ombro de fora, com um short que mostrava aquelas pernas novamente. Seus pés descalços caminharam pela varanda quando ela entrou, segurando uma travessa de hambúrgueres vermelhos e crus.

Seu rosto estava tenso, todos os músculos contraídos de frustração e as sobrancelhas finas bem unidas. Por alguma razão, aquela expressão me atingiu como uma flecha no peito. Ela vestia sua dor como se esta fosse um casaco pesado e encharcado de água. Seus sentimentos se pareciam muito com os sentimentos pesados que eu carregava nos ombros. Eu quis remover aquele fardo, tirar o casaco dela e ajudá-la a respirar novamente.

Quando ela me viu, parou exatamente onde estava. A raiva fez com que os seus lábios torcessem para o lado e ela estreitasse os olhos castanhos para mim.

Limpei a garganta e mostrei as flores que trouxe.

— Eu venho em paz. — Foi a única coisa que consegui pensar em dizer. Eu sabia que ela me odiava, mas, no momento, não queria que me odiasse de jeito nenhum.

Eu queria ver um sorriso nela. Queria ver uma risada e queria ver um pouco daquele peso sair de seus ombros.

Ela deu um passo hesitante para frente e depois outro.

— Eu queria me desculpar com você e com as crianças. — Apressei as palavras, sem saber se ela me deixaria falar ou não.

Todas as crianças estavam com os olhos esbugalhados, olhando para mim com admiração. Os olhos de Layla mudaram para algo normal e seus pulmões liberaram o ar em irritação. Ela caminhou até a ilha da cozinha, colocou os hambúrgueres lá em cima, limpou as mãos e se voltou para mim.

— Tudo bem, vá em frente... peça as suas desculpas. Não sei se vai adiantar muita coisa. — Ela suspirou e cruzou os pés.

Eu olhei para a travessa de hambúrgueres e sorri.

— E se eu me oferecesse para assar isso pra vocês?

Ela olhou para os pedaços de carne e depois para mim, repetidamente.

— Como assim?

— Eu tenho gás e uma churrasqueira que funciona. Todos são bem-vindos à minha casa para comerem lá, comigo. Deixem que eu me desculpe do jeito certo e alimente todos vocês.

Engoli em seco, estranhamente esperando que ela aceitasse, mas também rezando para que recusasse. Ela era tão linda. Eu odiava que meu corpo ficasse tão alerta perto dela.

Ela olhou para os filhos, piscou, olhou para o chão e deu um suspiro pesado.

— Só estou dizendo que sim porque estamos morrendo de fome e eu não tenho mais ideias para o jantar, nem tempo para bolar uma.

— Aceito esse motivo.

Eu sorri e fui pegar a travessa de hambúrgueres para não lhe dar chance de voltar atrás.



— Então, vocês se mudaram recentemente pra cá? — perguntei, de costas para Layla.

Ela estava bebendo um refrigerante sentada em uma cadeira de vime e observava os filhos brincarem de arremessar ferraduras em estacas no chão. Tentei ignorar que, cada vez que ela pressionava os lábios rosados na boca da garrafa, eu sentia a necessidade de limpar a garganta e ajustar a calça.

— Hum, sim, acho que já faz seis meses.

— Hum, interessante — respondi, enquanto virava os hambúrgueres. O som da gordura chiando e das risadas nos envolvia enquanto as crianças brincavam fora da varanda.

Esperei para ver se Layla puxaria conversa e acho que sua curiosidade venceu, porque ela se animou e perguntou:

— Por que isso é interessante?

Eu me virei por um segundo e sorri para ela.

— Só estou tentando descobrir quando foi que minha irmã se mudou. Ela não comentou que se mudaria e deixaria a casa que sempre quis, então estou surpreso, só isso. — Fui para o lado para pegar as fatias de queijo e coloquei uma em cima de cada hambúrguer com cuidado.

— Então não teve notícias dela? — perguntou Layla, com preocupação no tom.

— Ainda não, e já tem um tempinho que voltei. — Fechei a tampa da churrasqueira e me virei para ela.

Seus lábios estavam apertados e seu indicador dançava pelo braço da cadeira.

— E antes de você se mudar?

Pisquei, olhei para o céu e pensei a respeito, mas, felizmente, não tive que responder, pois fui salvo por uma briga entre Steven e Michael. Eles começaram a se empurrar, gritando alto.

Layla se levantou para separar a briga, mas eu a interrompi, gritando:

— A comida está pronta. Venham todos pegar!



— Não acredito! — disse Henley, admirado, enquanto movia as pernas debaixo do assento, para ficar mais alto na cadeira.

Eu sorri, enquanto pegava uma batatinha frita.

— Sim, senhor. Ganhei algumas fivelas na minha época.

— Você poderia me ensinar? — gritou Henley, explodindo de empolgação.

Layla se engasgou ao tomar um gole de água e começou a tossir. Eu me inclinei e gentilmente dei um tapinha em suas costas para ajudar a limpar suas vias aéreas, mas, assim que a toquei, pensei em abraçá-la. Pensei em como seria envolver os braços pelos seus ombros, como seria ter sua cabeça encaixada debaixo do queixo e suas mãos pequenas em volta da minha cintura.

Qual é o problema comigo?

Eu sentei e limpei a garganta.

— Homenzinho, eu ficaria feliz em te mostrar alguns truques com cavalo, mas o circuito de rodeio terá que esperar até você ficar um pouco mais velho — expliquei, esperando salvar os nervos de Layla, mas também mostrar a ela que eu não era um idiota quando o assunto era crianças, queria mostrar que eu era confiável.

Por que diabos isso importa?

A noite inteira Henley me encheu de perguntas sobre como foi crescer em Wyoming. Rodeio pareceu ser o tópico que mais surgiu, e um que encantava a ele e Steven.

Pedi desculpas a todos, embora as crianças não parecessem saber o que eu fiz de errado. Eu me ofereci para trabalhar com eles e com seus cavalos, fora da fazenda de Landon e de graça.

Layla discutiu, exigindo que eu fosse pago, mas eu simplesmente balancei a cabeça e disse que reservaria um tempo todos os dias para vir trabalhar com eles. Eu a convenci quando expliquei que formaria uma conexão maior entre as crianças e os cavalos se fizéssemos o trabalho aqui em vez de nas terras de Landon.

Michael parecia desinteressado e ficou calado. Jovi fez algumas perguntas sobre treinamento de cavalos e se era permitido que garotas competissem no rodeio. Quando falei das provas de três tambores, das rainhas do rodeio e que até namorei com uma quando ainda estava na ativa, Jovi se iluminou como uma árvore de Natal.

— Pode me mostrar como fazer um rodeio com o Thor? — implorou Henley.

— Isso, e com o Samson também? — acrescentou Steven.

Essas crianças eram engraçadas. Elas faziam o peso em meu peito parecer mais leve.

— Meninos, vamos com um dia de cada vez. Tenho certeza de que o senhor Reid tem trabalho e outras coisas a fazer, por isso respeitemos o seu tempo.

Na verdade, está ficando tarde, então talvez devêssemos voltar para casa. — Ela se levantou e começou a juntar os pratos espalhados pela mesa.

— Não se preocupe com isso. Eu cuido deles — disse, levantando e pegando alguns pratos.

— Eu não ligo. Aliás, a gente pode lavar tudo bem rápido — disse ela, olhando para as crianças e as incentivando a oferecer ajuda.

— Eu guardo as sobras. — Steven foi em direção à cozinha.

— Eu guardo as coisas da geladeira. — Jovi pegou o ketchup e a maionese da mesa.

— Não, por favor. Eu insisto. Você trouxe hambúrgueres maravilhosos e eu não posso deixar que limpem isso. Vá colocar as crianças pra dormir e a gente se vê por aí — falei, esperando que ela cedesse. Quanto mais tarde ficava, mais difícil era para mim não sentir como se isso fosse normal.

— Ok, se você tem certeza.

Ela sorriu enquanto puxava a mão de Henley para ajudá-lo a descer da cadeira e o guiava para que calçasse os sapatos.

Observei seus movimentos e, por um segundo, houve um sinal de indecisão brilhando em seu rosto. Foi tão rápido que eu quase perdi. Seus lábios se afinaram, aqueles olhos se estreitaram nos meus, e então passou.

— Está tudo bem. Obrigado novamente pela companhia e pelo jantar. Pode ficar solitário por aqui. — Eu baixei a cabeça e fui na direção da cozinha.

Jovi saía de lá e foi até onde estavam os seus sapatos. Michael abriu a porta da frente e foi engolido pela noite quando agarrou a mão de Jovi e saiu.

Eu os segui quando todos seguiram o exemplo de Michael.

Layla e eu ficamos a uns metros mais atrás, caminhando lado a lado enquanto a brisa morna passava pelas árvores e bagunçava nossos cabelos.

— Eu sinto muito mesmo, Layla. Eu fui um idiota ao comentar sobre os cavalos e por sugerir que você esperasse para que eles fizessem as aulas. Espero que possa me perdoar... — gaguejei, extremamente nervoso que ela resolvesse me evitar.

Continuamos a caminhar quando as crianças subiram na varanda e entraram na casa.

Engoli em seco, esperando tomar um pouco de coragem, e continuei.

— Se precisar de alguma coisa... qualquer coisa, por favor me peça. Aliás... — Parei, interrompendo nossa conversa e forçando-a a parar comigo.

Estava escuro ali fora, mas as luzes das nossas varandas lançavam sombras suficientes para que ela pudesse enxergar meus movimentos. Eu procurei qualquer indício de um perdão em suas feições, mas ela manteve aquela expressão de indiferença perfeita, com os olhos castanhos determinados, os lábios rosados pressionados e os braços cruzando o peito. Enfiei a mão no bolso da calça jeans, esperando por alguma coragem inexistente quando lhe entreguei um pedaço de papel.

— Aqui está o meu número, caso você tenha alguma emergência com um cavalo ou algo assim.

Eu a observei cuidadosamente quando ela olhou para a minha mão estendida e para o pequeno pedaço de papel branco preso entre meus dedos. Engoli o nó de ansiedade que se acumulou na garganta e estendi a mão como quem oferece uma bandeira branca. Seus dedos quentes roçaram os meus quando ela aceitou o papel.

Seus olhos focaram em seus próprios dedos quando ela murmurou um tímido:

— Obrigada, Reid.

Ela apertou os lábios, sem sorrir, mas também sem franzir a testa. Deu um leve aceno de cabeça para mim e depois olhou para a porta de casa.

Afastou-se de mim e foi para dentro, deixando-me ali, parado e olhando, perguntando a mim mesmo o que eu tinha acabado de lhe oferecer e o tamanho do erro que isso pode ter sido.

08

Layla

— Eu não quero raspar o meu cabelo no zero, mãe — argumentou Steven de sua cadeira no salão.

Star estalou a língua enquanto passava os dedos pelo cabelo dele.

— Ninguém falou em zerar nada, garoto.

Eu observei meu filho no espelho e tentei avaliar sua frustração.

— Por que acha que ela vai raspar o seu cabelo? — perguntei, curiosa por essa ser sua primeira reação ao se sentar na cadeira de Star.

Henley já tinha cortado e Jovi também, então só restavam ele e Michael, mas o meu mais velho argumentou que tinha o seu próprio dinheiro e que iria na barbearia ao lado. Aparentemente, só mulheres iam a salões, na opinião dele. Eu ignorei isso, por ora, porque a última coisa que eu queria era uma discussão pública com o meu filho adolescente.

Steven encolheu os ombros pequenos, abaixou o olhar e disse:

— Papai sempre dizia para fugir se alguém oferecesse um corte de cabelo grátis, porque eles iam raspar o seu cabelo na máquina zero.

Seus olhos azuis se aproximaram lentamente dos meus, no espelho. Eu fui rápida em controlar meu rosto, dando um sorriso em vez de fazer uma cara deprimida. É claro que Travis tinha lhe dito isso de brincadeira, ele sempre fazia isso, e Deus sabe quantas outras mentiras seus filhos levavam consigo por causa dessa mania. Só mais um lembrete de que a vida não é justa. Ninguém deve morrer antes de ver seus filhos crescerem e ter a oportunidade de esclarecer todas as meias verdades que lhes contaram na infância.

Felizmente, Star me deu cobertura.

— Steven, amor, eu nunca arruinaria esse cabelo lindo seu com uma máquina zero. Estava pensando em baixar um pouco os lados e deixar mais comprido em cima. — Ela começou a borrifar o cabelo dele com água.

Ele levantou uma sobrancelha e perguntou:

— Tipo o do Gavião Arqueiro do filme novo dos Vingadores?

Ela riu de novo, seu cabelo ruivo caindo do ombro com o movimento.

— Igualzinho ao dele.

Ele sorriu em aceitação e ela começou a trabalhar. Era um dia com pouco movimento no *Ride and Dye* e eu não poderia estar mais agradecida por isso. Henley e Jovi pegaram meu celular para assistirem Netflix, sentados juntos em um banco perto da entrada, deixando-me sentada perto de Steven enquanto ele fazia o corte.

— Então, como vai indo com o seu novo vizinho? — perguntou Star, em voz baixa, ao pegar os seus instrumentos. A máquina de cortar cabelo e os pentes foram jogados no balcão, enquanto ela examinava os tamanhos de cada um e inclinava um pouco a cabeça de Steven.

— Tudo bem. — Dei de ombros, sentindo desconfortável com o tópico Reid. Eu não sabia o porquê, só que tinha aceitado o número de telefone dele e isso me deixou com uma sensação estranha.

Eu não conseguia descobrir se era porque tivemos uma refeição social sem Travis ou se apenas tinha gostado da companhia de outro homem e sentido que havia basicamente cuspido no túmulo do meu marido por isso. De qualquer maneira, eu me sentia mal e meu cérebro e meu coração me diziam que a única maneira de corrigir isso seria ficando longe de Reid.

Star me espiou por cima do ombro.

— Bem? — Seu tom implicava que ela sabia que havia mais do que isso.

Dei de ombros novamente, como uma idiota.

— É... quer dizer, nós tivemos um começo difícil, mas ele vai começar a ensinar as crianças e isso é ótimo.

Meu rosto ficou vermelho com o modo desajeitado que minhas palavras saíram. Eu me senti como um filhote de cervo recém-nascido se acostumando a ficar sobre dois pares de patas.

Star se moveu ao redor da cadeira para começar a cortar o outro lado do

cabelo de Steven com a máquina.

— Quando foi a última vez que você saiu e se divertiu?

A sua mudança de assunto me fez sentir ainda pior, como se meu constrangimento fosse tão óbvio que praticamente havia uma grande seta vermelha dizendo: *Esse tópico é muito pior que o anterior (homens), dá uma forcinha pra ela!*

— Hum, na verdade, eu não saio muito — murmurei, sentindo o calor subir pelo pescoço. *Detalhes.*

Star desligou a máquina e se endireitou, olhando de novo para mim e depois seguindo para os cabelos do topo da cabeça de Steven.

— Hummm, talvez eu tenha que consertar isso. — Ela não olhou para mim quando falou, apenas continuou com o corte de cabelo do meu filho.

Por alguma razão, isso me fez relaxar na cadeira em alívio. Ela teve a oportunidade de me lançar um olhar crítico e me desconsiderar, mas, em vez disso, decidiu me oferecer uma mão.

Eu concordei com a cabeça, porque no fundo sabia que precisava. Eu queria aquilo. Odiava me sentir tão triste e teria dado quase tudo para me sentir inteira novamente, mesmo que para isso tivesse que me obrigar a vivenciar situações sociais desconfortáveis.



Todas as crianças estavam com os cabelos bonitos. Michael recebeu uma aparada simples e elegante na barbearia, fazendo-o parecer um figurante em um filme dos anos cinquenta. Seu cabelo castanho estava bem penteado, só um pouco foi retirado de cada lado e a linha da nuca estava alinhado. Steven tinha o cabelo mais bonito de todos e, no segundo em que Michael o viu, notei uma pequena contração nos seus lábios. Ele continuou olhando até finalmente dizer:

— Eu não sabia que ela conseguiria fazer um corte assim, senão teria ficado.

Eu sorri e dei uma risada interna, porque sua atitude foi machista e eu esperava que tivesse aprendido a lição. Estávamos nos preparando para a noite quando ouvi uma batida na porta. Minha guarda estava baixa e eu não estava preparada para ver quem estava lá.

Reid, usando uma camiseta azul marinho justa e um jeans gasto com um chapéu de beisebol na cabeça, me fez dar uns passos para trás e me sentir uma tonta. Eu tinha planejado ignorar o homem, mas, quando ele apareceu ali, com uma mão no bolso e um sorriso lindo no rosto, eu me vi gaguejando desajeitadamente enquanto tentava descobrir que desculpa tinha no meu arsenal para conseguir me distanciar um pouco dele.

— O Reid tá aqui! — Henley sorriu, correndo e me empurrando para o lado. Steven correu atrás dele, os dois parecendo muito ansiosos para vê-lo.

— Jovi, Reid chegou! Hora das aulas! — gritou Steven atrás de nós e o som instantâneo de passos na escada me fez abrir mais a porta.

Eles estavam animados, até mesmo felizes, pela primeira vez em um ano. Tinham sorrisos nos rostos e uma empolgação genuína por algo. Reid entrou e seguiu as crianças pela porta dos fundos, onde começaram as lições.

Eu estava escorada em uma estaca da cerca usando jeans, botas e um chapéu de caubói enquanto o observava conversar com as crianças sobre os conceitos básicos de cuidados com cavalos.

— A gente já aprendeu isso com a tia Shellie — disse Henley, piscando os olhos.

Reid sorriu para ele e deu um tapinha na lateral de Samson.

— Isso pode ser verdade, mas nós vamos aprender a falar, nos comunicar e criar uma ligação com eles. Então, precisamos saber de todo o básico. Vocês precisam saber como escovar os animais, não porque são obrigados, mas porque isso faz bem para eles. Pensem neles como seus amigos, como parceiros que vocês desejam ver saudáveis e fortes. Isso vai mudar a mentalidade de vocês.

As crianças concordaram e passaram por alguns ensinamentos de cuidados

básicos com cada cavalo. Foi um processo lento, mas todos pareciam ter sorrisos colados aos rostos quando terminaram. O de Jovi desapareceu rapidamente, mas, de qualquer forma, existiu.

— Foi tudo muito bem — eu disse, gentilmente, a Reid enquanto ele enrolava a corda em volta do braço para que fosse guardada em segurança.

Ele olhou para mim e sorriu.

— Sim... você tem bons filhos, Layla. — Ele entrou no estábulo e eu o segui, tentando dar uma de adulta e discutir os horários com ele.

Com as mãos enfiadas nos bolsos traseiros, eu vi quando ele colocou Samson de volta em sua baia e encheu seu comedouro de aveia. Era estranhamente calmante vê-lo cuidar deles. Ele parecia feliz, contente, como se cuidar de cavalos fosse algo que tinha nascido para fazer.

— Então, sobre a programação das crianças — comecei, mas Reid me interrompeu mudando de assunto.

— E quanto a você?

Ele levantou a cabeça, o boné de beisebol cobrindo seus cabelos, exceto por algumas mechas que tinham se soltado debaixo da borda. Sua mandíbula desenhada estava firme e aqueles olhos verdes brilhavam de curiosidade.

Fechei a boca e dei um passo para trás.

— O quê?

— E as suas aulas? *Sua* terapia? — Ele se virou na direção da baia de Thor e a abriu. — Vamos lá, vamos selar ele pra você. Quero lhe mostrar algumas coisas — sugeriu Reid.

Olhei em volta, sem saber se tinha ouvido direito.

— Hum... não. Eu, na verdade, não tenho planos de cavalgar, exceto com Henley.

Reid riu.

— Isso nunca vai funcionar. Essas crianças estão seguindo o seu exemplo de como seguir em frente, como sorrir, dar risada... Elas também vão se espelhar em você quando o assunto for montar e cuidar de cavalos.

Merda. Ele tinha razão.

Tirei as mãos dos bolsos e estendi uma para acariciar Thor.

— Tem que ser este?

Reid sorriu e acenou com a cabeça.

— Com toda certeza.



Reid pulou a maior parte dos cuidados básicos comigo, porque eu estava presente quando ele explicou às crianças, e agora ele estava em cima de Sugar Cube e eu de Thor. Estávamos andando lado a lado no pasto. Os grilos cantavam, o som invadindo o ar do verão, junto com a leve brisa que tinha soprado. Reid guiou o caminho pela cerca que separava nossas propriedades e nos levou a uma trilha estreita.

— Tem certeza de que as crianças vão ficar bem com você fora? — perguntou de sua posição um pouco à minha frente.

— Sim, Michael pode ajudar na rotina de antes de dormir e eu estou com o celular, então tudo bem — assegurei a ele, embora estivesse ansiosa para voltar e para que meu estômago parasse de revirar e afundar por estar perto de Reid. Eu não fazia ideia do porquê de ele continuar fazendo isso, mas, toda vez que ele sorria ou que seu olhar batia em mim, o meu interior formigava.

— Então, vocês já estão bem estabelecidos na cidade e tudo mais? Você mencionou ter ouvido que eu voltaria para cá pela rádio local de fofocas, não foi? — Ele olhou por cima do ombro e levantou uma sobrancelha escura.

Eu sorri, gostando do quanto estava sendo tranquilo andar em Thor e no quanto era fácil conversar com Reid.

— Sim, no salão de beleza. Minha cabelereira, Star, parecia realmente interessada no seu retorno — brinquei, ao sentir a mente vagando lentamente por águas turvas... águas infestadas de perguntas do tipo se ele tinha namorada.

— Isso é a cara da Star. Ela sempre fica animada com as coisas. — Ele estalou a língua, manobrando o cavalo para uma passagem maior. — Caramba, é melhor começarmos a voltar, o sol já está ficando muito baixo. — Ele estreitou o olhar para o horizonte rosa e dourado.

— Elas deram a entender que você ficou fora por um tempo — continuei seguindo.

O caminho se alargou, permitindo que andássemos lado a lado, e percebi devagar demais que gostava de estar ao seu lado enquanto andava a cavalo. Gostava de ver os seus antebraços flexionarem quando ele agarrava as rédeas e gostava de ver seu corpo mudar de posição a cada movimento do animal.

Eu odiei ter notado isso. Odiei ter gostado. Odiei estar ali.

— Sim, voltei de Seattle. — Ele deu de ombros.

— Seattle? Essa é uma mudança e tanto — observei, guiando Thor na direção da minha propriedade.

— É, pode-se dizer que sim, mas estava na hora de uma. — Ele suspirou e inclinou a cabeça em direção ao céu escuro.

Eu pude sentir que ele queria mudar de assunto, então mudei.

— Eu não ligo, porque não é da minha conta, mas pelo bem da nossa entrada compartilhada... — gaguejei, sentindo-me mais ousada quando o sol mergulhou mais na noite.

Reid olhou para mim e esperou que eu terminasse.

— Vá em frente, entrada compartilhada... — insistiu, com um sorriso.

Ele virou a aba do chapéu para trás, devagar, fazendo com que alguns cabelos se amontoassem na abertura traseira. Ficou muito fofo, e essa atração e a minha pergunta eram demais.

— É só que... Hã, você é um daqueles caras que tem muita companhia feminina entrando e saindo? Não que isso seja da minha conta, mas Henley faz muitas perguntas e seria mais fácil dizer a ele que você tem namorada, se esse for o caso... Entende o que quero dizer?

Eu olhei para o caminho na minha frente e ignorei o quanto meu rosto ficou

quente.

Ele soltou uma risada gostosa, fazendo com que Sugar Cube se desviasse para a esquerda, o que fez a perna de Reid roçar na minha. Thor não tinha para onde ir, então eu apenas aguentei a proximidade de seu corpo.

— Só para constar, não, eu não sou um desses caras, nunca fui e eu não tenho namorada. Estou ocupado me apaixonando por mulheres que não estão disponíveis e que são muita areia para o meu caminhãozinho.

Ele manteve a cabeça baixa, sem olhar para mim. O que eu preferia, porque suas palavras estavam se movendo lentamente sobre mim, como um raio de sol se libertando de uma nuvem pesada.

Talvez ele estivesse falando de outra pessoa. Provavelmente estava, mas eu, como uma garotinha de escola, fiquei remoendo quais eram as possibilidades de que estivesse se referindo a mim.

Eu trotava à frente de Reid quando meu estábulo apareceu. Precisava me distanciar dele, precisava de espaço e de tempo, mais do que apenas uma entrada de automóveis entre nós. Atração é apenas algo superficial. Era o que eu me dizia mentalmente, mas ainda me senti enjoada por ter sentido isso com outra pessoa que não Travis, a quem eu não pude sequer ser fiel e ter um luto que durasse mais de ano antes de me interessar por um novo homem.

Travis merecia coisa melhor.

09



— Não, só o café está bom.

Sorri e coloquei cinco dólares no balcão da padaria, esperando que Meina simplesmente pegasse o dinheiro e me deixasse ir embora.

— Reid, o que você quiser fica por conta da casa, querido. É bom que se lembre disso.

Meina piscou para mim e se inclinou sobre o balcão de vidro, que continha uma variedade de produtos de panificação. Ela deixou que sua camisa decotada fizesse o trabalho que havia sido feita para fazer: mostrar a curva dos seus seios.

Meina e eu éramos conhecidos de longa data, desde o ensino médio e, mais precisamente, do banco de trás da picape do meu pai no primeiro ano. Nós só ficamos aquela vez, mas depois foi difícil me livrar dela.

Uma vez, ela se escondeu no vestiário masculino para me surpreender. Ela disse às outras garotas que estávamos namorando, quando não estávamos, para que nenhuma delas falasse comigo. Logo ela tinha que comprar a única padaria da cidade que também era o melhor lugar para se tomar café.

— Obrigado, Meina, mas gostaria de pagar por isso e por qualquer outra coisa que comprar aqui.

Dei uma piscadela para ela e me afastei dos meus cinco dólares. Ela poderia ficar com o troco, se fosse o necessário para que entendesse a indireta.

— Reid Harrison, é você?

— Sim, senhor. É bom ver o senhor, seu Thompson.

Apertei a mão do homem mais velho e sorri. Ele era um amigo da minha família e o fato de que ainda morava na cidade me deixou nervoso. Não queria ninguém sabendo do que tinha acontecido.

— O que te traz à cidade? — perguntou Thompson, empurrando o chapéu

um pouco para trás, revelando cabelos grisalhos e ralos.

Eu sorri, relaxando com a noção de que ele poderia ignorar o que me trouxe de volta para casa.

— Voltei há algumas semanas e estou me estabelecendo, trabalhando na fazenda de Landon.

— Verdade? Bem, eu tenho trabalho para você, se estiver interessado — ofereceu Thompson, me dando um tapinha no ombro. É claro que ele tinha trabalho para mim, mesmo sabendo que eu já tinha um emprego com Landon.

— Trabalho extra sempre é bom. — Eu sorri. — Precisa de ajuda com o quê, exatamente?

Thompson esfregou a testa enrugada. — Empilhando feno e levando alguns cavalos para leilão. Landon sempre fica com os mais jovens que precisam de trabalho temporário, mas, se você souber de algum que possa ter interesse, passe a informação adiante.

Eu soltei uma risadinha.

— Já é quase outono, então todos os temporários voltaram para a escola.

— Certo, certo... mesmo assim. — Ele ajeitou o chapéu e caminhou em direção ao balcão do café. — Me fale se decidir aceitar ou não — acrescentou de seu lugar na fila e acenou em despedida.

Eu não tinha vontade alguma de levar seus cavalos para leilão e empilhar feno não me pagaria o suficiente para compensar a dor que sentiria nas costas, então apenas sorri e saí.

Fazendo careta, segui rapidamente para o supermercado. Setembro tinha nos agraciado com a sua presença temperamental e eu estava ficando frustrado com suas mudanças de humor. O Wyoming tinha invernos rigorosos e verões escaldantes. Nesse meio tempo, nossos dias oscilavam como um pêndulo entre quentes como o inferno ou frios pra caralho.

Enfiei a mão livre no bolso e tentei me livrar dos calafrios que corriam pelos meus braços. Minha camisa de flanela não fazia muito para ajudar a bloquear o ar frio, mas o movimento geralmente ajudava. Isso e café quente.

Eu tinha mais algumas coisas a fazer antes de voltar para casa. Normalmente, eu tentava fazer todas as minhas compras em um dia, já que a caminhada de ida e de volta era longa.

Ouvir Thompson falar em jovens que poderiam trabalhar para ele me fez pensar em um tópico que tentei evitar nas últimas três semanas. Esse foi o tempo que passou desde que realmente passei um tempo com Layla. Claro, eu a via quando ia dar as aulas de equitação, mas ela estava afastada e distante. Ela sorria, observando enquanto nós trabalhávamos e incentivava os filhos, e depois me agradecia, mas sempre voltava para dentro de casa com eles, garantindo que não tivéssemos mais tempo para andarmos juntos a cavalo. De lá para cá, ela cancelou as nossas últimas três aulas e eu não tinha ideia do motivo.

Eu a vi tentando montar um parquinho sozinha no quintal, apanhando com as instruções e com as peças maiores que eram pesadas demais para ficarem de pé sem apoio. Fiquei muito tentado a ir até lá e ajudar, mas a sua muralha de silêncio estava erguida e eu me recusava a ser o idiota a tentar derrubá-la. Obviamente passei do limite quando admiti minha atração por ela naquele dia. Esperava que não tivesse percebido que eu estava falando dela. Uma atitude estúpida da minha parte.

Ela não precisava se meter na minha bagunça, nem se machucar, então era melhor assim. Layla não parecia do tipo que queria uma diversão temporária e, se eu fosse sincero, ela era o tipo de mulher dos sonhos, então, mesmo que me oferecesse um caso sem compromisso, eu provavelmente recusaria.

— Ei, olha, é o senhor Reid — falou uma voz baixa de trás de uma prateleira de pães.

O supermercado não era grande, tinha cerca de cinco corredores. Eu me virei em direção ao som e espiei por cima da prateleira para ver uma cabeça morena pequena, com o cabelo um pouco menos bagunçado que o normal, enfiado debaixo de um boné.

— Oi, Henley, como vai? — perguntei, com cautela, quando saí do meu

corredor e encontrei ele e a mãe no outro.

Layla estava com um jeans que abraçava cada centímetro de suas pernas esbeltas e uma blusa branca por baixo de uma camisa de flanela preta e vermelha. Seu cabelo loiro estava em cachos e preso no topo da cabeça num penteado interessante que a fazia parecer uma linda imagem onírica.

— Layla.

Acenei a cabeça para ela e sorri, tentando ao máximo não parecer afetado por ela não ter me ligado nem mandado mensagem desde que lhe dei o meu número, tentando agir como se não me incomodasse o fato dela obviamente estar me evitando.

— Oi. — Sussurrou enquanto enfiava as unhas pintadas de uma cor clara no bolso da frente da calça. Seu rosto corou um pouco, mas aquele tantinho de cor me deu esperança. Algo em mim a afetava e, merda, se eu não senti como se aquilo fosse um desafio.

— O que estão aprontando? — perguntei, girando o boné de Henley em sua cabeça, fazendo o menino rir e tirá-lo.

— Nada, a gente só veio pegar comida antes de morrer de fome — respondeu Henley, encolhendo os ombros pequenos como se não importasse muito.

Eu me agachei até ficar no mesmo nível dele.

— A sua escola não começou?

Ele sorriu para mim.

— Sim, mas é só de manhã.

Eu me levantei e observei Layla, que começava a olhar para as prateleiras ao meu lado, tentando evitar o meu olhar.

— Legal — respondi, os olhos ainda nela.

— Você veio andando de novo? — Henley puxou as alças da minha mochila.

Eu olhei para ele novamente e assenti.

— Sim, vim e vou voltar.

Henley inclinou a cabeça para trás e apertou os olhos para a mãe.

— A gente pode dar uma carona pra ele? A gente vai para o mesmo lugar.

Meu rosto ficou quente. Eu não queria pedir carona à mulher como se fosse um adolescente, principalmente porque eu fantasiava sobre essa mesma mulher nas minhas noites.

Layla sorriu para mim, provavelmente encantada com a fofura do filho.

— Precisa de carona?

Deus, eu queria empurrá-la contra a prateleira de pães e provar os seus lábios rosados. Eles eram carnudos e perfeitos, diziam coisas que nem eram safadas, mas minha mente depravada e muito carente distorcia cada sílaba, guardando-as para fantasiar depois.

Engoli em seco e ajustei a mochila para voltar a mente para outro lugar.

— Não quero incomodar. Vocês têm outras coisas para fazer depois daqui?

— Não, mamãe já foi no lugar de cortar o cabelo onde colocam aquela coisa no rosto dela pra que ela não tenha bigode de homem — disse Henley, enquanto balançava um saco de pão.

Meus olhos imediatamente pularam para a boca de Layla e, com certeza, o vermelho que eu tinha notado se devia a uma depilação.

— Henley, essas são coisas que não falamos para as pessoas. — Layla sussurrou em repreensão ao filho, enquanto levava a mão à boca para cobrir a evidência.

Soltei uma risada e, por instinto, segurei sua mão para impedi-la de esconder o rosto. Quando a minha pele roçou contra a sua, foi como se o tempo parasse. Eu tinha acabado de fazer merda ao violar uma fortaleza que não deveria escalar. Ela mandaria os seus atiradores me matarem a qualquer segundo.

Ela olhou para a minha mão com os olhos bem abertos. Um segundo depois, eu a soltei como se estivesse pegando fogo. Pisquei e apertei o pescoço.

—Vocês podem ir. Eu vou mais tarde...

— Não, por favor... Tudo bem. Podemos te dar uma carona — rebateu Layla, enquanto segurava a cesta de compras com um pouco mais de força.

Resisti à vontade de dizer não. Eu realmente não queria voltar andando e queria mesmo passar um tempo com ela, então assenti.

— Tá, tudo bem... Obrigado.

— Eu mostro o caminho — declarou Henley, apontando os polegares para o peito.



Layla agarrava o volante de couro preto com uma mão. Sua camisa de flanela preta e vermelha se abriu o suficiente para mostrar a regata colada por baixo, o que me custou toda minha força de vontade para evitar.

— Então... — Limpei a garganta, esperando acabar com a pausa embaraçosa na conversa e procurando uma distração para não me fixar em seu colo.

Layla me olhou rapidamente e sorriu, para em seguida voltar o olhar para a estrada.

— Não te vi muito ultimamente — murmurei, percebendo tarde demais que isso me deixava parecendo desesperado e meio que assustador.

Felizmente ela deu risada, sacudindo os ombros com o movimento.

— As aulas começaram, então as coisas estão bem agitadas. Este é o meu primeiro ano escolar fazendo tudo sozinha, então as coisas estão... — ela parou de falar.

Merda. Acabei de falar o que não devia e me esqueci que ela estava fazendo tudo sozinha depois de perder o marido tão recentemente.

— Me desculpe, eu não me dei conta — respondi, a voz um pouco acima de um sussurro, sem querer que Henley soubesse do que estávamos falando.

— Tudo bem, você não sabia.

Ela balançou a cabeça um pouco e ficou com os olhos na estrada.

Eu a observei e levantei o braço para segurar a alça de teto do veículo.

— Eu não sabia que era tão recente assim... — Parei, tentando absorver o fato de que tinha se passado menos tempo desde a morte de seu marido do que eu havia imaginado.

Ela balançou a cabeça, deixando alguns daqueles fios dourados roçarem seu pescoço.

— Desculpe, eu devia ter esclarecido. Ano passado, todos estudaram em casa com um professor on-line... Tem cerca de um ano que ele faleceu — falou baixinho, parecendo destroçada demais para se manter ereta.

Meu peito doeu. Droga de dia. Eu estava fracassando terrivelmente.

— Mesmo assim, eu queria ter sabido... Eu poderia ter ajudado um pouco, talvez cuidando dos cavalos ou algo assim, tirando algum fardo das suas costas.

Ela virou a cabeça de leve e ajustou as mãos no volante.

— Teria feito isso? — Seu tom era curioso, não cético.

Engoli o nó denso da sensação de inutilidade que trazia comigo na garganta pelos últimos dois anos e assenti.

— Isso e qualquer outra coisa que precisar. Não é fácil ser mãe solo, eu imagino. Você precisa do máximo de ajuda possível.

Ela pousou aqueles olhos de chocolate nos meus outra vez e corou.

— Isso significa muito, Reid. Obrigada. Um dia desses é bem possível que eu aceite a sua oferta, porque Thor me odeia ainda mais agora que as crianças passam o dia todo na escola.

Eu ri e relaxei quando a nossa estrada compartilhada surgiu no caminho.

— Use o número de telefone que eu te dei. De dia ou noite.

Virei a cabeça para encará-la quando acrescentei não tão sutilmente:

— Para qualquer coisa, Layla.

Ela ajeitou o corpo no banco, olhou para mim e me deu um sorriso fraco. Sua postura rígida indicava que estava desconfortável.

Merda.

Por que não estaria? Eu praticamente dei em cima dela bem depois dela me

contar que seu marido tinha falecido recentemente. Ela não estava pronta para ser paquerada nem conquistada e, sinceramente, eu também não.

Virei a cabeça de volta à janela e decidi recuar nesse momento. Ajudaria se ela quisesse, mas não tinha nada que me perder naqueles olhos castanhos que faziam minhas entranhas retorcerem. Não tinha nada que desejar poder passar os dedos naquele cabelo dourado ou deslizar as mãos por suas coxas bronzeadas e torneadas. Eu não tinha nada que me meter com ela.



— Estou te dizendo, cara, venha conferir — argumentou Kip pelo alto-falante do meu celular enquanto eu dobrava uma calça jeans e a guardava na cômoda.

Estava tendo uma noite de merda, com meus demônios tentando me capturar e me afogar. Eu odiava como as coisas estavam com Layla e odiava ainda mais que ela estivesse lá na sua casa, com seus filhos, vivendo uma vida com a qual eu jamais poderia sonhar. O medo me puxou para a mesma estrada repugnante que eu percorria há um ano e meio, a estrada onde eu tinha me convencido de que a minha vida inteira seria desse jeito.

— Não sei, não queria voltar a ter uma vida social ainda.

Fechei os olhos com a minha desculpa esfarrapada. Eu não tinha um motivo decente para recusá-lo, estava curtindo viver chorando as minhas mágoas e estava com dificuldade de parar.

— É praticamente fim de semana. Venha e fique só uma hora. Vou te buscar em vinte minutos e juro que te levo de volta se você quiser ir embora — ofereceu Kip, evitando o tópico do porquê eu não dirigia mais.

Ele não sabia por que eu me recusava a dirigir, só sabia que eu não dirigia. Forcei meus olhos a fecharem. Se fosse sair, queria ir no meu próprio carro e ter uma garantia para escapar se precisasse, mas o ato de dirigir em si já era uma forma de prisão.

— Que nada, eu posso te encontrar lá — forcei, tentando esconder o quanto

estava perto de hiperventilar. Eu precisava começar a me controlar. Já era hora de abandonar o passado. Desta vez seria diferente. Eu estava diferente.

— Está bem. Te vejo daqui a pouco. — Kip desligou.

Olhei para o carpete aos meus pés e tentei racionalizar o que estava prestes a fazer e por quê.

Porra.

Eu só precisava fazer isso.

Ignorei o quanto meu peito ardia quando calcei as botas, o quanto a ansiedade quase o atravessou quando coloquei a camisa de flanela e peguei as chaves.

Sem pensar, saí, segui na direção da minha picape e abri a porta. Meus movimentos estavam irregulares, mas eu precisava disso. Eu tinha que fazer isso. Enfiei a chave na ignição e girei, o som do motor ganhando vida preenchendo o ar vazio da cabine. Pisquei uma vez, respirei pelo nariz e pisei no freio enquanto colocava a marcha ré.

Eu saí devagar da minha casa e passei pela de Layla, desejando estar lá agora e não aqui, sozinho na minha picape, com esses demônios que se agarravam a mim a qualquer lugar que eu ia.

Liguei o farol e dobrei na estrada de trás que seguia para o oeste por quase dois quilômetros, antes de se fundir à estrada principal que me levaria à cidade. No momento em que a estrada principal apareceu, um par de faróis bateu no meu rosto e foi tudo o que precisou para me transportar de volta a ela. De volta àquela noite. Ao que eu perdi. À razão de eu estar aqui.

Pisei no freio bruscamente, coloquei o câmbio em ponto morto e saí da camionete. Eu me escorei no carro e lutei contra a respiração pesada. O ar estava preso dentro do meu peito e se recusava a sair.

Que se foda essa dor.

Eu não consegui.

Lágrimas brotaram dos meus olhos, lembrando-me de todos os motivos que me faziam ficar fora da estrada, da razão de não estar preparado para voltar a

dirigir, de não poder desfrutar uma noite na cidade.

Tirei o celular do bolso e mandei uma mensagem para Kip.

Desculpa, cara. Não vou poder ir.

10

Layla

O calor seco do verão se transformou na brisa fresca do outono e Wyoming estava provando ser igualmente deslumbrante em ambos. Eu me vi antecipando o inverno que nem uma garotinha. Como não tínhamos muita neve tão próximo a Portland, sempre precisávamos dirigir uma hora ou mais para ver alguma. Mas aqui, não.

— Então, o que você vai fazer com a sua noite livre?

Minha irmã desenroscou a tampa azul da garrafa de água enquanto me examinava. Ela levaria as crianças para assistir a um filme e jantar em Casper. Eu normalmente teria ido junto, mas tinha que escrever e precisava de um tempinho sozinha.

— Tenho planos com uma banheira de espuma e pelo menos três relatórios médicos para digitar. — Suspirei e comecei a limpar o balcão da cozinha.

Eu queria estar escrevendo por diversão, mas fui contratada para ajudar com relatórios médicos e edição. Passei tanto tempo sem trabalhar que estava estranhamente animada com a ideia de voltar.

— Bem, talvez você também possa ir visitar a cidade hoje à noite? Ouvi dizer que tem um tipo de festival acontecendo lá.

Michelle abriu a geladeira, pensando que eu não notaria a sua leve indireta.

As crianças tinham contado sobre Reid. Henley tinha falado demais, como sempre, e fez Reid parecer um tipo de herói. Ele também deu a impressão de que o víamos com muito mais frequência do que era verdade. Ele normalmente vinha dar aulas para as crianças três vezes por semana e, se eu o visse enquanto estavam a cavalo, nós éramos amigáveis; caso não, eu realmente não tinha contato algum com ele.

Já fazia mais de uma semana que lhe dei uma carona do supermercado para casa e não o vi mais. As aulas foram suspensas enquanto eu penava para fazer

as crianças voltarem ao ritmo de escola. Havia inúmeros formulários que sempre chegavam, muitas coisas para as quais eu não estava preparada.

As crianças estavam atrasadas nas vacinas, então tive que marcar uma consulta de emergência para garantir que Henley e Jovi ficassem com as carteirinhas em dia, e tive que providenciar um exame médico para Michael, para que ele pudesse tentar entrar para o time de atletismo.

Havia uma reunião de orientação para cada turma, todas horríveis e cansativas. Eu chegava a tempo em uma apenas para descobrir que estava atrasada para outra, que aconteceria do outro lado da cidade. Henley usava o mesmo transporte da escola dos meus filhos mais velhos até o jardim de infância. Eu estava extremamente agradecida pelo transporte, e era esse tipo de coisa que tornava tudo difícil. Eu sentia como se estivesse me afogando e não tivesse ideia de como subir à superfície para respirar.

As aulas de equitação tinham caído muito na lista de coisas que eu precisava fazer, mas, infelizmente, notei que o comportamento das crianças estava sofrendo com a falta delas.

— Sim, talvez. — Dei de ombros.

Eu tinha zero intenção de ir à cidade, mas não estava disposta a ouvir que era importante para mim, começar a socializar.

Star havia mandado uma mensagem, perguntando se eu queria sair ontem, mas não consegui. Notei os faróis de Reid saindo de casa na mesma noite e, como Douglas era pequena demais, achei que eu ficar em casa foi meio que uma bênção disfarçada.

Michelle estreitou os olhos por mais alguns segundos antes de finalmente desistir.

— Trago eles de volta amanhã de manhã. O filme que vamos assistir só começa depois das sete e não estou com vontade de voltar dirigindo ainda hoje.

— Parece ótimo. Te amo. — Beijei a bochecha da minha irmã, mais do que pronta para ter a casa só para mim.

Honestamente, eu estava segurando lágrimas e emoções desde que as crianças me pediram para que começássemos a ser felizes. Com medo de que me flagrassem, eu não demonstrava mais nenhum sinal de tristeza. Eu queria assistir aos vídeos do meu marido morto e até falar em voz alta com ele para lhe dizer o quanto sentia sua falta. Não queria ser julgada pelos meus filhos por estar triste e abalada.

— Tchau, mãe, te amo — cantaram todos em uníssono ao entrarem na picape de Michelle.

Acenei e soprei beijos no ar, depois saboreei o silêncio que seguiu. Subi as escadas e comecei o meu banho, coloquei a minha playlist deprê favorita para tocar e desci correndo as escadas para pegar uma garrafa do meu vinho favorito.



Fiquei de molho por uma hora inteira em lavanda e um tipo de mistura de pétalas de rosa que me deixou com o cheiro de um canteiro de flores. Eu me sentia relaxada e pronta para maratonar algo triste e brega. O trabalho que eu planejava fazer seria adiado para outro dia. O luto, às vezes, agia como um marcador de texto, destacando o que precisava de atenção extra. Na minha vida, ele enfatizava o fato de eu não ter muito tempo para mim mesma. Então, decidi que esta noite seria dedicada ao autocuidado.

Estava andando graciosamente detrás do sofá, usando apenas a minha camisola longa e uma calcinha. Tinha raspado as pernas e até pintado os dedos dos pés. Era bom me sentir um ser humano e uma mulher novamente. Liguei a Netflix e me virei para a cozinha, prestes a colocar minha pizza no forno, mas, congelei onde estava e soltei um grito terrível.

Subi desajeitadamente em cima da ilha da cozinha e comecei a hiperventilar como uma louca. Graças a Deus, a ilha era uma superfície enorme, grande o suficiente para comportar oito bancos. Eu me arrastei de quatro enquanto olhava para o predador no chão da minha cozinha.

Uma cobra verde e amarela toda enrolada, como se estivesse prestes a atacar. Eu nunca dei de cara com uma cobra em toda a minha vida, nem na Califórnia, nem no Oregon. Eu sabia que elas existiam nesses lugares também, mas nunca tinha visto uma. Então, eu não tinha ideia do que fazer. Vi o telefone fixo na base de carregamento e pressionei freneticamente o número dois, que era o número de discagem rápida para a minha irmã. Ela era veterinária, então saberia o que fazer. Mas, quando o telefone continuou tocando e tocando, percebi que já se passavam das sete e que o filme havia começado.

— Merda — sussurrei, olhando o meu algoz no chão. Não havia nem como subir as escadas ou sair de casa; se eu tirasse os olhos dela, não saberia onde teria ido.

Hesitante, segurei com o polegar o número de discagem rápida mais recente que havia armazenado em nosso telefone, semanas atrás. O número tocou três vezes antes que a voz rouca de Reid respondesse.

— Alô?

— Reid? Hã... você está ocupado? — perguntei, tentando limpar o medo da minha garganta.

Eu queria chorar, entrar em pânico e gritar para que ele viesse imediatamente, mas eu tinha que me acalmar.

— Layla? Você está bem?

Reid parecia tão preocupado que fez meu estômago revirar. Em algum lugar do meu subconscientemente, eu gostei de ter alguém se preocupando comigo.

— Tem uma cobra no meu piso e eu meio que estou surtando. Você pode me ajudar?

O silêncio me respondeu. Afastei o telefone do ouvido e olhei para ver se a ligação ainda estava ativa. Estava, mas não havia ninguém do outro lado. Alguns segundos depois, a porta da frente se abriu e Reid se materializou na minha entrada. Ele estava com uma camiseta preta que o deixava com uma aparência ameaçadora e bruta, especialmente com a calça jeans levemente

suja e as botas de trabalho. Mas, foi a expressão em seu rosto que me paralisou. Ele estava preocupado, genuinamente preocupado comigo.

— As crianças estão bem? Cadê todo mundo? — Reid olhava pela sala enquanto avançava devagar.

— Elas saíram com a minha irmã. Só estou eu aqui. — Olhei para o réptil verde e enrolado e acrescentei — E a cobra.

O olhar de Reid desceu para o local em frente à ilha e suas sobrancelhas se ergueram. A expressão de preocupação foi substituída por uma de divertimento. Ele riu, aproximando-se ainda mais da cobra.

— Espera! Você não devia usar um pedaço de pau, uma arma ou coisa assim?

Entrei em pânico, tentando detê-lo esticando os braços para a frente, sem tocá-lo, mas de qualquer forma próxima.

Ele olhou para mim e riu, movendo a mão em minha direção, como se estivesse tentando me acalmar.

Estranhamente, no momento, eu quis mesmo sentir o seu toque quente, então encontrei sua mão estendida e a puxei com a minha. Ele não olhou para mim ao segurá-la, apenas olhou para a cobra e se aproximou. Quando chegou perto o suficiente, ele parou e olhou para mim, tirando os olhos da serpente. Engoli em seco e surtei de leve, imaginando que a cobra o atacaria a qualquer instante.

— Preciso da minha mão — sussurrou, inclinando-se só um pouco na minha direção e, se eu não fosse uma viúva de luto, poderia ter deixado aquele olhar misterioso me arrastar para um beijo. Em vez disso, larguei sua mão como se fosse a própria cobra. Afastei-me da beirada e abaixei a camisola, percebendo muito tarde que não estava decente.

Reid se agachou e pegou cuidadosamente a cobra, que ficou com o corpo comprido pendurado, mole, como se estivesse morta, mas soltava um sibilo baixo.

— Cuidado, pode picar você — sussurrei, assistindo à interação como um

falcão.

Reid riu, novamente.

— Essa daqui não vai picar. É só uma jiboia.

Felizmente, ele não esperou que eu soubesse o que diabos era uma jiboia, ele apenas saiu de casa para soltar o treco lá fora.

Eu rezei silenciosamente para que ela nunca mais voltasse para dentro da minha casa. Reid voltou um segundo depois e lavou as mãos. Eu deveria ter descido da ilha, mas ainda me sentia tão assustada com o encontro que fiquei onde estava.

— Então, elas não são venenosas? — perguntei, tentando preencher o silêncio constrangedor.

Reid olhou para mim enquanto secava as mãos e sorriu.

— Não, são inofensivas para nós. Elas só parecem assustadoras.

Ele estendeu a mão para me oferecer, eu aceitei e depois me apressei para a beira da bancada. Reid colocou as mãos no meu quadril e me suspendeu para me colocar no chão, e minha camisola subiu acima da minha cintura com o movimento.

Ele não me soltou imediatamente e, sabe-se lá por que motivo insano, eu também não me afastei. Talvez fosse porque mãos masculinas não me envolviam há muito tempo, ou talvez porque, em vez de me perder em seu olhar, eu me sentia encontrada. O que quer que fosse, me deixou ali de pé, com a camisola enrolada na cintura e o meu respeito pela calcinha de algodão, que estava em total exibição, voando pela janela.

Ele engoliu em seco, fazendo seu grosso pomo de Adão se mover e finalmente me soltou. A realidade voltou como uma onda violenta. Empurrei a camisola para baixo e cruzei os braços, afastando-me lentamente de Reid.

Ele também se afastou de mim, em direção ao sofá, onde se sentou.

Isso não era uma boa ideia.

— Então, você planejou uma grande noite para si mesma? — perguntou Reid, sem pressa, passando pelas diferentes opções da Netflix.

Coloquei o cabelo atrás da orelha e me aproximei dele.

— Algo do tipo. Eu queria maratonar algumas séries e só curtir a fossa — respondi, honestamente.

Reid me olhou brevemente e acenou com a cabeça.

— Bem, vou te deixar em paz. — Ele começou a se levantar e algo em minhas entranhas se torceu desconfortavelmente.

— Hã... você... — Gaguejei e desviei o olhar, sem querer pedir para que ficasse, mas sem querer que fosse embora.

— Eu o quê? — encorajou Reid, suavemente, quando se levantou para se dirigir até a porta.

— Você talvez gostaria de ficar aqui comigo um pouco? Eu ia assar uma pizza.

Torci os dedos e esperei que ele recusasse e acabasse logo com o meu sofrimento. Eu estava assustada e não queria ficar sozinha, mas também gostava de estar perto dele e me odiava por isso.

— Eu talvez queira fazer isso, desde que você se sinta bem em me receber aqui. Eu entendo que, às vezes, é bom ter a liberdade de ser você mesmo sem ninguém por perto.

Seu olhar baixou para as minhas pernas. Ele estava me dando uma saída. Eu queria aceitar e lhe agradecer por ela, mas era egoísta e balancei a cabeça em vez disso.

— Eu vou colocar uma calça para que não fique estranho. Eu gostaria que você ficasse, mas só se já não tiver planos.

Um pequeno sorriso surgiu na lateral do seu rosto e aqueles dentes brancos apareceram. Ele parecia prestes a dar uma risada. Seus olhos voaram para as minhas pernas mais uma vez antes de limpar a garganta e olhar para a TV.

Eu me virei para as escadas e tentei me preparar para passar a noite sentada na companhia de outro homem.

11



Aquelas pernas estavam me matando. Ter visto Layla de calcinha preta também, mas felizmente ou infelizmente, ela havia colocado uma calça de moletom e, pelo que parecia, um sutiã. Esfreguei o rosto quando os créditos rolaram da parte inferior da tela e uma nova sugestão de filme apareceu. Layla estava dormindo ao meu lado no sofá, enrolada em um cobertor. Parte do seu cabelo tinha caído no rosto e o ombro da camiseta também caiu, revelando a pele macia.

Eu precisava ir embora porque não conseguia parar de pensar em como aquelas pernas eram quando entrei na casa, nem em como ela estava naquela bancada. Minha mente continuava reproduzindo imagens dela deitada de costas, com aquelas pernas...

— Você ainda está assistindo? — A voz suave de Layla interrompeu o rumo dos meus pensamentos.

— Não, acabou. Posso desligar a tv e voltar pra casa.

Eu me inclinei e procurei pelo controle remoto nas almofadas. Layla também se inclinou e se espreguiçou.

Tentei desviar o olhar, mas minha mente ainda estava na imagem dela naquele balcão, então observei. A fina camiseta cinza se estirou contra seu peito, mostrando a curva perfeita dos seus seios. Peguei uma das almofadas do sofá e coloquei no colo, estirando o braço para o lado para não parecer estranho.

— Você não precisa ir. Ainda é cedo, quer assistir outra coisa? — ofereceu Layla, agarrando o controle e passando por novas opções de filmes.

Eu queria dizer que sim, mas também não queria mais tentações. Nós não conversamos durante o primeiro filme, apenas comemos a pizza, bebemos refrigerante, rimos nas cenas apropriadas e depois relaxamos. Foi a

experiência mais agradável que tive, apenas relaxar ao lado de uma mulher.

— Não está cansada? Você pegou no sono na metade do filme — brinquei com leveza, até cutucando-a com o cotovelo.

— Porque era chato. Vamos ver algo engraçado. — Ela me devolveu a cotovelada e isso me fez sentir como se estivesse de volta ao fundamental. — E pegar algumas besteiras para comer. — Ela se levantou do sofá e caminhou até a cozinha. Parecia mais solta, mais aberta e menos desconfortável perto de mim. Eu passei a me sentir mais à vontade também.

— Então, o que devo escolher? — gritei por cima do ombro na direção da cozinha.

— Hum... você decide — disse ela, lambendo algo dos dedos.

Eu fui passando até encontrar um filme mais antigo com o Jim Carrey. Layla voltou para o sofá com uma tigela grande de pipoca e uma caixa de caramelo *Milk Duds*.

— *As Loucuras de Dick e Jane*? Eu amo esse filme! — Ela sorriu, voltando a se aconchegar no seu lugar ao meu lado. Dessa vez, ela se sentou mais próximo.

Peguei um pouco do chocolate e joguei um pouco de pipoca na boca enquanto apertava o play.

Layla se virou para mim e soltou um suspiro pesado.

— Você me acha idiota por ter medo da cobra?

Eu olhei para ela e sorri. — Não. Por que pensaria isso?

— Porque me sinto uma idiota e agora, estraguei sua noite pedindo que ficasse aqui comigo. — Ela puxou o travesseiro, escondendo o rosto vermelho.

Eu queria puxar o seu corpo para o meu colo e provar o quanto não me importava em ficar com ela, mas não queria ser colocado para fora.

— Confie em mim, eu prefiro muito mais estar aqui do que no *Douglas Dine and Date*. — Eu sorri para ela, que se animou e deu risada.

— Espera, estava indo pra lá hoje? — Seu sorriso era contagioso.

— Sim, estava entediado. Eu ia pegar uma carona com uma amiga minha e ver como estava por lá. — Dei de ombros e limpei a garganta, esperando que ela não perguntasse quem era a amiga.

Não queria admitir que tinha mesmo cedido e dito a Meina da cafeteria que ela poderia vir me pegar para jantarmos. Eu mandei uma mensagem para ela dizendo que não poderia ir, no segundo em que Layla perguntou se eu queria ficar.

— Essa amiga por acaso é algo mais? — brincou Layla enquanto despejava alguns *Milk Duds* na palma da mão.

Meu rosto ficou vermelho. Por que eu me importava se ela perguntasse sobre a minha vida amorosa? Por que eu ligava para sua opinião?

— Mais ou menos — disse, desejando poder me dissolver nos cobertores.

Layla me deu um sorriso rápido que desapareceu rapidamente.

— Você deveria ter dito, eu me sinto ainda pior agora.

— Não. — Eu ri e soltei um suspiro pesado. — Sério, eu não estava em um bom momento quando concordei em ir. Eu só fico meio solitário por aqui... entende? — Olhei para ela e cutuquei seu braço.

Ela puxou o cobertor até o queixo e assentiu devagar.

— Pode vir aqui sempre que estiver atrás de companhia.

Eu a observei enquanto um rubor avançava lentamente do seu pescoço até as bochechas.

— Bem, parece que toda vez que tento isso ou qualquer outra coisa, você se afasta. Eu respeito isso, então não quero abusar das poucas boas-vindas que recebo.

Percebi tarde demais que minhas palavras saíram rudes. Trouxe a mão aos olhos e os esfreguei, tentando descobrir como consertar o que fiz, mas antes que eu pudesse, Layla deu um pequeno suspiro.

— Eu não sabia que tinha te ofendido... me desculpe — disse baixinho e, se não estava enganado, ela pareceu se engasgar.

Eu me virei para ela e quis muito puxar sua mão para o colo.

— Não, você não me ofendeu. Eu juro. Só estou tentando respeitar os seus limites e ser útil sem ser insistente — tentei explicar.

Ela virou a cabeça para o lado um pouco e juntou as sobrancelhas finas.

— Respeitar os meus limites e não ser insistente? — disse cada palavra como se as estivesse examinando em busca de meias-verdades.

— É... — Eu tossi, mudando minha posição com desconforto e fiquei agradecido pela pouca luz que cobria minha coloração avermelhada. — Quer dizer, não é que eu não tenha notado o quanto você é atraente, Layla. E aquela pessoa que eu mencionei quando estávamos andando a cavalo... — Eu me interrompi, apertando o pescoço e me sentando mais à frente, me sentindo incrivelmente sem jeito.

Layla não disse nada, o que quase piorou tudo.

— Mas sei que você não está interessada em alguém dando em cima de você nem notando o quanto é bonita. Talvez nunca esteja, mas eu ainda gostaria de ajudar, se puder. Só não sei como não parecer um psicopata perseguidor tentando conquistar a sua confiança.

Layla pigarreou.

— Eu não te acho um psicopata. Me desculpe por ter ficado tão distante. Eu só... — Ela parou e se sentou mais ereta, deixando o cobertor cair.

Esperei que ela continuasse enquanto observava o brilho suave da TV destacar seus cabelos claros e pele bronzeada.

— É só que eu tenho que proteger as crianças e eu mesma de mais decepção. E não, eu não estou pronta para começar a sair com alguém nem nada disso. — Ela moveu o olhar para o chão. — Eu ainda o amo, sinto falta dele e... não quero traí-lo — admitiu em voz baixa, erguendo o olhar devagar, encontrando o meu com lágrimas nos olhos.

Meu coração se partiu ao ver tamanha dor cruzar seu rosto. Infelizmente, era uma dor com a qual eu estava familiarizado.

Sentei-me mais para frente e a puxei para um abraço.

Foi um dos momentos mais destruidores da minha vida, sentir seu coração

partido e o fluxo quente das lágrimas atingir o meu pescoço. Ela fungou e então soltou um soluço, e eu a balancei lentamente como quem consola uma criança. Ficamos assim por um tempo.

Eu finalmente me afastei um pouco.

— Precisa de um amigo? Porque eu preciso de uma amiga. Prometo não pedir nem esperar mais de você.

Seus olhos castanhos frágeis procuraram os meus e suavizaram. Ela me deu um pequeno aceno de cabeça e depois aconchegou a cabeça debaixo do meu queixo para outro abraço.

— Eu preciso de um amigo — admitiu, continuando a chorar no meu ombro.

Metade do filme tinha passado quando ela finalmente se virou para assistir o que restava e então adormeceu nos meus braços. Desliguei a TV, puxei o cobertor para nos cobrir e fechei os olhos, sentindo um novo propósito na vida, sentindo que finalmente tinha uma razão para acordar todas as manhãs.

Eu ajudaria Layla a se curar.

12



Olhei para o meu celular e soltei um suspiro. Eu não queria falar com a minha mãe, mas desde ontem ela ligou três vezes, e fiquei pensando se tinha acontecido alguma coisa. Ela poderia ter me deixado uma mensagem de voz para que eu ficasse sabendo, mas esse não era o seu estilo. Pressionei o dedo em seu número por um segundo e coloquei o telefone no ouvido.

Alguns toques depois, minha mãe exclamou:

— Até que enfim!

Ah, pelo amor de Deus.

— Oi, mãe. Desculpe, é que ando muito ocupada.

Suguei o canudo e saboreei o gole da Coca Zero gelada que deslizou pela minha garganta. Era isso ou álcool, e os meus filhos voltariam em breve.

— Bem, eu só liguei para avisar que estou com a sua correspondência.

Inclinei a cabeça para trás e descansei-a no sofá. Minhas correspondências eram encaminhadas da minha antiga residência, mas, às vezes, algumas acabavam indo para a casa da minha mãe, mesmo que tenhamos passado poucas semanas morando com ela antes de nos mudarmos.

— Ok. Pode enviar para cá? Ou não parece algo importante? — perguntei.

Ela soltou o ar com raiva, obviamente ainda irritada comigo.

— É uma carta daquela mulher...

Sentei-me e estreitei os olhos na tela da televisão desligada, limpando a garganta.

— Outra?

— Parece que sim. Por que você incentiva isso? — repreendeu minha mãe.

— Eu gosto de escrever para ela. Não sei explicar... e não sinto que preciso. — Não perdi tempo em confrontá-la. — Então, quer dizer que você leu? — perguntei, com a acusação colorindo o meu tom.

— Chegou na minha casa, então é claro que eu li. Você precisa parar com isso antes que chegue aos ouvidos da pessoa errada.

Coloquei a mão sobre os olhos e respirei fundo.

— Por favor, só envie para mim, mãe, e qualquer outra correspondência minha que receber. Eu tenho que ir.

Desliguei, mais do que frustrada com ela e com as emoções que esse tópico provocava.

Eu estava de volta àquele lugar onde tentava evitar os detalhes, os que pintavam o acidente do meu marido com grandes pinceladas de raiva e julgamento.

Ela me julgava por não ter ido ao julgamento e nem ter levado as crianças comigo. Para que o juiz e o júri vissem o que foi deixado. Minha mãe me acusou de deixar a outra pessoa envolvida no acidente se safar facilmente. Como se fosse minha culpa.

Eu tentei explicar que o ódio não é uma doença; é um vício. Uma vez que o coração recebe uma dose dessa droga, sempre desejará mais. Eu não precisava de um rosto nem de um nome para expressar a minha ira, não precisava incentivar os demônios que tentavam me arrastar para aquele poço de amargura.

Eu já era muito amarga sem ajuda.

O ruído do cascalho chamou minha atenção para a porta da frente. Abri e saí para ver Henley correndo em minha direção, segurando um enorme chapéu de caubói .

— Mãe, adivinha?

Inclinei-me para encontrá-lo e o peguei nos braços.

— O quê?

— Tia Shell comprou uma roupa de caubói pra que eu possa *rodeiar* como o Reid. — Henley ajustou o chapéu de caubói infantil, mas ainda bastante grande, na sua cabeleira.

Eu levantei os olhos e vi meus outros três filhos rastejarem para fora do

carro da minha irmã. Michelle estava com o cabelo em um coque baixo e os óculos grossos no rosto, com o nariz enrugado.

— Desculpa, espero que esteja tudo bem. Ele não parava de falar sobre esse tal de Reid. — Ela colocou as mãos nos quadris e me olhou desconfiada.

Eu sabia que esse era um assunto sobre o qual teríamos que conversar eventualmente, mas não tinha vontade alguma de explicar que Reid era apenas um amigo. Ela acreditaria em mim até vê-lo pessoalmente; então falaria que era conversa fiada minha ou me pressionaria para que tentasse fazer o meu coração bater de novo.

— Sim, tudo bem. Reid é o vizinho que te falei e o professor de equitação deles. Ele contou um pouco para as crianças sobre como foi crescer aqui no Wyoming e essa coisa toda de rodeio veio à tona.

Acenei com a mão, tentando ignorar os detalhes importantes que eu sabia que ela em breve iria querer saber.

— Oi, amor. — Envolvi meu filho mais velho em um abraço firme, mas ele grunhiu e passou por mim.

Atualmente, ele era praticamente um zumbi mal-humorado, mais ainda desde o início do novo ano escolar. Michelle observou as crianças descarregando suas mochilas em casa, mas, antes de segui-las, ela virou a cabeça em direção à casa ao lado.

— Então, quando aconteceu essa conversa de rodeio?

Michelle empurrou os óculos pesados demais pelo nariz e estreitou os olhos castanhos em mim. Engoli em seco e limpei a garganta.

— Algumas semanas atrás, durante o jantar. Ele meio que se convidou para assar os nossos hambúrgueres para tentar se desculpar por ter sido um idiota.

Michelle ficou observando a casa de Reid como se ele fosse aparecer a qualquer segundo. Ela era atrevida o bastante para ir até lá e forçar a entrada na casa dele, só para ter certeza de que não tinha um laboratório de metanfetamina no porão ou algo assim.

— Entendo — ela murmurou baixinho, provavelmente tirando muitas

conclusões por eu não ter lhe falado sobre ele.

Isso era novo para nós. Era estranho. Eu sempre contei tudo a ela, principalmente quando o assunto era garotos ou homens, à medida que fomos crescendo... Mas havia algo em Reid que me fazia querer trancá-lo dentro do peito e jogar a chave fora para que ninguém soubesse da nossa amizade. Eu não queria estragá-la, eu acho, ou algo parecido. Não estava pronta para explorá-la inteiramente. Eu só sabia que a ideia de ter que explicar me deixava irritada.

— Como as crianças se comportaram?

Tentei impedi-la de ser a minha irmã superprotetora e super curiosa.

Ela virou a cabeça em minha direção.

— Bem. Elas se comportam bem. Queremos fazer uma trilha no próximo fim de semana, se estiver tudo bem. Há uma enorme área com uma cachoeira que é bastante popular, mas fecha no início da temporada devido à neve.

Torci o nariz e dei alguns passos em direção à porta da frente, esperando levá-la para ela comigo.

— Ainda é setembro... por que se preocupar com a neve tão cedo?

Minha irmã riu e ficou enraizada onde estava, observando a casa de Reid como uma espécie de falcão de tamanho humano.

— Já pode começar a nevar em outubro, mana.

Ela virou aquele olhar incrédulo para mim como se eu fosse ignorante e despreparada. Porque eu era mesmo. Outubro? Nós nos mudamos para cá no final de março, então havíamos perdido a maior parte do inverno.

Olhei em volta da propriedade e tentei me acalmar. No Oregon era chuvoso e, se nevasse, nunca durava. Eu sabia como dirigir na neve, graças à proximidade do Monte Hood. O monte sempre foi um destino de inverno divertido para nós, mas cuidar de uma propriedade com neve? De jeito nenhum. Estremeci ao pensar no que aquilo significaria para os cavalos.

— Shell, você tem que me dar um curso de como cuidar dos cavalos na neve. Não faço ideia do que estou fazendo.

O rosto de Michelle se suavizou e ela finalmente desviou o olhar da casa de Reid.

— Calma. Eu vou te ajudar, ok?

Finalmente, ela veio comigo até a porta e ajudou a me tranquilizar, sugerindo que eu assistisse a alguns vídeos de dicas de cuidados no inverno no YouTube.



— Toc-toc — falei, para avisar o meu filho de quatorze anos que estava entrando em seu quarto, e ele parou de dedilhar a sua guitarra e depois girou em minha direção, na cadeira de rodinhas. Eu me sentei confortavelmente em sua cama. — Você se divertiu neste fim de semana? — Vi quando ele baixou os olhos para a guitarra e assentiu.

Zumbi mal-humorado.

— Bem... o que aconteceu? Você não falou uma palavra desde que voltou.

Fiz um gesto com a mão para ele e me recostei no colchão, apoiando-me no braço.

— Não é nada, esquece. — Ele zombou, levantando-se e afastando a guitarra do corpo.

— Não parece nada. O que aconteceu?

Não me mexi, esperando que minha postura relaxada o encorajasse a se acalmar, como se ele fosse um animal. Tinha aprendido muito com aqueles vídeos do YouTube.

— É essa cidade de merda com esses caubóis de merda. — O rosto do meu filho se retorceu em um rosnado feio.

Dentro da minha cabeça, eu estava gritando *OLHA A BOCA SUJA*, mas eu estava aprendendo a deixá-los sentir o que sentiam e a não ficarem chateados com isso.

— Aconteceu alguma coisa em Casper? — perguntei, gentilmente, sentando-me um pouco para observá-lo andando de um lado para o outro.

— Não, foi na escola, na sexta-feira.

Ele passou a mão pelos cabelos, claramente chateado.

Eu esperei, rezando para que continuasse.

Finalmente, ele soltou um suspiro pesado e sentou-se na cadeira giratória.

— Eu estava conversando com uma garota... Ela está na minha aula de inglês. Um caubói estúpido nos viu e me empurrou contra o armário. Eu o empurrei de volta, e ele colou a cara na minha e me disse pra tomar cuidado.

Michael apertou a mandíbula e os músculos saltaram algumas vezes enquanto eu esperava que ele continuasse. Ele puxou as mangas da camisa comprida de flanela e me mostrou os pulsos.

Eu ofeguei e saltei para perto dele.

— Mas que diabos?

— O idiota e seus amigos me encontraram depois da escola, me jogaram no chão e me disseram para tomar cuidado, daí amarraram minhas mãos nas costas com uma corda.

Meus olhos lacrimejaram quando vi raiva e dor rolarem no rosto do meu filho. Em vez de mostrar o quanto eu estava sentindo tudo isso com ele, engoli as emoções e perguntei:

— Como você conseguiu se soltar?

Ele balançou a cabeça para frente e para trás e soltou um suspiro.

— Um garoto me encontrou e ajudou a cortar as cordas, então foi a minha luz no fim do túnel, eu acho. Parece que não sou o único que odeia caubóis por aqui.

Meu coração apertou com o comentário da “luz no fim do túnel”. Travis sempre pedia às crianças que pensassem nisso quando enfrentassem algo difícil ou injusto. Ele queria que elas encontrassem o lado positivo da situação e não ficassem muito focadas no lado ruim a ponto de não conseguirem enxergar o bom.

— O que vai fazer se vir esses garotos novamente? — sussurrei para o meu filho extremamente zangado.

Estava preocupada que ele pudesse fazer algo estúpido como levar uma faca para a escola.

— Nada. Se eu os vir, vou ignorar. Não se preocupe, mãe. — Ele se virou para a sua mesa.

Meu rosto estava vermelho pela raiva e pela dor que ferviam em minhas veias. Eu odiava que meu filho fosse tratado assim por crianças estúpidas daqui, e odiava que ele se sentisse tão fora de controle. Por sua vez, me fez sentir como se estivéssemos caindo, e eu não conseguisse ver o fundo do poço. Eu queria tirar o coração do meu filho de seu peito e carregá-lo dentro do meu, apenas para protegê-lo.

Levantei-me e segurei seu rosto em minhas mãos.

— Você é mais forte do que pensa, meu menino. Eu te amo, mas se alguma coisa, qualquer outra coisa, acontecer, você precisa me dizer. — Eu lhe dei um olhar mortal, esperando que ele soubesse o quanto eu estava falando sério.

Ele me deu um meio sorriso.

— Não se preocupe, duvido que eles façam qualquer outra coisa. Eles só sabem latir.

Eu esperava que ele estivesse certo.

13

Layla

O sol estava escondido atrás de um monte de nuvens furiosas que lançavam uma sombra escura no meu quintal. Eu estava preparada com um par de jeans e botas, até mesmo um suéter, caso chovesse, porque hoje eu terminaria o maldito conjunto de balanços que me propus a montar semanas atrás. Foi ideia da minha irmã idiota; ela viu o conjunto montado em uma loja grande de Casper e comprou para nós. Muito gentil de sua parte, só que ela nunca apareceu para ajudar a montar a fera.

— Ok, eu consigo.

Soltei um suspiro pesado quando me abaixei e peguei o papel com as instruções.

O som de um trovão distante ecoou pelo pasto, mas eu o ignorei porque, como disse, hoje era o dia em que essa coisa seria montada. Eu me concentrei na seção de número um, estudando a imagem das pequenas peças que precisavam ser incluídas nesta etapa específica e examinei os itens em cima do cobertor à minha direita. Não havia parafusos, nem arruelas nem qualquer outra coisa da qual eu precisaria, de acordo com as instruções.

Soltei um grunhido e me levantei. Toda essa situação de estar sozinha era uma merda. Travis sempre cuidava dessas coisas no passado. A cesta de basquete que precisava ser instalada, o conjunto de brinquedos dos nossos filhos, a casa na árvore, os carros, os banheiros entupidos, ele fazia tudo. Eu estava me censurando por não ter grudado nele, absorvendo todos os truques e dicas.

O incidente com o gás de algumas semanas tinha sido humilhante, e fiquei muito grata por Reid não ter falado nada sarcástico sobre eu não saber o que diabos estava fazendo. Eu não sabia que havia diferentes tipos de churrasqueiras e não sabia que a que comprei precisaria de gás.

Colocando as mãos no quadril, eu me levantei e olhei para a casa do meu vizinho. A picape de Reid estava estacionada na frente, como de costume, mas eu não tinha ideia se queria dizer que ele estava em casa. Nós concordamos em ser amigos, então, não deixando minha mente pensar em todos os meandros do que isso significava, decidi forçar meus pés a se moverem.

Esmaguei a grama morta entre minha propriedade e a dele, observando o horizonte escurecer em um azul escuro, cobrindo as colinas com o que parecia relâmpago ou chuva. O cascalho foi triturado sob as minhas botas quando atravessei a entrada de carros e subi os degraus de sua varanda. Bati rapidamente três vezes e esperei.

— Oi. — Reid abriu a porta e me cumprimentou com um sorriso.

— Oi, você está ocupado? — Eu sorri, esperançosa pela sua ajuda.

Ele passou pela porta de tela e ajeitou o boné em cima do cabelo escuro.

— Nem um pouco. Você finalmente vai me pedir ajuda com a montagem dos brinquedos?

Ele riu, me empurrando no braço com o cotovelo.

Eu me inclinei de lado e ri.

— Sim, por favor.

Voltamos ao cobertor com as peças e às instruções. Depois de examinar o papel branco por um minuto ou dois, ele o dobrou e o colocou no bolso de trás.

— Em primeiro lugar, precisamos comprar as ferramentas certas para montar isso. Eu tenho uma furadeira, mas não o tipo certo de parafusos nem o resto do que vamos precisar. — Reid passou os olhos verdes por cima da madeira aos nossos pés e inclinou a cabeça para trás para examinar o céu. — Você tem lona?

Eu juntei as sobrancelhas em confusão.

— Hã, acho que sim. Posso checar no barracão. Por quê?

— Porque vai chover e vai precisar cobrir tudo isso. — Ele encontrou meu

olhar e se virou para o barracão.

Meu coração afundou. Eu só queria que essa coisa fosse montada.

— Lá se foi o meu plano de montar isso hoje. — Suspirei e o segui.

— Não se preocupe, vou ajudar quando o tempo melhorar.

Ele sorriu por cima do ombro e continuou andando. Quando atravessamos o quintal, vi um velho Mustang com tinta azul descascada parar ao lado do meu SUV.

— Quem é? — perguntei de onde eu estava atrás de Reid.

Ele riu e virou para mim a meio passo.

— Como eu vou saber?

Ele entrou no barracão, mas continuei observando o estranho na frente da minha casa. Segundos depois, um berro emanou da porta que se abriu, revelando Star. Seu cabelo ruivo estava domado em mechas brilhantes e lisas pendendo pelas costas.

Eu sorri e caminhei para cumprimentá-la.

— Oi!

— Oi, garota. Está pronta?

Ela sorriu, seus olhos azuis dançando de animação. Sua calça jeans era justa, combinando com botas de salto alto e uma blusa colada. Meu cérebro estava coletando todas as informações, mas de maneira muito lenta.

— O quê?

— Eu te mandei uma mensagem mais cedo dizendo que te lavaria pra sair essa noite — explicou ela, colocando as mãos no quadril.

Eu realmente estava com a melhor cara de paisagem do mundo porque não fazia ideia do que ela estava falando.

— Eu não recebi a sua mensagem.

— Aqui mostra que foi lida e isso é o suficiente pra mim. Nós vamos. Eu fiz chapinha no cabelo e deu muito trabalho para que ficasse perfeito, mas menina, eu consegui, e ele não vai ser desperdiçado por causa de um mal-entendido.

Soltei um suspiro quando me ocorreu que Jovi provavelmente abriu a mensagem quando estava assistindo algo no meu telefone, mas não me disse nada a respeito.

— Eu adoraria sair, mas não estou vestida pra isso e não tenho quem tome conta das crianças.

Passei a mão pelo corpo para enfatizar que claramente não estava vestida para ir tomar uns drinques e dançar.

— Eu posso cuidar deles — falou Reid atrás de mim, segurando uma grande lona azul nos braços.

— Oi, Reid, como vai o Kip? — perguntou Star, focando toda a atenção nele como uma ave faminta.

Eu não sabia quem era Kip, mas Reid sorriu e disse:

— Deveria perguntar a ele.

Star corou e voltou o foco para mim.

— Pronto, agora entre e se arrume. Vou ver como é a sua casa e atacar a sua geladeira, porque estou com um pouco de fome — informou ela, enquanto caminhava para a porta de entrada.

Fiquei paralisada, sem saber direito o que tinha acontecido.

— Tudo bem se eu tomar conta deles? Isso te incomoda? — perguntou Reid baixinho ao meu lado.

Eu imediatamente balancei a cabeça, porque é claro que não me incomodava. Eu confiava nele, do contrário, não o deixaria se aproximar dos meus filhos.

— Não, de jeito nenhum. Obrigada por se oferecer. Estou apenas tentando absorver a ideia de sair com a Star.

Fui para a varanda, sabendo que ele me seguiria.

— Acho que vai ser um pouco mais do que está preparada para enfrentar, mas também acho que pode ser importante sair. — Ele riu levemente quando entramos na casa.

Todas as crianças estavam fazendo uma contagem perto da cozinha, onde

Star atirava uvas para o alto e as capturava com a boca.

Piedade, Senhor.

Reid me deu tapinhas nas costas, sorrindo para o espetáculo que Star fazia.

— Definitivamente mais.

14



— O que a gente tá fazendo aqui fora mesmo? — perguntou Steven, com ceticismo, enquanto jogava seu edredom grande em um fardo de feno.

Ele estava com um suéter grosso, como todo mundo, tentando afastar o frio. Coloquei a garrafa térmica de chocolate quente e o pote plástico com biscoitos em um local que as crianças pudessem alcançar facilmente.

— Estamos criando uma conexão — respondi alegremente, assegurando que Henley e Jovi ficassem sentados em um dos fardos de feno protegidos pelo cobertor.

Michael satirizou:

— Essa coisa de cavalo é um lance deles, posso voltar lá pra dentro?

— Não. Você está aqui conosco porque é divertido e eu gosto de ter você por perto.

Eu lhe passei a garrafa térmica e um copo descartável de papel.

Ele soltou um suspiro pesado e se sentou ao lado de Steven. Os cavalos se mexeram em suas baias, Thor enfiou a cabeça por cima do muro lateral, bagunçando os cabelos de Henley com o focinho. Eu relaxei contra a parede do celeiro e observei cada criança encher seus copos e se aconchegar. O celeiro estava fresco e frio da noite gelada e da chuva que caiu mais cedo.

— Como a gente cria uma conexão? — perguntou Henley, esticando a mão para fazer carinho em Thor.

Fiz um gesto em direção ao que ele estava fazendo.

— Desse jeito.

— Isso parece bobo — disse Jovi enquanto observava o irmão.

— Cavalos são animais de companhia. Eles se ligam a quem quer que cuide e monte neles. Existe uma conexão profunda que você pode formar se quiser.

— Então a gente tem que dormir no celeiro todas as noites? — perguntou

Henley, parecendo confuso.

Eu ri.

— Não, amigão. Isso é algo que vocês podem fazer de vez em quando para que os seus cavalos saibam que se importam com eles. Principalmente se o seu cavalo ficar doente ou se machucar.

— Ele não vai no médico se ficar doente? — Henley inclinou a cabeça enquanto bebia do copo.

— Não, um médico vem até aqui — respondi e saí do pequeno espaço em que estávamos aglomerados.

Era uma baia vazia com grandes fardos de feno alinhados às paredes, grande o bastante para partos e consultas veterinárias. Eu dei a volta, abri a baia de Thor e o levei para a em que estávamos.

— Sabiam que existem lendas sobre cavalos? — perguntei enquanto dava tapinhas no dorso de Thor.

Henley automaticamente se levantou e foi até ele, imitando os meus movimentos. Jovi se juntou um segundo depois, quando comecei a história.

— Muitas culturas tratam os cavalos com muito respeito porque eles são criaturas que dão sorte. Os cavalos eram conhecidos por trazerem glória aos exércitos que iam à guerra. Há muito tempo, eles costumavam colocar lanças no chão apontando em várias direções e faziam os cavalos escolherem que caminho tomar.

Thor se moveu para a frente e foi em direção a Michael, suavemente acariciando sua mão com o focinho. Michael se assustou e se sentou mais ereto.

— Opa... Por que ele fez isso? — sussurrou Michael, como se falar fosse assustar o animal.

— Ele consegue sentir algo em você... talvez dor... raiva. Talvez ele consiga entender. — Continuei a acariciar Thor.

— Eles sabem dessas coisas? — sussurrou Jovi, observando com admiração o cavalo inclinar a cabeça em direção a Michael e cutucá-lo com o focinho.

— Sabem. Eles são muito mais conscientes do que está acontecendo ao redor do que as pessoas pensam. É por isso que são ótimos amigos de terapia.

Michael se levantou e caminhou para a saída.

— Eu não preciso de terapia. Nenhum de nós precisa — murmurou severamente antes de sair, fechando a porta lateral com força.

— Mamãe diz que ele precisa muito de Jesus, mas acho que Jesus tá se cansando do jeito dele — comentou Henley enquanto pegava os biscoitos.

— Então... se estivermos tristes — começou Steven, movendo-se para ficar perto de Thor.

Eu aguardei, esperando que ele estivesse interessado, para me ajudar a curar a pontada de rejeição que senti com Michael. Eu não estava acostumado com crianças ou adolescentes que não se interessavam por cavalos.

Steven colocou a mão entre as orelhas de Thor e fez carinho.

— Eles sentem isso? — Ele levantou os olhos para os meus e esperou.

— Sim... eles sentem tudo e se você deixar, vão tentar te consolar. — Senti o alívio me encher quando observei os três acariciando Thor e sorrindo uns para os outros enquanto um confortável silêncio nos envolvia.

Girei a cabeça de volta à saída, desejando descobrir uma maneira de entrar na cabeça de Michael. Ele não queria fazer as aulas nem aprender a cavalgar porque era mais velho. Então, isso limitava as minhas possibilidades de estender as lições para ele. Eu já estava começando com o pé errado se ele pensava que tudo o que eu queria era consertá-lo.

Se ele ao menos soubesse o quanto eu me identificava.

15

Layla

— Sinceramente, não acredito que você fez isso comigo — reclamou Star, pela centésima vez.

Eu coloquei o dedo na boca para que ela se calasse e tirei as botas. A sala estava escura, exceto pela televisão e pelo abajur que ainda estava aceso. Adentrei mais na sala e notei Reid cochilando com a cabeça inclinada para trás no sofá, com um programa sobre carros passando na Netflix.

— Eu devia paquerar, dançar. Droga, talvez até beijar um cara.

Star jogou as mãos para o alto e caminhou para a minha geladeira como se já tivesse vindo à minha casa milhares de vezes. O volume da sua voz certamente acordaria Reid e, possivelmente, as crianças.

Eu estremeci e a silenciei com o mesmo gesto novamente, desta vez com mais vigor.

— Nossa, desculpa. — Ela revirou os olhos e tirou um copo do armário.

— Ei, você voltou. Vocês se divertiram? — Reid se mexeu no sofá e inclinou a cabeça ainda mais para trás para que pudesse me ver melhor.

Vê-lo tão relaxado assim, com os olhos verdes procurando os meus, fez o meu estômago dar uma leve pirueta. Frustrada com a sensação, eu acenei em afirmação para ele e fui me juntar a Star.

Ela me serviu um copo de leite como fez para si mesma e passou o pote cheio de cookies de gotas de chocolate para mim.

— Estou disposta a dividir, mesmo que você tenha me impedido de beijar hoje.

Star ergueu a sobrancelha fina e tirou um pedaço do biscoito.

Eu fiz pouco caso.

— Primeiro, esses cookies são meus. E segundo, eu te impedir de beijar?

Reid se aproximou e se inclinou perto de mim para pegar um biscoito, o

que era normal, totalmente normal, mas a rotina de ginástica olímpica idiota que se passava agora no meu estômago não era nada normal. Inspirei o seu delicioso aroma de algo picante, limpo e doce, e tentei ignorar o quanto seu cheiro me deixou com vontade de lamber a sua garganta.

— Sim, empata-beijo. Isso era tudo que eu planejava fazer hoje. — Os olhos azuis de Star saltaram de Reid para mim e de volta ao seu cookie. — Mas eu sou uma dama, afinal. Preciso me preservar para alguém que preste de verdade.

— É isso aí, garota. Continue se guardando para Kip — brincou Reid, que quase recebeu um cookie na cara.

Ele o pegou a tempo e soltou uma risada baixa.

— O que vai ser preciso para que você se sinta confortável indo a um bar comigo? — Star colocou as mãos no quadril e me encarou.

Eu odiava que ela estivesse tão irritada por causa de hoje. Quero dizer, eu também estava, mas não consegui me forçar.

— O que aconteceu? — perguntou Reid baixinho ao vir para o meu lado. Seu tom traía a preocupação que sentia por mim e meu estômago respondeu com mais saltos e quedas. *Maldito.*

Soltei um suspiro pesado.

— Eu tentei ir com ela ao bar, tentei mesmo... — Star interrompeu e disse:

— Ela entrou por dois segundos e viu que estava lotado.

— Havia muito mais homens do que mulheres e nos dois segundos que fiquei lá, três deles ficaram me olhando. Foi demais pra mim — expliquei.

Reid lançou um olhar para Star, que ainda me encarava, e depois se voltou para mim.

— Não acho que você deva apressar esse tipo de coisa.

Star riu com uma leve mistura de irritação.

— Claro que você acha isso.

— Por quê? — perguntei, confusa com o sorriso arrogante que ela lançou para Reid.

Ele continuou a mastigar seu cookie, ignorando a acusação.

— Nada, deixa pra lá... Então, o que vai ser preciso, Layla? — Ela se concentrou novamente em mim.

Pânico borbulhou no meu peito. Eu queria amigas, queria sair, mas a ideia dela me deixar sozinha para ir ficar com estranhos e de eu ser cantada por homens, me fazia congelar. Eu não podia forçar. Não estava pronta.

Eu levantei um ombro e bebi um pouco do leite.

— Eu não sei.

— E se você saísse com mais gente? — perguntou Reid, inclinando-se mais uma vez para pegar outro cookie.

Eu estava a dois segundos de lhe entregar o pote inteiro, para não ter que continuar sentindo o seu cheiro nem seu peito musculoso roçar o meu braço.

— Sim, é uma ótima ideia! — Star sorriu, juntando as mãos como se fizesse uma prece. — Nós vamos em um grupo grande.

— Um grupo? — Juntei as sobrancelhas em questão enquanto considerava, achando que realmente poderia funcionar. Eu não me sentiria tão deslocada nem pressionada a conversar com as pessoas.

— É. Eu, Kip, você, Star, e talvez até a sua irmã, se quiser — sugeriu Reid, com um sorriso. Parecia perfeito, mas...

— E as crianças? Quem cuidaria delas?

— Oh, querida, Michael tem idade mais que suficiente para tomar conta dos meninos. — Star fez pouco caso e pegou outro cookie.

— Mas — interrompeu Reid, concentrando o olhar em Star —, se você não estiver confortável com isso, eu poderia procurar uma babá. Com certeza tem adolescentes por aí ansiosas para ganhar um dinheiro extra.

— É, exatamente ‘adolescentes’— disse com ênfase Star. — Michael nunca deixaria outra pessoa da sua idade tomar conta dele e dos seus irmãos. Só ofereça um pouco de dinheiro e ele vai levar a sério. — Ela encolheu os ombros como se fosse uma especialista.

— Você nem conhece os meus filhos. Como sabe que vai funcionar? —

brinquei, indo guardar o leite.

Eram quase onze da noite e eu estava mais do que pronta para dormir. Não tínhamos ido ao bar, mas fomos jantar e assistir a um filme.

— Porque ele é um adolescente, e todos eles pensam basicamente do mesmo jeito. Meu irmão tem quinze, então eu entendo um pouco.

Admitindo derrota, eu dei de ombros.

— Ok, eu vou em grupo. Combinem tudo que eu vou.

— Excelente. — Star bateu palmas. — Acho que vou precisar do número de Kip, então. — Ela piscou para Reid.

Ele riu e assentiu.

— Acho que vai.

Fechamos o recipiente dos cookies e Reid foi na direção da porta para pegar os sapatos. Eu o segui enquanto Star caminhava para o banheiro.

— Então, obrigada por hoje — murmurei fracamente, me sentindo desconfortável de repente. Aqueles altos e baixos de mais cedo tinham me deixado estranha e com a sensação de que estava abusando da nossa amizade.

— Pode pedir sempre que precisar. Além do mais, você sabe que eu gosto dos seus filhos. Eles foram ótimos.

Reid se afastou da porta e sorriu para mim. Seu cabelo escuro estava bagunçado na parte de trás, por ter dormido no sofá, e seus olhos sonolentos me diziam coisas que sua boca não falava. Eles estavam me sorvendo, sorrindo sozinhos, me provocando mais emoções e me deixando ainda mais confusa do que antes.

Eu não respondi, porque, com a escuridão do meu vestíbulo e o calor do seu olhar, eu me vi caindo em algo perigoso, algo fora dos limites... algo que eu desesperadamente não queria desejar.

— Boa noite, Layla — sussurrou Reid, aproximando um dos pés de mim.

Meu cérebro estava tentando me dizer que ele deveria estar indo na direção da porta, não na minha, mas acho que eram minhas benditas partes baixas que comandavam o show, porque estavam hipnotizadas, encantadas com a ideia

dele se aproximar de nós.

— Noite — murmurei de volta quando seus braços longos me rodearam em um abraço.

Quentes, firmes... E aquele perfume limpo e apimentado me subjugando e afogando, tentando minha língua a percorrer sua garganta. Caramba, eu estava tão enferrujada assim com o sexo oposto que um simples abraço poderia me levar ao orgasmo?

Depois de alguns segundos agonizantes, ele deu um passo para trás, soltou-me e abriu a porta.

O ar frio atingiu meu rosto tão delicadamente quanto um balde de água fria.

Que diabos estou fazendo?

Eu me virei e fiquei cara a cara com minha amiga, que sorria de orelha a orelha.

— Isso foi muito sensual.

Suas sobrancelhas dançavam sugestivamente para cima e para baixo, mas antes que eu pudesse dizer algo em resposta, ela acrescentou:

— Posso dormir no seu sofá?

Eu queria atacá-la, defender o que tinha acabado de sentir, só que ninguém entenderia. Como um abraço podia ser erótico? Eu tinha perguntas, mas temia que discutir o assunto a fizesse pensar que eu gostava de Reid mais do que uma amiga deveria. Então, eu a ignorei e apenas murmurei o meu consentimento quanto ao sofá.

— Fique à vontade.

16



Trabalhar com crianças aparentemente era fácil. Cavalgar era fácil. Na verdade, era como respirar e atualmente eu precisava da sua simplicidade. As únicas exceções eram os filhos de Layla – especificamente a filha, Jovi.

Henley devorava todas as lições com um grande sorriso e uma atitude animada. Steven era uma boa mistura de ambos, mas em vez de deixar sua emoção aparente, ele a abafava com um olhar feio ou se afastando em silêncio. Jovi, no entanto, era um pequeno enigma que eu não conseguia decifrar. Minha mente ainda estava remoendo nossa aula do dia anterior.

Ela estava de pé, com a cabeça dobrada perto da de Samson, e estava com aquela expressão de lábios apertados e cheia de raiva no rosto, a que era quase impossível de penetrar. Se ela ao menos soubesse que cada emoção com a qual guerreava era exibida tão abertamente naquele rostinho. Isso me machucava, me deixava com dores que nunca experimentei antes.

Fui para o lado de Samson e dei um tapinha no pelo branco ao longo de suas costas, fazendo seu rabo balançar de um lado para o outro. Ele inclinou a cabeça em direção a Jovi, e eu sabia que ele podia sentir o que eu sentia. Eram como pequenas ondas de energia que emanavam de seu pequeno corpo, implorando que alguém a consertasse, implorando que alguém tocasse em seu peito e curasse o seu coração partido.

Baixei a cabeça e falei baixinho com ela, esperando que ela me ouvisse.

— Lembra o que eu disse no celeiro na outra noite?

Ela manteve o rosto oculto por Samson. Esperei um segundo antes de desistir e tentar uma tática diferente.

— Quando a dor fica grande demais e não tem ninguém que entenda, eu conto para eles. — Inclinei a cabeça para Samson e passei a mão pela sua crina. — Eles ouvem melhor do que ninguém e minha alma sempre fica mais

leve quando termino. — Continuei a dar tapinhas delicados na pelagem macia do cavalo. — Foi o que fiz quando perdi meu pai.

Seus olhos castanhos se voltaram para os meus e depois se moveram devagar para atrás de mim, um brilho lustroso os consumindo. Ela não falou, não fez nada, mas depois que me afastei, notei que ela estava mais perto de Samson e sussurrava algo em seu ouvido com uma corrente de lágrimas caindo pelo rosto.

De certa forma, o treinamento deles ser em casa era uma bênção. Se estivessem trabalhando com os cavalos de Landon, teriam que se desconectar ao término de cada sessão e a terapia poderia ser prejudicada por isso. Dessa forma, Jovi poderia se aconchegar do lado de fora da baia de Samson e ficar lá, conversando com ele a noite toda, se quisesse. Eu sabia que era o que eu tinha feito nos momentos em que meu mundo pareceu grande demais para se viver nele.

Estava indo para a fazenda de Landon, mas antes quis checar os brinquedos do parquinho de Layla. Como estava escurecendo muito cedo, não seria possível fazer isso quando voltasse para casa. Corri pela grama alta e atravessei a lateral da casa para entrar no quintal menor. No momento em que abri o portão, vi Steven sentado nos degraus da varanda dos fundos, cabisbaixo e com uma bola de futebol debaixo do braço.

Preocupado, eu contornei a estrutura meio montada do parquinho e me sentei devagar ao seu lado.

— O que foi, meu chapa? — perguntei, de maneira hesitante, esperando que não estivesse ultrapassando os limites.

Ele levantou o ombro esquerdo, deixou cair e manteve a palma da mão sob o queixo. Seus olhos ainda estavam abatidos, observando a terra aos seus pés.

— Ah, eu sei o que é. — Estalei os dedos como se já tivesse descoberto a solução do problema.

Steven levantou a cabeça.

— O quê?

Eu dei um pequeno sorriso e empurrei seu ombro.

— É uma garota, não é?

Eu sabia que não era, mas também sabia que isso o faria começar a falar apenas para me fazer calar a boca.

— Fala sério! — Ele sentou-se mais alerta. — Eu nem gosto de garotas. — Ele chutou a pilha de terra que estava juntando com os sapatos. — Quero entrar pro time de futebol, mas o treinador disse que eu precisava melhorar no próximo treino, senão não ia conseguir. — Steven curvou os ombros, parecendo derrotado.

Eu me recostei nos degraus e levantei as mãos.

— Por que não está praticando, então?

Steven me olhou como se eu fosse um idiota.

— Porque não tenho com quem praticar.

Olhei em volta do quintal vazio e arqueei a sobrancelha.

— Onde está o seu irmão mais velho?

Steven soltou um suspiro pesado.

— No quarto, deprimido como sempre. E não me diga pra pedir a ele, porque ele me odeia.

Eu me inclinei mais perto dele e coloquei o braço em volta dos seus ombros.

— Amigo, isso não é verdade.

Steven debochou.

— É, sim. Desde que o papai morreu, ele odeia todo mundo, principalmente eu.

Seu tom doído me fez querer abrir as veias e doar algo que eu nem tinha a oferecer, algo como esperança ou um novo começo. Eu o sacudi um pouco, tentando aliviar o seu fardo.

— Amigão, tem um milhão de coisas que você pode fazer sozinho. Você não precisa de um parceiro. Vamos lá, eu vou te mostrar.

Nós nos levantamos e caminhamos até a lateral da casa. Eu fiz um gesto em

direção à bola de futebol e Steven a jogou em minhas mãos. Eu nunca fui muito bom em esportes onde não havia um cavalo envolvido, mas a minha irmã, Sarah, era uma ótima jogadora quando éramos crianças.

Eu fiz alguns exercícios com ele, mostrando-lhe como usar a casa como um objeto defensivo, chutando a bola contra a parede para rebatê-la no ar com um chute. Ocasionalmente, ele também rebatia com a cabeça e dava risada quando a bola atingia a casa com um baque forte.

Éramos dois tolos chutando uma bola na parede da casa e perdendo o chute na maior parte do tempo, mas Steven estava rindo e seu sorriso transformou completamente o fato de eu estar uma hora atrasado para o trabalho. Não foi ruim flagrar Layla nos observando da janela de cima, com um sorriso largo no rosto ao ver o filho sorrir.

Eu começava a entender que ela estava fazendo tudo o que podia para curar os corações das crianças, mas que estava negligenciando o próprio.

Isso me fazia querer consertá-la, principalmente depois da outra noite. A noite em que ela voltou para casa com Star e elas conversaram sobre Layla não estar pronta para frequentar bares, eu sabia que queria usar os tipos de ferramentas que não eram encontradas no arsenal da amizade. Meu batimento cardíaco acelerou e o órgão inútil no meu peito se agitou quando pensei em Layla dançando com outros homens em um bar.

Eu sabia que não faria esse lance de amizade do jeito certo, mas isso não mudava o fato de ainda querer consertá-la. Merda, eu queria consertar todos eles.



— Ok, tem certeza que vão ficar bem? — Layla perfurou Michael com um olhar severo enquanto colocava um brinco na orelha.

Michael revirou os olhos porque Layla tinha feito a mesma pergunta cerca de dez vezes na última meia hora.

— Sim, estamos bem. Vamos fazer pizza para o jantar e ver um filme com

classificação livre, pra que Henley e Jov possam assistir. Eu tenho os números de emergência. Os cavalos já foram cuidados e guardados. Estamos bem. — Ele exagerou na última palavra e virou os ombros da mãe em direção à porta.

Eu estava esperando perto dela, já pronto para sair. Michelle nos encontraria no bar, assim como Star e Kip, por causa dos seus horários de trabalho. Star havia providenciado para que fizéssemos um rodízio entre todas festas acontecendo, já que o pessoal local fazia reuniões nas noites de sexta-feira e Douglas não tinha tantos bares assim.

A temporada de futebol americano do ensino médio havia começado, assim como a faculdade e a NFL, então basicamente era como fazer um rodízio junto com a cidade inteira, onde todos apareciam para assistir a um jogo e beber cerveja. Embora as escolas fossem bem rigorosas com esse tipo de coisa, isso não impedia ninguém.

— Pronta? — perguntei a Layla, tentando ter certeza de que ela estava realmente preparada para deixar os filhos.

Ela tinha aquele olhar atordoado, como se estivesse confusa ou como se as coisas estivessem escapando dela. Ela vasculhou a bolsa quando murmurou alguma coisa, mas não consegui entender. Tentei não parecer completamente afetado pelo fato dela estar tão linda hoje, porque amigos realmente não percebem esse tipo de coisa. Eles também não comentam, então eu não comentei nada, mas queria. Queria muito, demais.

— Mãe, e se Michael me mandar pra cama sem motivo?

Steven deu a volta na escada como se com medo de nos perder. Seu cabelo castanho e macio estava despenteado e amassado de um lado, como se tivesse ficado deitado por um tempo.

Layla desistiu do que estava procurando na bolsa e se dirigiu ao filho.

— Ele não vai fazer isso.

— Mas e se ele fizer? — Steven cruzou os braços e inclinou a cabeça, pronto para discutir com ela.

Layla soltou um suspiro pesado e gritou:

— Michael, ninguém vai dormir cedo. Não briguem.

Steven, aparentemente satisfeito com isso, entrou correndo, deixando nós dois sozinhos no vestíbulo. Antes que mais alguém pudesse interromper, eu abri a porta e saí. Ela me seguiu, ainda parecendo insegura. Ela já tinha dito que ia dirigir sem nem me perguntar se eu queria, o que foi bom porque era uma desculpa a menos para eu ter que inventar.

— Vamos sair daqui, eu acho — disse ela, entrando em seu SUV. Eu sorri para mim mesmo e entrei do lado do passageiro.



Os homens notaram Layla, o que não era surpresa, já que ela estava com uma calça jeans que provavelmente precisaria ser cortada para sair e uma blusa preta que parecia tão apertada quanto. Ela usava um colar azul-petróleo que pendia perto dos seios e botas de caubói cor creme, sem mencionar que o seu cabelo caía pelas costas em cachos soltos e perfeitos. Eu não gostava de ser grosseiro, mas porra, ela estava no ponto para se comer e eu estava de saco cheio do tanto que os homens dali notaram isso.

Kip e Star tinham se dado bem e não paravam de dançar a cada nova música que tocava. Nós agora estávamos no bar local, onde encerraríamos a nossa noite. As poucas festas que fomos tinham sido fracassos, sem muita coisa acontecendo além de conversas sobre política e pessoas se beijando contra as paredes. Então, nós viemos para cá e decidimos pôr um fim na noite depois disso. Layla ainda não tinha se soltado, ficando calada e agarrada à alça da bolsa como se fosse a única coisa mantendo seus pés no chão enquanto ficava colada na irmã.

Michelle atualmente dançava com um caubói de cabelo escuro que a girava pela pista de dança. Dois homens chamaram Layla para dançar, os quais ela educadamente recusou. Eu estava bebendo minha cerveja, observando, apenas tentando ser um amigo dando apoio.

— Parece que este lugar está ficando mais cheio a cada segundo — gritou Layla perto da minha orelha, bebendo de uma garrafa escura de cerveja. Ela estava com a mesma garrafa há 45 minutos.

— Sim, tende a encher, eu acho, já que está ficando mais tarde.

Dei de ombros, sem odiar o quanto a conversa me levava para perto da sua orelha. O bar estava cheio e as pessoas andavam em volta de nós, procurando abertura para fazer pedidos ao barman. Toda vez que alguém se metia ao seu lado, ela era empurrada para mais perto de mim. Quando um cara a empurrou enquanto lhe dava um sorriso, ela se virou completamente no banco para me encarar e pareceu finalmente desistir.

— Dança comigo? Eu preciso sair desse bar e não tenho ideia de onde mais ir sem parecer estúpida — gritou no meu ouvido por cima da música, segurando meu braço. Controlei minha expressão, tentando não reagir, porque um amigo não reagiria a uma dança.

Eu balancei a cabeça, peguei sua mão e a levei para a pista. As luzes estavam baixas, o espaço lotado e as emoções carregadas. A música foi de algo acelerado para uma canção lenta e sensual, um homem falando de uma mulher que ele queria que fosse sua, mas que pertencia a outra pessoa. Eu odiava que a letra estivesse quase falando das minhas próprias emoções e do que eu sentia por Layla. O homem que possuía seu coração podia estar morto, mas ainda estava com ele nas mãos.

Layla ficou rígida quando meu braço rodeou a sua cintura e o outro subiu para agarrar sua mão. Era como se ela não pudesse se mexer, até que sussurrei em seu ouvido:

— Só me acompanhe. Finja que nem estamos dançando, apenas circulando pelo chão.

Eu pude sentir quando ela assentiu contra o meu queixo e arrastou os pés. Senti como se estivéssemos de volta à escola, mal nos movendo ou tocando, mas eu iria tão devagar quanto fosse necessário para ela.

No meio da música, ela se soltou e passou os braços em volta do meu

pescoço, nos deixando mais próximos. Quando baixei os olhos para ela, vi que seus olhos estavam fechados, mas um sorriso tímido enfeitava belos lábios. Algo dentro de mim cresceu ao vê-la assim, tão vulnerável e exposta. Ela era perfeita.

Puxei-a para mais perto, ajustando as mãos em sua cintura, ficando ávido com o seu perfume de melancia invadindo meus sentidos. Nós ficamos apenas existindo em um momento estranho suspenso no tempo, onde eu podia sentir cada batimento do seu coração e ouvir cada leve expiração roubada da realidade à qual estávamos amarrados.

— Vocês são muito fofos — gritou Star ao nosso lado, interrompendo o momento.

Os olhos de Layla se abriram e seu corpo ficou tenso. Star jogou a cabeça para trás e Kip sussurrou algo em seu ouvido. Os dois estavam bêbados e sendo dois pés no saco.

Layla me soltou e deu um passo para trás.

— Acho que estou pronta pra ir embora agora.

Ela agarrou o próprio cotovelo e olhou em volta, o que fez Michelle se aproximar e levá-la para o banheiro.

Tudo o que eu queria era que ela tivesse uma noite divertida e esquecesse um pouco seu coração partido. Star notou o que estava acontecendo e tropeçou em direção ao banheiro, deixando Kip e eu na pista, observando-as se afastarem.

17

Layla

— Você está exagerando — deixou escapar Star enquanto ajeitava o cabelo no espelho.

Com as sobrancelhas erguidas, Michelle me lançou um olhar que dizia, *seus amigos são bem interessantes*. Eu queria empurrar seu braço e dizer: *Pelo menos eu tenho amigos*.

— Não estou. Eu só... me sinto um pouco sobrecarregada por esse lugar e pelas pessoas. Você queria que eu saísse e eu saí — declarei com firmeza, jogando um pouco de água no rosto.

— Eu pensei que você queria sair dessa, começar a se curar — disse Michelle, suavemente, virando-me para si.

— Eu quero. Claro que quero começar a me curar, Shell. — Olhei para ela, mas seu olhar de resposta foi um de confusão, um lembrete frio de que nenhuma delas sabia como era perder um marido.

Ninguém sabia como era dançar com alguém pelo qual você sentia uma atração, mas lutava contra isso, e sentir uma peça que nem deveria existir se encaixando dentro de você. Ninguém sabia como era esse tipo de culpa.

— Olha, eu só não entendo o objetivo. Vocês estão dançando e se divertindo, mas isso não é divertido pra mim. Eu não quero fazer isso — argumentei, pronta para ir embora. Eu tinha meu próprio carro e não precisava da permissão de ninguém para ir.

— Ok, eu te entendo. A gente pede desculpa — disse Star, virando os olhos para Michelle e de volta para mim. — Vamos tentar outra coisa.

Eu pensei em dizer não, passar por elas e dirigir para casa como um morcego saído do inferno. Eu tinha um pijama esperando por mim, junto com um filme da Netflix e meio pote de sorvete de chocolate. Em vez disso, cedi e perguntei o que Star tinha em mente.

— Você vai ver. — Ela mexeu as sobrancelhas para cima e para baixo, estampando um sorriso no rosto.



O som de pinos sendo derrubados e pessoas gritando de alegria ecoavam por todo o ambiente. Meus sapatos ficaram ridículos com a minha roupa, mas Michelle e Star não estavam muito melhores. Ryan se juntou a nós; ele e Michelle tinham se dado bem e, quando ela lhe disse que estava indo, ele perguntou se poderia vir junto. Ele parecia legal o bastante, mas eu estava preocupada demais com o fato de Star se importar com o meu desconforto a ponto de nos mudar de local para me concentrar nisso.

— *Strike*, filhos da mãe! — Kip girou nos calcanhares como um dançarino profissional, estalando os dedos.

Eu ri, sentindo como se uma pedra endurecida tivesse se rachado no meu peito. Era uma sensação boa... de liberdade. Dei um gole na minha cerveja e sorri quando Kip discutiu com Reid sobre as pontuações. Era a vez de Star, arrasando com seu sapato vermelho e azul, minissaia e blusa de alcinha, enquanto caminhava até a nossa pista com uma bola de boliche verde.

— Não estrague tudo — gritou Kip, com as mãos em volta da boca.

Star olhou por cima do ombro e deu uma piscadela, antes de trazer o braço para trás e depois jogá-lo para frente, deixando a bola voar livremente pela pista. Ela bateu exatamente no meio dos pinos brancos com um estrondo, o que fez Star soltar um grito.

Michelle se inclinava na direção de Ryan enquanto eles sussurravam um para o outro, sorrindo e flertando. A sensação de liberdade que senti, agora foi substituída por uma de inveja – uma inveja terrível e feia.

Eu vi as bochechas de Michelle corarem quando Ryan sussurrou algo em seu ouvido e brincou com seus cabelos. Ela estava aninhada no ombro dele e os dois ignoravam o jogo acontecendo, alheios a tudo, menos um ao outro.

— Vai olhar para eles a noite toda? — sussurrou Reid em meu ouvido, me

tirando do meu devaneio.

A vergonha me espetou em algum lugar bem no peito. Limpei a garganta e fui jogar a bola, ignorando Reid e o fato dele ter me flagrado. Olhei para a bola verde neon, enfiei os dois dedos e enganchei o polegar no terceiro buraco, tirando-a dos trilhos. Segui para a linha branca que separava o chão da pista e olhei para os pinos lá no fim. Música country saía de caixas no teto e enxames de pessoas ocupavam o resto das pistas e estações. Percebi tarde demais que não tinha ideia do que estava fazendo. Eu não jogava boliche desde a época da escola.

Travis tinha levado as crianças algumas vezes, mas toda vez que saía era com os meninos, e Jovi ficava comigo. Simplesmente não era algo que gostávamos de fazer em família, por qualquer motivo que fosse. Ou era eu que não gostava? Talvez era eu que estragava o programa de todos? Talvez Travis morresse de vontade de ir jogar todo fim de semana, mas eu era uma pedra no caminho que nunca queria ir? Eu não percebi que havia congelado até sentir a mão de alguém na parte inferior das costas.

— Você está bem? — A voz de Reid flutuou pelo meu pescoço quando ele se inclinou para perto.

— Eu nem sei o que estou fazendo, nem sei como fazer isso. — Mantive o olhar para a frente, apavorada ao vê-lo perceber minha inexperiência.

Prendi a respiração quando as luzes acima diminuíram, embaçaram e perderam o foco. A emoção apertou o meu peito, tensa e ansiosa para explodir.

Um segundo depois, senti uma mão quente cobrir a minha, segurando a bola de boliche comigo. Outra mão foi até a minha cintura para me estabilizar.

— Está vendo aqueles triângulos brancos no chão? — perguntou, tão perto do meu ouvido que quase pareceu estarmos a sós no local. Eu assenti com a cabeça, baixando o olhar para as formas que faziam uma linha na madeira polida aos meus pés.

— Alinhe sua bola com o do meio, assim. — Ele manteve a mão na minha, levantando-a até que ficasse no nível do meu queixo. — Está focando no do meio? — perguntou, ainda de pé às minhas costas, sua voz rouca no meu ouvido.

Eu assenti.

— Ótimo. Agora jogue o braço para trás, mas fique de olho naquela linha. — Ele mudou a posição do corpo para poder me ajudar a levar a bola para trás. — Mantenha o foco. — Seu aperto em minha cintura se intensificou. — Agora jogue o braço para frente e solte a bola quando ela cruzar a linha aos seus pés.

Ele empurrou meu braço para frente. Eu soltei os dedos exatamente como ele disse e a bola girou pela pista com velocidade, não tanto quanto as outras, mas o suficiente para percorrer toda a pista até atingir o lado esquerdo do pino central, derrubando vários outros.

— Muito bem! — Reid bateu palmas atrás de mim.

Eu me virei com um sorriso enorme colado no rosto e joguei os braços em volta dele. Ele me agarrou e me girou em círculos enquanto nossos amigos batiam palmas lá trás.

— Um *split* é algo para se orgulhar — murmurou Kip, tomando um gole de cerveja. Eu nem sabia o que era um split, mas fiquei muito agradecida pela ajuda de Reid.

O resto da noite seguiu com mais risadas do que eu dei em um ano. Michelle e Ryan foram embora um pouco mais tarde e fiquei feliz por vê-la em algum tipo de situação romântica, embora fosse algo novo para nós. Que eu saiba, ela não ficava com alguém há mais tempo que eu, mas, por outro lado, talvez eu estivesse tão envolvida com a minha própria vida que nem havia me dado conta. Quando eu morava em Oregon, antes da morte de Travis, nós só falávamos uma vez por semana. Eu vivia ocupada e quando conversávamos era apenas o básico e antes que uma das crianças interrompesse.

— Então, quer falar sobre o que aconteceu essa noite? — perguntou Reid, ao meu lado no banco do motorista.

As luzes da rua lançavam um brilho temporário enquanto passávamos pela cidade. Eu tinha bebido muitas cervejas, então Reid estava dirigindo, aparentando estar meio rígido e tenso, mas, de toda forma, dirigindo. Eu estava um pouco embriagada, então talvez essa postura rígida fosse coisa da minha cabeça.

— Sobre eu não saber jogar boliche? — perguntei, com a cabeça contra a janela.

Ele abriu um sorriso, um sorriso lindo que eu não deveria ter gostado.

— Não, sobre você estar observando sua irmã e Ryan daquele jeito.

Senti meu rosto corar de vergonha.

— Ah, isso. — Eu olhei para o meu colo, onde minhas mãos descansavam.

— Sim, isso. Você parecia... — Ele parou de falar.

— Com ciúme? — terminei, olhando para ele, desejando poder ler sua expressão. Porque, quem é que ficava com ciúme da irmã paquerando um cara?

Reid olhou para mim brevemente.

— É, parecia que você queria ser ela.

Eu balancei a cabeça.

— É meio confuso... e um pouco idiota.

— Me conta.

Reid olhou para mim novamente, aquelas luzes amarelas aparecendo para acabar com a escuridão a cada alguns metros.

Dei um suspiro pesado.

— Ela parecia tão feliz. Ser paquerada daquela forma, as borboletas na barriga pela antecipação de um novo relacionamento, o ato de formar uma conexão com outra pessoa, onde ela te toca com essa intimidade... — Eu parei, levantando as mãos brevemente, como se pudessem ajudar a explicar de alguma forma.

— Te incomoda ver isso depois de...? — perguntou Reid, com delicadeza.

Juntei as sobrancelhas enquanto pensava no assunto.

— Não, é mais como se eu tivesse medo de nunca mais ter essas coisas.

O silêncio floresceu entre nós enquanto minha estranha confissão pairava no ar, esperando que ele fizesse algo a respeito. Embora eu ache que não havia nada que ele pudesse fazer. Ele não poderia mudar o meu medo nem consertá-lo, poderia apenas ouvir. O que eu não revelei foi que me odiava por desejar aquilo de novo. Eu me sentia como se estivesse tentando conter a própria natureza humana que corria pelas minhas veias.

Assim que ele deu o sinal para entrar na nossa estrada compartilhada, soltou um suspiro tenso e respondeu:

— Você vai ter isso de novo, Layla. Eu te prometo.

Seus olhos encontraram os meus, de alguma forma me oferecendo uma promessa que certamente não era sua para dar, mas o meu coração me fez estender a mão e aceitá-la mesmo assim.

— Ok — sussurrei de volta.

18



— Reid, como vai a manhã, filho? — perguntou Landon, me dando um tapa de leve nas costas quando entrei na baia à minha frente.

Eu me virei e sorri para o meu velho amigo.

— Muito bem — respondi honestamente, forçando a minha gratidão para que ultrapassasse a ferroada da vergonha.

O sentimento de inferioridade era como uma onda gigante que se movia lentamente e invadia tudo, levando consigo qualquer coisa que não estivesse bem fixada. Voltar a esta vida era como engolir lâminas e eu odiava o gosto metálico de sangue que deixava na boca.

— Vai ser bom ver você trabalhar com eles novamente. — As sobrancelhas brancas de Landon se ergueram de animação.

Eu tentei espelhar o sentimento. Eu vinha trabalhando com os meus alunos, mas ainda não tinha domado potro algum nem feito treinamentos individuais com eles.

— É, já faz algum tempo, então provavelmente é uma boa ideia começar com os mais novos — brinquei, agarrando o cabresto do potro puro-sangue que batia os cascos no chão da baia.

Landon me contratou para trabalhar dando aulas às crianças, mas enquanto estavam na escola, eu ajudava a domar alguns de seus potros.

— Será como um remédio para a alma. Ar fresco, a companhia de um cavalo. Um homem não precisa de mais nada, a não ser de uma boa refeição. — Meu chefe apertou meu ombro com bastante força.

Como diabos ele ainda é tão forte?

Tentei não fazer uma careta e forcei um sorriso. Apreciei ele ter deixado de lado a necessidade que um homem tinha de uma vida doméstica. Odiava que minha mente pensasse tanto em Layla e em nossa conversa da outra noite,

quando ela admitiu querer um relacionamento novamente. Odiava pensar tanto em como seria pertencer a ela, pertencer a todos eles... como seria a convivência ao seu lado e o quanto seria boa. Odiava que meus pensamentos constantemente se voltassem para Layla. Era como se eu não tivesse autocontrole. Nós éramos amigos e eu não fazia outra coisa a não ser ter pensamentos nada amigáveis a respeito dela.

Conduzi o potro cuidadosamente pelo celeiro e fui em direção ao redondel, onde começamos a trabalhar em alguns exercícios que o prepariam para ser montado. Eu estava enferrujado, então fui devagar. Deixei que ele corresse, que se acostumasse com a minha presença por uns bons cinco minutos antes de começar a guiá-lo pelo redondel para que se sentisse confortável mudando de direção e para que percebesse quem estava no comando.

Pisquei para o sol de outono, que já estava alto no céu, queimando tudo que não estivesse na sombra. Estava com um boné, mas sentia falta da proteção que um chapéu de caubói ofereceria ao meu pescoço e rosto. Já de volta ao meu elemento, verifiquei mentalmente os itens que precisaria usar da próxima vez.

O velho tênis rasgado nos meus pés também não estava ajudando e se alguém me visse assim, balançaria a cabeça e daria risada do “novato”. Mas, o que eles não tinham ideia era que de novo eu não tinha nada. Apenas estava sem prática, fora de sincronia com esse mundo de grama e terra. Só precisaria encontrar um jeito de ir até a uma loja de departamentos maior e estocar algumas coisas. Teria que ir a Casper, o que significava que precisava arrumar uma carona.

Ou apenas agir como a porra de um adulto e dirigir até lá.

Eu não havia processado ter dirigido e levado Layla para casa na outra noite, porque não queria atrapalhar a memória e, além disso, ela tinha precisado de mim. Foi mais uma precaução de segurança e não foi tão difícil com ela ao meu lado.

Peguei o feixe de corda com a mão enluvada e estalei a língua para o potro,

para encorajá-lo a mudar de direção. Seu corpo escuro e lustroso se virou quando ele inclinou a cabeça para o lado e para trás. Agora eu só tinha que esperar enquanto ele continuava correndo pelo redondel, acostumando-se com os comandos básicos.

Domar potros exigia paciência e, embora a espera não fosse algo normalmente difícil para mim, eu odiava ficar sozinho com os meus pensamentos. Ultimamente, minha mente parecia uma prisão, reproduzindo imagens de coisas que eu preferia esquecer. Eu também andava sonhando, o que deixava as noites arrastadas e as manhãs quase que insuportáveis. Precisava começar a superar essa merda. No passado, tinha adorado passar uma tarde sozinho com um potro. Ninguém vinha me incomodar, a não ser os que ficavam observando, só para pescar umas dicas.

Era assim que eu encontrava paz, mas agora era apenas mais uma forma de punição.

Depois de mais ou menos uma hora, levei o potro de volta ao celeiro para me refrescar e fazer uma pausa do sol quente. Assim que saí pela entrada lateral e em direção ao galpão de feno, ouvi alguns meninos gritando da estrada. A princípio, parecia um grupo de adolescentes rindo e brincando, apenas se divertindo, mas quando peguei um fardo de feno e atirei no trailer, também ouvi outra coisa.

— Pare com isso! Eu vou te matar, porra! — gritou alguém acima das brincadeiras e risadas.

A urgência do tom do garoto me interrompeu e eu rapidamente dei meia volta em direção à estrada. O rancho ficava longe da estrada principal, aqui eram só estradas de terra e cascalho, mas havia um ponto de ônibus a cerca de meio quilômetro. Eu protegi os olhos do sol e tentei ver o que estava acontecendo com a turma de adolescentes quando ouvi alguém gritar:

— Por favor... eu não fiz nada para vocês. Parem! — Quem quer que fosse parecia assustado, seriamente assustado.

Eu saí correndo, impulsionando as pernas enquanto corria pela longa

estrada de terra de Landon. Agradecido por seus altos portões de ferro estarem abertos no momento, continuei correndo até chegar atrás de um grupo de pelo menos cinco adolescentes. Eles estavam amontoados em volta de alguém que estava no chão, rindo, chutando terra e incentivando uns aos outros.

Com a velocidade que já havia atingido, eu me meti no meio do grupo e os afastei para ver quem estava no chão. Havia um garoto de bruços na terra, preso com os pulsos amarrados aos tornozelos com uma corda grossa. O garoto que estava dando o nó levantou os olhos devagar, interrompendo o movimento das mãos e ficando de pé.

Assim que ele ficou em pé, eu o empurrei com força. *Quem porra amarra uma pessoa desse jeito?* Essa merda de amarra era usada em gado e, ainda assim, os nós não eram tão apertados quanto os que esses idiotas tinham dado.

— Mas que porra vocês pensam que estão fazendo? — cuspi em cima dos moleques, que ficaram subitamente quietos.

Eu me abaixei para o garoto no chão e tirei o meu canivete para cortar a corda.

— A gente só tava dando um trote no novato — disse um dos meninos, com um leve sotaque que claramente não era de Wyoming.

Eu olhei para os rostos dos moleques.

— Vocês estão encrencados. Será que entendem que tipo de merda é essa? Esse negócio de bullying é ilegal agora, caso não tenham sido informados.

Agarrei o garoto no chão e o puxei para que se levantasse.

Todos do grupo olharam para o chão e se recusaram a encontrar o meu olhar.

Landon apareceu dirigindo seu Ford F-150 e saiu do lado do motorista batendo a porta com força.

— Jason? O que está acontecendo aqui? — perguntou ao garoto que tinha dado os nós.

Eu me virei para o meu chefe e levantei a mão para mostrar o pobre garoto que havia sido jogado no chão, aquele que eu agora podia ver claramente.

O filho de Layla, Michael, fitou o chão, mexendo o pé e se eu não estava equivocado, ficando vermelho de vergonha.

Porra.

Claro que ele estava vermelho, essa merda era extremamente humilhante. Ver que era com ele que estavam mexendo despertou uma emoção estranha em mim, algo selvagem, perigoso e insano. Minha respiração ficou irregular quando olhei outra vez para aqueles garotos. Eles machucaram alguém que eu queria proteger, alguém importante para mim, porque não importava o que havia acontecido, Layla e seus filhos eram importantes para mim.

— Jason, você sabe o que a sua mãe disse sobre mexer com outras crianças. Sugiro que vocês vão embora, porque pretendo ligar para os pais de cada um de vocês para contar exatamente o que aconteceu aqui.

A voz de Landon cortou o calor da tarde quando ele colocou as mãos no quadril e estreitou o olhar. Todos os meninos murmuraram um pedido de desculpas e começaram a se afastar.

Segurei o ombro de Michael, guiando-o para longe do grupo que já partia, e fui na direção do meu chefe.

— Está machucado? — perguntei baixo, para que só ele pudesse me ouvir. Michael não respondeu, apenas levantou e deixou cair o ombro.

Certo. Ele não quer falar sobre isso e eu não o culpo.

— Landon, se importa de nos levar para a casa dele? Eu moro ao lado e talvez possa ajudar a explicar o que aconteceu para a mãe dele.

Não tirei a mão do ombro do garoto. Eu sabia que ele podia preferir que eu tirasse, mas também sabia que ele precisava saber que não estava sozinho naquele momento, precisava saber que havia pessoas ao seu lado.

— Claro. Tome, leve a camionete e traga de volta amanhã de manhã — disse Landon, olhando para o garoto e piscando o olho para mim.

Ele provavelmente sabia que eu precisava de um minuto para conversar

com o garoto sem ninguém por perto. O orgulho era uma enorme muralha nada fácil de derrubar e, nesse caso, ações falariam muito mais que palavras.

Peguei as chaves, a sensação da prata na palma da mão me provocando uma coceira na consciência. Inspirei pelo nariz e fechei os olhos, permitindo que a preocupação com Michael preenchesse o buraco que geralmente se abria dentro de mim quando pensava em dirigir novamente.

— Entre. Vamos te levar para casa — falei por cima do capô para Michael, que estava de pé e olhando para o nada.

Um segundo depois, ele entrou na grande fera negra que chamavam de picape e afivelou o cinto. Abri as janelas e fui guiando lentamente em direção à nossa estrada.

— Então, quer falar sobre o que aconteceu lá atrás? — perguntei baixinho, mantendo os olhos na estrada.

Fui recebido com silêncio, o que imaginei que aconteceria.

— Sabe, eu costumava apanhar quando estava na escola. Os jogadores de futebol americano gostavam de fazer da minha vida um inferno porque eu passava o meu tempo com cavalos e gado, e não com bolas e líderes de torcida — falei para o painel, permitindo que o silêncio ficasse entre nós e me recusando a deixar que se tornasse desconfortável. Eu peguei Michael levantando a cabeça e olhando na minha direção.

— Já te amarraram daquele jeito? — Sua voz saiu baixa e desafinada e isso quebrou algo dentro de mim.

Eu nunca estive em posição de dar conselhos ou motivação a alguém, não nesse nível. Eu me sentia um impostor, mas continuei pelo bem do garoto.

— Que nada. Teria sido eu amarrando-os, mas qualquer um que saiba usar uma corda e tenha alguma alma nunca faria uma coisa dessas com outra pessoa. O pessoal do futebol gostava de me dar uns socos na barriga, logo depois que eu almoçava, para que eu vomitasse. Fizeram isso todos os dias durante dois meses, até que eu não aguentei mais.

Agora o corpo inteiro de Michael estava de frente para mim.

— O que você fez para que parassem?

A esperança que vazava de sua voz me deixou querendo ir atrás daqueles garotos idiotas e dar um soco na cara de cada um por machucarem ele.

— Desmontei as picapes deles enquanto estavam no treino. Tirei os pneus e, usando o macaco, coloquei as rodas em cima de blocos de concreto. Também tirei os amortecedores de som e coloquei areia nos radiadores. Não foi nada legal, mas eles fazerem da minha vida um inferno muito menos. Eu me preocupei que viessem atrás de mim para se vingarem, mas nunca vieram. Acho que consegui me fazer entender. — Eu terminei e sorri para Michael, que estava sorrindo de orelha a orelha.

— Essa ideia não é ruim — pensou ele, relaxando um pouco no assento. Ficou quieto por alguns momentos antes de falar, com a voz baixa e insegura. — Você podia... hã... — gaguejou e olhou em volta da cabine. — Podia me ensinar como lidar com cavalos e cordas que nem eles?

Olhei para ele e sinalizei a minha entrada em nossa estrada particular.

— É, eu posso te ensinar.

Parei no local ao lado do SUV preto de Layla, tentando me acalmar com a ideia de vê-la. Meu estômago sempre se contorcia em algum tipo de nó louco quando eu estava prestes a vê-la. Minhas mãos suavam e minha garganta secava. Michael, felizmente, não percebeu, mas de todo jeito fez uma pausa com a mão na maçaneta da porta.

Ele se virou para mim.

— A propósito... obrigado. Não sei o que mais eles tinham planejado, mas você impediu. Isso foi muito legal da sua parte.

Ele abriu a porta e pulou fora antes que eu pudesse responder.



— O lugar ficou ótimo, cara — observou Kip enquanto caminhava pela minha sala de jantar. Ele examinou as paredes e as fotos de família que eu finalmente pendurei nelas.

— Ficou? Obrigado — respondi, meu tom involuntariamente rude e monossilábico.

— O que você tem?

Meu amigo se virou para mim, juntando as sobrancelhas. Um boné lhe cobria o rosto e, com as sombras da minha casa escura, foi difícil discernir sua expressão, com exceção da junção de sobrancelhas. Dava para perceber que ele havia notado o meu mau humor.

— Nada... só algumas coisas na cabeça — respondi friamente, como se não fosse nada mesmo. Eu até examinei a tela do meu notebook com vontade, enquanto Kip me observava de seu lugar do outro lado da sala.

— Que tipo de coisa?

Soltei um suspiro, porque as emoções pressionando o meu peito eram pesadas. Pesadas pra caralho e eu adoraria dividi-las com alguém, mas eram bagunçadas e complicadas demais. Ele só diria: *Puxa, cara, isso é péssimo*, e depois iria embora para casa e assistiria a algumas reprises de futebol. Ele não poderia ajudar e não conseguiria se identificar com a situação, nem com o que eu passei nem com o que fiz.

Não havia como, e as emoções que eu nutria por Layla, que aumentavam a cada dia, só estavam piorando tudo.

— Acho que só quero dormir mais cedo hoje — murmurei, fechando o notebook.

Nós combinamos de assistir a uma luta do UFC hoje, mas deixaria tudo para depois porque eu era um idiota complicado.

— Faz o que você precisar fazer, cara. — Kip suspirou, levantando-se da cadeira. Ele me olhou mais uma vez antes de ir até a minha porta e batê-la atrás de si.

Baixei a cabeça e subi as escadas para tomar um banho.

19



Eu estava espiando pelas persianas do outro lado da sala, as que ficavam de frente para a casa do meu vizinho. Estava anoitecendo e ele já havia voltado para casa depois de passar para deixar Michael. Eu ainda me recuperava do que ele fez pelo meu filho e do que isso provocava exatamente no meu coração.

O meu bebê, que não era mais um bebê de fato, havia sofrido bullying, e de tal maneira que ele ficara com os pulsos marcados por queimaduras de corda novamente, junto com uma pequena contusão perto da sobrancelha quando meteram o seu rosto no chão.

Eu tremia de tão lívida que estava. Mantive um comportamento calmo na frente de Reid, mas estava me partindo por dentro. Há um lugar louco e descontrolado dentro de toda mãe que ruge e ganha vida quando seus filhos são ameaçados. Eu queria nomes, datas de nascimento, endereços, mas Michael, que surpreendentemente estava de bom humor depois de tudo, me disse para deixar pra lá.

Deixar pra lá.

Como se isso fosse possível.

Agora, depois de algumas horas fervendo e esfriando, a poeira tinha baixado e tudo o que restava era gratidão. Eu nem tinha agradecido a Reid quando ele trouxe Michael para casa, de tão focada que estive no porquê do meu filho ter a aparência de quem tinha acabado de ser espancado e arrastado pela terra. Eu não tinha me concentrado no rosto bronzeado e bonito de Reid ou no fato de que ele também parecia sujo de terra. Ele estava suado com linhas de poeira que seguiam a lateral do pescoço, e seu velho boné cobria o seu cabelo despenteado.

Agora eu estava espionando pelas cortinas como uma pervertida, na

esperança de captar algum movimento de relance em sua casa para poder ir até lá agradecer. Vi que Kip esteve lá mais cedo, mas não avistei mais a camionete dele. Claro, eu poderia mandar uma mensagem ou telefonar para Reid, mas nada disso parecia se encaixar com o que eu sentia por dentro.

Meu filho sem pai teve alguém para defendê-lo, alguém que o segurou quando ele caiu e que o incentivou a se levantar novamente. Meu filho enfurecido e irritado finalmente abriu um sorriso no jantar e até brincou com seu irmão mais novo, falando de um programa de televisão que os dois queriam assistir juntos. Ultimamente, ele era tão oito ou oitenta com Steven, que eu não tinha certeza de como o relacionamento deles andava. Tinha sido uma noite boa e eu tinha que agradecer a Reid por isso.

Tirando os dedos das persianas de madeira, limpei a garganta e me arrastei de volta ao sofá. Eu poderia esquecer o agradecimento e não fazer muito caso, deixar que as nossas vidas seguissem nesta existência platônica e levemente tensa, ou poderia ser corajosa e ir à casa do meu vizinho agradecê-lo. Fechei os olhos com força quando pisadas e gritos ecoaram do andar de cima. Era hora de dormir, o que significava que as crianças mais velhas deveriam tomar banho e vestir os pijamas. Isso queria dizer que eu tinha exatamente trinta minutos antes de ter que voltar para apagar as luzes e colocar todos na cama.

Com um suspiro pesado, eu me aventurei até a porta da frente, calcei as botas de caubói, peguei um agasalho fino do cabide e saí. Fui recebida pelo som alto dos besouros e gafanhotos, que criavam uma espécie de sinfonia. Alguns sapos-boi coaxavam em um lago próximo, as estrelas começavam a aparecer no céu aveludado, e um vento gélido agitou o meu cabelo, me lembrando que o inverno se aproximava.

Eu apertei o agasalho em volta dos ombros e me arrependi de não ter colocado uma calça jeans. Em vez disso, ainda estava com um short jeans desfiado que provavelmente mostrava muito as minhas pernas. Ele era o meu short de casa, e agora, na metade do caminho entre minha casa e a de Reid,

eu desejava ter observado melhor as minhas roupas.

Se eu voltasse agora, nunca mais iria até lá, porque ir agradecer depois que meus filhos fossem dormir passaria uma mensagem totalmente diferente. Ao menos, eu achava que sim, embora estivesse tão afastada do jogo da paquera que não fazia ideia de quais tipos de mensagens homens solteiros captariam.

Reid era mesmo solteiro? Era um homem que entendia as entrelinhas? Ele precisava ser solteiro se tinha considerado me convidar para sair, certo? E ele tinha planejado ir àquele evento *Dine and Date*... então ele tinha que ser.

Memórias da nossa noite juntos passaram pela minha cabeça e, por mais platônicas que as coisas tivessem sido daquela vez, de repente elas foram conectadas a um calorão que fervia em fogo brando próximo à superfície da minha pele. Meus olhos perambularam pela terra de cascalho entre as nossas casas como se pudessem me ajudar a resolver os sentimentos conflitantes contra os quais eu lutava por dentro.

Antes que eu me desse conta, estava nos degraus de Reid, subindo um por um. Sua porta verde clara estava fechada, ocultando o homem que tinha vindo em meu socorro não só mais de uma vez, mas que agora também fora em socorro do meu filho. O homem precisava de um agradecimento e ponto final.

Bati os dedos na porta e esperei. Meus braços estavam cruzados no peito para, com sorte, esconderem a frequência das minhas inalações, e a minha postura era rígida. Tentei relaxar, mas um segundo depois a porta se abriu, revelando um Reid molhado.

Havia gotas de água em seu peito e pescoço nus, no cabelo e até na ponta do nariz. Eu pude sentir fisicamente meus olhos se arregalarem quando percorreram o seu abdome definido e peitoral firme. Ele tinha um peitoral magnífico, um que eu achava que deveria ser tocado e com frequência.

— Alguém te jogou um balde de água enquanto vinha abrir a porta? — brinquei enquanto mordia o lábio.

O rosto de Reid foi de inexpressivo a risonho e, se não estava enganada,

seus olhos se estreitaram para onde meus dentes mordiam meu lábio.

— Desculpe, tinha acabado de sair do chuveiro quando ouvi você batendo. — Reid passou a mão pelo rosto para tirar um pouco da água.

Graças a Deus, estava um pouco escuro, porque se ele tivesse acabado de sair do chuveiro e só tivesse tido tempo de pegar aquela bermuda, provavelmente não estava usando nenhuma...

Meus olhos desceram por conta própria e eu me odiei por isso.

— Você tem tempo para entrar, ou posso ajudar com alguma coisa? — Reid tirou o ombro da ombreira da porta, criando espaço para eu passar.

Eu sorri para ele, envergonhada por meus pensamentos terem vagado pelo seu corpo. Tentei me concentrar. Estava ali para agradecer, não havia necessidade de entrar.

— Na verdade, eu vim agradecer. O que você fez por Michael foi além de qualquer coisa que eu poderia ter pedido.

Eu queria dizer mais, mas minhas palavras estavam saindo estranhas e minha língua estava grossa na boca, como se nada que eu dissesse fosse capaz de expressar verdadeiramente o quanto estava grata.

Reid acenou com a mão, sem querer aceitar tanto crédito, e apertou o pescoço um segundo depois.

— Eu estava no lugar certo na hora certa. Também fiquei grato, porque aqueles garotos não estavam pegando leve com ele.

Engoli em seco e afastei imagens do meu filho sendo jogado no chão e amarrado como gado por um grupo de garotos degenerados.

— É, eu gostaria de poder ir conversar com os pais deles, mas Michael não quer que eu faça isso.

— Acho que ele tem outros planos — disse Reid, com um sorriso tão largo que quase tirou o pouco de ar que restava em meus pulmões.

Eu odiava aquele sorriso, odiava que ele fosse tão bonito e odiava o quanto a minha barriga se agitava em resposta ao ver todos aqueles dentes brancos perolados.

Limpei a garganta e nervosamente enfiei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— E eu quero saber que planos são esses? — tentei brincar, sentindo meu estômago apertar.

— Não se preocupe, não é nada violento ou ilegal. — Ele riu, aproximando-se apenas um centímetro.

— Bem, obrigada novamente, e pela cobra, pelo parquinho, pelo boliche e por ser prestativo. Isso significa muito pra nós.

Um silêncio constrangedor pairou entre nós. Eu estava olhando para os dedos dos pés descalços de Reid, e ele colocou um pé sobre o outro, dobrando o corpo na porta, ainda deixando espaço para eu passar, se quisesse. Eu não estava olhando para ele, enfim, não para o seu rosto, e quanto mais esperava, mais eu sabia que ele queria que eu olhasse.

Meus olhos subiram por panturrilhas fortes, quadris estreitos, um tanquinho completo de seis gominhos, com sulcos e linhas que eu nunca tinha visto de perto em um ser humano, chegando até aqueles peitorais sólidos e bíceps fortes. Mais ao norte, até aquela mandíbula firme e lábios carnudos. Finalmente, pousaram naqueles olhos de um verde-musgo, que estavam estreitados em mim sob um conjunto de sobrancelhas escuras.

Tomei ar como se tivesse esquecido de respirar. O ar entre nós ficou subitamente carregado e precisando desesperadamente de um sinal de alerta para que ninguém ousasse ocupar o espaço vazio que ele preenchia.

— Significa muito pra “nós” ou pra você? — perguntou Reid, a voz baixa, rouca e ameaçadora, como se ele precisasse do meu esclarecimento tanto quanto de sua próxima inspiração.

Pisquei e rezei para que minha voz passasse pelos meus lábios.

— Os dois.

Ele deu um passo à frente, ocupando aquele espaço vazio e carregado. Eu queria recuar, mas me mantive firme. De repente, seus pés quase encostaram nos meus e seu rosto estava a poucos centímetros do meu. No escuro, seus

traços estavam ocultos, mas vivos, como se as sombras lhe dessem outra personalidade. Não havia nada entre nós além da escuridão e decisões, meu coração batendo forte no peito com o que poderia acontecer se as decisões erradas fossem tomadas.

— Layla — sussurrou Reid, levando a mão até a concha da minha orelha.

Fechei os olhos com força, como se isso pudesse fazê-lo desaparecer. A mesma mão viajou para a minha cintura e me puxou um pouco mais perto, até que ele estava beijando minha testa. Uma marca a ferro de seus lábios queimava o espaço abaixo da minha linha do cabelo. Eu não abri os olhos; apenas esperei. Um segundo depois, senti o ar vibrar entre nós e ouvi um sussurro.

— De nada.

Então eu abri os olhos para ver a porta fechada e sem Reid.

Meus olhos lacrimejaram enquanto eu caminhava para casa. Algo me puxava para que me virasse e visse se ele estava me olhando partir, mas eu não podia olhar ou não olharia. Forcei dolorosamente meu rosto para a frente e meus pés na direção da minha casa.

Algo acabara de acontecer entre Reid e eu e, se eu fosse a única a notar isso, teria estado perfeitamente ok, mas não era o caso. Eu sabia que Reid também tinha sentido, o que era infinitamente pior, porque se ele sentiu, queria dizer que ele poderia recriar o momento.

Meu estômago despencou com a lembrança de ter seus lábios em mim, e meu coração deu uma guinada rasa dentro de águas turvas. Aonde eu pretendia ir com isso? O caixão do meu marido estava fechado há pouco mais de um ano e eu aqui, cobiçando outro homem. Vergonha ferveu dentro de mim, e o ódio próprio levantou a sua cabeça feia. Eu me sujeitei, abafando os meus desejos carnais em honra e memória do homem que amei pela metade da vida. Eu devia meus pensamentos, minha luxúria e meus sonhos a ele e somente a ele.



Na manhã seguinte, eu me levantei antes de todo mundo. Fiz uma pilha enorme de panquecas e fritei bacon, tentando eliminar a sensação de inutilidade que eu carregava na alma. As crianças desceram no estado de sono habitual e as luzes da sala estavam fracas, não muito brilhantes, mas o suficiente para conseguir enxergar.

Eles tinham que estar na escola em uma hora, mas eu só precisava de um momento com eles, para lembrá-los de que eu estava lá, a mãe que eles conheciam, a que os abraçava quando se machucavam, que beijava os seus dodóis, que também fazia curativos nos seus ursinhos de pelúcia e cantava canções.

Ela ainda estava lá. Ela não os tinha abandonado.

Então eu estava ali, sorrindo como uma idiota quando meus filhos entraram no cantinho do café da manhã.

— Isso parece ótimo. Obrigado, mãe — disse Michael com uma voz rouca, ainda parecendo exausto. Empurrei o prato em sua direção e servi um pouco de suco de laranja.

— A gente tá encrencado? — chiou Henley do seu lugar, onde ele arrastava um garfo até o prato.

— Por que estaríamos encrencados? — perguntou Jovi, levantando a sobrancelha minúscula. Ela se parecia muito comigo, mas também notei que ela estava mudando. Todas essas coisas estavam fugindo do meu alcance.

— Deixamos os cavalos do lado de fora novamente? — perguntou Steven, pegando o suco.

— A gente não ia acabar ganhando um café da manhã bem ruim se fosse o caso? — questionou Jovi com um pequeno aceno de cabeça. Coitadinha, presa ali com um monte de irmãos.

— Vocês não estão encrencados. Só estou tentando recuperar um pouco da antiga Layla. Eu costumava me levantar cedo e fazer café da manhã para vocês todos os dias. Lembram disso? — perguntei, ao me virar para a pia, rezando para que as minhas emoções ficassem escondidas hoje.

— A gente *lemba* — murmurou Henley com a boca cheia de panqueca.

— Mãe, posso fazer o teste pro time de futebol? — perguntou Steven em voz baixa.

Ele manteve o olhar fixo no prato e, se eu não estivesse vendo coisas, notei um pequeno rubor subir pelo seu pescoço.

Coloquei o pano de prato na pia.

— Claro, querido. Precisa de uma carona ou que eu preencha algum formulário? — Eu não tinha certeza do que estava perguntando.

Pensei que Michael queria entrar para o time de atletismo, mas não tinha certeza se ele ainda queria. Jovi não estava interessada em fazer muita coisa além de escovar Samson e ir às suas aulas de equitação. Henley ficava feliz só por aprender algumas coisas e ficar em casa, então achei que o cronograma deveria se encaixar.

— Eu perdi as inscrições desse outono, mas estava pensando na primavera. — falou Steven, tomando um gole rápido de suco de laranja e deixando um bigode amarelo no rosto.

— Por que perdeu as inscrições? — perguntei, confusa. Eu tinha perdido algum documento de matrícula?

— Eu não estava preparado, mas Reid está me ajudando e acho que estarei pronto na primavera. — Ele ajeitou as costas no banco, explicando com confiança.

Meu coração quase explodiu. Ele já tinha ajudado dois dos meus filhos a se curarem. Eu não seria capaz de aguentar muito mais.

— Bem, claro que estará, querido.

Eu sorri, tentando fugir dos sentimentos que me invadiam. Se meu coração fosse uma maçã, estaria cheio de buracos devido a essas larvas metafóricas.

— Você acha Reid bonito, mamãe? — perguntou Jovi com um pequeno sorriso no rosto. Todo mundo congelou, olhando para mim. Eu me senti em frente a um pelotão de fuzilamento.

Limpei a garganta.

— Como?

— Eu acho que ele gosta de você — continuou ela, com o rosto vermelho.

— Isso não é algo que eu queira pensar, querida — murmurei, com sinceridade.

— Por que não? — perguntou Michael, com um olhar confuso no rosto. Eu o observei e, em seguida, olhei para o resto do meu rebanho, sentindo meu coração afundar.

Eles já tinham esquecido o pai? O homem que eu prometi amar pelo resto da vida? No entanto, eles não estavam presentes quando fiz esses votos, não testemunharam nada além de Travis e eu vivendo com base naquelas palavras. Ainda assim, quis cair no chão e chorar, mas ao ver aqueles olhos curiosos observando qualquer sinal de fraqueza, empurrei as emoções para o lado.

— É que Reid e eu somos amigos. Então não tenham ideias de que somos mais do que isso, por favor.

Eu me afastei deles e comecei a lavar a louça. O silêncio às minhas costas me enfureceu e provocou arrepios de raiva na minha pele.

Minha mente foi levada pela corrente como um pedaço de madeira solto no oceano, inútil e perdido. Voltando para o acidente, uma raiva descontrolada fervia dentro de mim como uma panela de pressão. Isso nem seria um assunto para conversa se não fosse por causa daquela noite.

Um peso se instalou no meu peito enquanto deixava minha mente vagar pelos lugares que me recusei a deixar durante um ano. Abri uma porta que jurei que permaneceria fechada e agora, a sua natureza hedionda corria desenfreada pelo meu coração enquanto o ódio tentava criar raízes.

Eu não queria, mas no fundo, eu sabia que precisava enfrentar essa parte da minha vida. Senão se alastrava pelas minhas veias como um câncer, o tempo todo presente, apesar dos meus melhores esforços.

Eu estava com raiva.

Com tanta raiva de mim mesma, de Travis... *daquele homem.* Eu precisava

começar a arrumar essa bagunça porque, se não fizesse isso, ela acabaria por me consumir.

20



— Precisamos preparar essas baias para o inverno antes do final de semana. James vai atualizar as planilhas para aumentar a distribuição de ração. Tenham certeza de que estão seguindo a lista atualizada — gritou Landon para que sua equipe pudesse ouvir bem.

Resisti à vontade de revirar os olhos, como todo mundo ali. Esses cavalos eram mimados ao extremo. Considerando o valor total da propriedade, eu conseguia entender um pouco, mas os cavalos não precisavam de toda essa merda chique para o inverno. Eles precisavam de água, de abrigo e de comida extra, talvez de um cobertor quente para quando a coisa ficasse feia, mas era basicamente isso.

Estávamos em outubro agora e o clima havia mudado do frio do tipo aconchegante, que você podia resolver com um suéter leve, para o frio violento e desconfortável que exigia camadas de proteção.

Eu me virei para olhar a estrada e depois espiei o relógio. Eram três e meia e eu sabia que Michael apareceria na estrada de terra a qualquer segundo. Nós caímos em um ritmo confortável nas duas semanas depois do incidente com os agressores. Eu tinha conversado com Landon sobre contratá-lo e ele ficou entusiasmado com a perspectiva de uma ajuda extra.

Michael estava ansioso para não ter que voltar andando para casa com um monte de idiotas que o odiavam, e eu gostava de ficar perto do garoto; ele era engraçado e aprendia rápido. Eu tinha começado a dirigir minha picape novamente, só para ir e voltar do trabalho, mas já que também levava Michael para casa, eu precisava dela.

— Ok, é isso. Todos de volta ao trabalho.

Landon bateu palmas, pondo fim à nossa pequena reunião de equipe. Todos se dispersaram, indo em direções diferentes, e Landon caminhou para a

minha, estreitando os olhos azuis e lacrimejantes.

— Onde está o seu parceiro?

— Ele deve chegar a qualquer momento. Obrigado novamente pelo trabalho que arrumou para ele.

Eu reajustei o chapéu de caubói na cabeça, desconfortável com o quanto estava orgulhoso por Michael estar trabalhando ali, orgulhoso como uma figura protetora.

— Imagina. Ele é muito esforçado, e me lembra você. — Landon riu e trocou o pé que apoiava a maior parte do peso do corpo. — Como vai a mãe dele?

Eu levantei os olhos, assustado por ele mencionar Layla. Meu rosto deve ter me denunciado, porque um sorriso malicioso surgiu no de Landon no momento que ouvimos a voz de Michael.

— Oi, vou precisar de um lanche, se esperam que eu trabalhe hoje. Parece que faz anos que não como.

Ele se aproximou, a mochila pendurada no ombro, um casaco corta-vento preto cobrindo o torso e um sorriso desleixado no rosto. Sorri para o garoto e gesticulei em direção à picape que todos os funcionários dirigiam dentro da propriedade.

— A comida está ali, amigo.

Michael foi até o Chevrolet azul com a tinta descascada, abriu a porta e deu um grito alto de felicidade. Landon ficou parado, me encarando. Quando Michael ficou fora de alcance, ele disse:

— Só tome cuidado. Depois do que você passou, não precisa de mais desgosto.

— Como você…?

— Sua mãe me contou o que aconteceu. — Ele agarrou meu ombro com força. — Você devia ter dito algo, filho.

— É... eu só... — Eu parei, sem saber o que dizer.

— Eu te conheço a vida toda e lamento ouvir o que aconteceu, e é por isso

que odeio a ideia de você se colocando na mesma posição de novo. — Seu olhar severo parecia me prender no lugar.

Eu assenti com a cabeça, sentindo meu coração apertar tanto com a ideia de me revelar para ele quanto com a de me envolver com Layla. Tivemos alguns dias desconfortavelmente silenciosos depois daquela noite na minha varanda e então voltamos a uma rotina relaxada. Eu passava para deixar Michael e dizia olá para Layla com um sorriso. Ela sorria, acenava e corria escada acima até eu sair com as crianças para começar as lições. Ela saía de casa no meio da aula para checar como iam as coisas e voltava para dentro. Nunca mais ficou para conversar ou cavalgar comigo.

Nossas aulas estavam ficando cada vez mais difíceis de acontecerem durante a semana, porque agora o sol estava se pondo muito cedo. Alguns dias, quando deixava Michael, eu ficava para jogar videogame com as crianças ou ajudar Jovi com o dever de casa, às vezes, até colorindo um de seus livros de colorir.

Aqueles momentos com ela eram os meus favoritos. Ela ficava debruçada sobre um livro de escola na ilha da cozinha e eu coloria a imagem de um cavalo em algum livro de colorir que ela dizia já ser velha demais para usar. Toda vez que eu coloria uma imagem e lhe deixava um bilhete, ela me respondia com outro. Aquilo tinha se tornado um jogo.

Ontem, quando entrei, ela deslizou o livro de colorir para mim lentamente e fui até a página em que paramos. Nela havia um cavalo marrom com uma crina roxa e olhos azuis. No fundo, uma nota rabiscada: *Você acha que no céu tem feriado?*

Passei quinze minutos colorindo um carro Mustang na página seguinte e escrevi no final: *Claro! Pode imaginar o céu na época do Natal? Aquele lugar de onde o Grinch vem não deve ter graça nenhuma perto do Natal no céu.*

Deslizei o livro de colorir em sua direção e me afastei. Ela, muitas vezes, me lembrava um potro assustado, então eu a tratava como tal, nunca

apressando ou cobrando, caso contrário, ela ficaria assustada. Eu tinha me afastado para começar um jogo com Henley e Steven quando, pelo canto do olho, eu a vi abrir a página e sorrir. Aquele sorriso ficou o dia todo comigo como um símbolo de sorte guardado no meu coração.

Landon bateu nas minhas costas, me trazendo de volta ao momento. Eu acenei para Michael, que estava metendo um sanduíche na boca e indo na direção do redondel. Não precisava pensar em me magoar nem perder partes do meu coração. De qualquer forma, eu não tinha mais um coração que pudesse ser colocado em risco.



— Ei, Reid? — chamou Michael do banco do passageiro da picape.

Olhei para ele, sentindo falta da brisa que costumava fluir nas nossas conversas pelas janelas abertas. Por mais frio que tivesse ficado nas últimas duas semanas, não era nada comparado à frente fria que agora invadia o carro.

— O que foi? — Eu reajustei as mãos no volante.

Michael se mexeu no banco do passageiro.

— Hã... eu ouvi que vai ter um negócio de dança na prefeitura neste fim de semana.

Eu sorri e me inclinei para empurrar seu ombro.

— Você quer que eu te leve ou algo assim?

Ele riu e passou a mão pelos cabelos.

— Não... eu queria saber se você... hã, se você levaria minha mãe? — Sua voz falhou na última palavra.

Eu mantive os olhos na estrada e engoli a súbita onda de nervos e ansiedade que se ligava à ideia de dançar com Layla.

— Não tenho certeza se ela quer isso, amigo — gaguejei.

O aperto no meu peito crescia sempre que eu imaginava os seus olhos surpresos daquela noite. Eu sabia que ela estava me afastando um pouco, não

estava mais conversando normalmente comigo. Então, a ideia de fazer qualquer outra coisa que a afastasse mais, não me agradava. Felizmente, estávamos chegando perto da nossa entrada e eu não precisaria ficar mais tempo na picape.

Michael manteve o olhar na janela enquanto eu estacionava o veículo. Antes que eu pudesse abrir a minha porta, seu braço cruzou o banco e me parou.

— Ela está estranha, como se estivesse exagerando, tentando ser quem era antes do nosso pai morrer. É legal e tudo mais, mas ela tá sofrendo e ignorando Star e a minha tia Shellie.

Ele engoliu em seco e olhou para baixo, abaixou a mão e esperou.

Meu interior se apertou pela dor em seu tom.

— Só estou preocupado com ela. Acho que ela precisa passar uma noite fora de casa.

O rosto de Michael relaxou e, um segundo depois, ele abriu a porta para sair. Fiquei lá sentado por alguns segundos para controlar meus pensamentos.

Claro que eu queria levar Layla para o baile. Eu não desejava nada mais do que tê-la nos braços a porra da noite toda, mas depois do incidente na varanda, ela tinha recuado. Sem ao menos uma palavra, ela estava me dizendo para diminuir o ritmo. Então eu diminuí. Eu me recusava a pressioná-la ou fazer qualquer coisa que a deixasse remotamente desconfortável, mas por outro lado, eu disse a ela que poderia ser apenas um amigo, alguém que não tentaria beijá-la ou deixá-la com a sensação de que precisava superar o luto de uma vez.

Eu segui Michael até os degraus da sua casa e me preparei para o mesmo cenário ao qual havia me acostumado nas últimas semanas, só que hoje foi diferente.

Entrei pela porta e encontrei Layla parada lá, nos esperando com um sorriso.

21

Layla

Jovi me contou uma piada que não era muito engraçada, mas que mesmo assim me fez sorrir. Eu podia ter sorrido só por ela ter feito um esforço para ser engraçada, algo novo. Percebi que, independentemente da tentativa de bom-humor de Jovi, meu sorriso estava aparecendo mais nas últimas semanas. Quando olhei para o relógio e vi que eram quase cinco horas, sorri por um motivo completamente diferente. Eu nem tive tempo de lutar contra a culpa que normalmente acompanhava a ideia de Reid aparecendo na nossa casa. A porta se abriu, revelando meu filho de catorze anos e, atrás dele, meu vizinho.

Eu respirei fundo ao vê-lo entrar em minha casa, fechando a porta gentilmente e tirando as botas de trabalho. Assim como todas as outras vezes, aquilo liquefez o meu interior, me derretendo de dentro para fora. Porque, durante duas semanas, enquanto eu estava decidida a honrar a memória do meu falecido marido, Reid esteve frequentando a minha casa e conhecendo melhor os meus filhos. Ele vinha jogar com eles, rir, brincar e até ajudar nos deveres de casa, enquanto eu me escondia.

Eu não o convidava para jantar nas noites mais longas, quando ele sentia o cheiro do que estava na panela elétrica ou me via mexendo no fogão, com as minhas costas viradas para ele e para seu empenho em ser meu amigo. Eu simplesmente agia como se ele não estivesse lá e, ainda assim, dia após dia, ele continuava aparecendo.

Nos fins de semana ele vinha e ajudava as crianças com os cavalos, mostrando-lhes como montar e fazer alguns truques que ele fazia no rodeio. Elas ficavam encantadas e não paravam de falar sobre o quanto gostavam de tê-lo por perto, sobre como ele era um cara legal e como tornava aquele lugar tão melhor. Essa frase veio de Henley e quase arrancou o meu coração.

Melhor. Reid melhorava a nossa vida. Então, hoje eu não me esconderia mais e deixaria de ser idiota. Estava pronta para enfrentar Reid em toda a sua glória e convidá-lo para ficar para jantar.

Ele entrou e manteve os olhos na tela plana onde Henley e Jovi jogavam um videogame de corrida. Jovi tinha a língua presa entre os lábios, parecendo concentrada, e Henley estava indo na direção errada novamente.

Reid mexeu no cabelo dele.

— Amigão, o que eu falei sobre os controles? Lembra como a gente ficou indo na direção certa? — perguntou ao meu filho, que olhou para ele, abandonando a tela e o fato de seu carro ter acabado de descer um penhasco, e disse:

— Eu lembro, mas gosto de ir pra longe da Jovi. Ela é chata e depois que ganha uma vez não joga mais comigo.

Reid riu e mexeu no cabelo de Henley novamente, então muito lentamente voltou seu olhar para o meu. Eu não tinha ideia do que ele encontrou lá, talvez esperança ou mágoa... confusão ou satisfação. O que quer que tenha sido, fez que se aproximasse de mim.

Eu endireitei a coluna, cansada de me encolher diante desse homem e da maneira que meu estômago revirava com sua proximidade. Eu sentia atração por Reid. Era um fato, não uma opinião ou uma possibilidade; não era algo a considerar ou suprimir. Era apenas um fato, como o sol ser quente ou o oceano ser grande.

Meus olhos percorreram as linhas firmes dos ombros de Reid e o lugar onde a sua camiseta apertava seus bíceps, para depois descerem até o quadril estreito coberto pelo jeans que se colava às suas pernas. Engoli a saliva extra que encheu a minha boca ao vê-lo.

— Oi... não falo com você já tem um tempo — disse Reid, com a voz grave e bem na minha frente, nossos pés quase se tocando, olho no olho, coração contra coração.

Engoli a saliva novamente.

— É, desculpe por isso.

Tinha uma mentira na ponta da língua. *Muito trabalho, as coisas estão loucas.* Eu tinha uma infinidade de coisas que poderia usar, mas não usei porque Reid não acreditaria. Ele sabia que eu me escondia dele há duas semanas, desde a noite que ele beijou minha testa e mudou algo entre nós, como quem força uma estaca de madeira em um espaço que claramente era bastante apertado.

Reid deu de ombros, mantendo os olhos em mim.

— Tem planos para amanhã à noite?

Meu coração saltou, caiu e mergulhou com um baque surdo. Havia um quê de ousadia em algum lugar dentro de mim. Estava cansada, extremamente enferrujada, mas estava lá, então eu a agarrei.

Coloquei o cabelo atrás da orelha enquanto pensava em como responder. Eu não tinha planos e Michelle queria levar as crianças a um observatório uma última vez antes do inverno chegar, então eu ficaria sozinha.

Limpei a garganta e me forcei a responder:

— Não.

Reid me observou quando um sorriso lento apareceu em sua boca sagaz. Eu queria saber sobre a coisa secreta que ele estava pensando e porque o fez rir, mas estava com muito medo de que tivesse algo a ver comigo.

— Bem, tem um evento acontecendo na prefeitura. Passeios de charrete, chocolate e cidra quentes, dança. Uma coisa com tema de outono e eu queria saber se você gostaria de ir?

Ele levou a mão à nuca e esperou cuidadosamente pela minha resposta. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele rapidamente acrescentou:

— Como amigos... como concordamos há um tempo.

Certo. Amizade.

Eu lhe dei um sorriso aguado e acenei com a cabeça em concordância. Uma noite fora com um amigo podia me fazer bem.



Eu estava de pé na frente do espelho do meu banheiro, nua. Era algo que eu fazia de vez em quando porque meu corpo era como uma linha do tempo. Estrias agora claras e desbotadas corriam pelo espaço macio da minha barriga, uma barriga que costumava ser muito mais firme. Eu tinha uma marca longa e rosada, seguindo a linha abaixo do umbigo, a cicatriz da cesariana de emergência, de quando quase perdi minha filha Jovi para uma pré-eclâmpsia. Uma pequena tatuagem preta enfeitava o meu osso do quadril, da época que eu estava na faculdade e tinha o mundo inteiro aos meus pés.

Esse era o corpo que meu marido conhecia intimamente. Ele me ajudou a atravessar tudo e a criar as estrias que ganhei ao carregar seus filhos. Ele amava o meu corpo e demonstrava isso com frequência, mesmo com o ganho e a perda de peso, ele era um admirador ávido. A ideia de outro homem algum dia me tocando ou me vendo assim... era simplesmente demais. Eu não conseguia.

Não podia me imaginar permitindo que outro homem entrasse no meu mundo, não desse jeito. Eu gostaria de ser o tipo de mulher que dava as costas à prudência e se atirava em uma aventura sem sentido. Tirando o fato de Reid significar mais para mim do que algo sem sentido, e eu não tinha os genes necessários para aventuras casuais.

Eu me arrumei para o baile que iria com Reid bem devagar. Minha irmã veio pegar as crianças mais cedo, então tive o dia inteiro para pintar os dedos dos pés, esfoliar a pele, aplicar uma máscara facial e, pelo amor de Deus, usar uma pinça nas sobrancelhas. Raspei as pernas e fiquei de molho na banheira, cacheei os cabelos, apliquei delineador e batom e coloquei um vestido azul marinho que ia até os joelhos, mas que não tinha mangas. Coloquei um cinto fino numa cor canelada e calcei botas de caubói marrons.

Parecia que estava pronta para um encontro. Meu coração quase se despedaçou ao ver o resultado no espelho. Eu estava linda, mas me sentia feia. Eu era uma bagunça de vergonha e luxúria. Eu queria que Reid gostasse do que via e que me desejasse.

Uma batida na porta ecoou do andar inferior. Eu me afastei do espelho e tentei esquecer a pontada de traição que ardia sob a minha pele.

Meu marido estava morto e eu queria que o encontro amistoso desta noite fosse muito mais que amistoso. Coloquei um sorriso no rosto e desci as escadas, me odiando a cada passo.

22



Eu havia ligado para Lenny, um garoto de dezessete anos do último ano que trabalhava na fazenda de Lanson e estava tentando ganhar um dinheiro extra. Ele queria trabalhar de Uber em Casper e nas cidades maiores nos finais de semana, porque sabia que não haveria muitas corridas em Douglas para se ganhar alguma coisa. Eu o contratei durante a noite para que Layla pudesse se soltar e eu não precisasse mentir sobre o motivo de não estar dirigindo.

Bati na porta de Layla para que ela soubesse que a minivan prateada havia parado e estava pronta para nos levar à cidade. Ela abriu a porta usando um vestido que fazia suas pernas bronzeadas parecerem longas e torneadas, especialmente com aquelas botas de caubói. O cabelo cor de mel estava em cachos soltos no peito, pendendo logo acima dos seios. Engoli em seco e tive que procurar as palavras por um momento… *Você está linda… Eu quero te beijar.*

— Oi, você está ótima.

Eu parecia alguém que tinha acabado de levar um soco no estômago. Ótima era um eufemismo, uma farsa depreciativa em comparação ao quanto ela estava linda hoje, mas eu não queria assustar e afastá-la. Não queria perder as crianças por ter estragado tudo.

Perder as crianças?

Puta merda, de onde saiu esse pensamento?

— Obrigada, você também. Nunca vi você usar botas de caubói nem uma fivela tão grande.

Ela caminhou até a van prateada com uma pequena bolsa de mão e um sorriso tímido no rosto. Seu olhar estava colado na minha fivela.

Limpei a garganta e, mais importante, a mente, dos pensamentos que imaginei que ela estivesse tendo, em seguida indiquei a van que nos esperava.

— Obrigado. Achei melhor ir todo caubói para essa festa e te proporcionar a experiência completa no estilo do Wyoming.

Layla parou e olhou para mim, a sobrancelha arqueada e um sorriso, significando que estava pensando em algo safado ou em se havia outros sentidos no que eu acabei de dizer. Ela estava certa, mas eu não lhe diria isso.

— Ok, não a experiência completa, mas se você estiver interessada. — Eu pisquei e apreciei o rubor que subiu pelo seu pescoço. Ela se virou quando as portas da van começaram a se abrir por conta própria.

Lenny estava no banco do motorista com a cabeça virada para nós.

— Apertem os cintos e desfrutem das balas de hortelã de cortesia que eu coloquei nos seus porta-copos.

Layla entrou primeiro e reivindicou o assento atrás dele. Eu me senti um idiota por fazê-la curvar-se para alcançar o assento usando um vestido. Lenny certamente também teve uma boa visão lá da frente. Assim que subi eu o vi virar a cabeça para frente e um vermelho profundo colorir suas bochechas. Sim, ele tinha olhado para os peitos dela.

Apertei o cinto e vi Layla reprimir um sorriso, olhando em volta da van e pegando uma bala de hortelã. Lenny foi pela estrada com a velocidade de um caracol, enquanto a trilha sonora de O Senhor dos Anéis tocava ao fundo. Inclinei-me para a frente e tentei falar com ele, que olhou pelo espelho retrovisor e ficou boquiaberto. Ele se parecia muito com o Napoleão Dynamite, com a cabeça cheia de cachos loiros, o rosto comprido e os óculos.

— Senhor, por favor, fique no seu assento. Esta é *a área exclusiva do motorista* — repreendeu Lenny pelo espelho.

— Lenny, eu não sou “senhor”... eu sou Reid e ainda estamos na estrada de trás. Você pode ir mais rápido?

— Se tiver uma sugestão ou reclamação, sinta-se à vontade para me avaliar no aplicativo. No que diz respeito à velocidade, a legislação estabelece 16 quilômetros por hora nessas estradas secundárias. — Lenny agarrou o volante, completamente concentrado.

Eu lutei contra um grunhido. Não fazia ideia de que esse garoto levaria todo esse negócio de ser motorista de Uber tão a sério. Eu me apoiei no encosto do meu banco e pesquei uma bala no porta-copos, depois olhei para Layla, que estava segurando a mão na boca e estremecendo.

Ela estava rindo. Ao ver seu corpo esbelto tremendo como uma folha e alguns bufos deselegantes e sufocados saírem pelo seu nariz, comecei a rir também. Lenny aumentou a música, o crescendo de violinos e trombetas raivosas ecoando pelo carro, e Layla perdeu o controle. Ela jogou a cabeça para trás e a visão dela rindo assim... O som por si só era mais que mágico.

Eu queria apertar o pause e aguardá-lo para sempre, reproduzi-lo e escutar nas noites em que ela voltasse a me dar um gelo e me afastar. Eu não era estúpido, sabia que aqueles dias não tinham terminado. Ela estava apaixonada pelo marido morto e eu não podia culpá-la por isso.

Trinta minutos depois, chegamos à frente da prefeitura. Layla desceu pelo seu lado da van, mas somente depois que as portas se abriram completamente e Lenny considerou seguro sair do veículo. Ela riu de novo e agradeceu ao garoto.

Expliquei a Lenny que pediria outra corrida sua em algumas horas, caso ele decidisse voltar para casa e ficar preso jogando *Dungeons and Dragons* ou algo do tipo, e depois segui Layla. O salão não era muito grande, menos de duzentos metros quadrados no total. Havia duas portas grandes de madeira que levavam para dentro e, esta noite, pequenas luzes brancas de Natal corriam ao longo da moldura de cada uma e saíam pelas calhas.

Layla olhou para mim e sorriu.

— Está pronto para isso?

Encontrei seu sorriso com outro e estendi o braço para que o tomasse, e ela me chocou ao agarrar minha mão e me puxar em direção à entrada. Eu apertei seus dedos nos meus e segurei firme, o suficiente para que ela soubesse que eu não tinha intenção de soltar tão cedo.

Guiei o caminho pela sala escura, iluminada por mais luzes brancas de

Natal e lâmpadas de vidro penduradas ao longo do teto baixo. Mesas altas iluminadas com velas e cheias de flores pontuavam o aconchegante espaço a cada poucos metros. Música country fluía pelo corredor enquanto corpos se amontoavam em volta das mesas, outros se espalhavam na pista de dança ou se espremiam no bar improvisado.

A prefeitura era usada como centro de programas educacionais para jovens durante o verão, então havia uma janela enorme de sacada que parecia uma lanchonete. Havia dois funcionários do outro lado, andando de lá para cá e se inclinando para receber os pedidos. Alguns fardos de feno foram colocados em alguns lugares para servirem de assento, uma cabine de fotos foi instalada em uma das paredes mais distantes e havia uma mesa comprida cheia de sobremesas vigiadas por uma mulher que provavelmente tinha feito todas elas.

Parecia um baile da escola, o que me fez rir quando puxei Layla ainda mais para o meio do pandemônio. Ela me seguiu bravamente e olhou em volta com curiosidade. Eu não sabia ao certo quantas vezes ela tinha saído e se misturado com as pessoas da cidade, mas fiquei feliz por não parecer tímida nem assustada com toda a atenção que pousou em nós. Ficamos atrás de outras pessoas vestindo trajes de caubói e esperamos na fila. Eu me inclinei para Layla, precisando estar perto para que ela pudesse ouvir, e rocei os lábios contra a concha de sua orelha.

— Está com fome ou quer uma bebida?

Eu não pude evitar, e baixei os olhos para ver se meu ato teve algum efeito nela e me senti recompensado pelo pequeno rastro de arrepios que cobriam seu braço. Resisti à vontade de passar o dedo por sua pele.

Ela respirou fundo e balançou a cabeça, inclinou-se para perto do meu ouvido e disse,

— Vou querer uísque, se eles tiverem ou vinho.

Eu olhei para ela e sorri. Uísque ou vinho... era uma grande diferença entre os dois, mas segui em frente e pedi uma taça de vinho para ela e uma cerveja

de raiz para mim. Assim que voltei e entreguei sua bebida, ela estreitou os olhos nos meus.

— O que é isso?

Seus olhos castanhos voaram para o líquido escuro e depois subiram até os meus olhos. Naquela iluminação, seus traços eram mais suaves que o normal e isso dava a impressão de que era mais acessível, mais sugestível à sedução. Molhei os lábios e vi como seus olhos concentraram neles lá para depois voltarem à sua bebida.

— Eu não bebo — disse para ela, tocando em sua orelha novamente com os lábios molhados. Ela estremeceu, mas não recuou.

— Nunca? — perguntou à concha do meu ouvido. Essa era a forma de preliminar mais agonizante pela qual já passei.

Eu balancei a cabeça.

— Eu costumava beber, mas não bebo mais.

Ela assentiu e apertou os lábios, deixando os olhos se moverem para a pista de dança. Peguei seu copo de vinho e coloquei em uma mesa alta à nossa direita, então peguei sua mão e a puxei para a pista. Eu teria Layla em meus braços e sabia que, se não tivesse cuidado, ela acabaria entrando no meu coração.



Eu já tinha dançado com Layla antes, mas tê-la comigo naquele lugar me fez pensar sobre a última vez que dancei com outra pessoa, a última vez que tive alguém nos braços. Já fazia dois anos, e eu morava em Seattle e namorava com Jen. Foi numa noite em que trabalhei até tarde e ela estava me esperando no escuro.

Riscas negras de rímel escorriam pelo seu rosto e uma refeição fria e arruinada estava abandonada na mesa, junta a uma taça de vinho e a uma vela acesa quase toda derretida. A cera pingava sobre o pequeno suporte e escorria pela superfície lisa de madeira. Era o nosso aniversário de um ano e eu tinha

me esquecido. Lembro de pegá-la nos braços, de colocar algumas músicas para tocar e de dançarmos lentamente no escuro.

— Reid, você ouviu o que eu disse? — Layla inclinou levemente minha cabeça em sua direção com seus dedos delicados.

Eu olhei para baixo e foquei.

— Desculpe... não. O que foi? — Eu me odiava por pensar em Jen depois de prometer a mim mesmo que não faria isso.

— Eu disse que devíamos comer alguma coisa logo, para absorver um pouco do álcool. Estou mais embriagada do que pensei. — Suas bochechas rosadas se ergueram com o pequeno sorriso ao qual se rendeu.

Eu ri e agarrei sua mão, puxando-a para a fila de comida.

Ela se inclinou para mim, agarrando meu braço enquanto as pessoas abriam espaço para passarmos e sussurravam entre si.

— Então, por que você não bebe mais? — Layla soluçou, o que me fez rir.

— É só uma decisão pessoal — parei, deixando minhas palavras se arrastarem.

Eu sabia que ela tomaria como rejeição eu não querer falar no assunto, mas esse não era o lugar, não cercado pelas pessoas com as quais eu cresci. Se elas tivessem investigado suficiente, provavelmente sabiam o que havia me trazido de volta. Infelizmente, eu sabia muito bem que a curiosidade do povo desta cidade muitas vezes se superava.

— Quantos anos você tem? — perguntou Layla de repente, olhando para mim com as sobrancelhas franzidas em confusão.

Eu ri e avancei um lugar na fila.

— Tenho trinta e cinco. Quantos anos você tem? — cutuquei seu ombro.

Ela abaixou a cabeça e riu, em seguida trouxe o olhar de volta para mim.

— Eu tenho trinta e quatro. É bom saber que você não tem uns 25 ou algo assim. Não ia querer te corromper. — Ela riu um pouco mais.

Eu levantei uma sobrancelha e me inclinei para perto.

— E como exatamente você iria me corromper? — Era para ser engraçado

e, sinceramente, eu estava aproveitando um pouco da língua solta dela.

Ela foi salva por ser a nossa vez de pedir.

— O que vão querer? — perguntou uma mulher apressada, com uma rede de cabelo apertada sobre os bobs. Ela provavelmente tinha uns setenta e já estava pronta para dormir. Olhei para Layla, que estava examinando as três opções disponíveis: cachorro-quente, chili ou ensopado.

— Vou querer um cachorro-quente com mostarda. Sem ketchup, por favor. — Layla abaixou o cardápio de plástico, agarrou o meu bíceps e foi para o lado para abrir espaço para o próximo da fila.

— Cachorro-quente para mim também, mas vá em frente e coloque tudo em cima — disse eu à mulher, indo para o lado de Layla. — Sem ketchup? — perguntei, estreitando os olhos nela.

— Sim, uma peculiaridade estranha. Eu odeio ketchup. Desde que eu era pequena, me lembra sangue e eu simplesmente não consigo engolir. Meu mari... — Ela parou no meio da palavra e olhou para baixo.

Enganchei o dedo sob seu queixo e levantei seu olhar para o meu, encorajando-a a continuar. Eu queria que ela soubesse que poderia falar dele comigo.

Ela me deu um sorriso delicado e pigarreou.

— Meu marido costumava fazer brincadeiras comigo, sabendo que eu odiava. Ele fingia se machucar ou fingia que uma das crianças tinha se machucado. Ele sempre se divertia muito com isso.

— Parece que ele tinha um ótimo senso de humor. — Eu sorri e a empurrei um pouco.

A mulher de rede no cabelo entregou os nossos cachorros-quentes com guardanapos e dois sacos de batatas fritas.

— Ele tinha mesmo — disse Layla, suspirando enquanto nos dirigíamos a uma mesa. — Então, com o que você trabalhava, antes de voltar? — Layla deu uma mordida em seu cachorro-quente e mastigou, me observando atentamente.

— Eu trabalhava como analista da Microsoft em Bellevue, Washington. — Dei uma grande mordida para forçá-la a falar no meu lugar.

— Você foi dos rodeios para um trabalho de escritório? Isso parece horrível. — Ela se inclinou para frente e soltou uma risada.

Eu ri e limpei a boca.

— Era, mas na época, eu queria a vida na cidade grande. Eu gostava de Seattle. — Dei de ombros e peguei uma batata.

— Portland era a nossa cidade grande. Geralmente era o mais longe que íamos, mas em três ocasiões fomos mais ao norte e passamos o dia em Seattle. O Pike Place, mercado de peixe, era muito divertido e as crianças amaram os vendedores jogando os peixes.

Sob as luzes cintilantes de Natal, seus olhos brilhavam e seus cabelos loiros pareciam angelicais.

Isso fez meu estômago dar um salto, e tudo mais abaixo ganhou vida com uma necessidade e um desejo que nunca havia sentido antes.

— Que louco como estávamos perto... eu me pergunto se alguma vez o nosso caminho se cruzou e não sabemos — sussurrou ela, enquanto olhava para a embalagem vazia.

Eu me perguntava a mesma coisa, mas não queria dizer. Não queria que parecesse que eu estava dizendo que o destino queria que estivéssemos aqui esta noite, porque já sabia que ela diria que não era verdade. O seu destino certo era com o seu marido, continuando casada e feliz para sempre, enquanto o meu era acabar destruído, despedaçado e em absoluta desgraça.

— A gente deveria ir dançar de novo — sugeriu Layla, deslizando da cadeira.

23



Reid agarrou a parte inferior das minhas costas com suas mãos fortes e passei os braços em volta de seu pescoço. Olhei para cima e senti meu mundo se partir quando a iluminação suave emitiu um brilho, fazendo o momento parecer um sonho. Pisquei e olhei em volta do salão. Eu odiava o quanto estava sendo instável, como em um momento queria que Reid me desejasse e no outro, não queria nem que ele me olhasse. Mais de uma vez esta noite, eu corri os dedos pelo meu dedo anelar esquerdo. Mais de uma vez olhei ao redor como se Travis fosse entrar a qualquer segundo, agarrar a minha mão e me levar para um lugar seguro... para o passado.

Eu estava lutando e o desejo por Reid, que queimava em mim, era como um fogo líquido marcando a ferro todas as lembranças e ideais importantes aos quais eu me agarrava, as razões de eu ter planejado morrer como uma solteirona solitária, ainda me apegando ao amor da minha vida que se foi.

Minha visão voltou a ganhar foco e percebi que as pessoas estavam nos olhando. A barista da melhor cafeteria da cidade usava uma minissaia jeans minúscula e me fuzilava com o olhar. Mulheres mais velhas em pé, perto das tortas e dos bolos ficavam sussurrando umas para as outras enquanto assistiam a Reid dançar comigo.

Eu quase esqueci que ele tinha crescido aqui, que essas pessoas o conheciam mais do que eu. Eu sabia que Reid tinha um passado sobre o qual não gostava de falar, mas eu não era de bisbilhotar, principalmente quando tinha um cofre inteiro sem a chave dentro do meu próprio coração.

Reid se inclinou para sussurrar, parando a nossa dança. — Vamos ver o que tem pra se fazer lá fora.

Eu nem tinha ouvido a música mudar. Assenti e agarrei sua mão, seguindo-o para o lado de fora. Gostei da sensação da mão dele. Era firme e quente,

completamente diferente da de Travis. Era como uma corda me firmando em terra enquanto a realidade ameaçava me puxar para o mar.

— Parece que estão fazendo passeios de charrete, você topa? — Ele levantou uma sobrancelha em indagação.

Eu sorri e assenti, tentando me livrar dos pensamentos deprimentes que me perseguiam como cães de caça sedentos. Entramos na fila atrás dos outros três que já estavam ali. Meus braços se arrepiaram na noite fria de outubro. Eu não tinha pensado em trazer uma jaqueta ou um suéter e Reid também não. Ele notou minhas mãos subindo e descendo pelos meus braços, tentando aquecê-los.

— Merda, pronto. — Ele foi para atrás de mim e assumiu, esfregando meus braços mais rapidamente e me puxando contra o peito.

Fiquei instantaneamente aquecida com o contato e com o desejo que brotou dentro de mim. Eu me senti uma garota de dezesseis anos de novo, em um encontro com o cara mais gato da escola.

— Eu não acredito que Star e Kip estão perdendo isso — brincou ele, sua risada bagunçando meu cabelo.

Eu deixei escapar um som de escárnio.

— Eu sei. Ela me mandou uma mensagem dizendo que eles estão em um encontro oficial. Jantar chique e tudo mais.

Eu levantei o queixo para olhar por cima do ombro e ele baixou os olhos para mim. Com ele às minhas costas e seus braços em volta de mim, eu poderia estar errada, mas jurava que ele estava prestes a abaixar a cabeça e me beijar.

— Reid, o Veloz! — Um homem alto apareceu e deu um tapa nos ombros de Reid, interrompendo o nosso momento. Reid se moveu com uma expressão repentina de aborrecimento passando por suas feições.

Foi rápido, um sulco formado na testa, uma leve contração do lábio, e ele rapidamente se policiou.

— Dane. Prazer te ver, cara — disse Reid, com falsa admiração.

Por que eu pensava que ele estava fingindo? Não era como se eu conhecesse Reid tão bem assim... só pareceu estranho, como se eu pudesse sentir as vibrações que Reid transmitia e as absorvesse no peito.

— O que temos aqui? — perguntou o tal Dane, andando para o lado para me ver melhor. Ele era alto, com o cabelo loiro acinzentado num corte militar. Músculos grandes, boca larga, hálito fedido.

Reid colocou o braço em volta de mim e me puxou até eu ficar debaixo do seu braço, contra seu corpo.

— Esta é Layla Carter — disse ele, não nos dando nenhum título de amizade ou algo mais, apenas deixando no ar para que Dane deduzisse.

— Layla, hein? Eu não te vi nem ouvi falar de você... deve ser nova. — Dane estreitou seu olhar voraz no meu colo e depois mais abaixo.

Eu me senti suja e enojada com a sua inspeção. Envolvi o braço na cintura de Reid esperando mostrar a esse idiota que eu não estava disponível. Os olhos de Dane acompanharam o meu movimento e ele deu um passo para trás.

— Sou meio que nova aqui e tenho quatro filhos. Prazer em conhecê-lo — disse com um pequeno sorriso, ainda amarrada a Reid.

Dane fez uma careta com o meu comentário como a maioria das pessoas quando ouvia “quatro filhos”. Ele olhou para alguém que havia chamado seu nome e nos deu um meio sorriso, dando tchau e indo embora. Eu deixei meu braço cair, mas permiti que Reid me deixasse aninhada ao seu corpo.

— Odeio esse cara — sussurrou no meu cabelo e assenti, sabendo disso o tempo todo.

— Por que ele te chamou de Reid, o Veloz? É um apelido ou algo assim?

Seguimos em frente até subirmos na parte de trás da charrete. Como estava mais frio agora e um pouco mais tarde, a maioria das pessoas havia entrado ou estava próxima à fogueira ao ar livre. O condutor tinha um cobertor extra que ofereceu a nós dois. Ávida e agradecida, eu me aconcheguei mais em Reid quando ele colocou parte do cobertor em volta dos ombros e depois me

aninhou sob o braço quando a charrete começou a se mover.

— É um apelido. Eu era conhecido como Reid, o Veloz, quando estava no circuito de rodeio. — Ele riu no meu pescoço com o rosto inclinado. — Na verdade, Reid também é um apelido. Meu nome verdadeiro é muito mais sério e ridículo.

Eu tentei olhar para ele e isso deixou as nossas bocas perigosamente próximas.

— Qual é o seu nome verdadeiro? — Eu ri e vi o sopro branco de ar sair dos meus lábios.

Ele sorriu largamente e balançou a cabeça.

— Esse não é um tópico de conversa para um primeiro encontro. Não quero assustar você.

Limpei a garganta e ousei levantar os olhos. A lua estava branca e brilhante, centralizada no céu. Eu podia ver minha respiração e sentir meu coração palpitando violentamente no peito, gritando comigo para ter cuidado. Estava distraída demais para me importar com o seu nome verdadeiro ou porque ele o achava tão horrível. Em vez disso, eu me concentrei na bomba que ele tinha acabado de lançar.

— Isso é um primeiro encontro? — Minha voz saiu tensa.

Reid olhou para baixo, me cobrindo e olhando com aqueles olhos calculistas.

— Para mim, é — sussurrou de volta.

Seu hálito quente abanou meu rosto e fez tudo formigar com um desespero relutante. Eu o observei, me recusando a desviar do seu olhar, e o segui quando ele baixou o rosto até o meu. Quanto mais perto ele chegava, mais turbulentos meus pensamentos ficavam, mas não o parei.

Seus lábios tocaram os meus com cuidado, como quando o mar borrifa a areia com os menores dos respingos, avisando do que estava por vir. Ele foi cauteloso e curioso, como se soubesse que estávamos a segundos do momento em que eu voltaria ao normal.

Senti algo dentro de mim se mover, quebrar ao meio e se abrir. Senti uma liberdade apenas para ser lembrada de que ainda estava confinada a uma prisão cheia de culpa. Eu me afastei colocando uma mão gentil em seu peito. Seu coração estava batendo de maneira errática, combinando com o meu próprio ritmo. Seus olhos verdes enlouquecidos procuraram os meus e me imploraram para que eu ficasse. Eles me fizeram uma pergunta silenciosa que não pude responder. Eu estava congelada, dividida entre a luxúria enchendo minhas veias e a dor cortando a minha alma.

Usei a mão que estava em seu peito para agarrar sua camisa e me inclinei para a frente. Descansei a cabeça debaixo de seu queixo e apreciei o calor de sua mão subindo para esfregar as minhas costas. Uma lágrima perdida escorreu livre, caindo no pequeno espaço entre nossos corpos, que rapidamente deixou de existir. Reid me puxou mais, até seus braços me envolverem totalmente num abraço. Um soluço com o qual estava lutando desde que aqueles lábios pousaram nos meus escapou e soou como uma sirene naquele ar frio e silencioso. Mais lágrimas caíram quando eu aninhei o rosto na dobra do ombro de Reid.

— Shhhh, está tudo bem, querida. Eu sei que é difícil — murmurou suavemente no meu ouvido, enquanto tirava o cabelo do meu rosto, desembaraçando as mechas molhadas que grudaram no meu batom.

Ele entender a razão disso ser tão difícil para mim só piorava as coisas. Meu coração batia tão forte por Travis que, às vezes, eu pensava ter virado pedra e morrido com ele. Às vezes, não queria estar viva sem ele, mas isso seria muito melhor do que sentir meu coração pulsar por dois homens, do que ficar dividida ao meio entre um homem que nunca poderia ter e um que eu nunca deveria querer.

Minha garganta ardia. Eu tinha certeza de que eram meus votos de casamento retornando em chamas minúsculas para me lembrar que tinha feito um juramento a somente um homem na vida. Não tinha palavras para Reid. Todas eram para o homem que enterrei. Então eu deixei que ele me

abraçasse, que beijasse minha testa e que entrasse em um lugar muito escuro e solitário, um lugar onde ninguém jamais entrou, e isso por si só tornou o momento mais íntimo do que qualquer beijo jamais poderia.

24



— Você acha que ele vai ficar bem sozinho nos dias que eu for trabalhar? — perguntei a Kip enquanto a pequena bola de pelo tentava escalar meu peito para lamber meu rosto. Kip se agachou ao meu lado com a jaqueta toda fechada e apertada. A temperatura havia caído novamente e todos estávamos sentindo, especialmente no piso de concreto do canil.

— Acho que sim, mas talvez Landon te deixe trazê-lo por um tempo? — sugeriu Kip, estendendo a mão para acariciar o minúsculo filhote. — Tem certeza de que quer fazer isso? Ter um cachorro é uma grande responsabilidade — perguntou ele, franzindo as sobrancelhas em preocupação.

Eu não sabia se queria ou não; só sabia que estava tentando evitar os meus sentimentos e a mulher da casa ao lado, então ter um animal de estimação para preencher o vazio da minha vida parecia apropriado.

— Sim, eu preciso de companhia.

Peguei o cachorrinho e fui até a recepção, onde comecei a preencher formulários. Rhett era uma mistura de raças e foi abandonado nos degraus da frente do abrigo alguns dias atrás. Ele tinha cerca de dez semanas e era perfeito para mim.

Paguei as taxas e fomos a uma loja de suprimentos para haras e fazenda, onde comprei guia, coleira e comida.

— Você também vai precisar de uma cama pra ele — observou Kip, pegando uma cama de pelúcia da prateleira.

— Não devia ser um pouco maior? — Eu olhei para a cama com ceticismo. Parecia servir para um gato.

Kip virou a cama nas mãos. — Como eu vou saber?

Seguimos pelo corredor, eu ainda carregando meu filhote e Kip andando ao

meu lado. Ele não perguntou o que tinha me inspirado a, de repente, sair com ele em todas as oportunidades que apareciam. Eu dirigia até a sua casa, ia ao bar e até à academia com ele. Ele ficava grato pela companhia, já que as coisas entre ele e Star estavam um pouco frias no momento. Pelo que me disse, aconteceu um “enorme mal-entendido”.

Estávamos há cerca de uma semana nessa rotina e, por mais que eu estivesse desesperado para tirar Layla da mente, ela a invadia com frequência... de volta àquela charrete e às lágrimas que brotaram dos seus olhos quando a beijei.

— Agora, sim. — Kip apontou para uma cama maior.

— O que acha, Rhett? — perguntei ao meu novo amigo e ele lambeu meu rosto. — Acho que ele gosta.



Esfreguei os lábios enquanto observava meu reflexo no espelho. Meus olhos estavam vermelhos e irritados, minha barba cobrindo minha mandíbula e meu cabelo estava uma bagunça. Eu parecia pior neste momento do que naquela noite em que saí do apartamento de Jen. Naquela noite, eu estava bem apresentável com uma gravata preta, terno azul-ardósia. Cheguei cedo em casa para montar o berço do bebê, porque Jen havia mencionado distraidamente naquela manhã que eu precisava fazer isso enquanto aplicava a maquiagem, tentando chegar o mais perto do espelho que sua grande barriga permitia.

Olhei para baixo e liguei a torneira, jogando água no rosto e tentando manter essas lembranças afastadas. Fazia dez dias desde que beijei Layla e sete desde que parei de entrar na sua casa para ir ver as crianças ou passar um tempo num lugar onde ela poderia estar.

As crianças perceberam bem mais rápido do que eu pensava. Jovi foi a primeira a aparecer na minha varanda com a lição de casa e o livro de colorir. Eu me sentei lá fora, bebendo uma cerveja sem álcool enquanto ela ninava o

pequeno Rhett no colo. Ela deslizou seu livro de colorir em minha direção, uma página inteira de cores refletia dois cavalos correndo juntos em um campo. Sua anotação na parte inferior dizia: V*ocê acha que Samson vai falar comigo um dia?*

Engoli em seco e enfiei o pedaço de papel no bolso da camisa de flanela, porque queria guardar essas pequenas conversas silenciosas pelo maior tempo possível. Jovi era preciosa para mim e sua dor pesava nos meus ombros.

Steven veio depois, com uma bola de futebol debaixo do braço. Ele perguntou se podíamos fazer uns exercícios no meu quintal. Henley finalmente apareceu com Michael e se juntaram a nós. As crianças ficavam no meu quintal com Rhett, rindo e brincando, enchendo minha alma com mais felicidade do que eu merecia.

Às vezes, eu entrava no celeiro com eles para ajudar a cuidar dos cavalos e a ensiná-los como proteger os animais do inverno, uma lição que presumi que a irmã de Layla a ensinaria, mas que as crianças também precisavam saber.

Peguei uma camisa de mangas compridas, vesti e desci as escadas para ir lá fora com Rhett. Meu telefone tocou no balcão e atendi distraidamente enquanto me abaixava para pegar meu cachorro no colo, evitando que ele fizesse xixi no chão.

— Alô?

— Reid? — A voz preocupada da minha mãe se esgueirou pelos três orifícios minúsculos do meu telefone e atingiu o meu coração.

— Mãe, oi. — Agarrei o cabelo e puxei, desejando ter checado o identificador de chamadas como fazia normalmente.

— Querido, como tem passado? Não tenho notícias suas desde que voltou — perguntou, parecendo magoada.

— Estou bem — afirmei com firmeza. Eu estava evitando minha mãe. Por mais que odiasse, eu... eu simplesmente não conseguia encará-la. Nem o seu otimismo, nem suas desculpas pelas minhas decisões de merda, nem o amor infinito por um filho que não merecia nada disso.

— Bem, como está a casa? — Ela não tocou em tópicos mais delicados e eu soltei um suspiro de alívio.

— Muito boa. Obrigado por mandar tudo pra cá. Eu queria te ligar antes, eu só...

— Querido, tudo bem. Eu entendo — disse ela, baixinho, e depois fez uma pausa.

Eu esperei, tentando preparar uma resposta para qualquer coisa que ela quisesse desenterrar que eu não queria. Abri a porta dos fundos e coloquei Rhett gentilmente no chão, observando-o caminhar em direção ao quintal.

— Então... você já enviou? — perguntou minha mãe, falando com cautela.

— Não. — Apertei os lábios quando a raiva começou a borbulhar dentro de mim.

Ela deixou escapar uma exalação pesada.

— Filho... acho que você devia enviar — encorajou, com gentileza, e eu a odiei por isso.

— Mãe, deixe que ela siga em frente com a vida dela. Eu sei que eu preciso — bradei, irritado e pronto para desligar.

— Reid, querido, tente me ouvir. — Eu podia imaginá-la com as mãos levantadas, tentando me acalmar, exatamente como fez naquela terrível última vez que a vi. As lembranças eram como uma armadilha que eu nunca poderia evitar. — Mãe, eu tenho que desligar, preciso ir no vizinho. — Fui na direção da porta da frente, sem mentir. Só deixei de fora o fato do meu vizinho ter catorze anos. — Desculpe, eu ligo em breve — menti dessa vez, interrompendo-a.

Apertei o botão vermelho e ignorei a contração de culpa que me invadiu com a ação. Trouxe Rhett de volta para dentro, coloquei-o na lavanderia com comida e água e depois fui para a porta. Coloquei minhas botas de trabalho e peguei um chapéu. Enfiando as mãos nos bolsos para afastar o frio, tomei a direção da casa de Layla. Eu queria me livrar do mal-estar em que essas lembranças me deixaram. Olhei para os campos à minha direita e vi uma

névoa baixa agarrada às árvores e edificações mais remotas. *Merda*. Isso significava que viria neve em nossa direção.

Virei a cabeça para a casa de Layla e vi uma picape vermelha estacionar assim que meus pés tocaram a entrada da garagem. Sua irmã, Michelle, saltou do veículo usando um macacão marrom e uma jaqueta de flanela, azul-claro. Ela me olhou desconfiada e empurrou os óculos de armação preta mais acima do nariz.

— Oi — murmurei, nervoso dela ter ficado sabendo do que eu fiz com sua irmã.

Ela me deu um sorriso fraco.

— Oi. — Olhou para a casa e seus olhos castanhos se voltaram para mim. — Você deveria mesmo falar com ela... — Ela parou, pressionando os lábios.

Eu assenti, sem querer conversar sobre a situação, porque eu tinha pisado na bola. Eu não deveria ter beijado Layla. Não deveria ter passado dos limites da nossa amizade, mas não estava preparado para conversar com ela e ouvi-la dizer que precisava de um tempo.

Michelle me deu um pequeno aceno de cabeça e subiu os degraus. Tentei não pensar naquela noite na charrete, no momento que soube que tinha estragado tudo entre nós, mas, ali na frente da casa dela, senti vontade de fazer umas coisas... como dizer a ela que eu esperaria até que se curasse. Eu esperaria o tempo que levasse.

Olhei para a sua porta, considerando as palavras que poderia usar se ela me deixasse. Observei a casa silenciosa e meu coração... o maldito bateu freneticamente ante a ideia de Layla estar lá. Ela estaria com o short de dormir e com aquele robe fino no qual gostava de perambular? Estaria descalça ou com uma daquelas meias cano alto do Harry Potter que passavam dos seus joelhos?

Eu adorava quando ela usava aquelas meias com o short curto; ela tinha usado a combinação algumas vezes enquanto fazia o jantar, pensando que eu não estava prestando atenção nela. Ela estava errada, eu sempre prestava

atenção nela, mesmo quando estava me ignorando.

Eu devo ter ficado do lado de fora por muito tempo porque a porta da frente batendo me pegou desprevenido, me fazendo pular. Meu olhar subiu de repente, esperando Michael, mas era Layla. Ela estava com uma calça legging preta, chinelos minúsculos nos pés e uma camisa comprida com um ombro de fora. Seu cabelo estava preso em algum tipo de coque bagunçado, mas ela era a coisa mais estonteante que eu já vi. Perdi o fôlego, não havia ar nos meus pulmões, nem sangue em minhas veias. Tudo simplesmente parou diante da sua aparição.

Ela deu um passo à frente, chegando aos degraus da varanda e parando. Segurou o corrimão como se fosse uma corda lançada para salvá-la no meio do oceano. Engoli em seco e observei enquanto ela descia lentamente a escada, degrau por degrau, até estar em pé na minha frente.

Meus olhos imediatamente foram para seus lábios rosados, porque aquele beijo tinha sido tudo para mim. Ele mudou algo dentro de mim. Era como sentir o sol na pele novamente, mas ela tinha se afastado e eu entendia. Eu realmente entendia, só que ainda doía. Ainda me rasgava e me queimava vivo, me deixando cheio de cicatrizes para tudo o que viesse depois.

— Oi — sussurrou. Uma mecha cor de mel solta caiu em seu ombro quando ela inclinou a cabeça em minha direção.

— Oi — sussurrei de volta, odiando o quanto minha voz estava trêmula.

— Por onde andou? — Seu tom terno estava tão instável quanto o meu. Isso me fez querer pegá-la e levá-la para a minha casa, até que estivéssemos sozinhos e longe de todos, até que pudéssemos sussurrar um para o outro no escuro e que ela pudesse se desfazer em pedacinhos, contanto que me deixasse colar de volta todos eles depois.

— Por aí. — Meus olhos passaram dos lábios para os olhos castanhos, que também pareciam vermelhos e irritados como os meus. *Interessante*.

— Ouvi dizer que você tem um cachorrinho. — Ela cruzou os braços como se estivesse tentando afastar o ar frio.

Eu assenti. — Sim, do tamanho de nada. Coloquei o nome dele de Rhett.

Eu a observei, esperando que ela não pedisse para conhecê-lo, porque eu teria que explicar que não conseguiria fazer isso sem tentar beijá-la novamente.

Ela voltou os olhos para a casa e, de repente, pegou minha mão e me puxou até estarmos indo na direção da lateral da residência, onde ficava o depósito de ferramentas. Ela me puxou até estarmos cara a cara dentro do espaço apertado, escondidos do mundo. Estava frio e nossas respirações saíam em sopros ásperos de ar branco.

— O que está fazendo, Layla? — Minha voz estava rouca de necessidade e frustração.

Eu sabia que ela não queria brincar comigo, mas eu tinha os meus limites, e levar alguém para um depósito de ferramentas implicava certas coisas para um homem. Ela olhou para cima, em pânico, torturada... qualquer que fosse a emoção, era uma com a qual eu já estava familiarizado.

— Por que você está me evitando? — Ela parecia à beira das lágrimas.

Olhei em volta, segurando a vontade de rir como um louco. — Você sabe por quê.

Ela baixou o olhar e tentou cruzar os braços, mas não havia espaço suficiente para esse tipo de luxo. — Eu não queria...

— Não. Eu não estou com raiva de você. Estou com raiva de mim mesmo por insistir quando você não estava interessada. Estou tentando te mostrar que eu entendo. Estou saindo de cena — falei, levantando as mãos um pouco.

Ela pegou minha mão e a levou ao coração para em seguida cobri-la com a outra.

— Reid... — Ela engoliu em seco, parecendo estar por um fio.

Engoli em seco também, esperando... sem odiar nem um pouco o fato de estarmos nos tocando.

— Não sei explicar o que eu sinto. É como se estivesse rasgada ao meio como uma folha de papel grosso, mas com você ausente... é como se... — Ela

parou e puxou o ar, como se estivesse correndo uma maratona.

Eu me aproximei alguns centímetros, minha mão ainda pressionada em seu peito.

— Eu não quero que você fique longe de mim — saiu finalmente dela.

— Eu não posso mais ficar perto de você, não quando tenho esses tipos de sentimentos, não quando eu te provei e sei o que estou perdendo.

Eu me inclinei mais perto, invadindo o seu espaço... empurrando-a. Seus olhos castanhos estavam tão escuros e vagavam entre os meus, medindo e pesando o momento. Eu estava prestes a recuar quando ela se levantou nas pontas dos pés e tocou os lábios nos meus.

Não permiti que ela se afastasse nem lhe dei tempo para pensar melhor. Agarrei seu rosto e a puxei mais para perto, moldando os lábios nos seus. Inclinei a cabeça para o lado e aprofundei o beijo, e ela me correspondeu em cada movimento. Quando senti sua língua sair e lamber meu lábio inferior, quase desmoronei. Abri mais os lábios para ela e deixei nossas línguas dançarem, nossos dentes baterem.

Vi luzes dançando detrás das minhas pálpebras fechadas. O motivo, eu não fazia ideia, mas nunca tinha me acontecido isso antes e só me fez desejá-la ainda mais. Movi a mão para a sua cintura e depois a deslizei mais para baixo, até abranger a sua bunda perfeita.

Eu esperava que ela se afastasse, mas ela me chocou e quase nos matou quando deu um pulo, jogou os braços em volta do meu pescoço e me deu uma fração de segundo para segurá-la. Eu a peguei a tempo, nos equilibrando, mas o pulo me fez dar um passo para trás, o que me levou a pisar em um ancinho e o cabo cair em cima de nós, atingindo Layla no rosto.

— Ai! — Layla colocou a mão na cabeça enquanto ainda estava nos meus braços e começou a rir.

Eu precisava colocá-la no chão, mas não consegui encontrar um espaço livre para isso. Eu me virei, tropecei em um balde branco e quase caí. Ela riu mais e colocou os pés no chão, tentando me ajudar a me estabilizar.

Finalmente, encontrei meu equilíbrio e coloquei uma mão no seu quadril, porque ela não escaparia do meu toque depois de tudo isso.

Ela ajeitou a blusa, arrumou os cabelos e se virou, pegando o caminho de casa. Antes de ir muito longe, jogou por cima do ombro:

— Não suma.

25



Eu nunca usei drogas, sempre fui mais uma garota do tipo certinha. Fui para a faculdade, me casei e engravidei, tudo no meu primeiro ano, mas tive algumas amigas que usavam drogas recreativas e uma que usava algo mais pesado, daquelas que não podiam ser largadas somente à base de autocontrole e determinação. Essa droga a levou a várias outras e, antes que eu percebesse, ela estava trancando a faculdade e se mudando para um apartamento sem móveis e com um monte de colchões sujos no chão.

Ela foi uma amiga íntima e eu me lembrava de tentar ir atrás dela, tentar argumentar com o seu vício. Ela tentou uma vez, mas a abstinência foi demais para ela e, ao final da semana, ela voltou para aquele apartamento asqueroso. Eu lembrei de Travis me dizendo que não podíamos forçar o que funcionava conosco em outra pessoa, que nunca saberíamos a batalha que os outros travavam até sentirmos na própria pele.

Pensei em Shannon e em sua abstinência durante a semana em que Reid ficou ausente, me evitando. Eu o via deixar Michael em casa, mas, em vez de entrar como costumava fazer, ele simplesmente ia para a casa dele.

No primeiro dia que fez isso, eu quase vomitei. Foi a coisa mais louca. Meu estômago revirou de uma maneira tão dolorosa que não tive apetite para jantar naquela noite. Eu não conseguia parar de pensar no jeito em que ele me abraçou naquela charrete, como abriu espaço para a minha desolação. Eu o queria mais perto de mim, não mais distante. Mesmo assim, ele se afastava cada vez mais dia após dia.

Finalmente cedi. Ele estava parado do lado de fora, na frente da minha casa, com uma aparência terrível, exausto e sozinho. Parecia estar esperando por algo e o que quer que fosse, me sussurrou que era a mesma coisa pela qual esperei a semana toda. Eu me odiava por desejar tanto ele, por, de repente,

precisar dele, por sentir as bordas corroídas do meu coração com tamanha intensidade que não suportava mais. Eu não entendia como poderia estar apaixonada por um homem tão profundamente e ao mesmo tempo desejar a presença de outro com tanta paixão.

Eu precisava dele como de uma droga, uma dose diária. Minha abstinência de Reid foi como murchar depois que tive a chance de florescer. Eu me recusava a murchar quando ele era meu sol particular, pronto para me ajudar a desabrochar. Isso me fez dizer a Shellie que voltaria em um segundo e saí para encontrá-lo. Isso me fez agarrar sua mão, arrastá-lo para o galpão e lhe dar um beijo.

E, puta merda, como ele correspondeu ao beijo. Ainda não estava pronta para dissecar aquele beijo. Ainda estava dividida ao meio e aquele beijo não merecia ser comparado a nada que estivesse aos pedaços, ele precisava de cem por cento de tudo. Agora, ele e Michael deveriam aparecer na estrada a qualquer segundo e eu tinha um enxame de abelhas furiosas me atacando por dentro. Todo mundo ficava com borboletas no estômago e eram borboletas que eu diria que sentia com Travis, mas elas eram leves demais comparadas ao que eu sentia com Reid. Era um sentimento de raiva e desespero.

Coloquei a caçarola quente na mesa e sorri para Jovi enquanto ela preparava a salada e o pão. Eu planejava pedir a Reid que ficasse para jantar e havia algo de muito perfeito em não ter que se preocupar com a reação das crianças. Elas amavam Reid. Ele era mais terapêutico para os meus filhos do que os cavalos. Não era de forma alguma um substituto do pai deles, mas um amigo e mentor incrível, alguém em quem podiam confiar e respeitar.

— Mamãe? — chamou Henley, entrando na cozinha com seu chapéu de caubói.

Eu sorri e escondi uma risada. — Sim, querido? — Peguei alguns pratos e entreguei a Jovi.

— Você acha que o Reid vai me ensinar a montar aquelas ovelhas do rodeio? — Ele inclinou a cabecinha e meu coração quase explodiu. Ele estava

crescendo, ficando mais alto, sua voz de bebê desaparecendo e já havia perdido dois dentes.

Respirei fundo e sorri.

— Podemos perguntar a ele hoje, se você quiser.

Tinha um grande rodeio em Casper em dezembro, algo em tributo a alguém que havia falecido. Eu não tinha prestado muita atenção nas crianças falando direto sobre o assunto. Eles queriam passar o fim de semana com a minha irmã e ir ao rodeio nas três noites. Henley e Steven descobriram que existia essa coisa de cavalgar ovelhas como se fossem cavalos loucos e não paravam de falar sobre isso desde então.

— Eles chegaram! — gritou Jovi da sala de estar; ela estava vigiando a janela.

Embora eu quisesse beijar Reid outra vez, uma pequena parte minha havia chorado na charrete e essa pequena parte ainda existia. Um soluço controlado, uma agonia dolorosa, era a dor da perda que viveria em minha alma como uma coisa eterna, mas eu teria que aprender a viver junto com ela.

— Mentira! — A voz estrondosa de Michael nos encontrou primeiro quando ele mal abrira a porta.

Reid sorriu para ele e disse:

— Só observe, amigo.

Eles riram da piada interna e da conversa particular, tiraram as jaquetas e botas e depois seguiram em nossa direção. Meu coração bateu freneticamente quando observei os pés cobertos de meias brancas de Reid caminharem até a pia da cozinha, onde ele me deu um sorriso malicioso enquanto esfregava as mãos. Onde ele colocaria aquelas mãos quando estivessem limpas?

Ele continuou de pé e eu quis me sentar. Eu precisava de um segundo para me acostumar com sua proximidade. Ele vinha à minha casa há semanas, relaxava no sofá, dava risada com os meus filhos, ficava confortável e relaxado. Ainda assim, eu estava nervosa.

As crianças circulavam ao nosso redor quando Reid caminhou lentamente

até onde eu estava, os olhos verdes brilhando de desejo. Eu queria jogar os braços em volta dele e beijá-lo, provar os lábios que havia devorado antes, mas olhei para baixo e endireitei a camisa. Ele riu, o que me fez olhar para cima. Ele puxou uma cadeira e sentou-se no mesmo instante em que todos ocuparam a mesa. Todos nós já fizemos refeições juntos antes, mas agora com Reid tocando os meus dedos dos pés debaixo da mesa e me provocando a sensação de ter uma colmeia de abelhas morando no estômago, as coisas estavam diferentes.

Eu ri nervosamente enquanto as crianças brincavam. Michael falou sobre seu trabalho no rancho, um lugar que havia mudado meu filho para melhor. Ele falou sobre como vários dos proprietários que deixavam os cavalos hospedados lá estavam aparecendo para conferir e montar os animais antes que o inverno chegasse para valer; como um dos garotos ricos o esnobou, mas ele apenas riu do quanto eles eram mimados por terem cavalos caros, mas nunca terem tempo para montá-los de fato.

— O idiota não gostou quando o lembrei que eu costumo cavalgar o seu cavalo com mais frequência do que ele — brincou Michael, enquanto colocava uma grande porção de comida na boca.

Reid o alertou com um sorriso.

— Lembre que são esses pirralhos cheios da grana que ajudam a pagar o seu salário.

Michael inclinou a cabeça num tipo de gesto que dizia *pois é, é verdade*. Quando o jantar acabou, mandei cada uma das crianças se encarregar de algo enquanto acompanhava Reid até o celeiro para que ele checasse umas coisas para mim antes que a primeira neve caísse. Claro, Henley implorou para nos acompanhar, mas lhe disse que ele tinha que ajudar os irmãos primeiro.

Não seria fácil achar um tempo a sós com Reid, mas, quando eu estava determinada a conseguir algo, também ficava criativa. Saímos pela porta dos fundos quando a última luz do sol se agarrava ao horizonte. O ar gelado estava esfriando mais com a aproximação de novembro. Eu sabia que isso

significava neve e, pelo que entendi, um dos invernos rigorosos de Wyoming. Mas também significava novidade e uma página em branco para que eu criasse lembranças e marcos, para os quais poderia olhar no futuro e medir até onde eu havia chegado, o tanto de progresso que fiz.

Reid me seguiu sem me tocar enquanto íamos para o celeiro, o lugar onde nossas vidas haviam se conectado e colidido como os raios sobre as nossas cabeças naquela noite. Assim que entramos e ficamos fora de visão da casa, Reid me acuou contra a parede.

— Senti sua falta hoje — sussurrou no meu ouvido enquanto seus lábios tocavam a carne sensível dali.

Um calafrio percorreu minha espinha com a sua proximidade e minhas costas responderam ao seu sussurro se arqueando por vontade própria. Ele me rodeou com o braço e com o outro apoiado acima da minha cabeça, inclinou-se para me beijar. Ficou escuro no celeiro quando a luz do sol fugiu do mundo e o crepúsculo a substituiu. Tudo que eu conseguia ver eram sombras. Levantei os braços para envolver seu pescoço, entrelaçando os dedos, apertando, puxando, recuando.

Ele interrompeu o beijo por um segundo, mas só para sorrir contra os meus lábios e me puxar para mais perto.

— Me diga alguma coisa, Layla. Eu preciso te ouvir, senão vou achar que não quer que eu faça isso.

Eu abaixei o dedo para traçar seus lábios.

— Eu quero. Eu quero você... quero um novo começo — sussurrei e avancei para beijá-lo. Derramei minha esperança no beijo, esperando que ele capturasse todo o fervor que eu sentia por isso, por nós.

Movemos nossas bocas ao ritmo dos nossos corações frenéticos, loucos e desesperados. Só nos separamos quando ouvimos os pezinhos de Henley correndo em direção ao celeiro. Reid deu vários passos para trás, indo até à parede oposta para acender as luzes e eu ajeitei a camisa e o cabelo. Henley entrou correndo, parecendo preocupado em ter perdido algo divertido.

— Vocês já montaram? — A voz de Henley fez Reid e eu olharmos um para o outro em uma batalha hilária para ver quem seria o primeiro a desviar os olhos.

Reid não desviou o olhar de mim quando arqueou uma sobrancelha e respondeu:

— Ainda não, amigo, mas espero que sua mãe aceite fazer isso em breve.

Meu rosto esquentou e meu estômago ferveu, mas em algum lugar mais abaixo, tudo queimou. Reid queria dormir comigo em algum momento e eu não tinha ideia se estava preparada para isso. Dar beijos e amassos como dois estudantes era uma coisa, mas sexo?

Minha respiração ficou rápida. Olhei para ele e gostei de ver o seu sorriso tímido. Eu não queria que ele pensasse que havia me pressionado demais, então sorri e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha para tranquilizá-lo. Se Reid e eu seguíssemos em frente com isso, sexo eventualmente seria um tópico de discussão, mas hoje tudo o que eu queria fazer era continuar em uma doce e inocente negação.



Um fino cobertor de neve cobria o chão quando as crianças e eu nos acomodamos no SUV. A escola começava às sete, o que queria dizer que tínhamos que sair de casa às seis e quarenta e cinco. O dia estava horrível, frio e escuro. Eu só queria um cobertor e simplesmente dormir.

— Michael, não pedi pra você ligar o carro há quinze minutos? — perguntei, com os dentes batendo.

Nosso SUV não era nem de perto novo. Ele não tinha aquecedores de assentos nem aquecedor de volante sofisticados e eu estava me dando conta que precisaria de luvas para dirigir se o carro não fosse ligado bem antes.

— Você nunca me pediu pra fazer isso — desviou Michael, soprando ar quente nas mãos em formato de conchas.

— Ela pediu, sim — falou Henley lá de trás, onde estava sentado em sua

cadeirinha, usando gorro, luvas e jaqueta de inverno.

Ele sempre estava mais preparado do que eu. Ele também sempre sabia exatamente onde estavam todas as suas roupas de inverno. Não me pergunte por que e nem como, mas esse garoto amava a possibilidade de brincar na neve e prezava seu vestuário de proteção.

— Cala a boca — rosnou Michael da frente.

— Cala a boca você! — gritou Henley com a boca torcida, imitando o irmão mais velho.

— Meninos! — Eu avisei ao dar ré, me afastando da casa, mas assim que virei o carro senti um tapa na janela.

Assustada, me virei para o som e encontrei Reid ali, sorrindo. Ele estava segurando dois copos térmicos para viagem do que eu esperava que fosse café. Abri a janela enquanto meu estômago se agitou em expectativa pela cafeína e por ver Reid.

— Oi, pessoal — disse ele, olhando por cima do meu ombro para os bancos de trás.

— Oi, Reid — gritaram todos em saudação.

Seu olhar voltou para mim, seus olhos de um verde uniforme procurando alguma coisa nos meus, mas eu não sabia certo o quê.

— Eu queria saber se vocês têm espaço para mais um nessa máquina?

Michael já estava tirando o cinto, provavelmente mais que ansioso em dar o lugar para o seu novo melhor amigo. Eu sorri e balancei a cabeça, encorajando-o a entrar. *Devia ter oferecido ontem à noite?* Eu pensava que ele ia para o rancho na picape.

Reid entrou e fechou a porta, e Jovi pulou para a terceira fileira de bancos, onde Steven já estava lendo sozinho. Michael ficou no lugar que era dela e colocou o cinto. O console do meio me separava de Reid, mas eu podia sentir o calor do seu corpo e do seu olhar.

Coloquei o carro em movimento e manobrei para a estrada.

— Desculpe aparecer sem ser convidado — disse Reid baixinho de seu

banco enquanto batia no meu joelho com o punho.

Meu estômago quis sair do meu corpo com o movimento. Eu olhei para ele e sorri. Estúpida, ele me deixava estúpida e incapaz de formar palavras.

— Você sempre está convidado. Se quiser uma carona, venha e entre no carro.

Sorri enquanto continuávamos descendo a estrada coberta de neve. O mundo estava escuro, mas desperto. Luzes brilhavam em fazendas que já estavam em movimento e começando o dia e se eu abaixasse o vidro da janela, ouviria o zumbido baixo dos tratores ligados, mantendo o diesel quente. Ainda não era inverno e, pelo que Reid me disse, ninguém fecharia as lojas até pelo menos dezembro.

Mesmo assim, a cidade ainda ficaria movimentada, só que com um tipo diferente de movimento.

— Eu gostaria de pegar carona com vocês pelo simples motivo de te ver todas as manhãs. — Reid me deu um sorriso lateral e rapidamente corrigiu sua declaração. — Quero dizer, de ver todos vocês, toda a família.

Engoli em seco e foquei na estrada. Ele estava tão presente, tão ali, e eu odiava e adorava isso. Mesmo que no passado fosse Travis que sempre dirigia, era estranho ter um homem no banco da frente.

Seu cheiro fez cócegas no meu nariz e despertou lembranças de seus lábios nos meus. Ele fez eu me contorcer no assento e olhar furtivamente para sua boca para me lembrar de que ainda estava ali. Ele ainda estava ali. Eu poderia parar o carro no acostamento e agarrar sua camisa, puxá-lo e beijá-lo até perder os sentidos, o único problema é que todas as crianças estavam no carro e *oh*...

Não acostumada a ver Reid tão cedo, eu tinha esquecido completamente que estava de robe... e de chinelos... e, *ai, meu Deus*! Meu cabelo estava uma bagunça preso no topo da cabeça e eu estava com os meus óculos porque os usava todas as noites depois de tirar as lentes de contato. Estava sem maquiagem e com delineador preto ainda manchado embaixo dos olhos.

Também ainda não tinha escovado os dentes e de repente, senti vontade de morrer.

Como eu podia me sentir tão confortável com Reid a ponto de esquecer totalmente que nem estava de sutiã? Eu tinha acabado de pular no carro para levar as crianças à escola, como fazia todos os dias. Normalmente, não tomava banho até depois de chegar em casa e me exercitar por um tempo fazendo alongamento e ioga e, às vezes, eu simplesmente me deitava no sofá e assistia aos vídeos de exercícios enquanto tomava água. Às vezes, só vestir as roupas de exercício já era uma façanha e tanto.

Virei levemente o corpo para o lado oposto de Reid, tentando protegê-lo da minha loucura, mas no instante em que fiz isso, ele percebeu.

Ele limpou a garganta.

— Tudo certo? — perguntou em voz baixa para que as crianças não ouvissem.

Eu rapidamente olhei para ele e depois endireitei a coluna.

— Sim, tudo bem. Eu só, é... eu meio que esqueci que estou de robe e isso é um pouco chocante.

Eu mantive os olhos para a frente quando nos aproximamos do rancho onde Reid trabalhava. Liguei o pisca-pisca para virar, mas ele estendeu a mão e a colocou no meu joelho.

— Vamos deixar as crianças primeiro — disse suavemente enquanto me observava com aquele olhar faminto que eu tinha visto na noite anterior.

Continuei em frente e tentei relaxar enquanto Reid envolvia Henley e Michael em uma conversa, tirando o foco de mim. Quando chegamos ao antigo prédio de tijolos vermelhos, as crianças começaram a descer do carro. Eu, normalmente, ficava dentro do veículo, porque era uma via de embarque e desembarque escolar e, apesar de ser uma escola pequena, ainda não queria ver ou ser vista pela população de Douglas.

Reid, no entanto, saiu e abraçou cada criança individualmente, dando-lhes algumas palavras de incentivo sobre como serem incríveis. Havia seis carros

atrás de mim e o guarda de trânsito furiosamente acenava para que seguíssemos, mas Reid parecia não ver nem se importar.

Meus olhos lacrimejaram ao ver a minha pequena Jovi aninhada sob o queixo dele e com um sorriso vacilante estampado no rosto. Lágrimas quentes e doloridas caíram fartas e sem vergonha quando Michael sorriu para Reid e eles bateram as mãos. Reid nunca tentaria substituir Travis nem nunca poderia, mas ele podia ser o sol que levaria a chuva para longe do triste mundo dos meus filhos. Ele podia ser um auxílio, um amigo, alguém que…

Coloquei as mãos nas bochechas para limpar os resquícios da minha reação ao testemunhar tudo isso. Tentei limpar a mente de ideias e imagens de Reid fazendo parte das nossas vidas a longo prazo. Não era justo com ele nem conosco colocar esse tipo de fardo em cima dele. Eu não tinha ideia de quais eram seus planos nem do que aconteceria com a gente no futuro.

Ele voltou para o carro e sorriu enquanto colocava o cinto. Segui com o veículo e saí do estacionamento da escola. Entre nós ficou um silêncio, sem palavras, sem sons... apenas pulmões respirando e corações batendo.

— Pode parar aqui? — perguntou ele, olhando brevemente para mim.

Eu teria preferido que ele não me olhasse de perto na condição em que eu estava, mas também preferia não ter que passar o dia inteiro sem seus braços em volta de mim.

Sinalizando e fazendo uma curva, estacionei o carro fora da estrada principal e longe das fazendas locais. Estávamos no meio do nada. Reid se virou para mim e eu me virei para ele... com relutância, sem saber o quanto meu cheiro estaria horrível, mas com muito medo de levantar as axilas para descobrir.

— Ei — disse ele baixinho enquanto exalava, atraindo minha atenção para si. Ajustei os óculos no nariz e cruzei os braços, apertando o robe no corpo.

Seu cabelo escuro estava despenteado no topo, como se ele tivesse passado as mãos molhadas nele, mas só uma pequena parte. Ele tinha se barbeado de ontem para hoje, o que revelou seu queixo firme e lábios carnudos. Sua

camisa escura de mangas compridas estava metida debaixo de um colete verde escuro acolchoado que o fazia parecer um modelo de loja de acampamento. Ele teria me convencido a comprar todos os sacos de dormir e barracas da loja, especialmente se o fizessem dar aquele olhar sensual que ele me dava neste momento.

— Então, você está nervosa por estar perto de mim assim? — Ele acenou levemente com a mão, gesticulando para a minha aparência, e eu senti meu rosto esquentar.

Antes que eu pudesse responder, ele meio que pulou no console até me encurralar, perto o suficiente para sussurrar no meu ouvido.

— Porque te ver assim faz o pior comigo.

Seu hálito quente acariciou minha pele e enviou um arrepio delicioso ao meu âmago. Ele ajustou o corpo até sua mão se moldar à minha cintura.

— Te ver assim me faz pensar em coisas em que eu não devia estar pensando.

Ele se inclinou mais perto e deu um beijo de leve na concha da minha orelha. Eu esperei e ele se afastou, a poucos centímetros dos meus lábios. Ele procurou meus olhos e disse:

— Pergunte no que eu não devia estar pensando, Layla.

Eu me afoguei em seu olhar, mas voltei para tomar ar por tempo suficiente para perguntar.

— No que isso te faz pensar?

Não deveria ter perguntado, nem permitido que minha mente ou a dele fossem nessa direção, mas meu corpo já estava me implorando para baixar a guarda e permitir a sua entrada.

De todas as maneiras possíveis.

A mão de Reid na minha cintura flexionou e apertou, a outra veio à minha linha do cabelo e puxou uma das mechas soltas e seu nariz roçou o espaço bem ao lado da minha boca.

— Me faz pensar em como seria acordar com você... — Ele fechou os olhos

brevemente, como se estivesse saboreando algo doce. — Abrir os olhos para te ver assim, desprotegida, descuidada... sem muralhas erguidas. Só com a sua calça de pijama fininha e essa blusa de alcinha que mal se segura no lugar. — Ele enfiou a mão dentro do meu robe, perto da clavícula, e puxou a alça fina da minha blusa até ela se arrebentar. — Isso me faz pensar em como seria...

Ele abaixou os lábios para a lateral do meu pescoço. Pressionando beijos na minha pele, ele seguiu, gentil e possessivo, do meu pescoço ao queixo. Quando pensei que passaria pelos meus lábios, ele voltou a descer e desta vez tocou minha pele com a ponta da língua, provando meu gosto. Eu respirei fundo e levantei as mãos para agarrar o seu rosto, segurando-o onde estava para que ele não tentasse interromper a perfeição que sua boca estava criando.

Arqueei as costas, empurrando o pescoço e peito nele, desesperada e faminta por mais de seus beijos e do que mais ele quisesse fazer. Ele sentou-se, afastando o rosto. Seus olhos estavam focados nos meus lábios, suas sobrancelhas próximas.

—Você vai me deixar te beijar ou vai me dizer que tem que ir para casa tomar banho primeiro? Porque eu quero muito te beijar. — Ele procurou meus olhos com os seus e puxou e soltou o ar, pesadamente.

Eu me levantei no banco apenas uns centímetros, soltei o robe e coloquei meus lábios nos dele. Foi selvagem, desinibido, ultrapassando tudo que fizemos no celeiro e no galpão. Aquilo foi algo bem diferente, algo à beira do perigoso.

Duas mãos fortes agarraram minha cintura e me puxaram sobre o console. Agarrei seu pescoço e voluntariamente subi em seu colo, montando nele em meu robe e calça de pijama. Nosso beijo se aprofundou quando nossas bocas deslizaram para os lados, sua língua me invadindo, seus dentes me mordiscando com experiência. Calor irradiava por todo o meu corpo enquanto eu me esforçava incansavelmente para não me afetar com a dureza

que sentia debaixo de mim. Meu corpo estava completamente excitado e pronto, mas meu coração batia freneticamente para que eu parasse.

Com toda a força que possuía, empurrei seu peito e me afastei. Apreciei sua imagem nesse momento: os lábios vermelhos e brilhando de umidade, os olhos verdes dilatados e famintos, o cabelo bagunçado pelos meus dedos e com as pontas em pé. Ele era lindo e um lugarzinho no meu coração sussurrou: *ele é meu*. O mesmo lugar sussurrou que eu não era dele... Que eu estava presa com um fantasma, um homem que nunca mais poderia me abraçar, beijar ou tocar.

— Eu não posso fazer isso. — Eu ofeguei, segurando seus braços.

Meu robe estava aberto, minha blusa minúscula revelando exatamente o quanto meu corpo estava pronto para ele. Puxei cuidadosamente o tecido rasgado e cobri o peito com ele.

Reid me soltou e quase que imediatamente eu o senti recuar. Ele já estava levantando uma muralha, um lugar seguro onde eu não conseguiria alcançá-lo. Em pânico, estendi a mão para segurar seu queixo.

— Eu gosto disso... do que estamos fazendo. Só estou preocupada de avançarmos demais... não estou pronta para... — Parei e levantei os olhos, tentando conter as emoções desconfortáveis que começaram a obstruir minha garganta.

Uma mão quente agarrou meu queixo e atraiu meu olhar.

— Então, vamos nos ater a isso. — Ele sorriu e meu coração bateu com um baque doloroso no peito.

Eu assenti, incapaz de responder, e me inclinei para abraçá-lo. Ele passou os braços fortes em volta de mim e me abraçou forte. Soltei algumas lágrimas e deixei Reid me abraçar, como fez naquela noite na charrete. Preocupada que ele se afastasse de novo, eu interrompi o abraço.

— Você vem jantar hoje?

Ele abriu um grande sorriso.

— Eu estarei lá.

Ele se inclinou para me beijar mais uma vez antes de me ajudar a voltar para o banco. Nós engolimos as palavras que ficamos devendo um ao outro em relação a essa situação, ao que era esperado dela e quanto às crianças. Eu não toquei no assunto porque sentia muito medo de Reid, do que significava estar sentindo algo por outro homem e do que poderia acontecer se eu estragasse tudo.

26



— Ok, eu só vou demorar uma hora. — Gaguejou Layla, mexendo no cabelo.

Era um dos tiques nervosos dela que eu aprendi a reconhecer. Como ainda não tínhamos contado às crianças sobre nós, afastei o desejo de estender a mão para capturar a mecha rebelde que caiu em seu rosto e colocar atrás da sua orelha.

— A gente vai ficar bem. Na verdade, acho que posso levar os meninos ao rancho de um amigo para que vejam alguns touros e outros animais de fazenda. — Agarrei a minha fivela, uma de tamanho normal que só tinha o meu nome escrito.

Layla observou meus movimentos e sorriu para mim.

— Você é mesmo um caubói de rodeio, não é? — brincou, empurrando meu ombro.

— Para sua sorte, eu me livrei de todos os maus hábitos da vida de rodeio, exceto essa leve mania de segurar a fivela do cinto. — Eu sorri e me inclinei mais perto dela, fazendo-a dar um passo para trás e corar.

Ela olhou em volta para garantir que as crianças não tinham visto e tossiu para limpar a garganta.

— Ok, bem, se vocês irão demorar mais um pouco, eu poderia ir para a cafeteria trabalhar um pouco. Na verdade, a sua ideia parece incrível, então, por favor, demore o tempo que quiser. — Ela juntou as mãos em forma de oração.

Eu dei risada. — Vá para a sua consulta, mulher.

Ela se virou e passou pela porta de vidro de um prédio menor, de tijolos.

Eu me virei para as quatro crianças que estavam subindo nas rochas que rodeavam o estacionamento e bati palmas.

— Quem está pronto para se divertir?



— Tem certeza de que temos permissão para entrar aqui? — sussurrou Jovi enquanto segurava a barra preta da lateral da grande locomotiva.

Era um grande ponto turístico para quem passava por Douglas, alguns vagões de trem estacionados na grama em frente a alguns prédios do governo federal. As pessoas podiam vir olhar e tirar fotos na frente deles, mas as pessoas que cresceram na área sabiam que também se podia entrar neles.

— Sim, tudo bem. Pode continuar — garanti a ela.

Ela tinha que subir três degraus altos e abrir uma grande porta, só isso. Quando ela vacilou novamente e vi a expressão de pânico em seu rosto, eu gentilmente a agarrei pela cintura e a coloquei de volta na grama.

— Prontinho, por que eu não vou primeiro pra que vocês vejam que é seguro? — ofereci, em seguida, coloquei Rhett nos braços de Jovi e passei por ela para começar a subir os degraus. Peguei a alavanca da porta externa e puxei, provocando um rangido de ferrugens e um eco alto. Eu sorri para as crianças. — Estão vendo?

— Uau, isso é incrível — disse Henley empolgado, começando a subir os degraus. Steven o seguiu, Jovi se aproximou com cuidado e Michael veio por último.

Henley estava saltitando de um lugar para outro. O espaço era grande, todo pintado de branco com teto e janelas altos, e dava uma sensação muito distinta e vazia, como a de um tanque. Havia alguns assentos pretos que se assemelhavam a bancos de ônibus, mas fora isso, apenas alguns botões e alavancas. Era divertido, mas não chegaria a arriscar a segurança das crianças.

— Isso é incrível! — gritou Henley de um assento antes de correr em direção aos fundos.

— É muito legal, não é? — perguntei, sorrindo com a maneira que as

crianças estavam reagindo com uma coisa que eu amava quando era criança.

Rhett farejou o chão e correu atrás dos meninos. Tecnicamente, eu não deveria trazer um cachorro ali e, tecnicamente, nós devíamos esperar até que o horário de visita dos turistas começasse e tivesse um guia ali presente conosco.

— Quando eu era criança, essa coisa parecia muito maior — murmurei, fazendo barra fixa em uma das barras suspensas.

— Podemos entrar no outro? — perguntou Michael da porta aberta, com a metade do corpo para fora.

Eu sorri e assenti. — Vão em frente.



Passamos quase uma hora checando os vagões e vendo quem conseguia subir até o topo de um deles. Eu garanti de acompanhar cada criança e que nenhuma fizesse algo perigoso, mas também, elas eram crianças e precisavam sorrir. Ouvir suas risadas contínuas o dia inteiro me deixou ansioso para descobrir o que mais as animaria.

Eu estava viajando um pouco além dos limites da cidade, onde a vegetação diminuía um pouco e basicamente, só havia terra e campos amarelados. Vi a antiga casa branca primeiro, a tinta descascada, algumas tábuas descoloridas por várias estações de tempestades. O teto parecia novo, mas havia uma adição à lateral que parecia muito mais recente, como se tivesse sido construída nos últimos anos.

Sinalizei para entrar e peguei a estrada de terra que levava ao rancho que havia definido minha infância. Os pneus levantaram poeira pelo caminho. À esquerda, havia um pequeno conjunto de arquibancadas instaladas do lado de fora da arena cercada por cercas de alumínio. Havia um grande painel que exibia um vazio de informações e números. Duvidava que fosse uma tela de vídeo, como os painéis mais recentes. Eu ficaria bem chateado se fosse. Foi no rancho dos Wildes que eu aprendi a montar cavalos de rodeio e onde

aprendi o que era sentir medo e como controlá-lo.

Estacionei o carro perto da casa e sorri para as crianças quando elas olharam ao redor, confusas.

— Onde estamos? — perguntou Jovi com Rhett dormindo profundamente em seu colo.

Eu gostei que as crianças se adaptaram tão bem ao meu cachorro e vice-versa, principalmente porque ultimamente eu tinha pensamentos do tipo “até que a morte nos separe” a respeito da mãe delas.

— Eu cresci aprendendo a cavalgar aqui. Foi aqui que participei do meu primeiro rodeio — expliquei, abrindo a porta. A porta da frente da casa se abriu, revelando o homem que foi como um segundo pai para mim quando eu era criança.

Ele usava um chapéu de caubói alto e de cor creme em cima do cabelo grisalho e ralo. Ainda tinha um bigode grosso e usava uma camisa de botão ensacada em uma calça *Wrangler* desbotada, junto com um par de botas de caubói empoeiradas e velhas que esmagavam o cascalho perto dos degraus da varanda.

— Não é possível... — pensou ele em voz alta, quase admirado. Eu baixei a cabeça ao me aproximar alguns passos.

— Gary... — Minha garganta apertou quando cumprimentei meu antigo mentor.

Sua família foi um porto seguro para mim mais vezes do que daria para contar. Quando papai morreu, foi Gary quem apareceu para ajudar a minha mãe a resolver os assuntos da propriedade e o inferno que foi o seguro de vida, e, mais do que tudo, ele e sua esposa foram dois pilares para nós.

— Reid Harrison? — sussurrou, se aproximando, e merda se não parecia que era meu pai que estava vindo me dar um abraço.

Eu me odiava por não ter aparecido antes, mas quando fui embora dali foi ele que ficou mais ressentido com a minha necessidade de viver na cidade grande.

O ar do campo sempre foi o único ar que ele queria respirar, o rodeio a única coisa que ele conhecia.

— É... desculpe por ter demorado tanto para vim te ver. — Eu bati nas suas costas quando ele me envolveu em um abraço apertado.

— Tudo bem. Todos temos que esperar até que seja a hora certa de ir visitar quem se precisa visitar.

Ele se inclinou para trás, me soltando, e isso permitiu que seu olhar flutuasse sobre o carro e sobre as crianças que agora saíam lentamente dele.

— O que você tem aqui? — Ele riu quando os quatro ficaram na frente da picape, com Rhett correndo ao redor.

Eu me inclinei para trás e trouxe alguns deles para a frente pelos ombros.

— Estes são meus alunos e vizinhos. — Apresentei cada criança e sorri enquanto Gary ria com cada uma delas. — Eu esperava poder mostrar a eles alguns dos touros maiores e um pouco da fazenda.

Levantei os olhos, captando a pergunta nos olhos de Gary quando ele olhou para as crianças mais uma vez. Ele sabia que havia mais na história, mas eu não tinha certeza do que mais dizer a ele. Não estava pronto para falar sobre qualquer outro motivo que havia me trazido até aqui.

— Mas é claro. Os filhotes de ovelha precisam ser alimentados com mamadeira daqui a pouco, e os de cabra também. — Ele levantou a mão e gesticulou em direção ao celeiro maior, que ficava ao lado.

Fui com as crianças até os currais de ovelhas e sorri enquanto Henley e Jovi bajulavam os filhotes, tendo dificuldades para lhes dar mamadeira. Quando terminaram, fomos até o celeiro maior e eu parei antes de entrar, com as crianças bem atrás de mim.

— Antes de entrarmos aqui, vocês precisam se preparar. Esses touros são grandes. De perto, eles são bem assustadores e não são exatamente bonzinhos. Lá fora, no pasto, eles ficam mais relaxados, mas aqui no redil ficam agitados. Eles vão correr atrás de vocês. Não entrem no redil de maneira nenhuma. E não coloquem a mão para acariciar o touro. Não tentem

tocar nos chifres também. Eu fui claro? — Arqueei uma sobrancelha e verifiquei se cada um deles tinha escutado os meus avisos.

Depois que todos assentiram furiosamente, eu abri a porteira. No primeiro redil havia um enorme touro da raça Plummer, com longos chifres brancos e muco escorrendo do nariz. Quando entramos, ele manteve a cabeça ereta, mas a inclinou para o lado e exalou alto pelas narinas. Isso fez Jovi dar um pulo. Ela recuou assim que ele começou a bater o casco no chão e a nos olhar de esgueira. Todas as crianças recuaram um pouco.

— Você já montou um desses antes? — perguntou Steven, distraidamente, enquanto olhava a fera.

— Na verdade, não, nenhum desses aqui. Já montei em vários parecidos com esse, mas adoraria subir em um desses malvadões. Vamos perguntar a Gary se eu posso tentar? — Eu dei um sorriso largo para as crianças e todas elas viraram a cabeça na minha direção.

— Fala sério! — Henley estava admirado.

— Vamos lá, vamos fazer isso. — Joguei meu polegar por cima do ombro.

— Que tal um dos menores? Aquele parece ser bem grande. Você pode se machucar — chiou Jovi.

Eu ri e fui até a porteira, onde havia uma corda pendurada.

— Que nada. Eu cresci nas costas desses caras, montei o meu primeiro touro de rodeio quando tinha apenas seis anos. — Eu fiz pouco caso e só percebi meu erro bem tarde. Os olhos de Henley ficaram muito grandes e seu olhar corria entre mim e o touro. — Eu estava com um adulto, usando capacete e protetores no corpo inteiro. Foi tudo muito profissional e seguro — expliquei, esperando tirar a ideia da cabeça Henley. — Gary, a gente quer montar no seu touro Plummer — chamei enquanto ele conversava com alguns caras que trabalhavam lá.

Ele me deu um olhar que dizia que eu só podia estar de brincadeira.

— Esse aí é para pessoas que estiveram em cima de um touro nos últimos cinco anos.

Estremeci com o seu tom e olhei em volta do celeiro. — E para pessoas que não sobem em um há dez? — Ele apontou o polegar para trás, então eu contornei mais alguns redis para ver o animal que ele indicava e soltei um grunhido alto. — Lyle? Você quer que eu monte Lyle?

O touro era ancião e mal se movia na velocidade de um caracol. Ele não pinoteava, chutava nem fazia nada a não ser mexer a cabeça de um lado para o outro.

— Você sabe melhor do que ninguém que não pode reaparecer do nada esperando receber todas as chaves que um dia já teve nas mãos. Você tem que merecer todas de volta, filho. — Ele disse brincando, mas havia um pouco de indireta no seu tom.

Eu acenei para ele.

— Acho que vou ficar com o Plummer — brinquei, mas Jovi puxou minha mão com força, me impedindo de andar. Olhei para baixo e vi seus olhinhos cheios de lágrimas. Eu me agachei para ficar na mesma altura e a acalmei com gentileza. — Ei, o que foi?

— Por favor, não monte. Você pode se machucar e eu não quero que você morra.

Ela soluçou e se jogou no meu pescoço. Retribuí o abraço, enquanto via o olhar conhecedor que Gary nos dava. Eu acariciei as costas de Jovi devagar, tentando acalmá-la.

— Que tal irmos atrás de Vonny e ver se ela assou alguns biscoitos? — ofereceu Gary, guiando todas as crianças de volta para sua casa.

Meu coração estava todo palpitante e nervoso. Eu odiava ter acabado de fazer Jovi considerar que poderia ter que lidar com a morte novamente. Odiava amar o calor que enchia o meu peito ao saber que ela ficaria triste se algo de ruim acontecesse comigo. Eu estava me apaixonando por aquelas crianças e não tinha certeza se sobreviveria se as perdesse um dia.

27



Apertei a tecla backspace no meu laptop com força e plantei as mãos no rosto. A xícara de café que eu tinha pedido estava fria, já tinha esfriado há algum tempo, enquanto eu ficava ali sentada tentando ter ideias para esta lista. Minha sessão de terapia com o Dr. Vox tinha sido diferente de todas as outras que tivemos e me deixou inquieta.

Normalmente, cada sessão era dedicada à minha tristeza e a como eu estava lidando em ser mãe solo em uma nova cidade, ou como não lidava com o ódio que fervia na minha alma pelo homem cujo nome evitava falar já fazia um ano. Vox normalmente perguntava se eu estava tirando um tempo para mim mesma e não apenas para as crianças ou se continuava tentando me conformar e seguir em frente. Hoje a sessão girou apenas em torno do fato de Reid não sair da minha cabeça e de estar avançando lentamente até o meu coração.

Eu tinha entrado em pânico, completamente enlouquecida e confusa ao confessar tudo ao meu terapeuta. Ele tinha dado um sorriso, acenado com a cabeça e eventualmente sugerido essa ideia idiota de fazer uma lista de cinco coisas que eu conseguiria fazer com Reid.

Eu já tinha admitido que sexo para mim era um grande não e isso parecia consumir os meus pensamentos, porque eu não sabia ao certo como poderia ter intimidade com um homem de outra forma. Eu nem sabia se queria ter intimidade com um homem. Então, aqui estava eu, uma hora depois da sessão e nem um pouco mais perto de bolar uma lista de coisas que eu conseguiria fazer com ele.

Eu sabia que gostava de beijar Reid, então lentamente digitei a palavra “beijar” depois do número um da lista. Inclinei a cabeça e contemplei o que mais me deixaria confortável.

— Você vai ficar aqui a tarde toda? — rugiu a barista do seu do balcão do outro lado da sala. Tomei um susto e levantei os olhos, agradecida por não estar com café na boca naquele momento.

— Como é? — perguntei, um pouco confusa.

— Você é a nova namorada do Reid Harrison, certo? — perguntou ela com uma veemência desvelada.

Eu fiquei chocada demais para responder. Eu a tinha visto me olhando desconfiada no baile da cidade, mas como ela sabia que Reid e eu estávamos juntos? Nós não contamos a ninguém, nem mesmo a Michelle.

Tentei dizer algo que não me obrigasse a responder que sim.

— Hã... a gente se conhece?

Eu não queria que nenhum boato chegasse nos meus filhos antes que nós tivéssemos a chance de contar a eles. Mas, por outro lado, por que diabos ela estava sendo tão maldosa comigo?

Um escárnio sarcástico me respondeu enquanto a mulher examinava as próprias unhas.

— Você sabe que ele e eu estávamos juntos antes dele se mudar daqui, não sabe?

Ela tinha cabelos castanhos lisos com grandes franjas laterais e me fuzilava com os olhos enquanto soprava e estourava bolas de chiclete. Quantos anos ela tinha? Ela parecia ter a minha idade, mas sua maturidade e profissionalismo, ou falta dele, sugeriam uma idade muito menor.

— OK? — respondi, confusa por ela ter mencionado isso. Comecei a juntar as minhas coisas porque eu não continuaria ali depois dessa.

— Ok, então, você vai ficar aqui o dia todo? — perguntou ela novamente, com mais urgência e com um aceno de mão.

Mas o que é que está acontecendo?

— Sou uma cliente, então... isso é um problema? — Argumentei, ficando um pouco frustrada por ela estar sendo tão mal-educada. Não havia mais ninguém no café, mas vários clientes tinham ido e vindo durante o tempo que

fiquei ali.

— É só que eu geralmente fecho cedo se ninguém aparece.

Ela estourou mais uma bola de chiclete. Ela usava uma calça jeans justa, uma blusa de decote baixo e uma grande camisa de flanela sobre os ombros esbeltos. Seu batom rosa brilhante se destacava quando ela mascava e estourava o chiclete como uma vaca. Resisti ao desejo de revirar os olhos para o fato dela ter atendido um cliente não fazia nem dez minutos.

— Se você quer fechar mais cedo, basta dizer — respondi secamente e me levantei para pegar o resto das minhas coisas.

Um segundo depois, a porta de vidro se abriu fazendo com que a campainha tocasse alto no espaço vazio. Os olhos da barista saltaram para o espécime humano alto e bonito que entrava com um sorriso do tamanho do Texas direcionado exatamente para mim.

— Oi, amor, está pronta? — Reid se aproximou, me beijando nos lábios. Eu sorri para ele e decidi que talvez beijar pudesse ser o número 1 e 2 da minha lista.

— Sim, só estou arrumando as minhas coisas. — Coloquei o laptop na minha bolsa grande e peguei meus fones de ouvido. — Onde estão as crianças? — perguntei, colocando a cadeira no lugar e espiando a barista, que estava com a cara em vários tons diferentes de vermelho.

— Todas no carro, prontas para irmos embora. — Ele pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus. — Oi, Meina. — Reid sorriu e acenou com a cabeça na direção dela.

Ela fechou a boca, lançou um olhar furioso para mim e girou nos calcanhares para se afastar. Sorri para mim mesma quando o segui para fora da cafeteria e, assim que saímos pela porta, ele me virou e me encurralou contra a parede. Ainda havia uma esquina que teríamos que virar para sermos vistos por qualquer pessoa no estacionamento, então não havia como alguém além de Meina ver o que estávamos fazendo.

— Sua sessão foi boa? — perguntou ele enquanto deixava rastros de beijos

pelo meu pescoço.

Agarrei seu cabelo e sorri quando seus lábios me marcaram.

— Sim. Na verdade, eu queria falar com você hoje, então se importaria de ficar depois que o jantar terminar?

Ele se afastou e sorriu para mim, seus olhos verdes dançando com emoção.

— Claro que eu fico.

Ele seguiu com um beijo lento e resoluto, que fez meus dedos se dobrarem dentro dos sapatos. Seus lábios cantavam de desespero; esse desespero ecoou em mim e exigiu que eu me agarrasse ao que estava agitando meu peito. Era óbvio que nós combinávamos, que sentíamos o mesmo, que estávamos em sincronia.



A porta de tela se fechou enquanto eu caminhava devagar, embalando minha caneca de chá, na direção de Reid, que estava relaxando na cadeira suspensa da varanda. Entreguei-lhe a caneca enquanto me envolvia em um cobertor grande e me aconchegava ao seu lado. Estava frio, o tipo de frio que exigia uma fogueira e camadas grossas para ficar fora de casa, mas eu precisava de um tempo sozinha com ele. Reid tinha limpado tudo, lavado a louça e tirado as migalhas em volta da mesa enquanto todos cuidávamos da nossa rotina da hora de dormir.

Todos disseram boa noite quando subi a escada para colocá-los na cama. Jovi se demorou um segundo a mais antes de subir, observando as costas de Reid enquanto ele limpava. Antes que eu pudesse perguntar o que ela estava fazendo, ela correu até ele e passou os braços em volta das suas costas.

Ele parou de se mexer e torceu o corpo até ficar de frente para ela. Ele se inclinou e a pegou nos braços e ela enterrou o rosto no pescoço dele enquanto ele afagava suas costas e sussurrava algo em seu ouvido. Minha respiração ficou muito dolorida e superficial ao observar a minha menininha abraçá-lo, ao observar ela abrir o coração para outro homem. Isso desencadeou o bater

de asas de criaturas aladas que com certeza viviam em algum lugar do meu estômago e puxou todas as cordas do meu coração.

Ele a colocou no chão um momento depois e sorriu para mim antes de voltar para a pia. Foi nesse momento que eu percebi que Reid já tinha tomado um pedaço enorme do meu coração. Independentemente do que eu permitisse que acontecesse entre nós, ele já havia fisgado meus filhos. Eles já estavam completamente apaixonados por ele e não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso.

— Então, sobre o que você queria conversar comigo? — Reid perguntou, tirando-me dos meus pensamentos e de volta ao momento frio, mas perfeito ao seu lado. Eu me aproximei mais dele e recuperei a caneca quente de suas mãos.

— Eu sei que essa coisa toda é um pouco complicada. Nós não contamos às crianças sobre nós. — Eu parei e pude sentir quando ele se moveu ao meu lado.

— Layla, faz só duas semanas. Podemos ir devagar, o quanto você quiser.

Eu sorri enquanto nos balançávamos no escuro. A noite gélida ainda tinha tanta beleza. Estrelas brancas apareciam no céu escuro, lançando uma visão gloriosa para que ficássemos apreciando do nosso canto.

— Eu sei, mas quero mais que beijos roubados, sussurros e mãos desesperadas. Quero algo mais profundo, mas não tenho certeza do quanto mais posso te oferecer.

Ele fez um som com a garganta quando suas mãos encontraram meu cabelo e começaram a brincar com as pontas.

— Você quer definir o que é isso primeiro? — ele falou com voz baixa e grave quando sua perna se moveu para a frente.

Inalei o ar para me estabilizar.

— Não, ainda não estou pronta para isso.

Ele riu, inclinando a cabeça até beijar a minha linha do cabelo.

— Então, o que exatamente você tinha em mente?

Estremeci ao respirar antes de reunir confiança suficiente para contar a ele.

— Em algo que espero que não deixe você nem eu confusos nem que torne as coisas piores.

— Pode mandar ver, amor. — Ele beijou minha testa novamente e relaxei ao seu lado enquanto revelava o que tinha planejado.

28



Sons de toques e de vibração me acordaram quando o alarme do meu celular tocou ao lado da cama. Eu estendi o braço para pegá-lo e acabei derrubando o aparelho da mesa de cabeceira. Desde a última semana colocava o alarme para tocar a essa hora e todos os dias começavam com uma sensação estranha no meu estômago. Eu acordava cedo, tomava banho, me vestia, cuidava de Rhett e corria para a casa de Layla. Ela tinha me jogado sua ideia naquele balanço da varanda e eu tinha aceitado.

Terminando meu banho e colocando uma calça jeans simples e uma camisa de flanela, enfiei os pés em uns chinelos e comecei a atravessar a entrada de cascalho. Uma camada branca de neve cobria o chão novamente, mas a terra ainda aparecia, então não era uma camada profunda, apenas um lembrete amigável de que o inverno estava chegando. Inclinei o pulso apenas uma fração enquanto minhas pernas me levavam para mais perto da casa silenciosa de Layla. Meu relógio mostrou que passava um pouco das quatro e meia da manhã; cheguei na hora certa.

Com cuidado e bem de leve, pisei na varanda da frente, silenciosamente dando cada passo. Tirei a chave do bolso, a que Layla me deu no domingo à noite, enquanto gaguejava sem jeito com a sua sugestão. Ela tinha me oferecido outra coisa no lugar de intimidade sexual. Eu tinha dado um sorriso, aceitado a chave e aquele novo acordo com avidez.

Destranquei a porta e a fechei sem fazer barulho, girando a trava de segurança e tirando os chinelos. Olhei em volta para ter certeza de que nenhuma das crianças estava acordada. As luzes estavam apagadas como sempre e o lugar estava tranquilo. Eu contornei a escada, subindo um degrau de cada vez, até entrar no corredor e achar a porta de Layla. Uma iluminação fraca me encontrou quando eu a abri. Ela estava sentada de pernas cruzadas,

sorrindo, esperando por mim.

Aquele sorriso me deixava de joelhos quase todos os dias, aquele em que o nariz dela se enrugava e os olhos se arregalavam em expectativa, como se ela fosse uma criança pequena prestes a ganhar um sorvete ou um passeio de pônei. Ele mexia em algo no meu peito, tornando-o mais leve de alguma forma.

Andei até a cama e me arrastei no colchão até ela, de joelhos. Seu cabelo loiro estava preso em um coque com pequenos fios pendendo. Ela estava com aqueles óculos de armação grossa e...

Puta merda.

Aquela era a minha camiseta?

Eu me arrastei até estar na frente dela, o calor de sua caneca cheia de café se espalhando entre nós quando meu rosto baixou em direção ao seu. Eu juntei as sobrancelhas em concentração enquanto a olhava.

— O que foi? — sussurrou ela, de repente agindo como se estivesse envergonhada. Ela arrumou o cabelo e limpou a boca com os dedos. Isso me fez sorrir, mas meu olhar permaneceu fixo no seu. — O que foi, Reid? Me diga... você está me assustando. — Ela usou a mão livre para me empurrar.

Eu peguei seu pulso e segurei sua mão.

— Essa é a minha camiseta?

Ela corou e olhou para baixo, puxando a mão da minha.

— Você deixou da última vez... tem o seu cheiro, então eu durmo com ela.

Antes que eu pudesse dizer o quanto vê-la com a minha camisa me afetava, principalmente assim tão cedo, ela virou a cabeça na direção do guarda-roupa e um silêncio sombrio preencheu o quarto. Quando ela ficava com aquele olhar, eu sabia que tinha algo a ver com o marido.

— Isso desencadeou alguma coisa? — Perguntei, pegando cuidadosamente a caneca de café e colocando-a na mesinha ao lado da cama.

Ela colocou algumas mechas de cabelo atrás da orelha.

— É que eu costumava dormir com as camisetas dele... quase toda noite. Eu

as usava durante o dia também... e nem pensei no fato de ter começado a fazer a mesma coisa com a sua. Eu só senti sua falta e queria me sentir perto de você. — Ela levantou o ombro esbelto em um dar de ombros.

Puxei-a para um abraço e me deitei com ela, embalando-a nos braços. Na maioria das manhãs, ela tinha uma caneca de café à minha espera e nós sussurrávamos um para o outro sobre os nossos planos para o dia, depois nos beijávamos e ficávamos abraçados. Eu brincava com o seu cabelo e ela tocava a minha barriga, o que geralmente exigia que eu tirasse a camisa... a pedido dela. Da última vez, eu tinha vestido somente o moletom às pressas, esquecendo a camiseta porque Henley acordou e eu precisei fugir rapidamente. Alguns dias, Layla falava do marido, em outros dizia que doía demais falar dele. Eu queria ser sensível e cuidadoso, então só esperava e tentava lhe dar apoio.

— Devo roubar uma de suas camisetas para poder dormir com elas? — Eu brinquei enquanto tirava o elástica do cabelo dela.

Ela riu e soltou um suspiro pesado. — Não, mas acho que precisamos contar às crianças sobre nós.

Minha mão congelou onde estava. Foi ela quem quis que tivéssemos cuidado e não fizéssemos nada que mexesse com as emoções dos filhos, não até que descobríssemos o que estava acontecendo entre nós.

Eu me virei para ela.

— Isso quer dizer que…

Ela já estava me olhando, aqueles olhos castanhos dançando com respostas.

— Sim, Reid. Vamos definir isso. — Ela segurou meu rosto com as mãos e beijou meus lábios rapidamente antes de se afastar.

Sentei-me o suficiente para apoiar o peso do corpo no cotovelo e descansei o rosto na mão.

— Quero namorar com você, de forma exclusiva. Não quero compartilhar você com ninguém além de seus filhos — falei apressadamente, sem saber quanto tempo tínhamos antes que as crianças acordassem.

Ela pareceu aliviada, a linha entre as sobrancelhas desapareceu e um pequeno sorriso abriu seus lábios.

— Eu gostaria disso — respondeu com um suspiro ofegante.

— Então, dizemos às crianças que elas podem me ver te beijando ocasionalmente? — Esclareci enquanto a puxava para mais perto do peito.

— Sim, vamos dizer isso, e quero ter certeza de que vão entender que você não está substituindo o pai deles... Você só está entrando na nossa vida como algo diferente, separado de tudo que o pai deles representa. Eu vou continuar o amando. Eu sempre o amarei.

Suas palavras saíram confusas, apressadas, quase que em pânico... como se ela estivesse tentando reassegurar a si mesma de todas essas coisas e não apenas aos seus filhos. Hesitei em avançar quando isso ainda era uma dificuldade para ela, mas também sabia o quanto esses pequenos passos eram importantes.

Olhando para o relógio da mesa de cabeceira, percebi que só restavam trinta minutos de beijo antes que Michael acordasse. O relógio era a única coisa lá, além da luminária. Ela tinha me dito que havia uma foto do marido ali, mas que havia tirado. Eu não tive certeza do que dizer quando ela me contou isso. Ainda não tinha visto como ele era e não tinha certeza se queria. Todas as fotos foram retiradas do andar de baixo, e ela mencionou em determinado momento que foi por causa das crianças, que precisavam deixar as lembranças dolorosas para trás.

Eu não tinha ideia de como deve ser ter que ocultar um pedaço da sua vida assim. Quando meu pai faleceu, nós, na verdade, aumentamos o número de fotos pela casa, porque queríamos sempre ser lembrados dele, mas eu sabia que as pessoas lidavam com a perda de maneira diferente, sem mencionar que eu era muito mais velho quando perdi meu pai.

Eu me debrucei sobre ela e escovei seus cabelos para trás, até que seu rosto estivesse exposto para mim, aqueles lábios em exibição e prontos para serem beijados. Seus olhos procuraram os meus quando sua respiração acelerou. Eu

amava isso, amava como suas costas se arqueavam por vontade própria, como se ela não pudesse evitar. Amava como suas bochechas ficavam rosadas pelo que eu gostava de imaginar ser ela tendo pensamentos safados sobre nós. Por fim, eu simplesmente amava o quanto ela desejava o meu toque.

Passei a mão pelo seu braço e gostei dos arrepios que surgiram. Usei o nariz para traçar a coluna de sua garganta e depois depositei um beijo com vontade e firmeza ali. Minha língua roçou a pele cremosa que ela revelava, pele que não era o suficiente.

— Estaria disposta a tirar isso? — Eu sussurrei em seu pescoço enquanto puxava a barra da camiseta.

Ela sentou-se e tirou a peça de roupa, revelando uma blusinha rosa de alcinha por baixo. Era muito parecido com o que ela usou na primeira vez em que demos uns amassos no carro. O tecido fino mostrava muito e ao mesmo tempo não o bastante; era enlouquecedor. Ela não tinha ideia do que fazia comigo constantemente. Essa espera, essa inquietação, eu adorava e ansiava cada segundo disso com ela, mas sempre queria mais.

Deslizei a língua mais para baixo em sua garganta até estar em sua clavícula. Ela soltou um silvo baixo e arqueou o corpo para mim, implorando por mais. Eu sabia que se a surpreendesse deixando minha mão descer mais para baixo, sentiria exatamente o quanto ela desejava isso, o quanto ela me queria. Ela disse que não estava pronta para fazer sexo, mas havia muito o que fazer que não era bem o ato de fato. Ela passou os dedos pelos meus cabelos e puxou as pontas e desta vez, fui eu quem sibilei. A porra toda da minha força estava concentrada em não puxar aquele short.

— Reid — sussurrou, a voz rouca.

Eu assenti com a cabeça, sabendo que ela queria mais e se odiava por isso. Eu era um perito nisso agora. Ela sentia falta do marido e queria poder desejar apenas ele, para sempre, mas tinha sentimentos por mim que eram novos e aterrorizantes. Por mais que odiasse admitir, estava atraída por mim e

queria que minhas mãos a tocassem toda vez que ficávamos sozinhos.

— Só me diga para parar se eu estiver indo longe demais — sussurrei em sua pele, enquanto meu nariz viajava mais uma vez por sua garganta, traçando uma linha e criando uma lembrança.

Coloquei o dedo no seu ombro, baixei suavemente a alça da blusa e esperei. Notei que sua respiração estava caótica devido a maneira com que seu peito subia e descia tão rapidamente, o que significava que ela estava nervosa e eu sabia que se olhasse em seus olhos haveria um brilho das lágrimas que ela provavelmente estava derramando.

Ela não precisava dizer nada; eu já sabia que isso ainda era demais para ela. Coloquei a alça de volta no lugar com cuidado e depositei um beijo suave em seu ombro, depois em seu nariz, e então beijei as lágrimas que persistiam em suas bochechas.

Ela agarrou meu rosto com as mãos e me segurou imóvel, sussurrando muito gentilmente:

— Sua aceitação em ir devagar e ser cuidadoso comigo... você está indo mais fundo dentro de mim do que jamais poderia ir fisicamente. Isso significa tudo pra mim, Reid.

Ela me beijou com força e naquele beijo pude sentir seu tumulto, sua dor de abandonar o passado e o medo de imaginar um novo futuro. Eu a segurei nos braços por mais quinze minutos antes de soltá-la ir e voltar para casa.



Já tinha passado da hora de escrever isso. Minha mãe sabia e eu sabia; só não tinha encontrado as palavras até o momento. Eu não queria encarar essa parte minha novamente e certamente não queria encarar a destruição que havia deixado. Eu só queria fingir que nada daquilo tinha acontecido, mas quanto mais tempo eu passava com as crianças e com Layla, mais eu me dava conta do quanto queria seguir em frente. Eu queria uma página em branco. Enquanto Layla desenhava linhas na areia e erguia muralhas para impor

limites entre nós, o meu coração tinha abandonado todas as que eu ergui por causa dela.

Foi uma compreensão estranha, a de que não existiam limites quando o assunto era ela. Nenhum medo nem trauma do passado tocava o meu futuro. Então, eu não tinha motivos para não enviar esta carta. Estava seguindo em frente com a minha vida, estava feliz e precisava parar de puxar o meu passado para o presente.

Terminei de escrever a última linha, dobrei o papel branco e depois o coloquei em um envelope. Por alguma razão, senti a necessidade de colocar um adesivo minúsculo que ganhei de Henley na parte de trás, como se para selar o envelope com algum sinal da minha vida como era agora, um tipo de bandeira acenando que eu estava em paz e esperava que eles também pudessem estar.

Deixei a frente do envelope em branco para que minha mãe preenchesse o endereço e em seguida, deslizei o envelope para dentro de um maior, endereçando-o para ela. Ela veria que foi enviada pelo correio e ficaria orgulhosa de mim por finalmente encerrar aquele capítulo. Eu quase me senti tentado a ligar para ela, apenas para lhe contar sobre a carta e sobre a minha vida agora, de como hoje à noite, eu iria para a casa de Layla para que juntos pudéssemos dizer aos seus filhos que éramos um casal, dizer que estávamos em um relacionamento. Meu coração tinha ganhado asas, tinha certeza disso, porque nunca me senti assim com ninguém. Eu nunca me senti tão livre e fantástico e apaix...

Merda.

Limpei a garganta e ignorei para onde aquela linha de pensamento se encaminhava, andando até a minha caixa de correio. Agora, eu só conseguia me concentrar naquela maldita carta e no fim de um capítulo muito feio da minha vida.

29

Layla

— Adivinha o que ouvi no salão ontem? — Star sussurrou atrás de mim, descansando o queixo no meu ombro.

Eu quase derrubei o saco de cenouras que tinha escolhido.

— Caramba, Star! — Coloquei a mão no peito para acalmar minha frequência cardíaca.

Ela passou por mim no corredor do supermercado, rindo e empurrando os cabelos ruivos para trás da orelha.

— Desculpe, não quis te assustar. — Ela riu, balançando a cesta de compras preta na frente do corpo.

— Tudo bem. O que foi que você ouviu?

Olhei em volta, tentando ignorar como Star sempre parecia chamar atenção.

— Bem, sobre como você e o seu vizinho sexy agora estão juntos, oficialmente. — Ela me empurrou no ombro de brincadeira. — Quando ia me contar?

A voz de Star subiu três oitavas, mais ou menos, fazendo com que mais algumas cabeças virassem em nossa direção.

Hoje eu tinha decidido visitar o maior supermercado da cidade, em vez do menor, em frente à cafeteria. Ocasionalmente, eles tinham produtos melhores, mas também achei que teria menos chance de ter que conversar com alguém. Não tive tanta sorte.

— Shhhh, ainda não contei a ninguém. Quem te contou? — perguntei, tentando encurralá-la para mais perto da seção de alimentos orgânicos enquanto espiava as pessoas à nossa volta.

Star felizmente foi sem resistir e diminuiu o tom.

— Wilma, da confeitaria, disse que Beverley ficou sabendo da senhora Traylen — explicou ela, procurando em meu rosto como se esses nomes

fizessem todo sentido para mim. Minha expressão em branco deve tê-la atualizado. — A senhora Traylen é a mãe de Meina Traylen. Acho que ela ficou sabendo por Meina, já que a história gira em torno de Reid Harrison ir te buscar na cafeteria e te dar um pega contra a parede depois que vocês saíram. — Star se abanou, arregalando os olhos para mim e me dando um tapa conspirador no braço.

Merda. Isso não devia ter vazado antes de contarmos às crianças.

— Star, nós vamos contar aos meus filhos hoje à noite, você tem que ajudar a abafar isso até lá para que nada vaze pra eles — implorei, agarrando seus ombros como se estivesse prestes a me afogar.

— Sinceramente, estou tentada a não te ajudar em coisa nenhuma. Bem feito. Como é que não me contou? Eu sou a sua melhor amiga.

Eu recuei e dei um suspiro.

— Eu não tenho melhor amiga.

— Perfeito, então é uma decisão bem fácil. Eu sou a sua melhor amiga e você não pode manter coisas como você saindo com o Reid em segredo. — Ela bateu outra vez no meu braço.

— Ai! Pare de me bater — repreendi, esfregando o braço.

— Pare de omitir detalhes picantes, então. — Seus olhos azuis me desafiaram a contar tudo, até os mínimos detalhes, então eu cedi.

— Vamos para a seção da padaria pedir um bolo de café ou algo assim. Eu vou te contar tudo.

Eu me afastei do corredor e tirei o celular da bolsa. Queria ter certeza de que teria tempo suficiente para pegar Henley quando ele chegasse no ônibus escolar, já que ele só tinha meio período de aula no jardim de infância.

— Claro, vamos comer bolo de café porque as calorias não importam quando você pode queimar todas elas com aquele garanhão do Reid, o Veloz.

Ela balançou as sobrancelhas sugestivamente e se esqueceu de usar a voz interior. Eu sentia como se estivesse tentando conversar com uma criança.

— A gente não tá... Ai, pelo amor, venha logo sentar comigo e pare de falar

tão alto — disse, tentando empurrá-la em direção aos assados. Com sorte, depois disso, eu poderia manter o assunto um pouco contido antes que meus filhos descobrissem.



Trancei o cabelo pela décima terceira vez e amarrei as pontas com o meu elástico de cabelo preto. O meu frizz não baixava, minha maquiagem não parava de borrar e por mais que eu me esforçasse, não conseguia parar de arrumar compulsivamente a casa. Todas as crianças tinham comentado sobre isso, sabendo que era o que eu fazia quando tinha algo para contar a elas.

— Oh-oh, todo mundo se prepare, mamãe vai nos dar alguma bronca — brincou Steven enquanto jogava uma batatinha na boca.

Revirei os olhos e movi a peça central da mesa cerca de três centímetros para a esquerda. *Pronto, muito melhor.*

Jovi veio em seguida.

— Ela está com tique de arrumação. Todos se escondam!

Eu me levantei e fui até o fogão, checando o jantar pela milionésima vez. O cronômetro dizia que ainda faltavam dez minutos, mas eu era uma aberração obcecada que precisava ter certeza absoluta.

— Mãe, para. O que tá acontecendo? É só contar pra gente — disse Michael finalmente, segurando meus ombros e me sacudindo.

Eu sabia que não era possível, mas me perguntei se ele poderia me sacudir com força suficiente para fazer todos os meus segredos saírem. Passei por ele e estava prestes a explicar calmamente que não havia nada de errado quando houve uma batida na porta da frente e meu coração acelerou exigindo que os pulmões voltassem a funcionar.

Puta merda, eu vou mesmo fazer isso.

Eu contaria aos meus filhos que estava com alguém. Não apenas com alguém, mas com Reid, o Reid *deles*.

Tentei regular a respiração, exatamente como o vídeo de ioga no YouTube

dizia para fazer, mas o que a instrutora fazia não se parecia com o que eu estava fazendo. Minha respiração estava mais alta, mais intensa, como se uma casa inteira feita de palha e madeira pudesse desmoronar a qualquer segundo se eu ficasse por perto.

— Reid chegou! — Henley entrou gritando como se anunciasse o retorno de Jesus.

Coloquei a mão na barriga e tentei relaxar, mas a visão de Reid em sua camisa verde escura com seu colete de caubói fofo – esse era um dos termos que eu usava para descrever suas roupas; tinha certeza de que o colete tinha um nome oficial, mas eu não fazia ideia de qual era – por cima, fez meu coração bater no peito de uma maneira diferente. Olhei nos olhos cor de musgo de Reid, enquanto tentava encontrar algo para dizer. Minha língua estava colada no céu da minha boca, totalmente despreparada para ele.

Noventa e cinco por cento de mim queria apenas gritar para a sala inteira que Reid e eu estávamos juntos e pronto, mas os minúsculos cinco por cento queriam fazer as coisas direito.

— Ei, todo mundo, vamos nos sentar — gritei dando um sorriso conspirador para Reid, que retribuiu.

Eu gostava quando ele sorria para mim assim, quando ele via coisas profundas que ninguém nunca tinha se preocupado em procurar antes. Virei as costas e comecei a esfregar um prato por nenhuma outra razão a não ser puro estresse. Eu precisava de algo para fazer.

Pensei na semana passada, quando comecei essa ideia maluca com Reid de ficarmos um tempo juntos escondido das crianças. Por alguma razão, quis que ele viesse para minha casa e passasse as manhãs comigo e, embora essas manhãs em sua maioria se constituíssem mais de um monte de segredos sussurrados e abraços, não havia como negar que as coisas estavam progredindo. Eu soube disso quando comecei a acordar meia hora antes do despertador e a sentir aquelas vibrações animadas no estômago. Eu secretamente tomava banho e depois colocava o pijama, deixando o cabelo

em um coque desfeito, mas com boa aparência, escovava os dentes e até aplicava um pouquinho de corretivo sob os olhos.

Eu sabia que era estúpido e que deveria ser sincera com ele, mas eu gostava de Reid. Gostava muito. Ele me fazia fazer essas coisas malucas e, quanto mais eu queria impor limites, mais encontrava uma porta dos fundos ou uma passagem secreta para que ele passasse, porque eu realmente não queria limites com ele. Queria que ele tivesse todo acesso que desejasse, mas toda vez que pensava em lhe dar as chaves do meu coração, eu sentia um puxão na outra ponta, que pertencia à culpa que eu ainda carregava por trair Travis.

— Isso está com um cheiro delicioso — disse Reid enquanto puxava uma cadeira.

Isso me trouxe de volta ao momento e eu corri para a mesa com os bifes. Pensei em conversar sozinha com as crianças, mas, sinceramente, sentia que quanto mais pensava nisso, mais eu me acovardava e desistia. Eu precisava da força de Reid.

— Então, o que está acontecendo? — Michael perguntou de maneira acusadora, olhando para Reid e para mim.

— Muito observador, Mikey. Sempre muito observador — brincou Reid, abrindo um enorme sorriso.

Limpei a garganta quando o silêncio na mesa cresceu e todos se mexeram desajeitadamente em seus assentos.

— Reid e eu temos algo que queremos contar para vocês... ou perguntar. Hã...

Eu olhei para Reid, de repente sem saber se diríamos a eles que estávamos juntos ou se perguntaríamos se concordariam com isso.

— Temos algo para contar a vocês.

Reid me cobriu com um sorriso paciente. Ele estava fazendo questão de me lembrar que não havia como voltar atrás.

— Vocês finalmente vão dizer que são namorado e namorada? — Jovi apontou o garfo para nós e levantou uma sobrancelha.

Meu coração parou. Eu levantei os olhos e notei que Reid também havia parado de mastigar.

Limpei a garganta pela centésima vez e perguntei:

— Por que diz isso?

— A gente não é cego, mãe — brincou Steven, enquanto pegava um pãozinho e o colocava na boca sem adicionar geleia ou mel. Ele nunca os comia sem algo em cima, o que queria dizer que ele estava nervoso ou passando mal... ou os dois.

— É... hã, vocês sabem que tem uma janela do lado da casa que dá para o galpão, né? — perguntou Michael com uma leve risada e o rosto corado.

Ai, meu Deus.

Eu ia morrer de vergonha. O calor se chocou contra o meu rosto quando imaginei quantas vezes Reid e eu tínhamos escapado para dar uns amassos naquele galpão.

— Além disso, tia Shellie nos disse que o seu coração estava uma bagunça por causa do senhor Reid e que precisávamos ser legais com você — acrescentou Jovi, enquanto tomava um gole de leite e soava muito mais velha que seus nove anos.

Eu não tinha contado a minha irmã sobre Reid ainda, nada mais do que os vagos detalhes dele frequentar a casa e passear com as crianças. Não lhe contei que tinha começado a beijá-lo nem começado a sofrer por meu marido de uma maneira totalmente diferente por causa dele.

— O que mais vocês sabem, pequenos detetives? — Reid perguntou brincando, movendo aquela mandíbula forte enquanto mastigava a comida.

Por que isso parecia sexy? Por que eu estava olhando para a sua mandíbula?

Henley se animou no banco, colocando a perninha debaixo do traseiro.

— Bem, a gente sabe que a mamãe olha muito pela janela e acha que a gente não vê que ela tá procurando você.

— Sabemos que você traz flores e café pra ela e que os sorrisos que vocês dão um pro outro não são de amizade. Sabemos que a mamãe estava se

escondendo de você porque ela gostava de você, todas as vezes que você aparecia e ela subia a escada. — Jovi apontou o garfo em volta da sala como uma pequena advogada.

Merda, essas crianças sabiam de tudo.

— Eu sei que mamãe chora quando olha pra foto do papai e diz que não queria seguir em frente e que ainda ama ele. Ela diz "desculpa" muitas vezes pra ele — disse Henley, com tristeza, e seu tom caiu sobre a sala como um cobertor pesado, sufocando todos nós.

Meus olhos lentamente encontraram os de Reid e ele tinha o mesmo olhar no rosto que exibia em toda vez que eu precisava que fôssemos mais devagar, como se ele não quisesse me perder e fosse esperar por mim. Isso fez o meu coração bater mais rápido.

Com os olhos fixos nos dele, eu finalmente falei.

— Eu tenho sentimentos por Reid, sentimentos profundos que eu ainda não compreendo inteiramente. Eu sempre amarei o pai de vocês, mas Reid me deixa muito feliz e eu gostaria de ser namorada dele se estiver tudo bem com vocês, filhos? — Eu terminei, quebrando o contato visual e examinando a sala.

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, Reid falou.

— Vocês são importantes pra mim. Eu não vinha aqui porque achava que a mãe de vocês um dia poderia chegar a gostar de mim. Eu venho aqui porque gosto de ficar com vocês. Jovi, sua presença é como uma brisa quente em uma tarde fria, relaxante e confortável. Henley, seus adesivos e sorrisos melhoram o meu dia em mil por cento. Eu coloco os seus adesivos em todo lugar. — Seus olhos foram para Steven. — Você tem um dom para a compaixão, garoto, e isso me faz querer ser um homem melhor. — Ele olhou para Michael, que já estava exibindo um pequeno sorriso. — Mikey, você sabe que eu te amo, pirralho. Você é meu colega de trabalho favorito e conta as melhores piadas. Dito isso, vocês precisam saber que eu respeito a mãe e o pai de vocês. Eu nunca vou querer tomar o lugar dele. Nunca serei ele, mas

gostaria de ser amigo de vocês e gostaria de ser mais que um amigo da sua mãe.

Seus olhos pousaram de volta em mim e pude ver que ele estava aguardando uma resposta comigo, cheio de esperança. O silêncio encheu a sala enquanto as crianças mastigavam e parecia que nenhuma delas queria falar primeiro, como se a que fizesse isso pudesse estar traindo o pai de alguma maneira. Isso retorceu as minhas entranhas.

— Reid é a luz no fim do túnel dos nossos dias tristes. Eu sinto saudade do papai, mas esse buraco na minha barriga parece menor quando o Reid tá por perto. Gosto que ele queira te fazer feliz, mamãe, mas por favor, não faz a gente ver vocês se beijando, porque isso é nojento — disse Henley, torcendo os lábios para o lado e enrugando o rosto.

Todos riram e o silêncio foi quebrado.

— Eu gosto que você esteja seguindo em frente, mãe. Quero te ver feliz — disse Jovi, com simplicidade e doçura.

— Eu concordo, contanto que você esteja feliz, mãe — acrescentou Steven, e então Michael soltou um suspiro pesado.

— Nunca pensamos que você ficaria solteira pra sempre. Você não é um troll, então sabíamos que algum dia, apareceria um cara. Se tiver que ser alguém, fico feliz que seja ele. — Ele acenou com a cabeça em direção a Reid e depois a abaixou para se concentrar no prato quase vazio.

O nó no meu estômago começou a se desfazer e uma energia de empolgação tomou seu lugar.

— Vocês sabem que isso pode querer dizer que eu vá passar mais tempo por aqui e que posso segurar a mão da mãe de vocês e talvez até dar um beijo nela de vez em quando — brincou Reid. Henley sorriu, mas agiu como se estivesse colocando o dedo na garganta com nojo.

— Sabemos, só não repitam nem tão cedo mais um momento no galpão — disse Michael, levantando-se da mesa. Steven o seguiu e os dois começaram a limpar a mesa, o que era estranho. Eles nunca limpavam a mesa sem que eu

pedisse pelo menos umas quinze vezes.

Eu precisaria conversar com eles em particular, porque eles estavam estranhos e tive a sensação de que, se observasse Jovi, ela também estaria. Eu sabia que isso seria difícil para eles e me odiei um pouco por isso. Por que não poderia ser uma solteirona solitária, conformada em passar a vida sozinha?

Reid se levantou lentamente da mesa, levou o prato até a pia e começou a lavar a louça. Michael e Steven ficaram lá, olhando para ele, imóveis. Meu coração trovejou no meu peito quando observei o olhar perdido em seus rostos. Estava prestes a me levantar e ir até lá, prestes a fazer algo quando Reid desligou a água, virou-se para os meninos e os envolveu em um abraço. Ele sussurrou algo para eles enquanto batia em suas costas.

Eu não conseguia ver o rosto de Michael, mas Steven estava chorando e agarrando o colete de Reid com força. Eu me virei para os meus outros dois filhos e vi que Jovi também estava chorando e Henley estava tirando meleca do nariz. Eu me levantei e fui até Jovi, puxando-a para um abraço.

— Você está bem? — Eu sussurrei em seus cabelos.

Ela assentiu contra o meu peito.

— Só sinto falta do papai, só isso.

— Eu também, minha menininha. Eu também — murmurei, desejando imensamente não estar vivendo este momento, desejando que não estivesse contando aos meus filhos que estava me apaixonando por um novo homem.



— Bem, nós conseguimos.

Reid soltou um suspiro pesado quando se sentou ao meu lado no sofá. Seu filhote estava dormindo no chão, perto do estofado.

Eram nove da noite e ele tinha ficado para limpar depois do jantar, jogar videogame com as crianças e depois ajudar a checar os cavalos conosco. Foi bom porque os cavalos não estavam ligados a Travis. Eles eram nossos e

convidamos Reid para que participasse daquela convivência. Ele nos fez rir enquanto escovávamos os animais e tinha me enlaçado pela cintura uma ou duas vezes. Foi um começo perfeito para nós.

Eu inclinei a cabeça em seu ombro e fechei os olhos.

— Obrigada por estar disposto a fazer isso.

Seu braço pesado me embalou e abraçou, o que me fez sentir em completa e perfeita segurança. A sala estava silenciosa enquanto só ficamos sentados ali, processando a noite.

— Ei, o que aconteceu para dar aquele abraço na pia hoje?

Eu cuidadosamente virei a cabeça em sua direção enquanto ele olhava para a tela desligada da TV. Ele deu um suspiro que eu senti, mas não pude ouvir.

— Eu não sei... eu só vi no rosto deles que eles precisavam. Pareciam perdidos, com medo, um pouco confusos... Simplesmente senti que precisavam de um abraço. Eu disse a eles que não havia problema em sentir falta do pai e que eu sempre tentaria ajudá-los a se lembrarem dele. — Sua voz baixa se calou e o silêncio voltou.

Minha garganta estava apertada com a quantidade de palavras que eu queria lhe dizer. O quanto eu amava o fato dele ser tão sensível em relação aos meus filhos de corações partidos. Em vez de me concentrar no quanto poderia estar me apaixonando por ele, eu tomei outro rumo.

— Você já se sentiu assim antes? Perdido e com medo? — sussurrei gentilmente, enquanto puxava sua mão, entrelaçando nossos dedos.

Ele deu outra daquelas grandes respirações silenciosas antes de responder.

— Sim, uma vez. — Ele parou por um segundo e eu aguardei, esperando que se abrisse para mim. Havia muitos detalhes que não sabia sobre ele.

— Eu fiquei noivo uma vez, um tempo atrás... Estávamos juntos há dois anos quando ela descobriu que estava grávida. Eu fiquei empolgado, mais que empolgado. Pelo que eu sabia, éramos felizes. Nosso casamento estava planejado para aquele verão. Ela se casaria com a barriga enorme, mas ainda seria uma noiva linda e eu não me importava, desde que ela tivesse o meu

filho e se casasse comigo. — Ele fez uma pausa, respirando fundo, mas foi o leve tremor em sua mão que me fez pensar se estava preparado para falar disso. Fosse o que fosse, obviamente tinha lhe afetado muito.

Eu esperei, sem querer pressionar.

— O primeiro sinal de que as coisas estavam um pouco ruins entre nós foi ela ter adiado o casamento. Ela disse que não queria estar gorda no grande dia, mas se recusou a marcar uma nova data, dizendo que queria esperar que o bebê nascesse pra decidir. — Reid balançou a cabeça como se estivesse de volta àquela discussão... àquele rompimento.

Eu me aconcheguei mais em seu peito para tentar confortá-lo.

— Eu fui a todas as consultas médicas com ela. Eu me apaixonei no segundo em que vi nossa filha no ultrassom... Ajudei a escolher o nome e comprei pra Jen todas as coisas que ela desejava. Li livros sobre como ajudar no parto. Livros que ensinavam a como ser um pai... eu estava imerso no assunto. — O olhar profundo de Reid arrepiou os meus braços, e houve uma dor aguda no meu estômago que me fez querer lhe dizer que bastava, que eu não precisava ouvir o resto... mas ele continuou. — Sete meses foi tudo o que tive com ela, sete meses acreditando que eu seria pai. — Ele parou de novo e esfregou meu ombro com a mão.

Meu coração estava batendo dolorosamente devagar.

Ele esperou um segundo antes de prosseguir.

— Um dia, cheguei mais cedo do escritório para poder montar o berço como Jen tinha pedido. Eu sabia que ela queria ele e o berçário montados, caso a bebê viesse mais cedo. Quando cheguei lá, ela estava com umas pessoas... um homem da minha idade e um casal de idosos. O homem se levantou quando eu entrei e parecia furioso ao me ver... como se eu tivesse acabado de entrar na casa errada ou olhado para a mulher errada. Eu me senti como o homem errado. Eu sabia o que era quando Jen colocou a mão no braço *dele*, para acalmá-lo. Foi como se meu mundo virasse e tudo desabasse. Jason, esse era o nome dele... o verdadeiro pai da minha filha — resmungou

Reid, aparentemente tentando afastar a emoção da voz.

— Ele era um ex e ela tinha saído com ele quando eu estive fora da cidade, viajando a negócios. Eles sempre estiveram destinados um ao outro... de acordo com ela, mas como ele não demonstrou certeza em retomar o relacionamento que tiveram, ela disse que o bebê era meu. — Ele soltou um som de escárnio e levantou a mão livre para passar pelos cabelos.

Eu queria alcançar seu coração e colar os pedacinhos. Perder um filho assim, um filho que você amou e quis segurar nos braços só para descobrir que não era seu e que você nunca participaria da vida dele... eu não podia imaginar. Lágrimas escorreram pelo meu rosto pela traição que ele sofreu. Eu quis dizer que sentia sua mágoa e seria cuidadosa com ele, dizer que nunca o magoaria, mas o luto em minha alma me alertou para não dizer nada.

O luto era um filho da mãe imprevisível.

— Essa foi a pior noite da minha vida, por mais de um motivo. — Ele parou de falar outra vez, como se estivesse vendo um fantasma.

Eu me virei para ele, desconectando nossos corpos. Tomei seu rosto nas mãos e o beijei. Moldei os lábios nos seus e derramei emoção, adoração e devoção em meu beijo. O ato rapidamente ganhou velocidade e Reid não perdeu tempo em me puxar contra o peito, onde ficaríamos escondidos pelo sofá.

Ele passou os dedos pelas costas da minha camisa e depois os abaixou até que estavam mergulhando na minha calça jeans. Ele cuidadosamente roçou a pele de lá, provocando um incêndio em meu íntimo. Essa coisa toda com Reid era como lembrar de uma língua que eu costumava falar. Eu obviamente já transei antes. Eu sabia como ir de toques ao ato em si e enquanto estava esparramada sobre seu peito no escuro, com apenas algumas luzes baixas acesas ao redor da sala, houve uma necessidade primordial dentro de mim me dizendo para fazer o que eu costumava fazer, para fazer o que me vinha naturalmente.

Eu resisti ao desejo de me esfregar na ereção que ficava mais firme a cada

segundo debaixo de mim. O chiado baixo de Reid nos envolveu quando seu toque deslizou mais para o alto e se afastou da minha calça.

Eu sabia que estávamos dançando cada vez mais perto dessa linha que eu havia demarcado na areia. Sabia que não poderia segurar aquele homem para sempre, mas esta não era a noite e eu não tinha ideia de quando a tal noite seria. Eu me recostei um pouco para olhar a expressão de Reid e perguntei:

— É difícil pra você... esperar assim? Não quero te magoar nem te deixar se sentindo...

Ele balançou a cabeça e agarrou meu pulso, puxando-o para os lábios e dando um beijo demorado nele. Ali, com a luz baixa, ele estava lindo. Seus olhos verdes pareciam captar a pouca luz que a sala oferecia e eram como um farol. Foi como ter um pequeno vislumbre do futuro que eu queria, um futuro cheio de paz e perfeição.

— Somente respirar o mesmo ar que você basta pra mim, Layla. — Sua voz saiu rouca, baixa e desesperada e alterou a posição de algo no meu peito. Ele ainda estava segurando meu pulso quando continuou. — Sei que parece intenso, mas estou falando sério, isso é o suficiente para mim. Tudo o que você puder me dar e for me dar, pelo tempo que for... é o suficiente.

Eu descansei a cabeça em seu peito e adormeci ouvindo o seu coração bater, sabendo que cada batida era para mim. Fiquei chocada com a sua generosidade e honrada por ele essencialmente estar declarando que sentia algo por mim, algo que talvez não tenha sentido desde a sua desilusão com a ex.

30



— Que tal pegarmos o equipamento e irmos andar de trenó? Podemos levar os cavalos até a base da cordilheira. É um local bem íngreme e com uma descida incrível — sugeri, sorrindo para os rostos animados que me cumprimentavam. Até Michael parecia intrigado com a possibilidade de andar de trenó.

Nós planejamos ir ao supermercado local para comprar os ingredientes para o Dia de Ação de Graças e depois seguiríamos até a Crista do Arrependimento – apropriadamente chamado assim por mim, quando criança – e andarmos de trenó. A irmã de Layla queria que fôssemos a Casper fazer as compras a granel, mas finalmente tivemos a nossa primeira dose de neve, causando o fechamento das estradas.

Enquanto passávamos pela loja, tentei me concentrar em evitar coisas que as crianças não gostavam. Jovi odiava qualquer coisa que tivesse aipo, o que excluía um tipo específico de recheio pronto para o peru. Henley odiava amoras e Steven não suportava marshmallows. Michael, felizmente, só pediu que não o fizéssemos comer nada que chacoalhasse, então gelatina para ele estava fora de questão. Encontrei Layla rindo de mim uma ou duas vezes enquanto eu me concentrava em inventar substituições de pratos para os acompanhamentos e alternativas para os marshmallows que poderíamos colocar em cima do doce de batata.

— Você jamais conseguirá agradar todos eles, porque, se fizer isso, eles se voltam contra você antes que perceba e todos vão gostar de coisas diferentes, só pra te enlouquecer. — Layla riu e pegou a versão mais barata de recheio em caixa, colocando duas no carrinho.

Eu olhei para ela e sorri.

— Vamos ver.

Ela deu um sorriso que me esquentou e me levou de volta à noite em que lhe contei sobre Jen e a perda da minha filha. Pensei em como ela tinha adormecido no meu peito naquela noite, como acordamos às três da manhã e nos beijamos por trinta minutos antes de voltar para casa.

Eu estava me apaixonando por Layla Carter e não tinha ideia do que fazer a respeito. Ela não estava pronta para amar e eu não estava pronto para perdê-la.



Acontece que as crianças nunca andaram de trenó em uma colina como a da Crista do Arrependimento. Era uma inclinação acentuada com uma bela plataforma plana no topo, perfeita para colocar o trenó e descer a colina. Havia pouca ou nenhuma árvore ou rocha, o que também contribuía para uma descida melhor, mas, mais do que isso, aquela parte da cadeia de montanhas ficava nos nossos dez acres de terra, então não tinha mais ninguém lá.

Após um longo dia andando de trenó, os garotos estavam exaustos.

Eu disse a eles que guardaria os cavalos e cuidaria deles enquanto entravam em casa e tomavam banho. Estava sozinho no celeiro quando meu telefone tocou.

— Alô? — Segurei o telefone no ombro enquanto colocava um cobertor quente por cima de Thor.

— Reid? — O tom da minha irmã me pegou desprevenido e me fez parar onde estava.

— Sarah?

— Sim... desculpe, faz tanto tempo. Eu devia ter ligado muito antes. — Ela parecia triste, arrasada... do jeito que eu me sentia antes de conhecer Layla.

— Tudo bem. Como está a Europa? — Andei pelo celeiro tentando arrumar as coisas.

Tentei não me concentrar em como era tão bom e tão doloroso finalmente ter notícias dela. Nós sempre fomos muito próximos, mas depois daquela

noite com Jen, fomos cada um para um lado e nada mais foi o mesmo.

Não era o mesmo para mim, para ela, para minha mãe e para a minha alma. Eu estava destruído e não sabia como voltar a ser como antes.

— Está... perdendo um pouco a graça, se eu for sincera. — Ela riu um pouco. — Mamãe me disse que você mandou a carta.

Eu me sentei devagar em um fardo de feno enquanto registrava suas palavras. Sarah não falava comigo desde a nossa grande separação depois daquela noite, depois do que eu tinha feito. Ela agiu como uma irmã apoiadora, e eu como um idiota autodestrutivo. Eu conseguia entender, mas ainda doía. Doía ser arrastado de volta para aquela noite.

— Sim, eu mandei — respondi sombriamente.

Ela soltou um pequeno suspiro.

— Isso é bom... parece que você finalmente está se curando.

Eu sorri.

— Estou. Estou seguindo em frente. Eu estou... feliz.

Ela ficou calada por um segundo antes de fungar como se estivesse chorando.

— Isso é bom. Muito bom. É tudo o que quero pra você. O que vai fazer se ela responder?

Eu não tinha pensado nisso. Eu congelei, sem saber o que faria naquele cenário. Parte de mim tinha assumido que eu enviaria a carta e seria o fim.

— Não tenho certeza. Acho que vou pensar nisso se a ocasião chegar.

— Talvez seja melhor você não ler. Talvez devesse deixar pra lá e seguir em frente. Mamãe diz que você está mais feliz do que nunca. Só deixe o passado onde ele está, Reid. — Seu tom era suave, mas urgente, como se ela soubesse de algo que eu não sabia. Isso me deixou estranhamente desconfortável.

Eu assenti com a cabeça para ninguém.

— É melhor eu desligar. Tenha um feliz Dia de Ação de Graças, irmão. Eu te amo. — Ela terminou a ligação sem esperar que eu respondesse.

Essa nova existência que levávamos era tensa e confusa. Eu poderia, e provavelmente deveria, tentar consertá-la, mas não sabia como. Só queria esquecer e deixar tudo no passado.



— Você não é tão ruim assim com essas coisas de férias. — Michelle gentilmente cutucou meu ombro com a garrafa de cerveja e deu risada.

— É, não sou tão ruim. Se ao menos as suas habilidades para tortas fossem tão boas quanto a minha de montar tendas — brincou Star comigo no vestíbulo onde estava calçando as botas.

Passou cerca de uma hora desde que o jantar de Ação de Graças terminou, e nós estávamos relaxando e nos preparando para jogar jogos de tabuleiro. Star se juntou a nós uma grande parte do dia, o que foi divertido, como sempre, mas agora ela estava indo embora para a casa da família. Eu passei o dia jogando futebol com os garotos e construindo uma tenda excelente que poderíamos usar no inverno, com um buraco para acender uma fogueira no chão e tudo mais. As mulheres tinham cozinhado e eu me ofereci para ajudar, mas elas me enxotaram, dizendo que manter as crianças entretidas já estava ajudando.

Foi um bom dia, mas não deixei de perceber as vezes em que Layla pediu licença para ir ao banheiro e voltou com os olhos vermelhos e marejados. Não deixei de notar a maneira como sua atitude melancólica se estendeu e cobriu o clima de toda a sala. Eu não era idiota; sabia que era por causa do marido, mas me sentia impotente. Sentia como se estivesse atrapalhando, como se ela se ressentisse de mim por ele não estar aqui e eu sim. Isso me deixou inseguro do que éramos um para o outro e eu odiava esses momentos, porque eram neles que eu me sentia o mais perto de perdê-la, como se ela estivesse escapando pelos meus dedos e não houvesse como impedir.

Eu me virei para Michelle e sorri, tentando ser encorajado pelo comentário, e depois me virei para Star.

— Eu, por acaso, prefiro minhas tortas crocantes — brinquei, sabendo muito bem que a torta que eu fiz havia passado do ponto. Ninguém pareceu se importar de verdade, contanto que houvesse bastante sorvete por cima.

Michelle ajeitou os óculos no nariz e rapidamente olhou para a irmã, que ainda estava lavando a louça, sem vontade de deixar ninguém assumir. Star também olhou, deu um olhar cheio de significado para Michelle e depois se virou para a porta.

— Eu vou nessa, gente linda! Feliz Dia de Ação de Graças — gritou Star. As crianças cantaram adeus em uníssono, Layla acenou da pia e Michelle fechou a porta depois que ela saiu.

Michelle e eu nos viramos lentamente para observarmos Layla voltar à louça. Eu sabia o verdadeiro motivo pelo qual Layla estava lavando a louça, e Michelle também. Ela estava chorando, sentindo saudades do marido que não estava presente hoje, arrependendo-se que o namorado estivesse. Eu sabia que precisava amar Layla enquanto ela aceitava isso, como tinha amado sempre que ela sentia falta dele, mas havia uma parte egoísta minha que estava cansada de ser um arrependimento em sua vida.

— Eu vou indo. Estou muito cansado — falei para a sala, com um suspiro. Não estava tentando fugir, mas também não queria tornar a noite mais difícil para Layla e ter que esconder o choro seria difícil para ela.

— Boa noite, Reid. — Jovi se levantou e correu para me abraçar.

— Noite — começou Henley, mas Michelle o interrompeu.

— Na verdade, eu esperava ter uma noite de cinema com as crianças. Tem um filme de Natal sendo exibido no Princess Theatre.

Eu olhei com curiosidade para Michelle. Ela não era daqui e eu não fazia ideia de como ela sabia sobre o Princess Theatre ou sobre os seus horários de exibição. Todas as crianças gritaram animadamente e se levantaram para pegarem os sapatos e casacos. Layla se aproximou, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Shell, não precisa fazer isso. Eu estou bem. — Os olhos de Layla se

voltaram para mim e depois se desviaram.

— Não, você não está e precisa de um tempo sozinha para resolver isso — respondeu Michelle, enquanto pegava o celular e o casaco. — Estarei lá fora, aquecendo o carro. Mandem as crianças saírem, por favor. — Ela me deu um pequeno sorriso e acenou para sair.

Eu gostava de Michelle. Ela era legal e eu gostava principalmente do fato dela não ser uma filha da mãe comigo quando eu sabia que, em situações como essa, ela poderia muito bem ter sido. Os garotos foram saindo um a um depois de Layla depositar beijos em suas cabeças. Cada um parou para me abraçar também e depois saiu correndo para o frio lá de fora, o que me deixou sozinho com Layla.

31



Eu me sentia surrada, emocionalmente rasgada, em frangalhos do topo da cabeça até as solas dos pés. Tudo o que eu queria era chorar e me odiava por isso. Odiava não conseguir simplesmente desfrutar de um feriado divertido com a minha família e ficar feliz, ficar com meu novo namorado e criar lembranças novas com ele. Ele era muito paciente e embora eu o quisesse ali, passei o dia inteiro afastando-o.

O Dia de Ação de Graças sempre foi muito importante para Travis, extremamente importante, na verdade. Significava mais do que futebol, comida e família. Travis tinha uma tradição todos os anos em que cada membro da família escolhia uma pessoa, um tipo de Papai Noel secreto, só que em vez de presentes, nós tínhamos que escrever algo que apreciávamos e amávamos no escolhido. Cada um tinha que escrever pelo menos uma frase completa, então era mais do que apenas “fulano é legal” ou “engraçado”, o que pelo menos duas das crianças sempre tentaram antes dessas regras serem estabelecidas.

Travis e eu nos revezávamos ajudando Henley e, todos os anos, isso aproximava mais a nossa pequena família. No Dia de Ação de Graças anterior foi a primeira vez que tentamos repetir a tradição sem ele e foi algo tão vazio e difícil que prometemos não tentar novamente, apenas mais uma coisa da minha vida com ele que eu fui forçada a enterrar e deixar para trás.

— Ei — chamou Reid cautelosamente atrás de mim.

Eu estava limpando furiosamente as superfícies com um pano e sem olhar para ele de propósito, porque assim não correria o risco de desmoronar na sua frente. Eu tinha certeza que ele estava exausto das minhas emoções, das minhas idas e vindas constantes e por eu sempre colocar um morto em primeiro lugar. Sabia que se estivesse no seu lugar, eu desistiria. Eu não seria

capaz de aguentar ser a segunda opção, de ocupar o segundo lugar no coração de alguém.

— Layla — ele murmurou com a voz rouca, desta vez mais perto.

Eu continuei a ignorá-lo; eventualmente, ele entenderia. Eventualmente, ele veria que eu não era boa para ele. Eu estava arrasada e ele já estava vivendo em sua própria versão de desilusão, então não merecia também ficar preso à minha. A ideia de perdê-lo, no entanto, de fazer a coisa certa e abrir mão dele, me deixava fisicamente doente.

Mãos fortes me envolveram por trás e gentilmente apertaram as minhas, parando-as no meio da limpeza no balcão. Eu congelei quando seu corpo quente se aproximou, prendendo o meu no lugar. Seus lábios encontraram o meu pescoço, gentis, firmes e tranquilizadores. Isso não era justo com ele. Ele não podia ter o meu coração, porque o último homem que o possuiu ainda não o tinha me devolvido. Eu não tinha nada para oferecer a ele. Lágrimas caíram sem nenhum aviso, gotas salgadas de exaustão e tristeza caíram pelo meu rosto até o balcão.

Quando uma caia, outra tomava o seu lugar até eu estar aos prantos. Eu me inclinei no balcão e bati nele com a mão, um tapa alto ecoando pela casa silenciosa. Os braços de Reid me rodearam e me abraçaram com força. Eu estava emitindo sons que só tinha emitido quando perdi Travis. Agonia misturada ao terror de passar o resto da vida sem o meu marido me rasgaram e revelaram o quanto eu me sentia exposta, vulnerável e sozinha.

Reid me virou quando mais soluços altos saíram de mim. Meus olhos estavam fechados com força quando mais e mais lágrimas vieram. Minha garganta estava muito apertada para liberar qualquer palavra e eu não gostaria que elas fossem ditas, mesmo que conseguisse. Eu queria prender cada parte desse sofrimento com força e guardá-lo dentro de mim, para que eu nunca tivesse que seguir em frente, nunca tivesse que esquecer o meu marido.

Reid me pegou nos braços e começou a me carregar, deixando escapar sons reconfortantes. Subimos a escada e então eu ouvi água corrente. Ele me

colocou no chão e depositou uma caixa de lenço de papel na minha mão. Limpei e enxuguei o rosto, mas não abri os olhos nem parei de chorar. Eu queria gritar, berrar, bater em algo e destruir alguma coisa... de alguma forma, definir fisicamente o quanto tudo aquilo era injusto, o quanto era injusto que eu tivesse que viver sem ele. Nós prometemos que sempre teríamos um ao outro e eu estava tão brava com ele, com Deus... com o outro maldito motorista. Estava com raiva de tudo e de todos, e não conseguia descobrir como dar um jeito em nada disso.

Reid se agachou na minha frente, tirou meus chinelos e gentilmente passou as mãos pelas minhas coxas, até chegar na minha cintura.

— Amor, deixa eu te colocar na banheira. Não quero nada, mas me deixa cuidar de você.

Suas palavras suaves me tomaram e um pouco da dor retrocedeu. Eu balancei a cabeça e abri os olhos, mas estava cega por causa de lágrimas e rímel. Seus dedos quentes puxaram o cós da minha legging e desceram com ela devagar pelas minhas pernas. Assim que a tirou, ele se levantou e cuidadosamente puxou minha blusa por cima da minha cabeça e eu presumi que ele a jogou de lado. Meus olhos estavam baixos, no azulejo branco aos meus pés.

Reid esperou um segundo, pelo que, eu não sabia, mas se eu estivesse em meu juízo perfeito, saberia que ele deve ter hesitado ao me ver nua. Ele provavelmente havia imaginado essa primeira vez sendo romântica e doce. Em vez disso, foi isso o que ele ganhou, um caos de emoções e um rosto feio e manchado de lágrimas marcado por arrependimento.

Ele se agachou na minha frente novamente e pude sentir seu hálito quente na minha pele exposta.

Ele não esperou ou hesitou, apenas agarrou minhas mãos e me ajudou a ficar de pé.

Achei que ele me ajudaria a entrar na banheira sozinha, mas um segundo depois, enquanto olhava para o chão, avistei seus pés descalços. Suas meias

foram chutadas para trás. Reid entrou na banheira primeiro, totalmente vestido com exceção das meias. Ele se firmou, estendeu a mão para pegar a minha e me ajudou a entrar. Ele me sentou entre suas pernas e me deixou chorar. Levei as pernas ao peito, passei os braços em volta dos joelhos e chorei até não conseguir mais. Reid apenas ficou atrás de mim, acariciando minhas costas e sussurrando seu apoio em voz baixa.

Ter Reid ali comigo assim... foi diferente de tudo que eu já senti antes. Ter seus braços fortes em volta de mim, sem almejar uma conexão sexual, apenas uma de apoio... me ajudou a me acalmar. Ele me ajudou a voltar a respirar. Estava me mostrando que estava ali para me apoiar e não estava intimidado pelas minhas cicatrizes. Por mais que eu fosse loucamente apaixonada pelo meu marido, o sentimento que eu tinha agora por ele era semelhante... parecia uma dose nova de um tipo bom de esperança. Ele era como um raio de sol em uma sala escura que só brilhava para mim.

Quando finalmente parei de chorar o suficiente para falar e pensar com clareza, usei a água para lavar o rosto e, por fim, me dirigi a Reid.

— Obrigada — disse em um tom estranho, a voz rouca pelo choro.

Reid brincava com as pontas dos meus cabelos que tinham se molhado e, em seguida, passou um dedo pela minha coluna.

— Eu não estou odiando isso nem um pouco, Layla.

Algo em seu tom me pegou e pareceu como descer em uma montanha-russa, aterrorizante, mas emocionante ao mesmo tempo. Ele se inclinou para a frente e beijou a concha da minha orelha e o seu toque me derreteu e aqueceu meu íntimo com desejo.

— Quer me dizer o que está acontecendo? Eu tenho uma boa ideia, mas se você quiser falar sobre o assunto. — Ele parou, enquanto arrastava o dedo para cima e para baixo no meu braço. Fechei os olhos e empurrei as emoções do dia, deixando-me sentir outra coisa.

— Reid... — Virei a cabeça levemente. Ele esperou, e eu também... por coragem, bravura, por alguma coisa. — Você pode me fazer sentir outra

coisa? Eu estou sofrendo... e não quero sofrer. Você pode me distrair, tirar minha mente desse dia, dessas emoções? Me faça sentir *alguma coisa*.

Inclinei a cabeça contra seu peito, expondo meus seios e tudo mais para ele, esperando que entendesse o meu recado. Esta noite, eu precisava do seu toque, do seu coração, da sua alma. Eu precisava que ele me desse algo, porque estava prestes a me afastar de tudo se ele não encontrasse uma maneira de me salvar.

Nada aconteceu. Reid não se mexeu, ficou atrás de mim inspirando e expirando. Eu quis virar a cabeça para ver o seu rosto, mas também não quis interromper o momento. Eu tinha pedido algo e hesitei em ver se ele responderia.

— Layla, eu não sou... — Reid parou. Seu tom parecia... magoado. Antes que eu pudesse dizer algo para consertar, ele estava se movendo atrás de mim e saindo da banheira. — Layla, eu não sou só um cara que você pode usar. Eu pensei que o nosso namoro fosse sério. Eu pensei... — Seus olhos estavam presos ao azulejo no chão e um rubor vermelho de raiva preenchia sua mandíbula.

Meu estômago despencou e uma sensação horrível tomou conta de mim.

— Eu estou apaixonado por você, Layla, e mesmo que esteja contente em esperar que fique pronta para mim fisicamente, eu não sou o tipo de homem que suporta ser ignorado o dia todo e depois ser emocionalmente usado como um trapo de segunda mão. Eu sei que sou a sua segunda opção.

Sua mão estava apontando com força para o peito e eu odiei a acusação em seus olhos verdes. Lágrimas arderam em meus olhos novamente, mas, desta vez, eram somente por ele.

— Eu sempre sou a segunda opção, nenhuma novidade nisso, mas você é a minha primeira escolha, minha única escolha. Estou disposto a esperar por você, mas nunca mais me rejeite, chore pelo seu marido e depois me peça para afastar seus pensamentos ruins, porque eu sei que amanhã, você vai voltar a si e vai me culpar por não ter recusado.

Sua voz ressoou pelo meu banheiro e eu quis gritar de volta e dizer que também o amava, mas não o fiz. Apenas fiquei ali sentada e esperei.

— Eu farei qualquer coisa por você Layla, mas não isso. — Ele balançou a cabeça, decepção enchendo cada som áspero que saía de sua boca.

Ele estava prestes a sair, então eu me levantei rapidamente, saí cuidadosamente da banheira e cobri o corpo com uma toalha branca.

— Reid, pare. Eu sinto muito. Por favor, me deixe explicar.

Puxar sua mão não fez nada para detê-lo quando ele desceu a escada e saiu da minha casa. Ele conseguiu, ele me fez sentir algo diferente. Eu estava além da dor que havia me estrangulado o dia todo; agora estava com o coração partido e me sentia doente pela forma que o tratei.

Estava morrendo de medo de que ele não me permitisse dizer que estava arrependida. Eu sabia que deveria ficar ainda mais aterrorizada pelo fato de também amá-lo, mas não conseguia me importar com isso. Neste momento, tudo que eu podia fazer era me vestir e rezar para que não fosse tarde demais.

32



Eu fiz o máximo para evitar Layla, mas meu amor por ela era como uma bomba de detonador automático. Ela apareceu na minha porta naquela noite, implorando para falar comigo, chorando de novo, dizendo que estava arrependida. Eu a deixei entrar, dei-lhe um abraço e lhe pedi que voltasse para casa. Nós obviamente precisávamos de espaço e ela precisava de tempo para lidar com suas emoções e sentimentos pelo marido.

Eu me recusava a ser a segunda opção de alguém outra vez. Não queria ser aquele cara que tinha um relacionamento onde a outra pessoa fingia estar feliz comigo apenas para conseguir algo que precisava até que não precisasse mais e eu fosse descartado como lixo, nada mais que restos, algo perecível, um lembrete frustrado do que um dia foi e não era mais. A semana se arrastou e eu odiava o quanto sentia a falta dela. Toda vez que ela me via, tentava me olhar nos olhos e sorrir. Ela estava se esforçando, mas eu não sorria de volta. Eu apenas virava o rosto.

Todas as emoções daquele dia voltaram, a rejeição, a mágoa. O fato de eu estar lá por ela de uma maneira que nunca estive por ninguém, para, no fim das contas, ela tentar me usar para se esquecer da própria dor.

Mas, a cada dia que passava, eu começava a esquecer porque isso importava.

Uma semana se transformou em duas e não encontrei palavras para lhe dizer que sentia saudades, mas que também queria proteger o que restava do meu coração, o que restava da minha vida. Eu não tinha o direito de ficar com raiva dela, percebi isso, mas sabia que merecia alguém que realmente queria estar comigo.

Era terça-feira e eu estava fazendo as malas para o *Casper December Dust N Bash*, um evento de rodeio de caridade que homenagearia uma lenda do

rodeio que recentemente perdeu a batalha contra o câncer. Todo mundo amava Big Bill e todas as pessoas ligadas ao rodeio ao longo dos anos foram convidadas para prestar uma homenagem de alguma forma. Até me pediram para montar um cavalo xucro, apesar de eu não fazer isso há dez anos. Eles riram, disseram que isso só aumentaria o apelo. Passei alguns dias praticando na fazenda de Gary, só por garantia.

Agora eu estava indo embora e era difícil tirar os olhares nos rostos das crianças da minha cabeça, suas pequenas sobrancelhas franzidas e bocas com os cantos virados para baixo. Foi como um soco na porra do estômago.

A minha conexão com eles ficou tensa enquanto eu resolvia as coisas com Layla. Eu nunca quis que eles sentissem que as coisas estavam ruins entre nós, então me certifiquei de passar o máximo de tempo possível com eles, mas sabia que ainda sentiam do mesmo jeito. Independentemente de quantas imagens eu coloria com Jovi, de quantos modelos de aviões construía com Steven, de quantas partidas de videogame jogava com Henley, tudo ficou tenso.

Eu encontrei uma pequena página de colorir enfiada no bolso do casaco. Era de um cavalo preto correndo em um campo com um pequeno bilhete de Jovi no verso.

Por favor, não se esqueça da gente.

Outro soco na porra do estômago.

Quando cheguei em Casper, me acomodei no meu quarto de hotel e tentei relaxar, só que a minha mente continuava se voltando para Layla.

Sua risada, seu sorriso, como era a sensação de ter ela em meus braços, como todos nós cometemos erros e talvez eu estivesse sendo muito duro com ela. Ela tentou se desculpar tantas vezes, mas eu só a evitei. Peguei meu celular, quase pronto para mandar uma mensagem para ela, quando recebi uma ligação da esposa de Bill.

Ela me manteve no telefone por quase uma hora, falando dos detalhes do grande dia e, quando desligou, já estava na hora do jantar. Meus pensamentos

continuaram circulando de volta à mesma conclusão, a de que eu precisava perdoar Layla. Precisava superar isso, mas não sabia ao certo como.



As luzes estavam brilhantes e desagradáveis quando fui andando até o portão de partida. As arquibancadas estavam cheias de gente e até agora tivemos um show incrível. Como se tratava de uma arena coberta, estava úmido e quente e eu sentia o suor grudar na minha pele enquanto meu colete e chaparreiras de couro se moviam por cima das minhas roupas.

— Harrison, você é o próximo! — um homem corpulento e mais velho gritou em minha direção.

Não era exatamente uma competição, era mais uma exibição, então era algo mais descontraído, mais divertido. Segurei a grade do brete móvel e subi, manobrando o corpo entre os caras que já estavam lá em cima lidando com Hellraiser, o cavalo xucro que eu montaria.

— Esse aqui é um filho da puta, então tome cuidado! — um deles gritou, com tabaco na boca.

Concordei com a cabeça e montei o cavalo enquanto ele estava preso no brete. Hellraiser recuou para trás o máximo que pôde, o que não foi muito. Tentei preparar os nervos o melhor que pude quando me lembrei de como eu fazia para me concentrar totalmente.

Enrolei a mão enluvada com seis voltas de corda, depois amarrei a corda no pito da sela e a puxei com força para garantir que o nó estava bem firme. Eu me inclinei para trás e me preparei para um inferno de adrenalina. Havia centenas de pessoas nas arquibancadas e um monitor de vídeo enorme exibia para todos, um grande close meu em cima do cavalo. O locutor já havia analisado as estatísticas e os relatos dos meus dias de glória, o que eu quase sempre ignorava porque só mexia com a minha cabeça.

Então vi o mesmo homem corpulento acenar com a mão e o brete se abrir. Hellraiser empinou para o lado com uma investida enorme, chutando as patas

traseiras muito perto dos caras que estavam em cima das grades. Um som coletivo de espanto foi dado quando eles mergulharam para escapar dos coices. Eu segurei a corda com dificuldade e coloquei o peso do corpo nas costas enquanto sentia puxões de todos os lados com a força do cavalo pulando. Eu fui jogado de volta às lembranças de como era ter o coração na garganta, o estômago revirado e completamente descontrolado pelo medo que me rasgava por dentro.

Eu não vi a tela, não ouvi o locutor; era apenas eu e aquele animal naquela arena de terra. Podia sentir meus ossos baterem e meu estômago revirar quando a turbulência se intensificou e o cavalo aumentou o ritmo. Finalmente, um bipe alto soou no ar, sinalizando o tempo, e outro caubói apareceu ao meu lado. Eu soltei a corda e pulei na parte de trás de seu cavalo.

Saímos da arena enquanto as pessoas se levantavam, gritando e enlouquecendo.

— Pela madrugada, oito segundos incríveis, senhoras e senhores! Que prazer ver Reid, o Veloz, abandonar a aposentadoria para participar deste evento.

Eu estava tentando tirar as luvas; minha mão direita latejava e eu precisava de gelo, rápido. Não estava prestando atenção quando a multidão começou a fazer um tipo diferente de barulho.

— Querem filmar isso? Parece que o nosso solteirão aposentado tem um fã-clube.

Eu levantei a cabeça para a grande tela onde a câmera estava dando zoom na pequena Jovi segurando um cartaz enorme escrito: *Reid, o Veloz, é nosso herói*! Depois a câmera seguiu para Henley, que estava com um chapéu de caubói e segurava outro cartaz que dizia: *Reid é o nosso favorito! Nós te amamos*!

Meu coração bateu dolorosamente rápido no meu peito quando o cameraman subiu para a loira vestida com roupas country. Seu cabelo estava em cachos debaixo do chapéu marrom de caubói, os lábios num tom brilhante

de vermelho, e seu cartaz dizia: *Eu te amo, Reid. Volta para mim.*

Layla.

Eu estava subindo correndo os degraus de alumínio das arquibancadas, passando por fãs delirantes e garotas gritando para mim. Corri de uma seção a outra enquanto toda a multidão se levantava de seus assentos, fazendo sons do tipo *Ahhh* e *Ohhh*. O locutor estava comentando a minha reação rápida. Layla continuou olhando em volta e depois de três degraus, eu estava lá, envolvendo-a nos braços, segurando seu rosto nas mãos e beijando-a com toda paixão, raiva e perdão que eu tinha em mim.

Eu a queria. Eu precisava dela.

— Desculpa — sussurrou ela, quando nos separamos.

Eu balancei a cabeça, o rosto ainda a centímetros do dela.

— Não importa. Eu te amo muito, demais até — sussurrei contra seus lábios antes de reivindicá-los novamente.

Todos fomos jantar depois, não quisemos esperar para sair junto com a multidão e enfrentarmos o trânsito. Henley não parou de me fazer perguntas sobre como eu fiz para continuar em cima do cavalo e como não morri, e Jovi estava um pouco emocionada ao falar do quanto foi assustador me ver montado num cavalo xucro. Layla segurou minha mão debaixo da mesa, entrelaçando os dedos nos meus enquanto Steven e Michael também faziam perguntas.

Éramos como uma família, comendo pizza, rindo e brincando uns com os outros. Meu coração estava completo enquanto eu traçava a parte interna dos dedos de Layla sob a mesa.



Era uma noite de sábado de dezembro, uma semana desde o rodeio, e as coisas estavam se recuperando lentamente. Tínhamos todos acabado de assistir a um filme de super-herói e já era quase meia-noite. Henley, Jovi e Steven estavam desmaiados no chão, e Michael se espreguiçou e foi para a

cama. Layla estava enrolada debaixo de um cobertor, deitada no sofá com os pés no meu colo, e Rhett estava aconchegado debaixo do seu braço, dormindo como sempre.

Desliguei a TV, carreguei Henley e Jovi até seus quartos e os coloquei nas camas. Steven já havia acordado e se arrastado para o quarto por conta própria. Eu lhe dei um simples “Noite, meu chapa”, e baguncei o seu cabelo. Quando voltei para o andar de baixo, peguei Layla nos braços, deixando Rhett nos seguir enquanto subíamos as escadas.

O quarto dela estava escuro, mas, com a luz da base do carregador sem fio ligada, eu podia ver o suficiente da cama. Eu a deitei e a coloquei debaixo das cobertas, e, quando estava prestes a sair, ela puxou minha mão.

— Fique comigo.

Eu a olhei e esperei, sem ter certeza se ela estava realmente acordada.

— Amor? Você tá acordada? — Eu me agachei até seu rosto, que estava plantado no travesseiro.

Ela virou a cabeça totalmente na minha direção e puxou minha camisa.

— Por favor, isso está na minha lista. Talvez eu não esteja pronta pra transar, mas quero dormir na mesma cama que você. Você vai ficar? Por favor?

Eu cedi, não que realmente tivesse algo contra ficar, mas a nossa última conversa sobre intimidade tinha acabado muito mal. Desde que voltamos de Casper, vivíamos agarradinhos e dávamos beijos comportados, mas não havia passado disso. Estávamos mornos, flutuando, esperando, sem saber quem deveria dar o primeiro passo.

Tirei a camisa e a calça, ficando de cueca samba-canção, e me arrastei para o seu lado na cama. Ela se aconchegou nos meus braços e enfiou a cabeça debaixo do meu queixo.

— Bem aqui... é isso que eu quero — sussurrou grogue na minha pele.

Meu coração estava batendo forte enquanto eu processava o passo enorme que estávamos dando. Eu estava dormindo com ela em sua casa. Eu acordaria

aqui, com ela, com as crianças, com a família.

Eu queria isso tanto que doía, mas em vez de surtar, só fechei os olhos e tentei dormir.

33

Layla

Acordar com Reid todas as manhãs era algo novo e perfeito. Toda noite, antes de dormirmos, ele lia para mim. Era sempre um clássico e ele esfregava os meus dedos dos pés ou as minhas coxas enquanto seus olhos focavam as páginas. Rhett, que estava ficando maior a cada dia, geralmente ficava no meu colo ou fugia para dormir com Jovi. A parte sobre dormir – da presença de Reid à leitura, ao toque e à brincadeira de casinha – era sexy como o inferno, e nas últimas cinco noites, as coisas lentamente se intensificaram entre nós.

Na primeira noite, nós apenas dormimos. Na segunda, demos beijos e amassos aos montes, mas ficamos nisso. Na terceira noite, fui para a cama apenas de calcinha e blusinha que eu usava para dormir. Ele grunhiu e colocou a mão no rosto por uns bons vinte minutos enquanto digeria a informação, antes de me puxar para perto e tocar toda a pele que estava disponível.

Na noite seguinte, eu me esfreguei nele vestida com a calça de pijama. Éramos como dois adolescentes desesperados, nos aproximando cada vez mais do ponto onde as coisas implodiriam e nos perderíamos em nosso desejo.

O desejo era uma coisa estranha, uma coisa que eu estava aprendendo a processar.

Minhas sessões de terapia estavam ajudando. Eu contei ao Dr. Vox da minha atração por Reid e de como as coisas estavam progredindo. Decidi que finalmente estava pronta, mas não queria dar o grande salto com as crianças em casa. Então, liguei para minha irmã e pedi que ela passasse o fim de semana aqui em casa enquanto Reid e eu escapávamos. Nós ficaríamos em um pequeno resort nos arredores de Casper e eu não poderia estar mais

animada.

As crianças ainda estavam na escola quando arrumei minhas coisas, e Reid estava no trabalho, mas planejava sair mais cedo. Como era sexta-feira, eu queria pegar a correspondência assim que chegasse e ver se havia alguma coisa da minha mãe; ela deve ter me enviado a carta que recebi *dela*. As cartas que ela costumava me enviar com tanta frequência se tornaram quase inexistentes e eu me perguntava se era por causa da minha mãe ou se apenas porque um ano havia se passado e ela sentia que não precisava mais escrever. Talvez ela tenha sentido que eu já havia sofrido o suficiente.

A neve quase não parava pelas manhãs, mas à tarde, ela derretia. Isso não queria dizer que a temperatura não estava congelante. Apenas correr da caixa de correio até a minha porta me deixou com os dentes batendo. Examinei as contas e o envelope pardo que tinha chegado e subi a escada com uma carta endereçada manualmente a mim.

Ela tinha me escrito. Fiquei tão aliviada que rasguei a carta com o dedo, o que rasgou o papel sem jeito. Tirei a folha pautada azul e tentei me consolar com o fato de receber esse sinal, esse tipo de presságio de um fim de semana monumental, em que eu decidiria seguir em frente em grande estilo.

Eu me acomodei na grande poltrona perto da minha janela e comecei a passar os olhos pela carta.

Cara Sra. Jacobson,

Eu parei ali e arqueei a sobrancelha. Eu nunca tinha usado o sobrenome do meu marido. Era uma piada entre nós por causa do passado de Travis. Travis legalmente tinha o sobrenome Jacobson, mas, para todos que conhecíamos, ele era Travis Carter. Ele adotou o meu sobrenome em um gesto simbólico quando nos casamos. Meu pai foi um homem sem filhos do sexo masculino e tinha um desejo desesperado de continuar o seu legado.

O pai de Travis era um idiota que havia abandonado sua mãe. Então Travis disse que usaríamos o meu sobrenome. Assim, olhando para a carta, fiquei ainda mais intrigada. Mais importante ainda, a pessoa que costumava me

escrever nunca tinha usado outro nome para se referir a mim que não fosse Layla.

Espero que esta carta a encontre bem, embora não tenha ilusões de que você esteja bem de fato... não depois do que eu tirei de você.

Meu estômago despencou.

Esta carta era *dele*. Eu não achava que estava preparada para encarar qualquer coisa vinda do homem que havia tirado o meu marido de mim... mas, por incrível que pareça, em vez de temerosa, eu me senti... corajosa. Continuei lendo, pronta para o que esse homem tinha a dizer.

Eu quis entrar em contato tantas vezes, mas sempre achei a falta de palavras aterrorizante. Escrevi várias cartas para você ao longo do ano, mas cada uma delas se mostrou insignificante. Eu nunca ousaria diminuir o que aconteceu ou lhe dar desculpas, mas você deve saber que eu não sou um alcoólatra. Eu raramente bebo, mas naquela noite... naquela noite, eu tomei a pior decisão da minha vida. Eu descobri que tinha perdido minha filha. O nome dela era Emma e eu a amava com todo meu coração e com toda minha alma. A mãe dela me revelou que eu não era o pai, que mentiu para mim durante sete meses e que eu tinha me apaixonado pela filha de outro homem.

Minha cabeça começou a girar e meu estômago revirou enquanto me perguntava o que diabos estava acontecendo.

Entrei no carro naquela noite e comecei a dirigir em direção ao sul. Eu parei em um bar em Vancouver. Bebi demais, mas estupidamente pensei que estava sóbrio o suficiente para continuar. Na minha cabeça, eu estava quase na casa da minha mãe, na parte central do Oregon, mas, como sabemos, esse não era o caso. Você deveria saber que eu prestei socorro. Eu fiz tudo ao meu alcance para garantir que ele sobrevivesse. Eu quis trocar de lugar com ele. Eu queria morrer. Quando eu soube que ele tinha esposa e filhos, acho que uma parte de mim morreu. Sinto muito pelo que tirei de você. Sinto muito pelo que fiz com você, com seus filhos. Espero que consiga encontrar consolo nesta vida e eu jamais pedirei que me perdoe, porque sei que isso não é justo

nem possível, mas peço que você ao menos saiba que eu me importo, que sinto muito. Eu pensei que queria morrer por um bom tempo, mas então encontrei a esperança na forma de uma mulher despedaçada que também perdeu o marido. Eu a amo de todo o coração e enquanto me esforço ao máximo para acompanhá-la em sua tristeza, não posso deixar de me perguntar se isso está de alguma forma ligado à penitência que devo pagar pelo o que tirei de você, amar alguém apaixonado por outro que já partiu. Espero que você encontre paz e força para seguir em frente. Sinto muito.

Atenciosamente,

Jameson Reid Harrison

Eu reli a carta várias vezes, parando no nome Jameson. De alguma forma na minha mente, eu estava tentando dar uma chance a Reid, mas aquela noite na charrete me voltou correndo à memória. Ele tinha me dito que era conhecido por Reid, mas que seu primeiro nome era diferente.

Agonia me rasgou, quente e furiosa. Eu me sentia como se tivessem me injetado com algo letal e o veneno agora estivesse correndo pelas minhas veias, rompendo e estilhaçando tudo pelo caminho. Minhas pernas quiseram ceder, meu corpo aos poucos desistindo.

Como diabos isso foi acontecer?

Como é que isso...

Ouvi alguém subindo a escada e minha respiração estava tão superficial e irregular que comecei a ver pontos escuros. Rezei para que fosse Michelle, porque não conseguiria encarar mais ninguém.

— Amor, está aqui em cima? — chamou Reid do corredor.

Ele estava aqui.

O assassino do meu marido.

O homem por quem tinha me apaixonado.

Meu coração batia irracionalmente forte no meu peito, confuso e furioso. Apertei a carta nas mãos quando ele entrou no meu quarto. Ele parecia tão feliz, tão animado. Seu rosto estava luminoso e com um leve toque de

vermelho, do frio lá fora. Ele havia saído mais cedo do trabalho, como disse que faria, apenas para me ajudar a arrumar as malas.

Eu vou vomitar.

Seus olhos dançaram pelo meu corpo, absorvendo minha postura, a carta e em seguida, seu olhar desceu lentamente até o chão, onde parou. Ele se agachou e pegou o envelope descartado, aquele que tinha um adesivo de um carro de corrida no verso. Eu vi o momento que ele se deu conta em seus olhos. Aqueles globos que brilhavam em vários tons se estreitaram e depois se arregalaram.

Ele sabia.

E eu fiquei destruída.

Ele não disse nada. Seu rosto perdia mais a cor a cada segundo e ele deu um passo para trás e se concentrou no chão. Ele ficou ali de pé, de jeans apertado, botas de neve e um suéter preto macio. Seu cabelo estava despenteado e ele tinha alguns dias de barba crescendo na mandíbula. Eu queria abraçá-lo, queria que ele me abraçasse e me dissesse que poderíamos superar isso, mas outra parte de mim queria dar um tapa nele, queria machucá-lo da mesma maneira que ele me machucou.

— Foi você... — sussurrei sem perguntar, apenas declarando com tristeza.

Seus olhos lacrimejaram quando ele gaguejou uma resposta patética.

— Eu... como... seu sobrenome não é o mesmo — foi sua grande resposta, seu grande momento para me resgatar da escuridão que estava nos engolindo.

Eu estreitei os olhos quando a raiva que eu carregava comigo começou a vir à tona. Dei um passo à frente e ele deu um passo meio arrastado para trás.

— Layla... — Ele falou, como se já soubesse que tinha me perdido.

Isso partiu mais uma vez as duas metades que tinham sido reparadas do meu coração. Dois homens, um coração... não era o suficiente.

— Você deveria ir embora — sussurrei, a raiva assumindo o controle enquanto o meu coração cantava ao som de outra coisa, algo mais próximo ao perdão. Mas, naquele momento, naquele exato momento, eu não consegui

encontrá-lo.

Seus olhos ficaram loucos, percorrendo o quarto.

— Não... — engasgou ele.

Eu o observei, sem saber o que ele ia dizer. Estava desesperada por algo... para que ele lutasse, mas meu orgulho queria que ele fosse embora. Eu esperei, silenciosamente implorando por alguma coisa, mas ele piscou algumas lágrimas e deu um passo para trás.

— Eu jamais vou me perdoar por isso. Nunca vou conseguir superar isso, mas você tem que saber que eu sinto muito.

Aqueles olhos verdes finalmente encontraram os meus e a tristeza que encontrei neles quase me rompeu. Ele engoliu em seco, abaixou a cabeça e saiu do meu quarto.

Eu dei um passo à frente, delirante e louca por algo mais naquele momento. Eu queria brigar com ele. Queria ouvir ele dizer por que tinha feito aquilo, por que tirou a vida do meu marido, mas nenhuma palavra jamais iria satisfazer a fúria que cobria aquela parte selvagem da minha alma.

— Reid... — chamei, mas ele já havia chegado à metade do corredor.

Ele parou a meio passo e olhou para mim, os olhos vermelhos e cheios de lágrimas. Meu coração deu um salto.

— Apenas saiba que... sei que você deseja que o imbecil que fez isso com você tenha o castigo que merece, então saiba que ele teve. Ele se apaixonou por uma mulher, mas tão perdidamente que ele sequer tinha vontade de respirar sem ela. Saiba que ele imaginou um casamento e vários Natais, formaturas e treinos de futebol. Eu queria a coisa toda com você e é mais que apropriado ter tudo isso arrancado de mim. Eu mereço. Eu nunca vou me esquecer de você, Layla. Nunca vou deixar de te amar.

Ele abaixou a cabeça novamente, desceu correndo a escada e bateu a porta ao sair, selando também algo dentro da minha alma. Ele não me deixou dizer o que eu precisava dizer, não me deixou brigar com ele... não me deixou contar...

Pensei nos fatos: Reid invadiu a faixa do meu marido, fazendo com que ele tivesse que desviar e batesse em um poste de telefone. Ele matou o meu marido e eu já tinha lhe dado meu coração. Dizem que o amor pode superar qualquer coisa, mas como superaria uma coisa dessas? Eu me lembrei de uma carta que eu havia enviado há poucas semanas, como agora eu estava sendo cobrada pelo que havia confessado nela. Deus ou destino... talvez o próprio Travis estivesse vendo o meu blefe, me perguntando se eu estava falando sério, se era mesmo a verdade. Naquele momento, eu não tinha certeza, mas ver Reid me deixar novamente deixou a sensação de que talvez eu estivesse errada, como se eu não tivesse perdoado o homem que matou meu marido de verdade.

34

Layla

Com as mãos trêmulas, coloquei as seis cartas em cima da mesa à minha frente. Elas estavam um pouco amassadas de tanto que as segurei nas últimas 24 horas. Meu rosto manchado de lágrimas estava seco no momento porque eu precisava me recompor. Michelle havia chegado, como o combinado e, ao olhar para mim, soube que algo estava errado. Então ela me ajudou a distrair as crianças e a tomar conta delas, como havia feito quando perdi o primeiro homem que amei.

Passei o dedo pela primeira carta, datada de agosto do ano anterior, aproximadamente um mês após o acidente.

Desdobrei a folha até conseguir ler sua letra em tinha preta.

Layla,

Você não me conhece. Sou a irmã do homem que tirou a vida do seu marido e tenho certeza de que você está se perguntando por que diabos estou escrevendo e por que me sinto no direito de fazer qualquer contato. A verdade é que eu realmente não sei. Eu sei que estou arrasada em seu nome. Estou mais do que despedaçada diante da escolha que meu irmão fez e que alterou as vidas de todos vocês.

Acho que só queria que você soubesse que tem uma amiga em mim. A família do meu irmão não nutre secretamente ressentimento nem más intenções, nem culpa ninguém pelo que aconteceu além dele mesmo. Foi uma escolha dele e eu queria muito poder voltar no tempo para lhe devolver o seu marido. Eu queria poder fazer muito mais, mas, por enquanto, estou lhe oferecendo uma bandeira branca. Por favor, entre em contato conosco se precisar de algo.

Atenciosamente,

S

Era ela.

A irmã dele.

A que morou aqui antes de mim. Fechei os olhos com força diante da surrealidade dessa situação toda. De repente, lembrei-me de uma carta muito específica dela, que veio depois de eu ter respondido que estava destroçada e que precisava de um escape para os meus filhos.

Embaralhei algumas folhas de papel até encontrar sua terceira carta.

Layla,

Estou feliz por você ter respondido. Fico feliz que esteja procurando ajuda e recebendo o apoio que precisa. Acho que uma nova perspectiva a respeito das coisas seria benéfica para vocês. Quando eu perdi meu pai, recorri aos cavalos como terapia. Estava vivenciando emoções que eu não sabia ao certo como processar. Tinha sentimentos intensos demais e não sabia como lidar com eles, mas os cavalos nunca me julgaram por isso.

Aqui está um link de uma casa à venda em uma pequena cidade perto de onde eu cresci. É uma cidade linda e tranquila e acho que poderia ajudar você e a sua família. Essa casa está à venda e a um ótimo preço. Por favor, não hesite em me ligar se tiver alguma dúvida.

Atenciosamente,

S

Ela tinha nos levado direto para ele. Ela tinha que saber.

Raiva se agitou em minhas veias enquanto eu processava toda a informação. Respirei fundo e tentei me acalmar ao me afundar na poltrona.

Eu nunca escrevi dizendo se tínhamos nos mudado ou não, então ela tecnicamente não sabia que éramos vizinhos de Reid. Ela já tinha colocado a casa à venda antes de entrarmos em cena, então havia uma pequena chance de não saber.

Levei a mão ao rosto e esfreguei o cansaço da pele. Eu odiava isso. Odiava que o ódio estivesse disputando tão avidamente uma posição de destaque no meu coração. Lágrimas apunhalaram os cantos dos meus olhos outra vez, mas

as contive, apertando-os com firmeza. Já estava farta de chorar por isso. Não queria essa dor e agonia na minha alma.

Pensei nos detalhes a respeito de Reid que fiquei sabendo desde que o conheci, como ele antes não dirigia, nunca bebia, não queria falar sobre o passado. De repente, curiosa e zangada por ter evitado aquele detalhe em particular por tanto tempo, peguei uma pasta azul que continha as informações do julgamento, detalhes que eu havia ignorado porque não queria odiar o homem que matou o meu marido.

Tirei uns papéis que explicavam o veredicto.

Seis meses de prisão por direção perigosa, três meses de liberdade condicional, algumas multas e só isso. Seu nome estava impresso lá embaixo: *Jameson Reid Harrison*. Eu tive a verdade disponível o tempo todo e a tinha ignorado. Ignorei porque era a porra de uma covarde.

Uma discussão com minha mãe finalmente fez sentido agora, quando me lembrei dela argumentando comigo que o Estado tinha passado a perna em nós naquele processo. Por curiosidade, fiz uma busca pelas consequências por direção perigosa no estado do Oregon: pena mínima de um ano.

Um ano e Reid só pegou seis meses.

Não era à toa que mamãe estivesse tão brava por eu não ter aparecido na audiência. Ela queria que o juiz e os jurados vissem as crianças, que soubessem que Reid merecia pegar mais tempo.

Eu me senti mal.

Extremamente mal e exausta.

O acordo que eu fiz com o diabo finalmente foi cumprido e ele tinha voltado para dar um fim à minha alma. Fervendo sob a superfície havia um amor profundo pelo homem que tinha roubado minha vida de mim. Não fazia sentido algum, mas eu sentia a falta dele tanto quanto o odiava agora.

Era algo totalmente diferente do que Travis havia deixado. Era quase pior.



— Mãe, você me ouviu? — perguntou Michael, acenando com a mão na frente do meu rosto.

Eu pisquei, tentando me concentrar.

— Não, desculpe. O que foi?

Ele soltou um suspiro pesado.

— Você tá tão desligada nas últimas semanas. O que está acontecendo?

— É o rompimento, idiota — repreendeu Jovi, estreitando os olhos para o irmão enquanto guardava um prato.

O rompimento... certo.

Reid desapareceu. Eu não o vi outra vez depois daquele dia na minha escada. A casa dele estava à venda e a placa de venda pendurada lá era como um tapa na cara para mim. Eu tinha espionado para ver se estava realmente vazia, para ver se aquilo era realmente real, se ele realmente tinha ido embora sem dar uma palavra, sem deixar vestígios. Tive a sensação de que ele mandaria cartas para as crianças depois, porque esse era o tipo de homem que ele era. Um homem bom que considerava as preferências alimentares dos meus filhos no Dia de Ação de Graças e que pensava em formaturas e Natais em família.

Lágrimas arderam os meus olhos, mas isso não era novidade. Eu não usava maquiagem desde que ele tinha ido embora, porque tudo o que fazia era chorar. De alguma forma, a carta de Reid ofereceu uma espécie de encerramento acerca da morte do meu marido. A tristeza não havia me abandonado exatamente, só diminuído. Agora, ela era uma faca de manteiga cega raspando os meus nervos, um alívio em comparação à faca de carne amolada que foi por tanto tempo.

— Eu disse que preciso de carona para o trabalho amanhã. Agora que Reid não está mais lá, não tenho como voltar para casa. Não posso voltar andando nessa merda de neve — gritou Michael, afastando-se.

Eu nem tinha coragem suficiente para censurar o seu palavrão. Foi o tom dele que me impressionou. Ele voltou a ser o Michael revoltado e irritado.

Seu amigo foi embora e a culpa era minha.

Eu não respondi e ele não me deixou responder de qualquer maneira. Fui para a sala de estar e comecei a limpar.

— Mamãe, quer jogar videogame com a gente? — perguntou Henley, e eu estava cansada de recusar, por isso não recusei. Peguei um controle e me sentei. Ele me deu um sorriso largo e começou a explicar o que eu tinha que fazer. — Ok, então Reid sempre diz pra fazer seu polegar ir nessa direção que vai ajudar a controlar o carro.

Movi meu polegar da maneira que ele ensinou e ignorei o aperto no meu peito. Henley parou de repente e perguntou:

— Mãe, como é que Reid deixou a gente? — Seu tom pingava tristeza e eu desmoronei com a sua expressão.

— Querido, ele não nos deixou.

Mas isso foi tudo o que pude dizer, porque não conseguia contar aos meus filhos que o homem por quem todos nos apaixonamos era a razão pela qual o pai deles estava morto.

— Deixou, sim. Ele foi embora. — Henley chorou no meu ombro e eu não aguentei. Eu me desfiz novamente e estava cansada demais disso, estava cansada demais de sofrer.



O inverno no Wyoming não era brincadeira. Graças a Deus pela minha irmã, que ficou comigo na última semana, ajudando a garantir que os cavalos ficassem bem durante a nevasca que havia caído. Meu carro ficou preso na neve e não consegui desenterrá-lo, então liguei para Shellie e ela veio em meu socorro. Sua picape velha aparentemente era uma máquina, imune a inundações e a neve acumulada.

Fazia dois meses que Reid partiu e sua casa ainda não havia sido vendida. Isso era algo que me tranquilizava todos os dias, me iludindo com ideias de que significava que ele poderia voltar. Eu queria saber onde ele estava.

Queria poder falar com ele, queria que ele tivesse deixado alguma forma de comunicação aberta entre nós.

Michelle não comentou o meu rompimento ou o fato de Reid ter ido embora. Ela parecia estar no mesmo barco silencioso que eu, onde não tínhamos certeza do que dizer uma a outra. Ninguém comentou nada, nem mesmo a minha mãe. Eu a deixei sem palavras no Natal quando expliquei tudo o que havia acontecido.

Ela tinha respondido com um:

— Puta que pariu.

Exatamente o que eu pensava.

— Você está bem? — Michelle parou de escovar Thor e franziu as sobrancelhas para mim.

Eu parei e olhei para ela.

— O quê? Por quê? — Eu nem me dei ao trabalho de mentir, porque sabia que não estava bem. Eu só queria saber por que ela subitamente ficou curiosa.

— Olha, acho que você precisa descobrir onde ele está — argumentou minha irmã, enquanto levantava a pata do cavalo para inspecionar o casco.

Eu soprei o ar com sarcasmo e guardei as escovas.

— Como? E por quê?

Abri os braços e balancei a cabeça. Era uma loucura. Eu estava dividida entre as duas perguntas. Odiava que Reid tivesse me deixado sem uma maneira de contatá-lo e odiava estar cogitando entrar em contato com ele.

— Porque você sente falta dele e está só o bagaço de tanta tristeza. Esse tipo de tristeza é totalmente diferente da que você sentiu com Travis. Estou preocupada com você — murmurou ela baixinho, o rosto brando de preocupação.

Dei de ombros em frustração.

— Ele não me deixou uma forma de contato.

Ela me encarou por um segundo e depois abaixou a cabeça, aceitando a derrota. É, exatamente. Não havia como encontrá-lo e seria assim que a nossa

história terminaria. Meu coração doía para que não terminasse, mas eu não conseguia ver como aconteceria. Assim que senti mais falta do que raiva dele, soube que o havia perdoado. Eu só queria que ele voltasse e, em minha mente, nós pensaríamos em uma solução para todos os detalhes, desde que ele voltasse.

Mas ele não tinha voltado. Ele foi embora, e quanto mais rápido eu pudesse aceitar isso, mais rápido eu poderia me curar.

35



Estava escuro quando cheguei em casa do trabalho. Eu trabalhava por muitas horas, desde que me deixassem. Arrumei um trabalho remoto para a Microsoft durante o dia, mas não era o suficiente para me distrair dos pensamentos que ameaçavam rasgar minha mente à noite. Então, consegui um emprego noturno fazendo serviços de usinagem perto de Crescent, no Oregon, onde minha mãe morava. Eu precisava estar perto da família e era para lá que eu deveria ter ido após o acidente, não para o Wyoming.

Eu nunca deveria ter conhecido Layla Carter nem seus filhos incríveis. Inveja me cortou por dentro diante da ideia de que todos eles pertenciam ao homem que eu havia matado. Odiava o sentimento familiar, porque vinha dando duro para superar isso, mas a inveja atual que eu sentia era a prova de que não tinha superado nada. As semanas ajudaram a revelar o quanto eu amava Layla e o quanto ela preferia Travis a mim, o quanto eu era a segunda opção e, agora mais do que nunca, ela jamais me escolheria. Ela nunca me perdoaria e eu não a culpava.

Virei a torneira prateada do chuveiro com força e lavei a noite de mim. Eram quase três da manhã e tudo que eu queria fazer era dormir. Entrei no meu pequeno quarto e garanti que o alarme fosse ativado no meu celular. Parei quando vi uma mensagem de texto não lida.

(307) 333-6789: Consegui esse número com a sua mãe... não me pergunte como. Precisamos conversar. Me ligue amanhã, por favor. - Michelle

Eu fiquei ali sentado, lendo a mensagem várias vezes e finalmente adormeci olhando para a tela, como se a irmã de Layla pudesse de alguma forma me oferecer uma solução para aquela nova existência de merda que eu estava vivendo.

Na manhã seguinte, fiz café e algo para comer, sentei-me e olhei para o meu telefone assim que ele começou a tocar.

— Oi, Kip — respondi, sentindo-me aliviado por adiar a coisa com Michelle um pouco mais.

— Oi, cara, como você está?

Ele parecia sério, como se estivesse mal por mim, mas não precisava se sentir assim. Eu merecia o que estava passando e, quando pedi para que ele ficasse com o meu cachorro e cuidasse de algumas outras coisas para mim enquanto eu estava fora do estado, ele tinha me escutado em uma confusão perplexa. Eu ainda não tinha certeza se ele conhecia todos detalhes do que aconteceu, mas não precisava que conhecesse.

— Como vai Rhett?

— Vai continuar ignorando as minhas perguntas toda vez que eu ligar? — perguntou Kip, com uma irritação querendo aparecer.

Eu me inclinei de joelhos e coloquei a mão sobre os olhos.

— É só que não tem muito o que responder...

— E você simplesmente supõe que ninguém quer saber de você, então? Já cansou de existir e de ter alguma importância para mais alguém nesse mundo?

Ele parecia magoado e eu senti sua mágoa mais profundamente quando ouvi um pequeno latido ao fundo. Eu tinha abandonado o meu cachorro porque eu era um merda demais para permitir que meu coração fosse digno até do amor de um animal de estimação.

— Kip, vocês precisam de alguma coisa específica? Rhett está bem? — Eu me levantei, caminhando até a geladeira, tentando encontrar algo que enchesse o vazio no meu estômago.

Ele esperou um segundo antes de soltar um suspiro pesado.

— Não, cara, eu não preciso de nada e ele está bem, mas eu sei com certeza que a sua garota não está.

— Fala sério, Kip. Ela acabou de descobrir que eu matei o marido dela — ironizei, soando totalmente como o idiota que havia me tornado.

— Não, fala sério, você. Acho que você precisa falar com ela.

— Ela me mandou embora.

Eu fui embora assim que cheguei em casa, depois fiquei me perguntando o porquê, o diabo do motivo. Não importava. Mesmo que ela não tivesse me mandado ir embora, eu teria ido de qualquer maneira.

— Olha, só se cuida, cara. Falo com você depois. — Ele desligou sem se despedir.

Agarrei o dispositivo, desesperado para arremessá-lo pela sala, mas a maldita mensagem de Michelle ainda abria um buraco no meu bolso. Soltei um suspiro pesado, pressionando o número escrito no texto.

Prendi a respiração enquanto ouvia tocar. Ela estava perto dos meninos? Eu os ouviria rindo ao fundo? Ouviria ela? Eu não seria capaz de suportar. Ter os filhos de outro homem arrancados de mim novamente foi o prego final naquele caixão que eu chamava de vida.

Michelle atendeu mais ou menos no quinto toque.

Dei um suspiro pesado.

— Sou eu, Reid.

Ela exalou o que parecia ser alívio.

— Reid... finalmente. Eu tive que pedir com muito carinho para aquela barista me dar o telefone da sua mãe e, verdade seja dita, ela acha que eu queria falar com a sua mãe para que ela tentasse te convencer a voltar com ela agora que você e Layla terminaram. Parece que ela é sua fã.

Coloquei a mão nos olhos e grunhi.

— Michelle, eu agradeço a explicação, mas em que posso ajudar?

Eu me senti mal por ser tão brusco, mas até ouvir Michelle falar estremecia minhas entranhas devido ao fato dela provavelmente saber quem eu era e o que eu tinha feito.

— Olha, eu entendo. Você está com raiva de si mesmo... fugindo e se

escondendo. Eu mesma levei um tempo para digerir isso, mas agora eu só me importo com a minha irmã. — Seu tom estava lento e cansado.

Eu balancei a cabeça para uma sala vazia.

— Como diabos devo responder a isso? Você superou o fato de eu ter matado o seu cunhado? Bom pra você, Michelle. Ele era o marido de Layla, o pai dos meninos. Não tem uma chance nem na porra do inferno de nós superarmos isso. — Eu fiquei de pé, frustrado.

— Eu não superei como se fosse fácil ou algo assim, mas posso superar o fato de que uma coisa horrível aconteceu. Você entrou na vida da minha irmã e na dos meus sobrinhos e sobrinha... Eles te adoram, Reid. Te amam. Eles sentem tanto a sua falta e estão se culpando por você ir embora — argumentou Michelle com o mesmo fervor que eu.

— Ela contou a eles? — perguntei, sem fôlego, magoado a ponto do desespero ao pensar na expressão dos seus rostos quando descobriram o que aconteceu.

— Contou. Ela contou tem uns dois dias... e foi por isso que eu mandei a mensagem. — Ela parou e esperou, e maldita seja a minha curiosidade, porque eu precisava de mais detalhes.

Sentei devagar e passei a mão pelo cabelo quando ela continuou.

— Henley disse que você era a luz no fim do túnel da vida deles... disse que o pai escolheu você para proteger e amar todos eles, já que ele não era capaz.

Sua voz estava baixa e aguda, como se ela estivesse contendo a emoção. Minha garganta deu um nó quando imaginei o rosto do pequeno Henley se contorcendo enquanto ele explicava sua teoria.

— Jovi disse que até Deus teve que deixar seu próprio filho morrer para salvar o mundo inteiro e que se eles conseguem superar esse tipo de coisa, ela acha que você e Layla podem superar isso. — Michelle soltou uma pequena risada, seguida por uma fungada.

Lágrimas brotaram nos meus olhos, prontas para cair caso ela listasse mais uma razão pela qual eu deveria deixar meu coração nutrir a esperança de que

aquilo poderia não ter acabado.

— Reid, eles sentem sua falta, todos eles. Michael disse que você era um homem bom e que não se importava com o que aconteceu. Ele está magoado por você ter ido embora. Steven disse basicamente a mesma coisa. Eu estive ao lado de Layla enquanto ela lamentava a morte de Travis, mas isso agora é diferente... ela está destroçada. Ela não consegue funcionar, não consegue se lembrar das coisas. Fica com um olhar distante o tempo todo e sempre que saímos de casa, ela só fica parada olhando para a sua.

Dei um suspiro trêmulo quando as emoções me dominaram.

— O que você quer de mim, Michelle?

— Quero que você ligue pra ela. Quero que diga aos meninos que você não desapareceu. Quero que lhes dê uma chance de conversar sobre isso, em vez de simplesmente fugir. Procure-a. Pessoalmente, acho que você deveria voltar para cá, ir com calma... faça o que tiver que fazer, mas só volte pra eles. Você levou o coração de todos quando foi embora.



O som da madeira se partindo preencheu o ar vazio quando levantei os braços e desci o machado com força no tronco. Já estava fazendo isso há uma hora, cortando lenha no quintal da minha mãe, atrás da sua cabana. O movimento físico era bom para minha mente hiperativa e a lenha extra garantiria o seu estoque até o fim do inverno. Abaixei para pegar outro tronco e o alinhei para o corte, dei um passo para trás e levantei os braços novamente.

Uma voz baixa quebrou o silêncio.

— Você vai quebrar a coluna se não descansar.

Eu deixei os braços descerem pesadamente e parti a madeira ao meio, levantando os olhos em direção à varanda. Minha irmã estava lá, seus ombros estreitos envolvidos por um suéter grosso. Seu cabelo escuro estava preso atrás da cabeça, deixando seu rosto pálido exposto. Eu não a via há tantos

meses. Antes do acidente, éramos amigos, irmãos que se amavam, que ligavam e mandavam mensagens um para o outro e que riam juntos.

Ela apareceu naquele dia no tribunal e depois que viu que minha sentença seria reduzida a uma simples direção perigosa, ficou calada... calada demais. Naquela noite, ela explodiu. Ela não entendia como eu pude ter sido tão estúpido, tão inconsequente. Ela me lembrou que ele tinha esposa, filhos, uma vida. Não pude discutir com ela, porque ela estava certa. Eu fui inconsequente. Fui egoísta. Ela não sabia o que havia acontecido com Jen, mas isso não importava. Eu não tinha o direito de beber e estar atrás do volante.

— O exercício é bom para mim — brinquei, antes de alinhar outro tronco.

Não entendia por que ela estava aqui. Eu não precisava que esfregassem na minha cara a confusão que eu provoquei nem que me dissessem que não merecia a mulher por quem me apaixonei, e temi que fosse exatamente isso que minha irmã tinha vindo fazer aqui.

— Acha que poderia parar tempo suficiente para falar comigo? — perguntou ela, apoiando os cotovelos no parapeito da varanda.

Eu me virei, olhei para as vigas fortes ao lado dela e tentei tirar a imagem do meu pai da minha cabeça. Ele construiu a cabana aos cinquenta anos, sabendo que ele e minha mãe se aposentariam logo e precisariam de um lugar para ficar. Ele morreu de câncer de pulmão um ano depois. Terminou apenas metade da casa, mas aquelas vigas foram as que ele tinha cortado e preparado antes de falecer. Em vez de vender o lugar, minha mãe contratou uma equipe para terminar a casa e vive nela desde então.

— Depende do que você quer falar comigo. — Eu me voltei para o tronco e desci o machado. — Se está aqui para me dizer que eu merecia perder Layla e as crianças, pode cair fora.

Alinhei outro tronco enquanto ela estalava a língua e saía da varanda. Ela caminhou na minha direção com os braços cruzados e os olhos baixos. Eu a ignorei até ela estar a apenas um metro de distância, me observando alinhar

outro tronco.

— Eu estava errada naquele dia, depois da audiência. Não devia ter dito aquelas coisas pra você e peço desculpas, Reid. Me desculpe por não estar presente para te apoiar. Eu fui egoísta, estava confusa e ainda sofrendo com a perda do pai, e...

Eu me virei para olhá-la, curioso sobre o que mais a assombrava ultimamente.

— E? — perguntei, incentivando-a a continuar.

Ela chutou a lama congelada perto da bota.

— E eu acho que fiquei desligada porque Charlie me traiu na mesma época em que tudo aconteceu com você e colocou a culpa na bebida.

— Merda, sinto muito, irmã. — Estremeci, abaixando o machado.

Ela assentiu lentamente, mantendo o olhar no chão.

— Ele arruinou tudo entre nós, por causa de uma bebida. Acho que, na época, eu era uma filha da mãe cheia de raiva o tempo todo e o seu incidente acendeu tudo novamente. Sinto muito, Reid.

Eu me inclinei para ela, puxando-a para um abraço apertado. Ficamos ali abraçados no frio do inverno e com o silêncio da floresta às nossas costas. Era bom ter uma parte da minha vida de novo, costurada de volta depois de tanta coisa ter sido rasgada.

— Eu vim aqui para te dar uma coisa — murmurou Sara, afastando-se e enxugando os olhos. Ela enfiou a mão no bolso do suéter, pegou uma carta fina e estendeu para mim, com gentileza.

— O que é isso?

Ela soltou todo o ar dos pulmões.

— É uma carta de Layla. Eu a recebi a uns quatro meses atrás... antes do Dia de Ação de Graças.

Segurei o papel branco com os dedos gelados e juntei as sobrancelhas em confusão.

— Do que diabos você está falando?

— Comecei a escrever para ela depois do acidente. Eu nunca lhe disse meu nome, só que eu era a irmã do homem que... — Ela parou de falar, provavelmente me poupando de ouvir o título cruel que eu merecia: o do homem que matou o marido de Layla. — De qualquer forma, ela respondeu cerca de um mês depois que escrevi e nós meio que caímos numa rotina de escrever uma para a outra. Acho que você precisa ver essa. Mamãe me contou o que aconteceu.

Eu a fuzilei com um olhar tão frio quanto o ar que pairava entre nós.

— Quer dizer que você sabia essa porra de tempo todo? Você sabia que eu estava morando ao lado dela? Sabia que eu estava me fazendo de idiota, me apaixonando pelos filhos dela e por ela? — Minha voz transmitia a traição que me lacerava por dentro.

— Não! — Ela levantou as mãos, em pânico. — Deus, não. Eu não fazia ideia de que ela tinha aceitado a minha sugestão de comprar o rancho. Eu deixei uma pessoa a cargo de toda a papelada, então não sabia o nome de quem comprou. Eu falei sim da casa, porque estava tentando vendê-la na época, mas ela nunca me contou para onde tinha se mudado. Ela disse que foi morar perto da irmã, só isso. Juro que eu não fazia ideia de que ela era sua vizinha. Mas acho que eu teria descoberto isso se tivesse te ligado e perguntado. — Ela baixou os olhos, o rosto empalidecendo talvez por ter percebido que havia me abandonado.

Seus olhos azuis suaves se levantaram até os meus um momento depois.

— Reid, eu estava tentando ajudar. Eu sei que tudo está uma bagunça. É minha culpa ela ter encontrado a casa. Não achei que você voltaria pra lá. Você não volta há dez anos. Como eu saberia que voltaria? Imaginei que venderia a casa... achei que estivesse aqui com a mamãe.

— Então você cortou a mamãe da sua vida também? — Dei passos pesados em direção aos degraus da varanda, mais do que pronto para ir embora.

Ela correu atrás de mim.

— Desculpa, Reid. Estraguei tudo. Eu me mudei pra Londres, ignorei

minha família por um ano inteiro, ignorei todo mundo. Sinto muito, estou tentando compensar isso.

A urgência em seu tom me parou. Eu me virei para olhá-la e percebi que não tinha direito de julgar nem de ficar com raiva. Ela não sabia de fato nem tinha feito nada de errado, e eu nunca me arrependeria de ter conhecido Layla.

— Eu também sinto muito — sussurrei e a puxei de novo para um abraço.

— Apenas leia... e perdoe a si mesmo, irmão. Você merece superar isso.

Ela me beijou na bochecha e entrou, me deixando sozinho com a carta nas mãos.

36

Layla

Cavalgar Thor no verão não era nada comparado aos seus modos arrogantes no frio do inverno. O filho da mãe estava ainda mais frustrante do que o normal. O pôr-do-sol estava se aproximando. As crianças tinham alimentado, trocado a água e abrigado os cavalos para a noite, mas eu estava impaciente. Eu precisava sair de casa, sentir o vento frio no cabelo e o choque revigorante do ar do inverno no rosto.

A neve tinha diminuído na última semana, deixando apenas uns três centímetros no chão. Andei com Thor pela linha da cerca, propositadamente chegando perto da cerca que dividia com a propriedade de Reid ou de quem quer que tivesse comprado sua casa. O adesivo grande escrito “Vendido” foi colado em cima da placa branca na manhã anterior e eu perdi o meu café da manhã no banheiro depois que o vi.

Ele nunca mais voltaria. Realmente iria me deixar sozinha com essa desilusão. Eu estava exausta demais com a guerra travada pelos meus sentimentos no meu coração, tentando descobrir se queria que ele voltasse e lutasse por perdão ou que continuasse ausente para que eu pudesse honrar a memória de Travis. Depois desse tempo longe de Reid, depois de ver a placa da venda, eu sabia quem havia vencido essa guerra.

Eu queria Reid de volta.

Queria que ele voltasse para mim, para nós. Queria que ele estivesse presente quando eu tivesse que explicar às crianças por que ele foi embora. Uma raiva profunda veio à tona com a lembrança de que ele me deixou sozinha para explicar aos meus filhos que ele era o homem cujo carro havia invadido a pista do pai deles, fazendo com que o pai desviasse o veículo. Reid me deixou aqui sozinha para arcar com o fardo de uma honestidade que eu não queria carregar. Ele não tinha me ajudado a passar por isso, a

compreender ou a me curar. Simplesmente foi embora.

Lágrimas caíram e o vento frio as secou. O sol começou a se pôr e eu guiei Thor na direção do celeiro. Tive o suficiente da minha própria companhia por uma noite e estava pronta para conversar com minha irmã ou ir à cidade e me castigar com grandes quantidades de álcool no bar local. Star tentava me convencer a sair com ela há semanas, talvez estivesse na hora de aceitar a oferta.

Depois que cuidei de Thor e o coloquei no celeiro para a noite, entrei em casa. As crianças deviam estar lendo ou se preparando para dormir, mas, quando eu entrei, elas estavam rindo, todas amontoadas em torno de algo na sala de estar. Tirei as luvas e a jaqueta, guardei-as na lavanderia e fui em direção ao pequeno festival de risos.

Parei imediatamente quando ouvi Henley falar com entusiasmo:

— Reid, adivinha só? Eu montei uma ovelha!

Fechei os olhos, nem um pouco preparada para ouvir a voz dele, nem um pouco preparada para sentir os pedaços espatifados de esperança que consegui juntar quebrarem de novo.

— Isso é incrível, amigão. Mal posso esperar pra ver.

A voz de Reid ecoou pela sala de estar. As crianças estavam todas de frente para uma tela, o que significava que ele estava conversando com elas. Escondi o corpo atrás do limiar da porta e fiquei fora de visão, não estava preparada para interromper a conversa nem admitir que secretamente estava morrendo de vontade de ouvir sua voz novamente.

Ele não tinha me ligado, mas ligou para eles. Eu ainda não tinha certeza do que sentir sobre isso. As crianças estarem tão felizes me colocou um sorriso no rosto. Isso me fez pensar na noite em que lhes contei o que havia acontecido com Reid.

Lembrei dos rostos hesitantes e franzidos, enevoados pela confusão. Todos tinham me encarado em silêncio por alguns minutos, até Henley falar e dizer que sentia falta do pai, mas que achava que seu pai talvez tivesse lhe dado

Reid de presente como uma maneira dele se sentir melhor, já que o pai não podia mais estar com eles. Michael foi com quem eu mais me preocupei. Seu rosto se contorceu de impaciência enquanto as crianças falavam, mas, depois que terminaram, ele se aproximou de mim.

— Foi por isso que ele foi embora? Você disse que ele não podia mais ficar aqui por causa disso? Como você pôde, mãe... depois de tudo que Reid fez por nós... não foi você quem disse que o ódio é um vício e que nunca devíamos abrir espaço em nossas vidas pra sentirmos isso por alguém? — Ele vomitou toda a sua raiva em mim, apontando um dedo, e eu simplesmente fiquei lá parada, aceitando.

Eu *pedi* para Reid ir embora, mas não estava falando realmente sério. Eu só precisava de um tempo para me adaptar à novidade, mas isso não importava, porque ele se foi de todo jeito e não fiz nada para impedir. Eu me perguntei se realmente senti ódio de Reid depois que ele partiu, mas, quanto mais eu tentava odiá-lo, mais percebia que não o odiava nem um pouco. Eu o amava. Eu o amava tanto que me aterrorizava e isso doía de uma maneira completamente diferente da dor da perda de Travis.

— Mamãe está melhorando muito com os cavalos. Você ficaria muito orgulhoso — disse Steven baixo para a tela e Reid ficou calado.

Eu queria ver o rosto dele, ver o que os dois últimos meses haviam feito com ele, se foram tão duros com ele quanto foram comigo. Havia uma parte minha que se preocupava que essa fosse a única chamada de vídeo que ele faria, que seria a única oportunidade de entrar em contato com ele, e isso me fez querer correr para lá, gritando para que ele não desligasse e falasse comigo.

Mas fiquei parada, segurando a parede, mordendo o lábio para conter as lágrimas reprimidas.

— Quando você vai voltar? Mamãe contou pra gente que foi o seu carro que entrou na pista do papai. Foi por isso que você foi embora? — perguntou Henley, seu tom cheio de curiosidade. Meu coração estremeceu quando o

silêncio seguiu sua pergunta.

Finalmente, após uma longa pausa, Reid deu sua resposta.

— Não posso dizer pra vocês, meninos, o quanto eu me arrependo disso. — Sua voz ficou presa, parecendo tensa. — Existem motivos que me fizeram entrar no carro naquela noite, embora nenhum deles importe. Eu fui embora porque achei que sua mãe e vocês não iam me querer por perto. Estava tentando fazer a coisa certa. — Sua voz falhou e eu quase desabei no chão.

As lágrimas não puderam ser contidas, então eu as libertei.

— Como eu poderia ver vocês todos os dias, quando nunca mais vão poder ver o pai de vocês por minha culpa? — perguntou Reid, ainda parecendo tenso, como se seu coração estivesse se partindo.

— Mas a gente também te ama, Reid. Também sentimos saudade de você. Não tenho com quem colorir nem pra quem deixar bilhetes — disse Jovi, começando a chorar.

Eu espiei pelo canto e vi que ela estava com a mão no peito, o cabelo loiro selvagem e os olhos com a mesma ferocidade. Ela era tão emotiva.

— É, a nossa opinião sobre como vocês terminaram as coisas não conta? — perguntou Michael, cruzando os braços sobre o peito.

— Mamãe sente saudade. Ela tá triste de um jeito diferente agora — acrescentou Henley, fungando e limpando o nariz com o braço.

O silêncio se estendeu e eu pude imaginar Reid passando a mão pelo cabelo.

Ele soltou um suspiro.

— Acreditem em mim, pessoal. Eu também sinto saudade de todos vocês, mas isso é o melhor. Não tem como a mãe de vocês voltar a me olhar do mesmo jeito depois disso. Eu ligo novamente em alguns dias, mas tenho que desligar agora. Amo vocês... falo com vocês em breve.

Então ele se foi e todas as crianças emitiram sons de decepção misturados a vários “Não desliga” e “Também te amo”.

Respirei fundo e fechei os olhos. Ele foi embora novamente e não tinha

como encontrá-lo e dizer que voltasse.

37



— Te vejo amanhã, Reid? — perguntou Jeff, meu supervisor, por cima do ombro. Eu balancei a cabeça e fiz uma pequena saudação antes de sair do escritório. Jeff não sabia ao certo quando eu iria embora e eu também não. Então, no final de cada dia de trabalho, ele perguntava se me veria no dia seguinte.

Os últimos três meses foram solitários e horríveis, mas eficientes. Sarah ficou duas semanas conosco, perguntando todos os dias se eu já tinha lido a carta. Todos os dias, eu sorria e dizia: “Não”.

Porque eu não estava pronto. Eu não conseguia encarar o que fosse que estivesse escrito naquela carta e, por mais que entendesse minha irmã, não confiava completamente nela. Eu não sabia se a carta de Layla falava sobre ela me amar ou sentir a falta de Travis. Sinceramente, nenhum dos dois realmente ajudaria, porque eu não poderia tê-la.

A neve tinha parado de cair, mas ainda estava grudada no chão. O ar estava gelado e a cidade quieta. Crescent tinha uma população de apenas trezentas pessoas, o que a tornava pacífica e isolada. Era a reabilitação perfeita para tentar curar o meu orgulho ferido e coração partido. Minha alma não tinha mais conserto, então também era um bom lugar para acalmar os meus demônios.

Dirigi três quilômetros na direção sul, liguei a seta e virei. Atravessei mais alguns quilômetros por uma estrada de terra e entrei na via particular. Eu tinha alugado uma pequena casa de apenas um quarto na periferia da cidade. Tinha dois vizinhos a alguns quilômetros de distância, mas só. A floresta chegava no meu quintal, mas, tirando isso, era tudo descampado.

Estacionei minha nova picape embaixo do abrigo para veículos e entrei na casa. Comprei uma picape nova porque a antiga me trazia lembranças de

longas conversas com Michael, Jovi escolhendo a estação de rádio, Henley pulando no banco de trás... eu beijando Layla. Eu precisava de uma nova contendo zero vestígios da vida que deixei para trás.

O dia tinha se esvaído e o sol estava quase se pondo, criando um céu quase púrpura, mas não o bastante para que qualquer luz entrasse na casa. Como optei por horas extras, trabalhava no turno do dia durante todo fim de semana. Era muito trabalho, mas, ao mesmo tempo, não era suficiente.

Uma casa escura me cumprimentou, como sempre, e eu ignorei o quanto aquilo me deixava solitário. Engoli a emoção difícil de suprimir e tirei o telefone do bolso. Tudo o que eu queria era ligar para as crianças e ouvir as suas vozes e, se eu tivesse sorte, talvez ver um pedaço de Layla passando pela tela ou ouvi-la chamar uma das crianças ao fundo. Eu só queria ouvir sua voz, mas não conseguia criar coragem de ligar para ela. Digitei mensagens de texto um milhão de vezes, deixei meu polegar pairar sobre o botão de envio apenas para apertar o desligar. Eu não conseguia. Eu me recusava a me inserir de volta em sua vida depois que tinha lhe tirado tanto.

Assim que me acomodei na minha poltrona, alguém ligou o abajur do outro lado da sala. Eu congelei quando uma figura familiar se materializou na escuridão solitária que agora era minha casa. Olhos castanhos procuraram freneticamente meu rosto, e aqueles lábios rosados tremeram quando ela respirou fundo. Meus olhos se moveram para baixo, dos cabelos longos e encaracolados jogados sobre o ombro até o decote do suéter preto que formava um V.

Inalei, fazendo minha respiração combinar com a dela, e levei a mão à mandíbula. Ela estava aqui... na minha casa... mais linda do que nunca. Meu cérebro estava saltando para todo lugar cogitando o que isso significava.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, mirando-a com um olhar duro.

Eu não a queria aqui, não quando sabia qual seria o resultado dessa conversa, não quando teria que vê-la partir.

Ela baixou a cabeça, fazendo o cabelo cair para a frente.

— Você está ótimo, Reid. — Erguendo o rosto, ela me deu um sorriso triste.

Meu estômago se agitou e ferveu com a incerteza do que estava acontecendo. Eu não retribuí o elogio porque ela não precisava saber que estava bonita. Ela sempre estava bonita.

— Você deveria ir embora — sussurrei, fechando os olhos, bloqueando a visão dela.

— Você não está falando sério — sussurrou de volta, e a dor em seu tom me perfurou.

— É claro que não estou falando sério, Layla. — Eu me levantei, jogando uma almofada do sofá do outro lado da sala. — Mas você aparece sentada aqui na minha sala depois de todos esses meses e eu... — Virei-me e fui na direção da porta da frente. — Por favor, só vá embora. Eu sei que não mereço nem essa gentileza, mas, o que quer que tenha a me dizer, apenas considere que eu já ouvi. — Apontei para a cabeça. — Eu ouço tudo isso na minha cabeça todas as noites quando tento dormir e todos os dias quando vou trabalhar. Toda vez que eu respiro, a voz está lá, me provocando. — Eu parei e travei a mandíbula quando a emoção arranhou minha voz.

Layla se levantou e veio até mim, com lentidão e cautela. Ela estava com as mesmas botas marrons que tinha usado na noite do nosso primeiro beijo e tinha enfiado uma calça jeans azul pecaminosamente apertada. Meu olhar viajou para cima e vi lágrimas molhando seu rosto e borrando sua maquiagem. Eu fiquei parado, congelado e aterrorizado por estar tão perto dela novamente, respirando o mesmo ar que ela.

Ela avançou até ficar a poucos metros de mim e, mesmo sob a fraca iluminação da sala, ela brilhava. Abaixei os olhos para o chão para não ter mais nada do que recordar desse momento.

— Reid — sussurrou ela, falando meu nome como se fosse uma oração. — Eu não vim aqui pra te machucar nem fazer qualquer coisa que acha que vou fazer. Você pode se sentar comigo? — Ela estendeu a mão e, caramba, quase

aceitei.

Apertei a mandíbula com força e mantive as mãos paradas nas laterais do corpo.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Mais lágrimas caíram de seus cílios escuros e isso me fez querer envolvê-la em meus braços, mas eu não faria isso... porque não podia.

— Tudo bem, acho que vamos ter essa conversa de pé aqui, onde a corrente de ar frio está pior. — Ela cruzou os braços e ficou rígida, implacável, seus lábios franziram de impaciência e seus olhos se estreitaram em mim.

Com um suspiro resignado, balancei a cabeça concordando em voltar para o sofá. Peguei uma garrafa de água e uma caixa de biscoitos para ela, caso estivesse com fome, tirei as botas e acendi outra lâmpada para iluminar um pouco mais a sala.

Quando voltei para lá, ela estava no meu sofá, havia tirado as botas e estava com as pernas enfiadas debaixo de si com um cobertor azul cobrindo-as. Eu queria saber o que ela devia pensar dos meus móveis que não combinavam, das paredes vazias, da televisão pequena e do espaço minúsculo. A casa era lúgubre, para dizer o mínimo, mas eu passava a maior parte do tempo no trabalho, na floresta ou na casa da minha mãe.

Coloquei a água e os biscoitos ao seu lado na mesinha e fiquei ali em pé, sem jeito. Olhei para o lugar vago no sofá, mas não consegui me mover sozinho, não com ela exalando aquele cheiro de melancia e de sol, mas quando estava prestes a me virar para ir até a cadeira, ela me parou pegando minha mão e me puxando para perto de si. O toque foi como um choque elétrico no meu organismo, enviando arrepios pelos meus braços.

Porra, como eu senti falta dela.

Eu me acomodei ao seu lado o melhor que pude e esperei que ela começasse.

Ela limpou a garganta e virou o corpo para mim.

— Como pôde não me ligar?

Eu mantive os olhos longe de seu rosto e olhei para a frente.

— O que eu ia dizer? Desculpe por arruinar a sua vida, mas sinto sua falta e quero ter o futuro que roubei do seu marido com você? — Deitei a cabeça no encosto do sofá e a virei para ela. Seus olhos castanhos ainda estavam cheios de lágrimas e ela estava com as mãos no colo, puxando o cobertor puído.

— Me perguntaria como eu estava e diria que estava voltando. Você me diria que estava arrependido, mas que poderíamos resolver isso. — Ela abaixou a voz e olhou para o colo.

Eu emiti um som de escárnio e levantei a cabeça, apenas para sacudi-la.

— Layla, não podemos resolver isso. Você vai me odiar. Se não me odeia agora, uma hora vai. Vai se ressentir disso e me culpar, e eu não culpo você. Eu tenho ressentimento de mim mesmo. — Apontei para o peito e balancei a perna de nervosismo. Eu queria me levantar e sair. Eu queria correr.

— Não estou dizendo que seria perfeito. Nem estou dizendo que seria fácil, mas valeria a pena — retrucou ela, e foi como se suas mãos tivessem penetrado meu corpo, agarrado meus pulmões e apertado.

Eu mantive os olhos nos seus e esperei pelo que ela poderia dizer em seguida. Ela brincou um pouco mais com o cobertor antes de continuar.

— Nós dois somos culpados aqui, Reid, nós dois carregamos a nossa própria bagagem de vergonha. Às vezes, é desconfortável e difícil, mas eu a carrego, quer você esteja comigo ou não, porque não importa se você me aceita ou me nega, eu me apaixonei por você. Eu me apaixonei por alguém que não é o meu marido e isso por si só me mata mil vezes por dentro. — Ela respirou fundo e fechou os olhos.

— Mas, eu amo você, Reid. Eu te amo tanto que me odeio por isso. Eu te amo tanto que não consigo parar de pensar em você e em desejar que você volte pra mim. Quando soube que foi você que... que estava no carro, eu me odiei ainda mais, porque em vez de sentir nojo ou ódio de você, tudo o que eu senti foi sua perda. Eu não queria que você fosse embora. Claro, eu precisava de tempo, precisava processar a informação, mas queria você lá comigo

enquanto fazia isso. — Sua respiração estremeceu e pude ver seu peito subindo e descendo com mais intensidade do que antes. — Não tem lógica e pode ser irracional, mas o ódio que quero sentir por você não existe dentro de mim. Sinto ódio de mim mesma, mas não consigo invocar esse tipo de emoção por você. Tudo o que sinto é a dor de te perder.

Ela parou e estreitou o olhar até estar focalizando apenas as minhas mãos. Eu queria que ela me tocasse tanto que doía.

Doía e doía muito.

Um segundo depois, ela puxou minha mão para o colo, rápida como um raio.

— Reid, por favor — sussurrou, enquanto fechava os olhos devagar.

Olhei para as nossas mãos unidas e notei como as dela eram macias e pálidas. Examinei suas unhas e pensei na última vez que a toquei assim. Fechando os olhos, eu a soltei e me levantei.

— Isso pode não funcionar... não vai funcionar — comecei, balançando a cabeça e andando pela pequena sala. Como ela conseguia pensar que poderia, francamente?

Ela se levantou rápido e soltou um suspiro pesado.

— Você está me irritando pra valer. Sabe disso? — Ela levantou a voz, levando as mãos ao quadril.

— Olha, é só que não tem como...

— Tem sim, se você der uma chance. — Ela me olhou com raiva naqueles olhos castanhos desafiadores.

Eu estreitei meu olhar e me aproximei.

— Layla... você não está com raiva? Não está brava pelo fato de eu ter tirado ele de você? Eu não sou inocente... tirei ele de você porque dirigi um carro bêbado. Eu fui egoísta e a sua família inteira está pagando o preço. Eu sei que você está com raiva, então não finja que não está — respondi.

Seus olhos ficaram cheios de lágrimas quando ela rangeu os dentes e um som sibilado saiu quando ela exigiu:

— Pare com isso.

— É verdade — gritei, abrindo os braços, desafiando-a a encarar a verdade nua e crua e ainda dizer que me amava. — Admita de uma vez. Diga que está com raiva de mim. Pare de fingir — gritei novamente e me odiei por ter levantado a voz para ela.

Lágrimas escorregaram pelo seu rosto, aumentando o borrão em sua maquiagem.

— Sim, estou com raiva, ok? — gritou de volta, levantando a mão e gesticulando em minha direção.

— Finalmente, estamos chegando a algum lugar — retruquei, chegando mais próximo. Essa coisa entre nós estava carregada e perigosa. Estava cheia de dor e de agonia, e estava pronta para explodir.

— Estou com raiva de mim mesma, Reid, por não estar com raiva de você, por não te odiar. Estou com raiva que você tenha me largado para cuidar de tudo sozinha. Estou com raiva porque o homem por quem me apaixonei se mostrou ser um grande covarde.

Seu rosto se contorceu de asco e seus olhos voaram em direção à porta. Ela queria ir embora e nada do que acabara de dizer tinha algo a ver com o fato de eu ter matado Travis.

Meu coração pulou uma batida, diminuiu a velocidade e quase explodiu. Eu precisava ir mais devagar e tentar consertar a situação antes que ela fosse embora, porque, na verdade, não queria que ela fosse.

— Estou com raiva por você não me ouvir. Fiquei com raiva por você ter abandonado meus filhos sem se despedir nem dizer você mesmo que foi você quem matou o pai deles naquela noite. Estou com raiva por você não me deixar te amar — gritou, apontando as duas mãos para o peito, desesperada e em pânico.

Suas palavras foram como facas cortando e me abrindo e eu estava sangrando, pronto para morrer se não conseguisse resolver isso.

— Estou com raiva por você ser tão egoísta. Estou com raiva por você não

me deixar te ter... — Ela parou, limpou o rosto e acrescentou com calma — Não me sobrou muita coisa, mas o resto de mim, eu quero que você tenha. Quero que você fique com tudo, Reid, com o que resta das minhas manhãs e noites, dos meus dias bons e ruins. Eu tenho isso para oferecer e quero que você engula seu orgulho e aceite. Porque sem você... — Ela parou e soltou os braços como se estivesse desistindo, perdendo as forças, pronta para ir embora.

Eu fiquei lá, sem nem perceber as lágrimas escorrendo pelo meu rosto até que uma gota fria atingiu meu braço. *Merda.*

Foda-se meu orgulho e minhas noções de autodefesa. Eu levantei a mão e a puxei para mim. Ela veio de bom grado, enfiando freneticamente suas mãos nos meus cabelos e moldando seus lábios nos meus. Ela tinha gosto de sal e de desespero. Movi o rosto para o lado, aprofundando nosso beijo, e ela fez o mesmo. Ela estava derramando os motivos pelos quais isso daria certo em seu beijo, enquanto eu derramava todos os motivos pelos quais provavelmente não daria.

Nós travamos uma guerra com nossas bocas e traçamos linhas de batalha com a maneira que os nossos braços se envolviam. Brigamos pelo ódio que deveria existir entre nós. Seus beijos fervorosos me diziam que não havia ódio, mas eu a pressionava e insistia que havia. Passei as mãos pela sua bunda e a levantei sem romper o nosso beijo. Suas pernas me enlaçaram e enquanto suas mãos se agarraram ao meu cabelo, sua boca continuou atacando a minha o tempo inteiro.

Eu nos levei para o meu quarto e a coloquei com cuidado na minha cama, um lugar em que a queria desde a primeira vez que meus lábios provaram os seus. Sombras dançaram em suas feições delicadas projetadas pela luz da varanda que entrava no quarto. Ela estava deitada com as mãos acima da cabeça e o suéter subira o suficiente para expor sua barriga. Meus olhos gananciosos absorveram o modo como seus cabelos se espalhavam no travesseiro e como parecia que a própria lua tinha se enrolado em cada fio.

Seus lábios rosados estavam levemente separados e seus olhos castanhos me desafiavam a dar o próximo passo.

— Você é perfeita — sussurrei em uma respiração pesada, parado entre as pernas dela.

Ela olhou para mim e sorriu. Foi um sorriso aberto e luminoso e eu tive vontade de me casar com ela agora, tanto que essa vontade estava acabando comigo. No final de tudo, a única coisa que eu não me arrependia, era dela.

— Para onde você foi? — perguntou, sentando e trazendo as mãos para a minha barriga.

Limpei a garganta e olhei para baixo.

— Eu não mereço isso... eu não mereço você.

Ela olhou para mim e me deu um sorriso terno.

— Eu não sou algo para ser merecida, Reid. Não se pode racionalizar o amor. Isso não faz sentido, e não podemos...

Eu me abaixei e bati os lábios nos dela, num beijo violento e em pânico. A parte minha que queria ir devagar e com cuidado tinha acabado de voar pela janela com o jeito que ela olhou para mim e disse que não podíamos racionalizar o amor. Porque não podíamos mesmo. O amor não era nosso para remediar ou forçar, para tirar algum sentido ou usar para esquecer de coisas que nem deveriam existir.

Eu interrompi o beijo para tirar seu suéter e, em seguida, voltei a beijá-la e a empurrei lentamente para a cama. Suas mãos vagaram debaixo da minha camisa, pressionando firmemente meu abdome e peitoral. Em retribuição, eu apertei os dedos na carne macia de seus quadris, deslizando uma mão até a sua bunda. Puxei a parte de trás de sua coxa até sua perna circular o meu quadril.

— Reid — sussurrou ela, olhando para mim com aquele olhar desesperado. Sem dizer uma palavra, tirei a camisa e passei os dedos cuidadosamente sobre os lábios dela.

— Senti tanto a sua falta.

Pressionei os lábios em seu pescoço e continuei fazendo um caminho até o monte de seus seios. Ela enfiou os dedos nos meus cabelos e soltou um gemido. Coloquei as mãos em suas costas e soltei seu sutiã. Seus suspiros e gemidos curtos estavam me deixando impossivelmente duro e, no momento que seu quadril começou a se levantar contra o meu, soltei um gemido baixo.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Rosnei contra a sua pele, porque não conseguiria lidar com ela se arrependendo disso pela manhã.

Ela envolveu meu rosto com as mãos para garantir que eu estava fazendo contato visual.

— Reid, você tem todo o resto.

Ela sorriu sensualmente e acrescentou:

— Faça amor comigo.

Desci os lábios e a beijei, criando uma lembrança nova, uma que eu jamais seria capaz de apagar da mente. Abri o botão do seu jeans, deslizei o zíper para baixo e movi os dedos, seguindo a melodia dos seus gemidos.

Ela se desfez em pedaços e foi o som mais bonito, a coisa mais perfeita que eu já ouvi. Suas mãos macias se moveram pela minha cintura quando me livraram da minha calça, eu fazendo o mesmo com a dela e, uma vez que estávamos nus, abertos e expostos um ao outro, eu deslizei dentro dela.

Aquele primeiro ofego foi como uma sirene na minha cabeça. Era o som da rendição, da ruptura. Eu deslizei para fora e voltei a penetrá-la, desesperado para ouvir aquilo novamente. Ela deixou o mesmo som passar por aqueles lábios perfeitos mais uma vez e algo dentro de mim se despedaçou

Eu olhei para ela, para aqueles olhos escuros me implorando para mergulhar até as profundezas e me afogar com ela. Eu sorri e cedi. Curvando o corpo, beijei-a profunda e demoradamente enquanto ela puxava meu cabelo. Quando eu empurrava, ela encontrava as minhas investidas e, o que havia começado como alguém testando a água gelada de um lago com a ponta dos pés, se transformou em um mergulho com movimentos frenéticos e tempestuosos. Ela me olhava com olhos famintos enquanto nos movíamos,

observando admirada o local onde nossos corpos se juntavam e se moviam desesperadamente em um tipo diferente de ritmo.

Um que era somente nosso.

Esperança e fome se inflamaram entre nós enquanto nos agarrávamos um no outro.

— Você me deixa louco — sussurrei contra seu ombro. — Faz tanto tempo que eu queria estar dentro de você assim. — Ela soltou um gemido que apenas amplificou o ofego que eu ouvi.

— Gosta disso? — perguntei, investindo mais forte nela.

— Sim — ofegou, e mais uma vez eu me despedacei.

Sussurrei todo o meu desespero em sua pele, como se minhas palavras fossem tinta, marcando-a para sempre. Investi toda a minha dor, mágoa e raiva dentro dela, e ela me encontrou em cada arqueada, cada marca de unha nas minhas costas, cada suspiro e grito abafado. Isso era nosso e era perfeito.

Abaixei a cabeça para beijá-la novamente, porque era como se eu não conseguisse o suficiente de seus lábios, de seu gosto ou dos sons que ela fazia quando eu a possuía assim.

Ela era tão linda; tão perfeita e tão minha.

Se ao menos eu pudesse ficar com ela para mim.



Layla estava aninhada em meus braços, a luz de fora iluminando suas feições delicadas enquanto dormia. Sua aparência era tranquila e perfeita. O aquecimento do meu quarto era quase inexistente, então ela estava embrulhada no meu edredom e se agarrava a mim o mais forte que podia. Aquilo ia além do que eu tinha imaginado.

Olhei para o teto enquanto as horas passavam e me recusava a deixar esse meu momento com ela acabar. Eu sabia que assim que o sol batesse em seu rosto e ela percebesse o que havia feito, ela se fecharia e voltaria para casa. Ela provavelmente só queria ver se conseguiria fazer isso e agora que havia

dormido com o inimigo, sua curiosidade estaria satisfeita.

Perto do amanhecer, saí lentamente da cama quente e vesti cueca e moletom. Fui até a cômoda e abri com cuidado a gaveta que continha a carta que minha irmã me deu. Andei até a sala de estar enquanto a desdobrava e comecei a ler ao me sentar na poltrona.

Querida S,

Na última carta que recebi, você desejou que eu encontrasse meu consolo no aniversário da morte do meu marido, esperando que depois de um ano de luto, eu talvez tivesse passado pelo pior. Eu tenho que ser sincera: não li sua carta até muito depois do dia em que completou um ano. A verdade é que eu fiquei completamente perdida depois dele. Antes do aniversário, passei o ano inteiro perdida também... até conhecer alguém.

Uma amizade inocente com o instrutor de equitação dos meus filhos e nosso vizinho. Ele resgatou meu cavalo em uma noite e depois fez o mesmo pelos meus filhos. Ele também me resgatou no processo e nem acho que essa era a sua intenção.

Você mencionou em uma carta anterior que havia perdido o noivo por causa de uma infidelidade e como essa dor se tornou parte de você, como era algo com o qual você tinha que viver agora. Sei que é diferente de perder alguém para a morte, mas ainda sinto que, talvez, você possa entender um pouco da minha dor. Você provavelmente entende a dor de viver em um mundo sem a única pessoa que dava sentido a ele.

Mas, o que você faria se tivesse se apaixonado sem querer por outro alguém, depois que essa pessoa se fora? Isso é algo com o qual pode se identificar?

Porque foi o que aconteceu comigo e não sei ao certo como resolver, como processar isso. Não tenho ideia do que vou fazer, mas sei que parece diferente... essa coisa crescendo no meu coração, nova e assustadora, mas certa.

Parece um futuro que eu tinha medo demais de desejar e estou me

agarrando a esse sentimento com todas as forças. Não vou deixar que ele escape e queria lhe contar isso e agradecer por me escrever e tentar amenizar os pedaços do meu passado desmoronado. Eu queria dizer que, de alguma forma, através do amor desse homem, encontrei uma maneira de perdoar o seu irmão. Sei que parece estranho, sei que parece altamente improvável, mas esse amor que encontrei é suficiente, suficiente para engolir as trevas e as mágoas, para abrir espaço para coisas novas. Quero recomeços e lembranças felizes. Então, acho que só precisava que você soubesse, para que você também possa perdoá-lo de algum jeito.

Com todo meu amor,

Layla

Segurei as bordas e reli a coisa toda mais duas vezes, procurando as palavras que me destacavam.

Eu queria dizer que, de alguma forma, através do amor desse homem, encontrei uma maneira de perdoar seu irmão.

A mesma pergunta se passava repetidamente pela minha cabeça. Como? Como ela pôde encontrar uma maneira de me perdoar através do meu amor? Meu amor não era perfeito, não era bom nem constante o suficiente. Não havia como eu ser suficiente para ela ou para as crianças, mas isso não mudava o fato de que aquelas foram palavras que ela escreveu. Era a verdade dela, contra a qual eu não podia discutir.

Em vez disso, decidi aceitá-la pelo que era. Uma segunda chance.

Era um novo começo, com o amor de uma mulher que eu não merecia.

38

Layla

A luz do sol atravessou minhas pálpebras semicerradas e o cheiro de café as forçou a se abrirem, apesar de estarem pesadas. Eu pisquei e olhei em volta. Minha primeira pergunta foi porque Reid não tinha cortinas no quarto. Uma janela pequena revelava árvores altas e um pequeno pedaço de terra nos fundos da casa, ainda ligeiramente coberto por uma camada de neve. Coloquei o braço para trás, tentando apalpar o homem que vim aqui recuperar, mas a cama estava fria e vazia.

Caí de volta na maciez do colchão e puxei os cobertores, desesperada para evitar o frio por mais tempo.

Pensei na noite anterior, em como foi sentir Reid dentro de mim, de um jeito que ele nunca esteve antes. Ele já possuía o meu coração, independentemente de saber ou não, ele já estava dentro de mim há muito tempo. Pensei em sua expressão, em como Reid tinha me fitado com aquele olhar deslumbrado e faminto.

Pensei em como abracei seu rosto contra o peito e beijei o topo de sua cabeça depois que ele rugiu seu êxtase para o quarto e depois de eu ter gritado o meu. Estávamos suados, exaustos, em uma bagunça de membros e pele nua. Era a perfeição no caos, o céu no inferno, o meu futuro emaranhado no arame farpado do meu passado e eu queria mais.

Enrolei o lençol em volta do corpo e caminhei descalça pelo chão frio na direção da cozinha. Reid estava de costas para mim, com uma calça de moletom cinza baixa no quadril e uma camiseta verde escura agarrada às costas firmes, aquelas duas linhas de músculos definidos dignas de babar. A cafeteira velha e gasta estava borbulhando e pingando um líquido na jarra de vidro.

— Bom dia — disse, passando as mãos pelas costas dele.

Ele se virou pela metade, me envolveu com o braço e murmurou:

— Bom dia. — Deu-me um beijo na testa e isso fez meu estômago se agitar com aquelas malditas abelhas internas que ele me dava. Eu tinha sentido tanto a sua falta.

— O que está aprontando hoje? — perguntei hesitante. Por alguma razão, parecia que ele se afastaria novamente. Depois que terminamos na noite passada, Reid ficou desenhando círculos nas minhas costas, calado e pensativo, mas, de qualquer forma, retraído.

— Eu estava pensando... — Reid se afastou de mim, servindo uma xícara de café e entregando-a para mim. — Eu quero que você venha conhecer a minha mãe. — Ele parou e levou a mão ao cabelo, passando por aqueles fios bagunçados que eu tinha despenteado horas antes. — Eu quero vê-la antes de voltarmos. — Ele parou e me deu um pequeno sorriso. Coloquei minha xícara na mesa e fui em sua direção. O lençol caiu, mas eu não me importei. Ele ia voltar para casa, para mim, para as crianças, para nós.

Ele me beijou freneticamente e então me puxou para seus braços e nos levou de volta ao quarto.



A casa da mãe de Reid tinha cheiro de algo assando no forno e estava quente, graças à grande fogueira que ele acendeu na lareira. A cabana tinha uma infinidade de sofás, almofadas macias e mantas e, naquele momento, eu estava relaxada, sentada ao lado dele em um pequeno sofá de dois lugares. Estava nervosa. Não tinha ideia do que ela pensaria de mim ou do que poderia ter ouvido a meu respeito. Eu já havia deduzido que Sarah já poderia ter revelado o conteúdo das nossas cartas, mas não sabia como isso poderia ter afetado a sua mãe.

Reid colocou a mão no meu joelho para tentar me acalmar. Sua mãe tinha saído e ainda não havia voltado, o que em parte era o que estava me deixando tão nervosa. Quando Reid telefonou e perguntou se poderia passar aqui, ela

disse que voltaria em cerca de uma hora.

Nós esperamos e, desde que chegamos a tal hora passou, mas nada dela. Ela aparentemente colocou algo no forno antes de sair e o assado já estava com cheiro de algo pronto para se devorar. Se sua mãe não aparecesse logo, eu me serviria de um prato.

— Devemos voltar para a sua casa e esperar que ela ligue? Não quero atrapalhar. — Estiquei o pescoço para checar a porta da frente.

Reid riu e moveu a mão pela minha coxa. — Nós não estamos atrapalhando. Na verdade — ele se inclinou para me beijar. —, eu poderia te levar pra o quarto de hóspedes agora mesmo.

— Cheguei! Desculpe pelo atraso. — A voz cantada da sua mãe veio da porta e ela passou direto para a cozinha.

Eu o empurrei e rapidamente me levantei, olhando o espaço por onde ela havia entrado. Apertei os dedos nas palmas das mãos e limpei a garganta. Reid se levantou também, segurando minha mão e liderando o caminho até a cozinha. Sua mãe estava desempacotando o que parecia uma grande caixa marrom de mantimentos, provavelmente da Costco. Ela levantou os olhos brevemente e sorriu, voltando a olhar rapidamente quando percebeu que Reid não estava sozinho. Ela largou no chão o buquê de flores que estava tentando aparar e olhou para mim.

— Você é a… Essa é a… — Os olhos dela saltavam de Reid para mim.

Eu limpei a garganta.

— Eu sou Layla.

Seus olhos verdes, que combinavam com os do filho, começaram a lacrimejar quando ela cruzou os poucos passos que nos separavam e me puxou para um abraço.

— Eu lamento tanto, minha doce menina, lamento tanto o que você passou — sussurrou ela em meu ouvido, enquanto me embalava em seus braços. Eu não queria chorar, mas a força do seu abraço alterou algo em mim. Ela era tão maternal e amorosa, que senti algo que nunca recebi da parte de minha mãe.

Ela se inclinou para trás e eu queria dizer que adorava o seu cabelo, as partes grisalhas que emolduravam seu rosto, sua pele macia que tinha alguns pés de galinha e rugas. Ela era deslumbrante, e sua gentileza apenas amplificava isso.

— Obrigada — chiei ao dar um passo para trás.

Ela direcionou o olhar para o filho e o puxou para um abraço apertado, sussurrando algo para ele que o fez assentir em seu ombro. Após as apresentações, Reid me pegou nos braços e me beijou levemente nos lábios antes de correr lá fora para pegar o resto das compras da mãe.

Nós jantamos juntos. Rimos e não mencionamos o acidente, o que eu achei melhor. Reid falou sobre as crianças e, pela maneira como eles conversavam, eu sabia que ele já tinha falados delas antes.

— Jovi é a que colore imagens com você, certo? — perguntou ela a Reid, e isso fez meu coração palpitar. — E Henley é o mais novo? — perguntou, com a boca cheia de ensopado.

O fato dele já ter falado sobre as crianças, sem saber se algum dia nos entenderíamos, me fez amá-lo ainda mais. Naquele momento, eu quis sussurrar para meu marido que eu ficaria bem e que, de uma maneira estranha, tudo havia dado certo e ele poderia descansar em paz. Eu sempre o amaria, mas seria feliz durante o tempo que me restava. Eu perdoaria, deixaria o passado em seu lugar e abraçaria o presente que Deus nos havia dado. Um homem que se importava conosco, que nos amava e que nos completaria novamente.



Eu estava sentada no balcão acabando com um pote de sorvete de cookies com hortelã. Reid estava parado entre as minhas pernas, roubando colheradas e beijos.

— Pare com isso. — Eu dei um tapa nele.

— Nós devíamos dividir — murmurou ele, descendo a boca na minha

colher.

Eu ri e joguei a cabeça para trás.

— Não, devíamos estar fazendo as malas, mas você é facilmente distraído.

— Eu estava fazendo um ótimo trabalho arrumando as malas até você sair do chuveiro com aquela toalha minúscula. Queria que eu fizesse o quê? — disse, contra o meu pescoço, enquanto me golpeava com os lábios pela milionésima vez naquele dia.

Decidimos voltar juntos assim que eu disse a ele que não tinha vindo dirigindo, mas de táxi, e que realmente não queria pagar outro para me levar ao aeroporto mais próximo, que ficava a cerca de uma hora e meia de onde sua mãe morava.

— Talvez eu queira ficar neste pequeno paraíso com você — sussurrou. Seus beijos estavam se movendo para baixo quando um intenso prazer percorreu meu corpo, agarrando e empurrando tudo até chegar dentro do meu coração e ao meu âmago. Eu precisava impedi-lo porque meu pobre corpo não aguentaria outra rodada. Eu estava tão dolorida e sem prática que quebraria se ele fizesse mais alguma coisa comigo.

— Eu adoraria, mas temos quatro filhos nos esperando em casa. — Eu segurei sua mandíbula, levantando seu queixo até seus olhos encontrarem os meus. Sua expressão de fragilidade quase acabou comigo.

— Eles sabem que vou voltar? — perguntou, um pouco sem fôlego.

Eu assenti.

— Liguei para eles enquanto você tomava banho hoje de manhã.

Ele me agarrou pela bunda e me ajudou a levantar.

— Você fica com a cozinha, eu arrumo a sala. Não vou levar nenhum desses móveis — gritou por cima do ombro.

Eu ri e peguei algumas das caixas que ele encheu mais cedo.

— Graças a Deus! A gente talvez devesse fazer um favor a esse lugar deixando o fogão aceso?

— Ei, não seja má. Foi tudo o que consegui encontrar. Com sorte, consigo

achar algo pelo menos um pouco melhor quando estiver de volta a Douglas — brincou ele do outro cômodo, mas isso me fez parar.

— Você vai morar com a gente — disse, com uma resignação que deixava pouco espaço para discussão.

Ele parou de arrumar os seus DVDs em uma caixa e olhou para mim.

— Eu imaginei que você iria querer levar as coisas um pouco mais devagar — disse ele, com calma.

— Mais devagar do que passar os últimos três meses separados? — ironizei. — Não, obrigada. Eu amo você, Reid Harrison, e quero você na minha cama, fazendo amor comigo ou só de conchinha pelo tempo que você quiser.

Ele largou a caixa e veio até mim com passos calculados.

— E se eu quiser ficar para sempre com você, Layla? E se nem isso fosse tempo suficiente para mim? — Ele estava bem na minha frente e eu estava tendo dificuldade em controlar o desejo que inundava minhas veias.

— Isso me faria feliz. — Olhei para ele quando seu rosto se aproximou.

— Feliz quanto? — Sua voz era toda misteriosa e deliciosa.

Fiquei na ponta dos pés e pressionei os lábios nos dele, passando os dedos pelo seu cabelo. Suas mãos pousaram no meu quadril e me levantaram, como ele tinha feito na noite passada.

Ele nos levou de volta para o quarto e eu ri em sua boca, dizendo:

— Viu, só? Distraído!

39



Layla e eu ficamos fora por cinco dias. Foi esse o tempo que levamos para que parássemos de ficar “distraídos” o bastante para empacotar a casa e percorrer o trajeto até Wyoming. Nunca vou me esquecer como as crianças saíram correndo da varanda quando a picape parou, nem como se atiraram em cima de mim quando eu saí do veículo.

Cada um tinha algo a me dizer sobre os poucos meses que eu perdi. Havia uma nova vizinha de quem não gostavam muito; ela era uma menina e só parecia demonstrar alguma gentileza com Jovi. Quando passei por Michelle, ela me deu um sorriso travesso e um soco de brincadeira no meu braço.

Entramos e pedimos pizza, o que deu a todos tempo suficiente para compartilhar suas histórias e para que eu criasse coragem para lhes dizer o que eu precisava dizer. Estávamos todos apinhados ao redor do sofá, Layla aninhada ao meu lado, quando eu me inclinei para a frente e comecei.

— Eu preciso dizer algumas coisas.

Todas as crianças ficaram em posições de onde poderiam me ver. Layla pegou minha mão e apertou com força.

— Todos vocês sabem o que eu fiz. Não vou tentar esconder. Na verdade, nunca tentarei esconder isso. Eu nunca vou pedir para vocês não tocarem no assunto nem fingirem que não aconteceu. Aconteceu e eu sinto muito. — Minha voz falhou, mas eu me recusei a desviar o olhar dos rostos das crianças. — Eu sei que ir embora foi errado. Eu pensei que vocês queriam que eu fosse embora. Pensei que a mãe de vocês nunca seria capaz de perdoar algo tão grande.

Eu apertei mais a mão de Layla.

— O problema é que ela perdoou. Ela me mostrou que o amor pode curar isso. Que é melhor que o tempo, e melhor que a verdade. Ele pode encobrir

coisas feias e destrancar coisas difíceis de abrir. Todos deveríamos aprender uma lição sobre como amar com a mãe de vocês — terminei, olhando para a mulher que amava, e ela se inclinou para acariciar meu rosto, seus olhos refletindo o quanto ela queria isso.

Eu estava apaixonado, loucamente, de corpo e alma.

— Dito isso, quero pedir a permissão de vocês. Quero saber como se sentem sobre eu me juntar à família. Afinal, planejo pedir sua mãe em casamento e pretendo ser alguém com quem vocês possam contar, alguém em quem possam confiar, alguém que esteja presente. Eu não quero ou pretendo substituir o pai de vocês em suas vidas, nunca. Ele tem um lugar aqui, nesta casa. Quero que vocês falem dele, que se lembrem dele. Quero levá-los para visitar o túmulo dele e quero que sintam que podem sentir a falta dele.

Olhei em volta novamente e encontrei Layla chorando lágrimas silenciosas com um sorriso no rosto. Eu continuei, precisando colocar tudo para fora.

— Se vocês acham que isso é rápido demais ou que não me querem aqui, agora é a hora de dizer. Não vou ficar com raiva, mas preciso saber. Se vocês me quiserem aqui, eu vou me mudar e ficar aqui com vocês todos os dias, como uma parte das suas vidas. — Acariciei a lateral da perna de Layla para me tranquilizar.

— A gente quer você aqui. A gente não quer que vá embora — murmurou Henley, debaixo do cobertor.

— Sim, queremos que você se mude e fique aqui — acrescentou Jovi com pequenas lágrimas nos olhos castanhos enquanto Steven e Michael assentiam.

— Queremos você aqui, e nós, hum... — pigarreou Michael. — Sentimos sua falta.

Eu meneei a cabeça para eles.

— A chave aqui é a comunicação. Eu ainda tenho problemas em me sentir digno de estar aqui. Ainda luto contra a vontade de sair correndo, porque não mereço vocês, mas estou tentando. Eu posso ter um dia ruim aqui e ali, e sabem? Tudo bem.

Inclinei-me para a frente, procurando seus rostos.

— Tudo bem se vocês tiverem um dia em que sintam raiva de mim, raiva do que eu fiz e precisem desabafar ou gritar. Tudo bem, nós podemos tentar resolver isso. Nunca guardem essas coisas. Eu amo vocês e quero que isso funcione.

Eu balancei a cabeça para conseguir a concordância de todos, e todos se aproximaram para me dar um grande abraço em grupo. Estávamos juntos e em processo de cura, um processo lento, mas permanente.



Eu tinha acabado de tomar banho e estava voltando para o quarto quando parei perto do armário. Layla estava movendo os cabides para o lado e abrindo espaço para mim. Inclinei-me contra a moldura da porta e sorri.

— Procurando cobras?

Ela pulou um pouco, claramente imersa em seu próprio mundinho. Eu sorri ao ver sua roupa, seu short minúsculo e a blusa de alcinha fina de dormir. Meus olhos devoraram seu corpo, mas meu coração sacudia em meu peito ansiando por suas palavras, por seus olhares. Eu odiava ainda precisar de confirmações, mas ainda me sentia deslocado.

— Essa noite eu só vou procurar uma cobra, senhor. — Ela sorriu e olhou para a minha cintura. Ela balançou as sobrancelhas sugestivamente e riu.

— Esse foi o pior trocadilho que eu já ouvi. — Eu ri, indo em direção à mochila que ela colocou no armário.

— Por que você precisa de roupas? — Ela moveu minha bolsa de volta com o pé.

Eu ri.

— Você está usando algumas.

Ela olhou para a própria roupa.

— Touché.

— Além disso, e se as crianças precisarem de algo no meio da noite? —

perguntei, enquanto me inclinava para pegar a bolsa dela.

Quando me endireitei, ela tinha lágrimas nos olhos. A princípio, entrei em pânico, sem saber o que havia feito de errado, mas um segundo depois ela se lançou em cima de mim, beijando meu pescoço e peito, pulando em meus braços como tinha feito naquela vez no galpão. Eu a peguei pelo quadril e fui até a cama.

— O que foi? — perguntei, enquanto ela continuava me beijando, lágrimas caindo livremente pelo seu rosto.

— Eu te amo tanto, tanto, e o fato de você pensar nas crianças e no que é melhor para elas quando mencionei que ficasse nu comigo... é sexy demais. — Ela apertou os lábios na minha boca antes que eu pudesse responder, e depois dela me apalpar e afastar a minha toalha, percebi que não precisava.

Eu podia não ter sido aquele que teve as suas primeiras experiências e certamente não merecia ter as suas melhores, mas eu ia aproveitar todas as suas últimas, todas as que lhe restavam. Cada sorriso, cada risada e cada marca do tempo.

Epílogo



Três anos e meio depois

Sussurros me acordaram, sussurros altos e desagradáveis de crianças achando que estão sendo silenciosas, mas, muito pelo contrário.

Já que estava acordada, decidi tentar ouvir o que estavam dizendo.

— Ela vai adorar — sussurrou Scarlett em seu pequeno timbre de três anos, cheia de confiança.

— Não estou dizendo que ela não vai, mas... — começou Jovi, mas Henley a interrompeu.

— Scar está certa, ela vai adorar. Saia da frente, Jov. — Agora ele tinha oito anos e era cheio de opiniões, mandão e amava aprontar.

A porta se abriu no momento que ouvi Jovi dizer:

— Scarlett, espere o seu pai... — Mas o resto foi abafado quando Scarlett entrou no quarto.

Eu mantive os olhos fechados, sem saber exatamente o que eles tinham reservado para mim e um pouco nervosa por Jovi não ter concordado totalmente. Ela tinha doze anos agora, a minha pequena e sábia ajudante.

— Mamãe? — sussurrou Scarlett.

Tateei atrás de mim buscando Reid, para ver se ele me ajudaria com isso. Sua filha era ambiciosa, obstinada e feroz. Eu amava cada centímetro dela, mas a garota me estressava.

— Mamãe? — sussurrou mais alto.

Abri os olhos e olhei para baixo para ver a minha garotinha parada ali em um vestido de princesa com as bochechas gordinhas, olhos verdes e cabelos castanhos claros numa bagunça. Meu quarto estava escuro porque Reid era um adulto melhor do que eu e sabia não só como medir janelas, mas também como comprar e instalar persianas com blackout.

— Sim, amor? — perguntei, sem sair do meu lugar na cama.

— É seu aniversário — sussurrou.

— Eu sei, fofinha, e qual era a única coisa que a mamãe queria de aniversário? — perguntei, com o máximo de paciência que consegui.

— Dormir — respondeu confiante.

Virei a cabeça uns centímetros para olhar o despertador. Os números vermelhos se refletiam no vidro da minha foto de casamento, indicando que era um pouco mais que sete da manhã.

— Olha o que eu trouxe pra você, mamãe! — Scarlett empurrou algo duro na minha cara.

Recostei-me um pouco na cabeceira e tentei me sentar.

— O que é isso, querida?

— É uma pedra. — Ela sorriu, juntando as mãos minúsculas.

Virei a pedra nas minhas mãos, mas não consegui ver o que a tornava especial.

Scarlett deve ter reconhecido a confusão no meu rosto, porque ela foi até as persianas escuras e puxou a corda até elas se abrirem, deixando uma luz brilhante entrar e quase me cegando no processo.

— É uma pedra de aniversário, mamãe. Eu quis dar uma minha só pra você. Henley disse que o papai é a sua rocha e eu queria te dar uma pedra pra que eu também pudesse ser a sua rocha. — Ela sorriu para mim com todos aqueles dentinhos de bebê.

Meu coração derreteu, forçando-me a abandonar meus cobertores quentes e envolvê-la nos braços.

— Amor, onde está o seu pai?

— Ele tá conversando com o papai do Henley no celeiro. Ele perguntou o que devia fazer no seu aniversário e como vai te levar num lugar chamado *Vaí* com você tendo tanto medo de aranha e *vulcãos* — disse ela, em seu dialeto de três anos de idade.

Três anos depois, Reid ainda me tirava o fôlego. As crianças costumavam

encontrá-lo conversando com Travis em voz alta. Steven questionou isso uma vez e Reid tinha dado um sorriso, dizendo: “Seu pai dá os melhores conselhos sobre como cuidar de vocês”.

Isso me quebrou na época e, nos últimos três anos, nunca ficou fácil me acostumar à sorte que eu tinha, o quanto o homem com quem me casei era um doce e como era perfeito para nós.

Ficamos grávidos de Scarlett apenas dois meses depois que chegamos do Oregon, o que foi uma surpresa mais que feliz, e eu sabia que o fato de ela ser uma menina ajudaria a curar o que fora arrancado dele por sua ex.

Scarlett se encaixou em nosso grupo como uma verdadeira campeã. Ela era decidida, o que era bem útil sendo a mais nova de cinco. Ela andava com tanta confiança que às vezes me fazia questionar a minha própria.

Vozes masculinas começaram a rir e a brincar no andar de baixo, o que significava que Reid havia voltado do celeiro. Ele era a vida de todas as festas, aquele que sempre roubava o show, e todas as crianças eram fascinadas por ele.

Peguei a mão de Scarlett e desci a escada lentamente. Assim que meus pés pousaram no chão de madeira, aqueles olhos verdes encontraram os meus e eu quase caí para trás ao ver o amor que encontrei ali.

Reid lançou um olhar decepcionado para a filha, que agora nos ignorava por um programa qualquer que estava passando na televisão. Ele veio até mim e me envolveu em seus braços fortes.

— Acho que dormir até tarde ficou fora da programação? — ronronou no meu pescoço, segurando um pouco da risada.

Eu balancei a cabeça e levantei meu presente.

— Sim, ela me deu uma pedra.

Ele jogou a cabeça para trás, rindo.

— A culpa é sua — acusei, cutucando-o no peito.

— Como? — chiou, ainda rindo.

— Ela disse que queria ser uma rocha pra mim como o pai dela é. — Eu

olhei com raiva para ele, tentando tirá-lo do caminho.

Ele me impediu com um rosto sério.

— Você me chama de sua rocha?

Revirei os olhos. — Você e Jesus, amor.

Isso o fez rir um pouco mais.

— Bem, acho que agora faz mais sentido.

Parei e o vi tirar um colar por baixo da camisa, um coração rosa de plástico preso a uma longa corrente.

— Ela disse que queria ser meu coração...

Puxei o pingente de plástico entre os dedos, girando-o e depois fiquei na ponta dos pés e beijei meu marido.

Nossos filhos estavam distraídos, então aproveitei o momento e apertei o corpo no dele até suas mãos estarem na minha cintura e me puxando em direção à escada.

Eu sorri contra seus lábios e disse:

— Parece que ela está querendo ficar com o resto, hein?

Ele riu, mordiscou minha boca e soltou um suspiro.

— Parece que sim. Vamos ter que ficar de olho nela. — Ele me beijou com força antes de nos levar adiante, até a escada. — Acho que está na hora de receber o seu presente de aniversário, senhora Harrison.

Eu sorri quando ele me levou para cima consigo e fechou a porta do quarto atrás de nós.

— E qual é o meu presente exatamente, Sr. Harrison? — Eu me afastei para trás, na cama, quando ele fechou as cortinas.

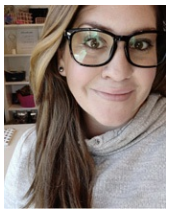
— Sono, um sono glorioso — sussurrou e depois beijou a minha testa.

Eu grunhi e caí para trás. — Você é um provocador!

Quando estava prestes a fechar a porta, ele sussurrou:

— E você é o resto de mim, tudo o que me resta... para sempre, amor.

Sobre a autora



Ashley tem trinta e poucos anos, é mãe de quatro e tem idade mental de dezoito, o que significa que não tem idade suficiente para já ter filhos adolescentes e muito menos para estar preparada para lidar com eles. Quando ela não está escrevendo, lendo ou tentando desesperadamente convencer suas filhas de que Backstreet Boys ainda é a melhor boy band que já existiu, ela está ajudando o marido em projetos de bricolagem.

Ela começou a escrever buscando uma maneira de se ocupar quando seu quarto filho nasceu. Ela vem do mundo sem fins lucrativos, onde aconselhava mulheres em crise.

Copyright

Título Original: *The Rest of Me*

Copyright © 2019 por Ashley Munoz & ZetaLife LLC

Copyright da edição brasileira © 2020 L3 Book Publishing

Este livro foi negociado mediante acordo com Sarah Hershman, da Agência Hershman Rights Management.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro pode ser reproduzida por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão da editora, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha literária.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares ou eventos são produtos da imaginação do autor e usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, lugares ou eventos reais é mera coincidência.

Produção Editorial: Luiza Cintra e Alice Garcia

Tradução: Annair Freire

Revisão: Alice Garcia

Diagramação: Luiza Cintra

Design de Capa: Gisele Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M967

Munoz, Ashley

O Resto de Mim / Ashley Munoz; tradução Annair Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: L3 Book Publishing, 2020.

352 p.

Título original: The Rest of Me

ISBN: 978-65-990980-1-7

1. Literatura Americana. 2. Ficção. 3. Romance Contemporâneo. 4. Adulto. I. Munoz, Ashley. II. Freire, Annair. III. Título. IV. Série.

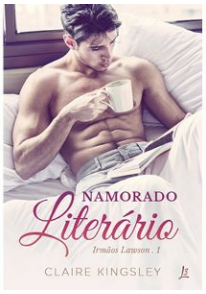
CDD: 813.54

Sobre a editora

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora L3, visite o nosso site.
Sua opinião é muito importante. Envie um email para *contato@l3bookpublishing.com* com suas críticas e sugestões.
Visite nossas redes sociais para ter acesso a conteúdos exclusivos, participar de sorteios e saber mais sobre nossos livros.
Instagram | Facebook

Conheça a Série Irmãos Lawson

Livro 1 - Namorado Literário



Ele é muito sexy para descrever em palavras.

Mia

Alex Lawson pode muito bem ser o mais sexy namorado literário imaginável. Um homem divertido, romântico, possessivo e irresistível. E a melhor parte? Ele é real.

Para uma garota como eu, viciada em livros e um pouco desajeitada, Alex é um sonho se tornado realidade, direto das páginas dos meus romances favoritos.

Nossa história está se transformando em um romance arrebatador, do tipo que só existe nos livros. Será que vamos alcançar o nosso felizes para sempre? Ou ele é bom demais para ser verdade?

Alex

O negócio é o seguinte: eu não sou um cara mau. Mentir para Mia não fazia parte do plano.

Fazer sucesso como autor de romance usando um pseudônimo feminino também não fazia parte do plano. Mas, às vezes, a vida faz curvas inesperadas.

Como perceber que a mulher pela qual você está se apaixonando é a melhor amiga virtual de seu alter-ego?

Online, ela acha que eu sou uma mulher chamada Lexi. Pessoalmente, ela sabe que sou todo homem.

Eu quero adorar seu corpo e reivindicar cada centímetro dele. Mas se ela

descobrir meu segredo, posso perder tudo.

SAIBA MAIS

Índice

1. Dedicatória
2. Capítulo 01
3. Capítulo 02
4. Capítulo 03
5. Capítulo 04
6. Capítulo 05
7. Capítulo 06
8. Capítulo 07
9. Capítulo 08
10. Capítulo 09
11. Capítulo 10
12. Capítulo 11
13. Capítulo 12
14. Capítulo 13
15. Capítulo 14
16. Capítulo 15
17. Capítulo 16
18. Capítulo 17
19. Capítulo 18
20. Capítulo 19
21. Capítulo 20
22. Capítulo 21
23. Capítulo 22
24. Capítulo 23
25. Capítulo 24
26. Capítulo 25
27. Capítulo 26
28. Capítulo 27
29. Capítulo 28
30. Capítulo 29
31. Capítulo 30
32. Capítulo 31
33. Capítulo 32

34. Capítulo 33
35. Capítulo 34
36. Capítulo 35
37. Capítulo 36
38. Capítulo 37
39. Capítulo 38
40. Capítulo 39
41. Epílogo
42. Sobre a autora
43. Copyright
44. Ficha Catalográfica
45. Sobre a editora
46. Conheça a Série Irmãos Lawson

Table of Contents